

S A R A H J I O

A Última Camélia

Uma flor cobiçada. Um amor proibido.
E duas vidas separadas por quase
sessenta anos.

Autora de *Neve na Primavera* e *As Violetas de Março*,
best-sellers do *The New York Times*





Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da autora](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Nota](#)

SARAH JIO

A Última Camélia

TRADUÇÃO
ANA PAULA MELLO



Título original: The last camellia
© 2013 Sarah Jio
© 2016 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2016

Produção editorial: Equipe Novo Conceito
Tradução: Ana Paula Mello
Preparação: Marta Almeida de Sá
Revisão: Robson Falchete Peixoto; Érika Sá da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jio, Sarah

A última Camélia / Sarah Jio ; tradução Ana Paula Rezende Dias Silva de Mello. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2016.

Título original: The last Camellia.

ISBN 978-85-8163-831-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-11159 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para minha mãe, Karen Mitchell, que me apresentou às camélias e a todas as outras lindas e importantes flores do jardim.

Nota da autora

Camélias não são as flores preferidas das pessoas. Não são tão amadas quanto as rosas. As pessoas não ficam nostálgicas ao vê-las, como acontece com as tulipas e com os lírios. Elas não têm o perfume das gardênia ou a ostentação das dalias. Não ficam bonitas em um buquê, e, quando florescem, logo suas pétalas ficam marrons e caem no chão. Ainda assim, sempre achei as camélias deslumbrantes em sua sutileza e discrição.

Não me lembro da primeira vez que vi uma camélia. Eu me lembro delas crescendo e florescendo no jardim da casa de minha avó, uma rosa, uma branca, ao lado da entrada daquele que era meu lar na infância. De certa forma, em minha vida, as camélias sempre estiveram lá, balançando-se graciosamente com a brisa.

Elas são flores fora de moda (árvores, na verdade). Em Seattle, onde moro, muitas casas construídas na virada do século passado têm camélias antigas em seus jardins. Na verdade, quando meu marido e eu compramos nossa primeira casa em Seattle — uma construção vitoriana de 1902 —, ela veio com uma camélia. Ainda me lembro de seu enorme tronco e de como era alta, com galhos que chegavam até a janela do nosso quarto, no segundo andar da casa.

Embora ainda seja possível encontrar essas árvores maravilhosas em jardins modernos de vez em quando, as camélias deram lugar a escolhas mais populares — fileiras de lavanda, gramíneas ornamentais, azaleias e bordos japoneses. A moda se transforma; os gostos nos jardins se transformam também. Ainda assim, continuo tendo uma queda pelas camélias.

Quando eu me propus a escrever este romance, tinha em mente a imagem de uma única camélia, com suas flores grandes e brilhantes, e folhas cor de esmeralda. E então o restante da paisagem se formou: fileiras e mais fileiras de camélias. Um jardim.

Comecei a imaginar se a camélia neste jardim imaginário poderia ser de uma espécie rara, talvez a última de sua espécie. E, como descobri, algumas camélias bastante raras existem na vida real — mantidas em jardins privados e conservatórios públicos ao redor do mundo, principalmente na Inglaterra.

Hoje, quando fecho os olhos, meses depois de terminar este romance, ainda consigo ver os jardins da Mansão Livingston. Preciso admitir que fico um pouco triste por saber que este lugar não existe de verdade, porque eu adoraria visitá-lo. Eu me sentaria no jardim e ficaria olhando para além do anjo de pedra até a garagem das carruagens e admiraria as camélias.

Espero que esta história traga você para mais perto de seu próprio e lindo jardim, esteja ele bem ali, do outro lado da sua porta, ou guardado dentro do seu coração.

SARAH JIO

Meu destino está em suas mãos.

— Significado da camélia, de acordo com a linguagem vitoriana das flores.

Prólogo

Um chalé na zona rural inglesa 18 de abril de 1803

A mão da velha senhora tremia enquanto segurava sua xícara de chá. Sem fôlego, ela não parava de tentar tirar a sujeira de debaixo das unhas. Ficou parada perto do fogão, esperando a chaleira apitar, enquanto olhava para a ferida no dedo, ainda em carne viva. Ela havia cortado-o desastrosamente na ponta da tesoura do jardim, e agora ele latejava por baixo do curativo sujo de sangue. Ela cuidaria disso depois. Nesse momento, ela precisava recobrar os sentidos.

Colocou água no pequeno pote de cerâmica rachado na ponta e esperou pela infusão das folhas. Seria mesmo possível? Ela tinha visto uma flor, tão clara quanto o dia. Branca, com pontas rosadas. A Middlebury Pink, ela tinha certeza. Seu marido, que descanse em paz, havia cuidado da camélia durante vinte anos — cantava para ela na primavera e até cobria suas folhas verde-esmeralda escuras com um cobertor na época da geada. Especial, eles a chamavam. A mulher nunca entendera todo aquele cuidado com uma árvore raquítica, principalmente quando era necessário arar o campo e colher as batatas.

Ah, se ele pudesse vê-la agora. Com suas flores. *E se alguém da vila a descobrisse?* Não, ela não deixaria isso acontecer. Ela era responsável por cuidar daquilo.

Anos atrás, seu marido gastara seis centavos na árvore, que era, na época, apenas uma muda em um vaso de cerâmica. O vendedor dissera a ele que ela havia sido cultivada a partir de uma camélia Middlebury Pink, a camélia mais bonita de toda a Inglaterra, e talvez até de todo o mundo. A única muda conhecida, que se desabrochava nas maiores e mais deslumbrantes flores — branca com pontas rosadas —, estava no jardim da rainha, cercado pelos portões do palácio. É claro que a mulher não acreditara naquela lenda, não naquela época, e havia repreendido o marido pela tamanha estupidez em gastar tanto dinheiro no que poderia ser uma erva daninha; mas, no fundo, ela adorava vê-lo feliz. E, quando ele olhava para a planta, ele ficava feliz. “Acho que é melhor do que gastar dinheiro em bebida”, dissera ela. “Além disso, se ela florir, talvez possamos vender suas mudas no mercado.”

No entanto, a árvore não floriu. Nem no primeiro, nem no segundo, nem no terceiro, nem no quarto ano. E, quando completou dez anos, a mulher perdeu a esperança de vez. Ela ficava irritada quando o marido sussurrava para a árvore durante as manhãs. Ele disse que lera algo a respeito da técnica em um livro sobre jardins, mas, quando ela o viu jogando na árvore uma mistura de água com seu melhor sabão vegetal, ela não quis saber se ele dizia que aquilo afastaria as pragas; simplesmente perdeu a paciência. Algumas vezes, ela desejou que um raio caísse na árvore e a dividisse em duas partes, para que o marido parasse de adular a planta da maneira como fazia. Mais de uma vez ela pensou em passar um machado pelo tronco estreito, deixando que a lâmina partisse a madeira verde. A sensação de descontar sua raiva na árvore seria boa. Mas ela se conteve. E, depois que o marido morreu, a árvore permaneceu no jardim. Anos se passaram, e a grama cresceu alta em volta de seu tronco. A hera cobriu seus ramos. A velha senhora não prestara atenção na camélia até aquela manhã, quando uma mancha rosada atraíu seu olhar. A flor do tamanho de um pires era muito mais magnífica do que ela poderia ter imaginado. Mais bonita do que qualquer rosa que ela já tivesse visto. Ela balançava na brisa da manhã com tamanha realeza que a velha senhora sentiu necessidade de fazer uma reverência em sua presença.

Ela tomou mais um gole do chá. O tempo era fantástico. Apenas dias atrás, um decreto real havia sido emitido notificando que uma camélia rara do jardim da rainha havia sido dizimada por um vendaval. Bastante entristecida, a rainha soubera que um antigo jardineiro do palácio havia extraído uma muda e vendido a planta a um agricultor que morava no campo. Ela havia ordenado a seus criados que procurassem a árvore e prendessem a pessoa que havia ficado com ela durante todos aqueles anos.

A mulher olhava adiante. Então mirou a janela ao escutar o barulho de cavalos a distância. Logo depois, ouviu uma batida na porta enviando ondulações através de seu chá. Ela alisou as mechas de cabelo grisalho que haviam se soltado de seu coque, respirou fundo e abriu a porta.

— Bom dia — disse um homem bem-vestido. Seu tom era educado, mas urgente. — Seguindo as ordens de Sua Majestade, estamos procurando pelo país uma espécie valiosa de camélia.

A mulher olhou para a roupa do homem — simples, comum. Ele era um impostor, até ela sabia disso. Seu marido a havia alertado sobre os ladrões de flores. Claro que tudo se encaixava. Se eles apanhassem a camélia antes dos criados da rainha, eles conseguiriam fazer uma fortuna com ela. O homem segurava um papel enrolado na mão. Ele o abriu com muito cuidado e apontou a flor pintada na página, branca com pontas rosadas.

O coração da mulher batia com tanta força que ela não conseguia ouvir mais nada.

— A senhora sabe sobre o paradeiro dela? — perguntou o homem. Sem esperar por resposta, ele se virou para procurar no jardim.

O homem caminhou pelo jardim, passou pelos vegetais e pelas ervas, andando por cima das cenouras que haviam acabado de surgir no solo descongelado. Ficou olhando adiante, para onde as tulipas surgiam em meio à terra preta. Ajoelhou-se para arrancar um broto verde, ainda prematuro, e examinou-o com cuidado.

— Se a senhora vir a árvore — disse ele segurando a tulipa e depois jogando-a para trás —, avise-me, estarei na cidade. Meu nome é Harrington.

A senhora acenou complacente. O homem fez um gesto em direção ao norte. Bem ali em cima da montanha ficava a Mansão Livingston. A dama da casa havia sido gentil com eles, permitindo que ficassem na velha cabana ao lado da cocheira desde que cuidassem do jardim.

— É melhor não falar para ninguém da mansão sobre minha visita — disse o homem.

— Sim, senhor — respondeu a mulher apressadamente.

Ela ficou parada, observando enquanto ele caminhava em direção ao cavalo. Só depois, quando não mais ouvia o barulho na estrada ela foi até o jardim, passando pelo pé de pera perto da cerca até chegar à camélia com sua única e gloriosa flor.

Não, pensou ela consigo mesma, tocando a delicada flor. A rainha podia procurar em todos os jardins do território, e os ladrões de flores podiam examinar cada pétala, mas ela garantiria que ninguém encontrasse aquela ali.

Addison

Nova York
1º de junho de 2000

O telefone tocou na cozinha, insistente e alto. Podia muito bem ser uma banana de dinamite no balcão de granito. Se eu não atendesse depois de três toques, a secretária eletrônica atenderia. *Não posso deixar a secretária eletrônica atender.*

— Você vai atender? — perguntou Rex, meu marido, do sofá, tirando os olhos de seu notebook.

Ele tinha um grande fascínio por aparelhos antigos. Máquinas de escrever, vitrolas e uma secretária eletrônica de 1987. Mas, naquele instante, eu queria uma caixa postal. Ah, se eu tivesse uma caixa postal...

— Vou atender! — respondi, pulando da mesa de café da manhã e batendo meu dedão no pé da cadeira.

Estremeci. Um toque. Dois.

Os pelos de meu braço se arrepiaram. E se fosse ele? Ele começara a ligar duas semanas antes, e cada vez que o telefone tocava eu sentia aquele terror. Calma. Respire fundo. Talvez seja um de seus clientes. Aquela terrível Senhora Atwell, a que tinha me obrigado a refazer seu jardim de rosas três vezes. Ou a Receita Federal. Que seja a Receita Federal. Qualquer um seria mais do que bem-vindo do que a pessoa que eu temia que estivesse do outro lado da linha.

Se eu desligasse o telefone, ele ligaria de novo. Como um tubarão sentindo a presença de sangue na água, ele ficaria rodeando até conseguir o que queria. Eu precisava atender.

— Alô? — eu disse alegremente ao telefone.

Rex olhou para cima, sorriu para mim e então voltou o olhar para o notebook.

— Alô de novo, Addison.

A voz dele me arrepiou. Eu não conseguia vê-lo, lógico, mas eu sabia como era seu rosto — a barba irregular que crescia em torno de seu queixo, e a expressão divertida em seus olhos.

— Sabe, eu não me importo com seu nome. Amanda combina muito mais com você.

Fiquei em silêncio, abrindo rapidamente as portas francesas e saindo para o pátio com vista para um pequeno jardim — raro naquela cidade, mas todo nosso. Um pássaro cantava alegremente sobre a pequena camélia que Rex e eu havíamos plantado no ano anterior para comemorar nosso primeiro aniversário de casamento. Eu odiava o fato de ele estar invadindo meu santuário particular.

— Ouça — sussurrei. — Já falei para você parar de me ligar.

Olhei para o prédio que ficava atrás de nossa casa imaginando se ele poderia me ver de uma das janelas acima.

— Amanda, Amanda... — disse ele, divertindo-se.

— Pare de me chamar assim.

— Ah, eu me esqueci — continuou ele. — Você está muito chique agora. Li sobre seu casamento no jornal.

Ele estalou a língua, zombando de mim.

— Um conto de fadas para uma garota que...

— Por favor... — interrompi.

Eu não podia suportar o som de sua voz, a maneira como ele me fazia lembrar o passado.

— Por que você não me deixa em paz? — implorei.

— Você quer dizer que não sente falta de mim? Pense em todos os bons momentos que passamos juntos. Você se lembra da maneira como costumávamos...

— Pare — pedi, encolhendo-me.

— Ah, estou entendendo... — disse ele. — Toda metida agora que se casou com o rei da Inglaterra. Você acha realmente que é alguém. Bem, deixe-me perguntar uma coisa. Seu marido sabe quem você realmente é? Ele sabe o que você fez?

Eu me senti mal, atordoada.

— Por favor, por favor, me deixe em paz... — implorei, sentindo a garganta se apertar enquanto eu engolia.

Ele riu para si mesmo.

— Mas eu não posso — declarou ele. — Não. Veja bem, passei dez anos da minha vida na prisão. É tempo demais para pensar nas coisas. E pensei muito em você, Amanda. Quase todos os dias.

Estremeci. Quando ele estava atrás das grades, tive uma falsa sensação de segurança. Sua prisão por dois crimes de lavagem de dinheiro e por estupro me dava a sensação de ter um cobertor grosso e quente em volta de mim. E, agora que ele estava solto, o cobertor havia sido rasgado. Eu me sentia exposta, ameaçada.

— Escute uma coisa, gata — continuou ele. — Tenho uma informação bastante valiosa. Tipo, você não pode me culpar por eu querer a mesma vida boa que você tem.

— Eu vou desligar o telefone agora — avisei com o dedo no botão para desligar.

— Tudo isso pode acabar bem — disse ele. — Você sabe o que eu quero.

— Eu já disse para você que não tenho todo esse dinheiro.

— Você pode não ter — disse ele. — Mas a família do seu marido tem.

— Não, não os coloque no meio disso.

— Bem — disse ele —, então eu não tenho outra escolha.

Ouvi o barulho de um caminhão de sorvetes do outro lado da linha. Eu me lembrei de quando eu corria atrás daqueles caminhões na época em que era criança, com os olhos arregalados, cheia de esperança. Não sei por quê; nunca tive um dólar para comprar um sorvete, mas ainda assim eu me sentia atraída.

Tirei o telefone do ouvido e escutei o mesmo barulho, talvez a um quarteirão dali. A música me deixava aterrorizada. O caminhão estava perto. Perto demais.

— Onde você está? — perguntei, sentindo um pânico repentino.

— Por quê? Você quer me ver? — perguntou ele interessado.

Eu podia ver o sorriso ameaçador em seu rosto. Meu queixo tremeu.

— Por favor, me deixe em paz... — implorei. — Você não pode simplesmente me deixar em paz?

— Podia ter sido tudo tão fácil... — comentou ele. — Mas você abusou da minha paciência. Se você não me der o dinheiro até o fim da semana, não terei outra opção a não ser contar tudo ao seu marido. E quando eu digo “tudo”, eu quero dizer tudo mesmo.

— Não — gritei. — Por favor.

Andei em volta do prédio e olhei por cima da cerca, para o quintal lateral. O caminhão de sorvete passou devagar. As crianças aplaudiam e gritavam enquanto a música tocava pelo alto-falante, e ainda assim, a cada nota, eu ficava cada vez mais paralisada pelo terror.

— Você tem cinco dias, Amanda — sentenciou ele. — E, mudando de assunto, você está deslumbrante nesse vestido. O azul lhe cai muito bem.

O telefone ficou mudo; eu olhei para meu vestido de linho azul, antes de me virar para a rua. A noqueira ao longe. Um velho Honda com vidros pretos e o capô enferrujado estacionado ali perto. Um ponto de ônibus que fazia sombra na calçada.

Corri de volta para dentro de casa e fechei as portas, trancando-as.

— Vamos para a Inglaterra — disse para Rex, sem fôlego.

Ele baixou os óculos de armação escura para a ponta do nariz.

— Sério?

Ele parecia confuso.

— Achei que você não queria fazer a viagem. Por que a mudança de opinião?

Meus sogros haviam acabado de comprar uma mansão histórica no interior da Inglaterra e nos convidaram para passar o verão lá enquanto eles viajavam pela Ásia, onde o pai de Rex, James, estava trabalhando. Rex, que nessa época escrevia um romance que se passava em uma mansão no interior da Inglaterra, achou que aquilo seria perfeito. E nós dois amávamos casas antigas. Pelo que a mãe dele, Lydia, dissera ao telefone, a propriedade era repleta de história.

Mas a época não era adequada. Meu trabalho como paisagista estava indo muito bem e eu tinha agora quatro novos clientes, incluindo a instalação de um grande jardim em uma cobertura em Manhattan. Era uma época péssima para eu me ausentar. Ainda assim, eu não tinha

escolha. Sean não sabia da mansão. Ele não me encontraria lá. A viagem me daria tempo para pensar.

Olhei nervosa pela sala de jantar.

— Bem, eu não... tipo... Eu não tinha... — Suspirei, tentando me recompor. — Simplesmente tenho pensado nisso e, bom, talvez estejamos precisando sair um pouco daqui. Nosso aniversário de casamento está chegando. — Eu me sentei ao lado dele no sofá, enrolando um cacho de seu cabelo escuro em meus dedos. — Eu poderia explorar os jardins, talvez até aprender algumas coisas; você sabe que todo mundo por aqui adora os jardins ingleses.

Eu estava falando rápido, da maneira como eu fazia quando ficava preocupada. Rex sabia disso, eu sabia que ele sabia, porque ele apertou a minha mão.

— Você está nervosa com a viagem de avião, não está, querida? — disse ele.

Verdade, eu tinha um pouco de medo de avião, e meu médico havia receitado Xanax para quando eu precisasse passar por tal situação. Mas, não, Rex não sabia o verdadeiro motivo da minha ansiedade, e eu nunca poderia permitir que ele soubesse.

Houve uma época em que eu achei que poderia contar a ele a verdade sobre mim. Todavia, quanto mais eu esperava, mais difícil parecia abrir a boca e liberar aquelas palavras dolorosas. Então não contei. Em vez disso, me escondi cuidadosamente por trás da história que criei. Eu era uma garota nascida de uma família rica de New Hampshire e meus pais morreram anos atrás em um acidente de carro. O dinheiro todo havia sido perdido em um esquema de investimento fraudulento. Rex acreditara naquilo tudo, acreditara em mim. Ele não ficava perguntando por que eu não recebia cartões de Natal ou ligações no dia do meu aniversário. Ele não perguntou se eu tinha vontade de visitar a casa onde morei quando era criança. Ele dizia que admirava minha força, o fato de eu conseguir viver no presente sem me lamentar do meu passado. *Ah, se ele soubesse...*

Dei a mão para ele.

— Vou ficar bem. E você falou que a casa seria o lugar perfeito para você pesquisar e escrever sua história... Vamos para lá, Rex. Vamos.

Ele sorriu, tocando meu rosto de leve.

— Você sabe que eu adoraria fazer esta viagem, mas só se você realmente quiser.

— Eu quero — disse, olhando pela janela e vendo o carro enferrujado estacionado na rua.

Eu me levantei e fechei as cortinas.

— O sol está tão forte hoje.

Continuei falando enquanto pegava o telefone:

— Aposto que, se eu ligar para a agência de viagens, consigo passagens para amanhã.

— Sério? — disse ele. — Rápido assim?

Forcei um sorriso.

— Por que não? E ainda podemos aproveitar a maior parte do verão.

— Tudo bem — disse ele, empurrando o computador para o lado. — Vou ligar para meus pais e combinar tudo. Espere, e os seus clientes?

Estremeci ao me lembrar do jardim alinhado que eu havia planejado para um cliente e do jardim adjacente, de borboletas, para suas duas filhas. Eu havia prometido que a instalação estaria completa no fim da próxima semana, para o aniversário da filha. Minha assistente, Cara, teria de cuidar de tudo. Ela faria um bom trabalho, mas não seria o mesmo trabalho que eu faria. Os astilbes não ficariam na distância perfeita. A hebe não seria cortada em esferas lisas como eu havia imaginado. Suspirei. Eu sabia que não podia ficar; não com aquela nuvem preta que pairava sobre mim. Eu só precisava me certificar de que ele não viria atrás de mim na Inglaterra.



— Sério? — perguntou Rex na porta, na noite seguinte.

Eu tinha conseguido reservar dois lugares para nós no voo das 21 horas direto para Londres.

— Sim — respondi, arrumando meu lenço no pescoço.

Dei alguns passos em direção ao táxi que nos esperava na calçada e então fiquei paralisada.

Rex olhou para mim.

— O telefone está tocando?

Estremeci, olhando na direção da casa. O barulho era abafado, mas conseguíamos ouvi-lo.

— Será que devo voltar e atender?

— Não — disse, correndo para o carro. — Não vamos voltar. Vamos perder nosso voo.

Flora

Nova York
9 de abril de 1940

— Você se esqueceu de pegar seu casaco de *tweed*? — perguntou minha mãe, parecendo atrapalhada. O vento soprava o cabelo grisalho em seus olhos, e ela o colocava para o lado com a manga suja de farinha.

— Mamãe — disse, arrumando meu casaco cinza. — Eu tenho este. Não vou precisar do outro.

— Mas esse é leve demais — retrucou ela. — Faz frio na Inglaterra, Flora.

— Vou ficar bem — tranquilizei-a. Eu a conhecia e sabia que as preocupações iam além da minha escolha de roupas, e eu podia afirmar isso pela maneira como ela se controlava; ela estava prestes a chorar. — Por favor, não se preocupe, mamãe. — Coloquei meu braço em volta dela.

Ela cobriu o rosto com as mãos.

— Eu só queria que você não tivesse que ir.

— Ah, mamãe... — Peguei o lenço no bolso do meu vestido. Minhas iniciais, FAL, apareciam no canto direito cuidadosamente bordadas em vermelho. Ela tinha acabado de bordar, dobrando cada tecido em quadradinhos perfeitos, poucas horas antes da minha partida.

— Não vou deixar você desperdiçar um lenço por minha causa — disse ela, fungando. Papai pegou o lenço dele. — Não quero que guarde esta imagem chorosa de mim. — Ela suspirou e apanhou minhas mãos, segurando-as a sua frente. — Minha menininha, toda crescida.

Eu era sua única filha; minha mãe e meu pai talvez gostassem da ideia de eu morar com eles para sempre, acordando antes de o sol nascer para cuidar da padaria, que ficava embaixo de nosso apartamento no Bronx. Começando a preparar a massa de madrugada, deixando as tortas prontas para o café da manhã, eu havia feito o negócio entrar nos eixos com eficiência.

Eu ficava me perguntando como eles continuariam sem mim. As mãos de mamãe estavam ficando cansadas, e seus ombros não tinham mais força depois de tantos anos na lida. E a pobre visão de papai para o negócio era preocupante. Na semana anterior, um garoto colocou a mão no caixa e saiu levando sete dólares. Papai não correu atrás dele; ele reparou que havia um buraco no sapato da criança e deixou-a ir embora. Não seria nenhum problema se não tivéssemos o teto para consertar ou a conta de eletricidade para pagar. Mamãe sempre disse que, se pudesse, papai doaria cada pão que ele produzia. Ele era esse tipo de homem.

E, por isso, alguém precisava ficar de olho em suas contas. O pequeno apartamento em cima da padaria não se pagava sozinho. Na verdade, no mês anterior, o dono do apartamento apareceu, com o rosto vermelho de raiva. O Senhor Johnson exigia o pagamento de três meses atrasados. Eu o acalmei com um pão de canela e prometi que pagaríamos.

Olhei nervosa para o navio.

— Estou tão orgulhoso de você... — declarou papai, colocando as mãos em meu rosto.

— Nossa garotinha... — acrescentou mamãe. — Indo para o Jardim Botânico de Londres para se tornar uma botânica.

Eu mal conseguia olhar para eles, sabendo do segredo que eu escondia. A decepção era maior do que eu podia suportar.

— Ela vai dominar o lugar rapidinho — interrompeu papai.

Fingi um sorriso, embora minhas bochechas doessem. Não havia nenhum emprego no Jardim Botânico de Londres. Nenhuma aprendizagem. Era tudo uma história que eu havia criado para esconder o verdadeiro motivo de minha viagem. Sim, eu tinha o sonho de ser botânica; na verdade, sonhei com isso minha vida toda. Eu pensava em várias espécies de bordo e rododendros enquanto trançava uma chala^[1], e eu havia plantado com sucesso uma videira das glicínias em um vaso grande e a amarrara no toldo da padaria. À noite, depois que fechávamos a loja, eu trabalhava como voluntária no Jardim Botânico de Nova York. Varrendo estacas e folhas caídas, aquilo raramente parecia trabalho, pois eu tinha a oportunidade de olhar no olho de uma peônia branca Phoenix ou uma Lady Hillingdon rosa, com pétalas da cor de conservas de damasco.

Sim, a horticultura, não a panificação, era a minha paixão. Acho que o Senhor Price sabia disso quando me propôs algo na padaria dois meses antes.

— Meu nome é Philip Price — ele havia dito. Ele passou um cartão de visita branco pelo balcão. — Sei que você trabalha no Jardim Botânico à noite.

Eu balancei a cabeça.

— Sim, mas como o senhor...

— Estou procurando alguém que tenha uma visão botânica apurada — disse ele, colocando um bocado de pão da cesta de degustação na boca — para um trabalho importante.

Mamãe havia me alertado sobre homens como ele, com o cabelo tão oleoso que brilhava embaixo das luzes da padaria. Sacudi a cabeça antes de escutar sua proposta.

— Não, obrigada — respondi rapidamente, embrulhando seu pedido. Ele mordeu mais um pedaço de pão antes de me entregar uma nota de um dólar novinha. — Meus pais são os donos desta padaria — continuei. — Preciso ficar aqui para ajudá-los.

Ele olhou para a pequena padaria e fixou os olhos na rachadura do balcão e na tinta saindo na faixa em volta da porta.

— E é um negócio lucrativo o que você tem aqui? — perguntou ele.

Eu não gostei do tom de sua voz, curioso e condescendente.

— Bem, não somos os Rockefellers, se é isso o que o senhor está perguntando. — Franzi a testa. — Mamãe e papai abriram esta padaria 23 anos atrás. Eu cresci aqui.

— Entendo — disse o homem, com a voz cheia de desprezo. — Que sentimental...

Eu me virei para a cesta de pães, incomodada.

— Ouça — disse ele de novo —, eu sei que seus pais estão passando por tempos difíceis.

Olhei para ele novamente.

— Ouvi dizer que o aluguel pode ser caro nesta parte da cidade — comentou ele, tirando um pouco do açúcar de seu bigode. — Você deve estar muito preocupada com eles.

Eu estava. Papai recusava-se a aumentar os preços, a princípio. Contudo, se eles não dessem lucro, a padaria precisaria fechar em breve. Eu sabia disso. Eu me virei para a cesta de bolos que eu tinha de arrumar para um pedido.

— Isso é tudo, Senhor Price? — perguntei.

Os problemas financeiros não eram da conta dele.

— Eu posso ajudar — declarou ele.

Sorri.

— Sem ofensas, mas nós não precisamos de ajuda.

— Eu posso te oferecer um trabalho — continuou ele. — Um bom trabalho. Um trabalho para o qual você é muito qualificada.

— Mas eu acabei de falar para o senhor, eu trabalho aqui.

Os sinos da porta da frente tocaram.

— Ainda tem aquele pão de trigo de ontem, Flora? — perguntou a Senhora Madison, uma cliente. A velha viúva morava em uma pequena pensão horripilante, e o papai havia me instruído a sempre dar pão fresco para ela e não cobrá-la por isso.

— Sim, senhora. — Virei-me com um sorriso. — Nada mais do que o melhor. — Entreguei o pão de trigo a ela, ainda quente, e ela se pôs a procurar dentro do bolso. — Agora vá — disse com um sorriso. — O papai faz questão.

Seus olhos sorriram para mim.

— Obrigada, querida — agradeceu ela, guardando o pão em sua cesta de compras.

O Senhor Price voltou sorrindo.

— Você não adoraria fazer isso de novo e de novo, sabendo que o dinheiro não importa?

Soltei uma risada sarcástica.

— Ouça, senhor. Eu não sei o que o senhor está querendo, mas acho que é hora de se dirigir até a porta.

Ele colocou a mão dentro do paletó e pegou um envelope. Eu pude ver pela abertura que ele estava cheio de dinheiro. Ele o empurrou pelo balcão.

— Você pode esperar receber dez vezes mais do que isso quando terminar seu trabalho — disse ele.

Fiquei boquiaberta.

— Você tem meu cartão — continuou ele. — Ligue para mim quando estiver pronta.

Abri o envelope e me pus a contar as notas com os olhos arregalados. Era o suficiente para pagar o aluguel e ainda havia um pouco mais. Ele levantou a boina para mim antes de virar-se para a porta.

Liguei para ele uma semana depois quando um cobrador veio atrás do papai no beco atrás da padaria. Ele entrou cambaleando na cozinha com o rosto cheio de sangue.

— Senhor Price, aqui é Flora Lewis... — disse com a voz trêmula. — Estou pronta para falar com o senhor sobre aquele emprego.

— Ótimo — disse ele. — Sabia que você ia ligar.

O vento bateu em meu rosto, trazendo-me de volta ao presente. Não, mamãe e papai não devem nunca saber da verdadeira história por trás da minha viagem para a Inglaterra.

Mamãe enxugou a lágrima nos olhos.

— Estou tão orgulhosa de você... — disse ela.

Beijei-lhes o rosto antes de ir até a entrada do navio e entregar meu bilhete a um homem. Quando olhei para eles pela última vez, senti uma pontada de culpa. Papai com seu sorriso gentil e rosto redondo; mamãe com suas mãos artríticas. *Como é que eles vão se virar sem mim?* Ainda assim, eu sabia que, se eu não partisse, eu teria farinha embaixo das unhas para o resto da vida. Eu queria muito ver o mundo além da padaria, pelo menos saber que ele existia.

— Prometa-me que você vai tomar cuidado — gritou mamãe da doca enquanto papai caminhava em minha direção. — Prometa que você não vai ficar muito tempo longe.

Balancei a cabeça. Uma onda de chuva avançou pelos dois lados, batendo em meu rosto com grandes gotas.

— Tchau! — gritei. — Escrevo para vocês quando estiver acomodada.

— Vá em frente, querida — disse papai, colocando um pão de canela embrulhado em papel dentro do meu bolso. — O navio vai zarpar sem você.

Acenei e caminhei, desta vez sem olhar para trás.



— Viajando para a Inglaterra sozinha?

Eu me virei e vi um homem encostado em um corrimão no deque superior, a alguns metros de distância. Ele devia ter minha idade, talvez fosse um pouco mais velho; usava um terno cinza e um chapéu, que ele tirou da cabeça. Eu devia ter ignorado e seguido em frente — afinal, meus planos não eram da conta dele —, mas seu sorriso me desarmou.

— Eu me lembro da primeira vez que viajei de navio pelo Oceano Atlântico sozinho — comentou ele, aproximando-se, como se fôssemos velhos amigos.

Eu gosto do sotaque britânico e fiquei imaginando o que ele estava fazendo em Nova York.

— Eu tinha 9 anos de idade e estava morrendo de medo — continuou ele.

— Bem. — Enrijeci o corpo. Eu esperava não demonstrar como eu estava me sentindo: uma garotinha que havia sido separada dos pais. — Eu não estou com nem um pouquinho de medo.

Ele balançou a cabeça, olhando para minha mala, mas coloquei-a rapidamente atrás de mim. O conjunto velho de papai não era glamoroso, mas era tudo o que tínhamos. A lona estava gasta e rasgada, e as dobradiças de latão estavam manchadas de marrom.

— E o que traz você à Inglaterra? — perguntou ele, tirando o chapéu e girando-o no dedo indicador.

Meus olhos ficaram agitados. *O que eu deveria dizer?*

— Eu, eu... — gaguejei. — Eu vou trabalhar no Jardim Botânico de Londres.

Ele arregalou os olhos, interessado.

— Ah. Então você é uma botânica.

— Bem — disse, torcendo para que ele não percebesse o quanto eu estava atrapalhada. — Eu...

— Minha mãe costumava ir ao Jardim Botânico de Londres o tempo todo — disse ele. — É um lugar e tanto.

— Sim. Bem, eu deveria...

— Onde você vai trabalhar? — perguntou ele, aproximando-se. — Quero dizer, em que estufa?

— Ah — gaguejei. — Bem, acho que em todas.

Ele fez um aceno com a cabeça, esticando a mão.

— Eu sou Desmond.

Seus olhos verdes brilharam.

— Flora — respondi.

Quando segurei sua mão, meu bilhete caiu no chão.

Desmond ajoelhou-se para pegá-lo.

— Ah, vamos ver, você está no...

— Obrigada — agradei, pegando rapidamente o pedaço de papel que revelava o número de minha humilde cabine, certamente bem diferente do camarote elegante em que ele estava hospedado. — É melhor eu ir.

Um funcionário do navio aproximou-se.

— Senhora, eu posso ajudá-la a encontrar sua cabine?

Fiquei aturdida, olhando para o enorme transatlântico.

— Nos vemos por aí — disse Desmond, recolocando o chapéu e inclinando-o mais uma vez, enquanto subia as escadas próximas ao deque superior.

— A senhora está na primeira classe? — perguntou o funcionário, olhando para as escadas por onde Desmond desaparecera.

— Não — respondi. — Acho que estou na... hã... terceira classe.

Ele resmungou e então apontou outro funcionário, agora mais jovem, que me levou até um lance

de escadas e depois para outro, cada vez mais para baixo no navio. Andamos por um corredor sombrio, com pouca luz, até que paramos em frente a uma porta.

— A sua cabine — informou ele, sem emoção.

Dentro havia uma cama com uma colcha surrada e uma pequena mesa sobre a qual havia um crisântemo amarelo dentro de um vaso de vidro com água turva. O quarto tinha o tamanho do depósito da padaria, mas eu vi o primeiro lugar que eu podia chamar de meu como se fosse uma cobertura. Suspirei contente.

— Obrigada — disse, um pouco entusiasmada demais.

O funcionário sacudiu a cabeça e saiu.

Encostei o nariz no pequeno buraco de vidro, que ficou embaçado. Limpei-o com a manga do vestido até eu conseguir ver o píer do lado de fora. Observei por algum tempo, até que uma buzina tocou, e o motor começou a fazer barulho e a vibrar enquanto o navio zarpava devagar, como se estivesse relutando em iniciar a viagem. Entretanto, o navio ganhou velocidade, e observei enquanto a neblina engolia a cidade num trago lento e constante.

O que foi que minha mãe disse? Sim: “Fique o tempo todo com sua bolsa. Existem ladrões nesses navios”. Ah, se ela soubesse...

Eu havia prometido encontrar o Senhor Price naquela tarde, por isso saí do quarto e segui o tapete azul, virando em uma esquina e depois na outra.

— Com licença, senhor — disse eu para um funcionário da embarcação. — Será que o senhor pode, por favor, me levar até o deque superior?

Ele olhou para mim com expressão divertida.

— Então a senhora gosta da parte fina, não é?

Minhas bochechas ficaram vermelhas.

— Bem, sim... Quero dizer, não — respondi, confusa. — Vou encontrar uma pessoa lá.

Ele deu de ombros, apontando a escada.

— Fique à vontade.



Encontrei o Senhor Price no deque, e ele me instruiu a sentar-me ao lado dele.

— Estou feliz por você ter vindo — disse ele, olhando para mim. — Você não contou aos seus pais sobre nosso acordo, não é?

Balancei a cabeça negando. Eu não gostava de ouvi-lo falar de mamãe e papai.

— Claro que não.

— Ótimo — disse ele, antes de dar um longo gole em seu martíni. Um pouco de sua bebida caiu do copo quando ele o colocou na mesa em sua frente. — Mais alguém?

Pensei no homem que eu havia conhecido mais cedo, Desmond. Mas decidi não falar dele.

— Não — respondi.

O Senhor Price assentiu.

— Então, eu já *falei* que você vai trabalhar como babá em uma mansão no interior. Mas eu não disse o que exatamente você vai fazer lá.

Ouvi com expectativa.

— Eu tenho um negócio internacional de ladrões de flores — explicou ele.

Perdi o fôlego quando ele disse aquilo. Como se tirado da página de um romance, ali estava o cabeça de uma organização, sentado ao meu lado com um sorriso no rosto.

— É óbvio que não gostamos de falar que somos ladrões — acrescentou ele sorrindo, parecendo inocente quando percebeu minha expressão assustada. — Somos simplesmente os negociadores de flores finas. Algumas espécies premiadas de nosso amado Jardim Botânico de Nova York vieram dos homens com quem trabalho. O fato é que flores são produtos como qualquer outro. Se alguém quiser pagar por elas, você as entrega.

Aquiesci cautelosamente. Eu só conseguia pensar nas rosas, nos lírios, na gardênia rara da ala leste — será que todas aquelas flores haviam sido adquiridas de maneira desonesta, criadas de forma obscura? Aquilo parecia tão triste, tão errado... Minhas bochechas pegavam fogo.

— Senhor Price, como o senhor pode...

— Não há motivo para entrar em tantos detalhes — continuou ele. — Deixe o trabalho duro para mim. Tudo o que você precisa saber é que um cliente está de olho em uma árvore rara que ele acredita que esteja plantada em algum lugar naquelas terras — explicou ele. — Uma camélia. Ele está disposto a pagar uma fortuna por ela, e seu serviço é encontrá-la.

— Eu não estou entendendo. O senhor quer que eu encontre uma árvore? Qualquer pessoa poderia fazer isso.

— Não — disse ele. — É uma propriedade particular, e é difícil entrar nela, a não ser que você seja um empregado de confiança.

Balancei a cabeça concordando, embora sentisse um buraco no estômago.

— Veja — disse ele, colocando a mão no bolso do paletó e tirando um envelope amassado com uma fotografia dentro. Mesmo em branco e preto, a camélia era uma espécie deslumbrante. Olhei a foto e li as palavras “Middlebury Pink”.

— Ela existia no jardim real do Palácio de Buckingham — continuou o Senhor Price —, mas, por alguma razão, nenhuma semente foi guardada, e ela se perdeu com o passar dos anos. De acordo com meu investigador, a última árvore conhecida desse tipo deve estar na Mansão Livingston.

Não tirei os olhos da fotografia.

— Por que seu cliente simplesmente não vai até lá e pega a árvore ele mesmo?

— Não é assim tão fácil — disse ele com um sorriso divertido. — Existe pelo menos uma centena de espécies de camélias na propriedade. Parece que a árvore não floresce muito. — Ele acendeu um cigarro. — Já que você está contratada como a nova babá das crianças do Lorde Edward Livingston, você poderá ficar lá até ela florescer. É a estratégia perfeita. Ninguém vai desconfiar da babá, até que

descubram que a árvore não está mais lá, mas então você já terá ido embora.

— Mas eu não sei nada sobre crianças — repliquei, sentindo um pânico no peito. — Como vou conseguir fazer isso?

— Apenas faça — disse ele. — Conquiste a confiança deles e então pergunte sobre a camélia. Encontre-a e escreva-me. — Ele me entregou um cartão com seu endereço em Londres. — Não me telefone. Alguém pode ouvir você.

Meneei a cabeça, confusa.

— Mas eu não estou entendendo. O que esse homem quer com a árvore?

Ele apertou os olhos e então deu de ombros.

— Mas que diabos... — disse. — Bem, você pode saber. — Ele bocejou. — Alguém superior no Terceiro Reich quer a árvore. Para a amante dele.

— O Terceiro Reich — repeti, horrorizada. Meu estômago deu um nó. — Mas como você... Como eu poderia? Eu certamente não posso...

— Ouça, Senhorita Lewis — disse ele severamente. — Tecnicamente, você não está fazendo nada errado. Tudo o que você precisa fazer é encontrar a árvore, me avisar, e então recebe seu pagamento. Simples. Entrar e sair. Deixe o resto comigo.

— Mas...

Ele colocou o copo de martíni de lado, pegando uma azeitona no fundo.

— Você gosta dos seus pais, não gosta?

Assenti, lembrando-me da maneira como o cobrador havia machucado o rosto do papai.

— E você gostaria de vê-los livres da dívida, com mais tempo para descansar e relaxar, não é?

— Sim... — murmurei, limpando os olhos com um lenço.

— Então *encontre a camélia*.



Inquieta em *minha cabine*, decidi sair para passear pelo navio. O vento havia aumentado, mas eu não sentia vontade de voltar para pegar um casaco. Em vez disso, sentei-me em um banco no lado leste do navio, onde o vento não estava tão forte, e peguei meu caderno de desenhos e um lápis. Pensei na camélia que eu precisava encontrar e, enquanto pensava, desenhei suas pétalas delicadas, suas folhas grandes e redondas. *Será que eu consigo mesmo fazer isso?*

— Ah, olá de novo.

Olhei para cima e vi Desmond vindo em minha direção.

Guardei rapidamente o caderno de desenhos em minha bolsa.

— Olá — respondi rapidamente.

— Você deve estar congelando aqui fora — disse ele, sentando-se ao meu lado. — Tome —

continuou, tirando o paletó. — Vista isso.

— Estou bem — disse. — Na verdade, eu gosto do ar fresco.

Ele colocou seu paletó em volta de meus ombros, e fiquei agradecida ao sentir seu calor.

— Eu insisto. Minha mãe não me criou para eu ficar olhando uma dama tremer de frio ao meu lado.

Eu me equilibrei quando o navio balançou para a direita.

— É sempre agitado nos primeiros dias — comentou ele. — Mas daqui a pouco se acalma.

Eu concordei.

— Eu vi você no deque superior — continuou ele. — Era seu namorado?

Sacudi a cabeça.

— Não — respondi com firmeza, torcendo para que ele não tivesse ouvido minha conversa com o Senhor Price. — Ele é um...

— Eu, eu quero dizer... — gaguejou Desmond. — Não é da minha conta, claro, mas eu...

— Ele é um sócio.

— Ah! — exclamou Desmond. — Do Jardim Botânico de Londres?

— Sim — respondi rapidamente.

O sol estava começando a baixar. O horizonte adquiria uma cor de pêssego.

— Você sempre morou em Londres?

Desmond tirou o chapéu e coçou a cabeça por um instante.

— Sim — disse ele. — Bem, a maior parte da minha vida, morei no interior. Mas meu pai tem uma casa em Londres.

Assenti com a cabeça, imaginando o mundo de onde ele vinha — tão diferente do meu.

— Então, o que você estava fazendo nos Estados Unidos? — perguntei.

Ele ajeitou o cabelo loiro.

— Ah, estava só resolvendo uns assuntos de negócios.

Compreendi. Eu não podia esperar que ele me revelasse detalhes de sua vida se eu não estava sendo sincera sobre a minha.

O navio avançava pelo mar, balançando-se como um berço, e nós ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Posso confessar uma coisa para você? — perguntou finalmente.

Eu me virei para ele e concordei com a cabeça, dando-lhe permissão para que falasse.

— Quando eu estava em Nova York — disse ele com cautela —, quase decidi ficar por lá.

Seus olhos continuaram fixos no horizonte.

— E por que você não ficou? — perguntei.

Ele encolheu os ombros.

— Dever. Eu me alistei na força armada britânica seis meses atrás. Vou zarpar logo.

— Ah. — Senti uma pontada de preocupação.

Na padaria, eu tinha conseguido ignorar a guerra, deixar que ela existisse apenas nas manchetes dos jornais. Mas agora? Ela estava a minha frente usando um terno cinza, com os ombros molhados de gotas de chuva.

— Eu me senti tão livre em Nova York, tão solto... — continuou ele. — Senti-me inclinado a deixar tudo para trás e *ficar* por lá. — Ele sorriu para mim. — Recomeçar, sabe? — Ele sacudiu a cabeça. — Mas preciso terminar o que comecei.

Eu assenti, pensando na camélia, nas mentiras que eu estava prestes a contar.

— Sei o que você quer dizer.

Neste momento, a música começou a tocar na direção do deque superior.

— Ah, eu quase me esqueci — disse ele. — O Baile de Boas-Vindas do capitão é hoje à noite. Você viu o convite?

Minhas bochechas ficaram vermelhas. Era óbvio que os passageiros da terceira classe, eu tinha certeza disso, não tinham recebido os mesmos convites por baixo de suas portas.

— Sim — disse com vergonha de mim mesma.

Então Desmond pegou minha mão, e toda a preocupação desapareceu.

— Vamos — disse ele. — Juntos.

— Mas eu não estou vestida apropriadamente — comentei, olhando para meu vestido azul simples. — Eu não trouxe nada formal.

— Isso não faz sentido — disse ele. — Você está perfeita assim. Além disso, nós não precisamos ir se não quisermos. Podemos simplesmente ouvir um pouco de música e tomar champanhe na entrada.

— Bem, eu...

— Ótimo — respondeu ele. — Temos um encontro.



Damas em trajes formais passavam por nós, nos braços de cavalheiros bem-vestidos. Eu me senti deslocada e fiquei imaginando o que o Senhor Price pensaria da minha presença ali. Olhei para os lados, esperando não encontrá-lo no salão de baile.

— Boa noite, senhor — disse um funcionário do navio a Desmond, antes de virar-se para mim. Achei ter percebido um olhar de surpresa em seu rosto, mas tentei ignorá-lo. — Boa noite, madame — disse ele. — Champanhe?

— Sim, obrigado — disse Desmond, pegando duas taças na bandeja do funcionário e entregando-me uma.

Observei a maneira como as bolhas subiam e dançavam na taça de vidro. Desmond tomou um gole, e fiz o mesmo. Era a primeira vez que eu experimentava champanhe, e eu gostei. No momento em que terminei a taça, um funcionário apareceu com outra. Eu me senti quente, e Desmond sugeriu tomarmos um pouco de ar fresco lá fora, o vento frio não passava nem perto do gelo que estava mais cedo, principalmente com o paletó dele em volta de meus ombros.

A banda começou a tocar uma música mais lenta, e Desmond sorriu.

— Dança comigo?

— Sim — concordei, sentindo-me leve e desinibida.

Fiquei imaginando o que o Senhor Price ia pensar, mas logo parei de pensar naquilo.

Desmond me puxou para mais perto dele, e dançamos ao ritmo da música sob o brilho das estrelas. Ele olhou para cima e apontou:

— Veja — disse ele. — Aquela está tentando se comunicar conosco.

Eu sorri.

— Ah, está?

— Sim — respondeu ele. — As estrelas têm sua própria linguagem, sabe? Se você prestar atenção, vai aprender isso.

— Está certo, Aristóteles. Então o que a estrela está tentando dizer?

Ele olhou para o céu por alguns momentos, observando a estrela brilhar.

— E? — disse ele. Balançou a cabeça para si mesmo, e então olhou de novo para mim. — Foi o que eu pensei.

— Então você não vai me contar?

— Não posso — respondeu ele sorrindo.

— Você não existe, sabia? — Olhei de lado para ele. Inclinei a cabeça contra meu peito, e nós balançamos juntos por um instante, antes de eu sentir um tapinha em meu ombro.

Olhei e vi o Senhor Price.

— Com licença, Senhorita Lewis — disse ele de maneira autoritária. — Está ficando tarde. A senhorita não acha que deve encontrar o caminho de volta para seu quarto?

Soltei as mãos e dei um passo para trás.

— Eu só estava...

— Senhorita Lewis — disse o Senhor Price, olhando para mim com seriedade.

Eu me virei para Desmond. Ele parecia confuso, preocupado.

— Ele está certo — disse. — Está ficando tarde. Obrigada pela noite adorável.

Desmond concordou, apesar de sua óbvia decepção, e eu me virei para ir embora, seguindo o Senhor Price pela escada de carpete azul.

— Senhorita Lewis — disse o Senhor Price depois de me levar até a porta da minha cabine —,

sugiro que a senhorita se controle durante o restante da viagem.

— Sim, senhor — respondi.

Ele saiu pelo corredor, e quando desapareceu na esquina, coloquei a chave na porta, mas me *virei* rapidamente ao ouvir um “pssssiu” atrás de mim.

Uma mulher, alguns anos mais velha do que eu, colocou a cabeça para fora de uma porta do outro lado do corredor.

— Com licença — disse ela. — Posso falar rapidinho com você?

— Comigo? — indaguei um pouco confusa.

Ela saiu no corredor, fechando a porta da cabine.

— Sim — confirmou ela. — É importante.

Concordei.

— Tudo bem.

Ela veio em minha direção.

— Não podemos conversar aqui — disse ela. — Dentro da sua cabine.

Nós entramos no quarto e eu fechei a porta.

— Você está trabalhando para o Senhor Price — disse ela —, não está?

Sacudi a cabeça, confusa.

— Eu não sei o que você quer dizer.

— Você não precisa fingir — disse ela. — Eu o conheço. Eu trabalhava para ele.

Perdi o fôlego.

— Você trabalhou para ele?

— Sim — disse ela. — Eu vi você falando com ele no deque superior hoje e percebi que você era uma das novas garotas dele.

— Bem, eu... Bem, sim — confessei finalmente. — Mas você não entende, eu preciso fazer isso. Pela minha família.

— Foi isso que eu pensei também — respondeu ela com um sorriso. — Mas existem outras maneiras.

Sacudi a cabeça.

— Já me comprometi. Não posso voltar atrás.

— Pode, sim — disse ela. — Apenas pense nisso. Acredite em mim, você não vai querer se envolver com esse homem. Eu ainda estou tentando me desvencilhar dele.

Balancei a cabeça, perplexa.

— Meu nome é Georgia.

— Flora — respondi.

— É um prazer conhecê-la, Flora. — Ela se virou para a porta, antes de olhar para trás rapidamente. — Aconselho que você fique neste quarto durante o restante da viagem. Diga ao pessoal do navio que você está doente e peça que tragam suas refeições no quarto. Quanto menos você vir o Senhor Price, melhor. E então, quando desembarcarmos, você poderá desaparecer em Londres. Eu posso te ajudar a arrumar dinheiro para voltar para casa.

Pensei em Desmond, em meu pai e nos homens que o haviam ameaçado. O plano de Georgia parecia impossível, mas concordei.

— E, por favor, o que quer que você decida fazer, não diga ao Senhor Price que você me viu.

Capítulo 3

Addison

Senti um leve empurrão no ombro.

— Querida — sussurrou Rex em meu ouvido. — Estamos aqui.

Abri os olhos, deixando o cenário do lado de fora do táxi entrar em foco.

Respirei fundo.

— Você não me contou que seus pais compraram o Palácio de Buckingham!

Rex sorriu.

— É lindo, não é?

— Lindo não é a melhor palavra. — Não consegui tirar os olhos da mansão. — É grandioso.

Três andares, construídos em uma alvenaria intrincada, erguiam-se sobre nós. Hera verde-clara, muito bem podada, espalhava-se ao longo da alvenaria. Olhei para uma janela no terceiro andar e pensei ter visto uma cortina balançar antes de meus olhos encontrarem os de Rex de novo.

— Você não disse que a casa estava vazia?

— Bem, sim — disse Rex, descendo no caminho de cascalho. — Se não contarmos a governanta. — Ele sorriu. — O papai disse que ela veio com a propriedade.

— Ah — disse, escorregando no banco na direção dele, antes de segurar sua mão para que ele me ajudasse a sair do carro. Senti o barulho do cascalho embaixo de meu pé.

Rex virou-se para mim.

— Vamos entrar?

Ele tirou as malas dos braços do motorista e saiu em direção à entrada.

O motorista do táxi limpou a garganta e virou-se.

— Ah, me desculpe, meu marido se esqueceu de pagar a corrida?

— Não, madame — disse ele rapidamente, levantando nervoso o chapéu da testa enquanto olhava para a velha casa. — É só que... bem... Vocês conhecem a história deste lugar, não é?

Franzi a testa.

— Que história?

Rex estava longe demais para ouvir nossa conversa.

— Minha mãe é supersticiosa — disse ele, aproximando-se de mim e olhando para a fachada com curiosidade. — Ela dizia que este era o único lugar em Clivebrook onde ela não se atreveria a pisar. — Ele sacudiu a cabeça com cautela, com os olhos fixos na mansão. — Bom — concluiu ele, inclinando o chapéu e sorrindo nervoso. — Não quero preocupar a senhora.

— O que foi que aconteceu? — perguntou Rex quando consegui alcançá-lo.

— A mãe dele acha que a casa é mal-assombrada — respondi, olhando para um par de leões de pedra nos degraus da frente.

— Mal-assombrada, é? — Rex subiu os degraus, e então de repente se virou para mim e fez: — Buu!

Dei um pulo para trás, assustada.

— Para com isso! — gritei.

Rex colocou as malas no chão e me pegou nos braços. Eu podia dizer, por sua expressão séria, que ele não estava mais brincando.

— Você está bem, Addie? — perguntou ele, olhando para o meu rosto.

— É claro que estou bem — respondi, mais defensiva do que eu gostaria. — Por quê?

— Você tem estado um pouco nervosa nos últimos dias.

— Me desculpe — disse, consciente do que ele dizia. — Acho que eu estava com muita coisa na cabeça, com a viagem e tudo o mais.

Ele pressionou o nariz contra o meu. Ele sempre soube identificar o que eu sentia, como no dia em que cheguei em casa me sentindo mal. “Você vai ter enxaqueca”, dissera ele. Perguntei como ele sabia, mas ele só deu de ombros. “Seus olhos ficam diferentes antes de você ter enxaqueca.” Balancei a cabeça, sentindo meu peito se apertar quando pensei nos telefonemas, quando me lembrei dele, mas forcei um sorriso.

— Você é um amor. Mas está tudo bem. De verdade, eu não poderia estar mais feliz do que estou agora. — Dei a mão para ele. — Com você.

Ele beijou minha mão com amor, mas pude ver a preocupação em seus olhos.

Uma velha senhora estava em pé a nossa frente; parecia ter surgido do nada. Seus cabelos brancos, delicados e finos, estavam arrumados atrás das orelhas, revelando um semblante com olhos escuros, fundos, e maçãs do rosto saltadas e pálidas. Ela usava um vestido azul-marinho com mangas levemente bufantes nos ombros e um avental muito branco amarrado em volta da cintura. Ela manteve as mãos cruzadas em sua frente.

— Sejam bem-vindos à Mansão Livingston — disse ela respeitosamente, com lábios finos que formaram um breve e desconfortável sorriso para depois voltarem a boca para baixo novamente.

— Obrigado — disse Rex, esticando a mão. — Sou Rex Sinclair, e esta é minha esposa, Addison. Você deve ser a Senhora Dilloway... Papai disse que a senhora trabalha aqui desde os anos 1930. Isso é impressionante.

— Sim — respondeu a mulher sem nenhuma emoção.

Ela olhou curiosa para mim, e fiquei me perguntando como ela me via em comparação às outras mulheres que haviam visitado a mansão anos atrás. Sem dúvida, madames com guarda-roupas impecáveis. Mordi a beiradinha da cutícula de meu dedo esquerdo. Gostaria de ter me lembrado de passar batom antes de descermos do carro.

Rex balançou a cabeça.

— E é só você para cuidar do lugar?

— Eu, a cozinheira, Senhorita Klein, e o menino que contrato quando é necessário cuidar do jardim — respondeu ela. — Ah, e a garota que vem aos sábados para ajudar com as roupas — concluiu, lançando um olhar severo para mim.

Rex enfiou o pé em um cascalho, esmagou uma formiga e então olhou para a Senhora Dilloway com curiosidade.

— Meu pai disse que a senhora pretende ficar por aqui, e ficamos muito felizes com isso, mas quero que saiba que minha esposa e eu podemos muito bem cuidar sozinhos da casa — disse ele. — O que eu quero dizer é que, se a senhora quiser tirar o verão de folga, fique à vontade.

Eu sabia o que Rex queria dizer. Ela devia estar aposentada e não arrumando as camas.

— Senhor Sinclair — disse ela rigidamente. — A Mansão Livingston é minha casa. Sempre será minha casa. Então, com todo o respeito, peço que o senhor, por favor, honre meu desejo de continuar trabalhando aqui.

Rex aquiesceu.

— Então está decidido.

A Senhora Dilloway respirou aliviada.

— Agora, vamos entrar.

O celular tocou em meu bolso, mas ignorei-o.

Flora

11 de abril de 1940

No segundo dia de minha viagem, quando eu estava verde de tão mareada, ouvi alguém bater em minha porta.

— Sim? — gritei da cama, fraca demais para me levantar. Além disso, provavelmente era apenas o funcionário do navio trazendo o café da manhã. Se dependesse de mim, ele podia muito bem jogar a bandeja ao mar. Nunca havia me sentido tão mal e estava cada vez mais preocupada com o trabalho que tinha pela frente.

— Flora? — Reconheci a voz de Georgia, abafada atrás da porta.

Eu me sentei na cama. Senti vertigem e equilibrei-me na mesa de cabeceira, arrumando meu cabelo rapidamente.

— Flora, você está aí?

Olhei para meu rosto no espelho oval da parede. Pálido e limpo. Eu não havia me vestido. Georgia bateu de novo, desta vez mais forte, mais determinada.

— Só um minuto — gritei, pegando meu roupão rosa no cabideiro perto da porta.

Virei a maçaneta e coloquei o nariz para fora da cabine.

— Ah, que bom... — disse ela. — Eu estava ficando preocupada. — Ela passou por mim.

Olhou-me como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Você está bem?

— Não — respondi, sentindo-me incomodada.

— Achei que talvez você quisesse ler alguma coisa.

— Sim. Já faz tempo demais que estou olhando para a parede.

— Que bom, então — disse ela, colocando um volume antigo com capa de couro azul-escura em minhas mãos.

Olhei para o livro e li as palavras: *Os Anos*, de Virginia Woolf.

— Acho que você vai gostar — disse Georgia. — Li este livro na primeira vez que viajei de Nova York para Londres.

— Qualquer coisa que tire esse enjoo da minha cabeça. — Abri a primeira página do livro. “Era uma primavera incerta”, estava escrito na primeira linha. Era mesmo.



14 de abril de 1940

Sem ter nada para fazer durante o restante da viagem, terminei o livro no meu último dia ao mar e só quando cheguei à última página é que voltei ao começo e vi a dedicatória de Georgia na primeira página. “Flora, a verdade é que sempre sabemos a coisa certa a fazer. A parte difícil é fazê-la. Com amor, Georgia.”

Coloquei o livro na minha mala e, enquanto guardava minhas coisas, pensei no quanto eu havia mudado, ainda que o tempo de viagem tivesse sido curto. Em Nova York, havia o certo e o errado. Mas e agora? Agora, apesar da insistência de Georgia, eu havia percebido que talvez, às vezes, exista um lado sombrio. Detestava o que eu estava a ponto de fazer, mas eu havia me comprometido a fazer isso, por mamãe e papai. E, agora que já estava tão longe, não podia voltar, embora Georgia achasse que eu podia.

Puxei a aba de meu chapéu para cobrir a testa e aventurei-me, primeiro pegando minha passagem de trem na recepção e depois seguindo à procura do local de desembarque. O Senhor Price havia providenciado um táxi para me levar até a estação de trem, onde eu embarcaria para Londres, e de lá eu pegaria um táxi até Clivebrook, onde ficava a mansão. Uma parte de mim gostaria de ver Desmond mais uma vez, mas segui o conselho do Senhor Price e me contive durante o restante de minha viagem. Fiquei me perguntando se Desmond havia procurado por mim, mas não fazia nenhum sentido continuar pensando nele. Eu tinha um trabalho a fazer e nunca mais o veria de novo.

Fiquei feliz em não encontrar Georgia no trem de Liverpool para Londres. Eu já havia me decidido. Enquanto eu olhava, pela janela, para o campo nebuloso que passava zunindo, sorri para uma jovem mãe do outro lado do corredor, a qual acabara de pegar um pedaço de pão em sua mala. Ela partiu um pedaço e deu para o filho pequeno, sentado ao lado dela. Ele usava um boné e um macacão, e colocou rapidamente o pedaço de pão na boca. Ela então ofereceu pão para mim.

— Quer um pedaço de pão, senhorita?

Percebi uma mancha em seu vestido e sacudi a cabeça com um sorriso.

— Não, obrigada. Você é muito gentil, mas estou bem. Tomei café da manhã no navio.

O garotinho olhou para mim e sorriu. O que eles pensariam se soubessem que tipo de pessoa eu realmente era, se soubessem que eu estava vindo para o país deles para cometer um crime? Mordi a ponta do meu lábio. Eu não ia exatamente roubar. O Senhor Price havia dito que eu tinha apenas de encontrar a rara camélia e então avisá-lo. Isso era diferente, disse para mim mesma. Mas, ainda assim, a culpa crescia como um câncer.

Quando o trem chegou a Londres, juntei minhas malas e andei em direção à rua, devagar, com as pernas pesadas. Peguei o endereço em minha bolsa. Mansão Livingston, 11, Westland Drive, Clivebrook. É agora.

Um táxi parou para mim.

— Precisa de uma corrida, senhorita? — gritou o motorista pela janela.

Olhei para cima e forcei um sorriso.

— Sim. — Olhei para o cartão em minha mão. — Você pode me levar para Clivebrook?

— Claro, senhorita — disse ele, saindo do carro para pegar minha mala.

Dentro do táxi, encostei a cabeça no banco e suspirei. Peguei o envelope em minha bolsa e retirei dele a foto da camélia rara.

O motorista ligou o carro e saiu devagar pela rua, antes de frear bruscamente.

— Senhorita — disse ele, olhando para algum lugar pelo espelho retrovisor. — A senhorita o conhece?

— Quem? — perguntei, olhando para trás.

Desmond estava em pé na calçada, acenando os braços para o táxi. Ele deve ter me visto entrando no carro. Ele parecia um pouco triste ali postado. Eu queria descer do carro e ir correndo até ele, mas o que eu diria? E se eu dissesse a verdade para ele, o que ele pensaria?

— A senhorita quer que eu volte? — perguntou o motorista.

Segurei a foto com força em minha mão.

— Não — respondi, acenando para Desmond e dizendo, em silêncio, “Sinto muito”.

— Não — continuei. — Por favor, não volte.

— Sim, senhorita — disse ele, enfiando o pé no acelerador.

Addison

A Senhora Dilloway nos levou até nosso quarto, uma suíte grande com vista para o jardim.

— Este costumava ser o quarto do Lorde Livingston — disse ela. — Depois de sua morte, claro, foi redecorado para ser ocupado pelo Lorde Abbott durante os anos que ele ficou aqui. — Seus olhos estavam cheios de lembranças; ela passou a mão pela faixa escura e depois tirou-a rapidamente. — Tem toalhas nos banheiros — continuou. — Posso pedir à Senhorita Klein para preparar alguma coisa para o almoço?

— Estamos bem — disse Rex. — Tomamos um lanche em Londres.

Fui até a janela e olhei para o bosque cheio de árvores. Pontos coloridos apareciam nas folhas cor de esmeralda, alguns rosa, outros vermelhos, e alguns poucos eram brancos. O efeito era deslumbrante.

— Tudo bem — disse a Senhora Dilloway, virando-se para a porta.

— Espere. O jardim. É adorável. As árvores... são camélias, não são?

A Senhora Dilloway cerrou os lábios.

— Sim.

— Nunca vi tantas camélias juntas desta maneira — disse, parando para admirá-las.

Era óbvio que já havia passado a época de estarem floridas. Algumas davam flores mais tarde, outras, mais cedo, mas a maioria das camélias floresce no início da primavera, quando o ar é fresco. Ainda assim, mesmo com as poucas flores que restavam, era fácil imaginar o pomar todo florido, parecido com as árvores rosa da rainha pintadas no livro *Alice no País das Maravilhas*.

— Precisam de mais alguma coisa? — perguntou a Senhora Dilloway.

Eu podia perceber que ela não era de muita conversa.

Balancei a cabeça, olhando de novo pela janela.

Senti a mão de Rex em minha cintura enquanto ele se aconchegava ao meu lado. Ele fez um gesto em direção à cama de mogno com seu edredom perfeitamente arrumado e sorriu maliciosamente para mim.

— Agora somos o senhor e a senhora da casa.

Eu me afastei.

— Agora, não, querido — disse rapidamente. — Temos muita coisa para arrumar.

— Ah — ele se afastou decepcionado. Sentou-se na cama e se atrapalhou com a gola de sua camisa.

Não importava o quanto fôssemos felizes ou o quanto nos amássemos, havia sempre um elefante gigante na sala, aquele que nos seguia para onde quer que fôssemos, lembrando-nos do fato de que Rex queria ter filhos e eu nunca quis. Forcei um sorriso.

— Como poderíamos fazer isso — disse, beijando seu rosto — com essa empregada andando pela casa? À noite?

Rex voltou a sorrir.

— Este lugar é perfeito para sua pesquisa — falei, mudando de assunto. — Você viu aquela assustadora escada antiga quando subimos?

— Sim — respondeu ele. — A escada dos empregados?

Balancei a cabeça confirmando.

— Parece com as escadas daqueles antigos livros de mistério, por onde o assassino foge — disse.

— A casa tem uma cara de Alfred Hitchcock, não tem? — Ele colocou o paletó em uma cadeira. — Mal posso acreditar que meus pais a compraram por tão pouco... totalmente mobiliada.

— Qual é a história desta casa? — perguntei, olhando para o quadro de um homem carrancudo, porém bonito, que estava pendurado na parede. — É muito estranho uma família vender todas suas heranças.

Rex deu de ombros.

— Pelo que minha mãe disse, Lorde Livingston morreu nos anos 1960, e a Senhora Dilloway ficou aqui para cuidar de um de seus filhos. O pobre camarada tinha algum tipo de problema por causa de uma doença que teve na infância. Seu estado piorava com o passar

do tempo.

— Então ele morreu?

— Sim — respondeu Rex. — No ano passado, que foi quando a família colocou a casa à venda. Mamãe disse que foi uma negociação muito estranha. O advogado que cuidava da propriedade insistiu para que todos os móveis e objetos de arte, todas as coisas, ficassem na casa.

— Estranho — disse, passando a mão na beirada da mesinha de mogno. — É de esperar que a família tenha pelo menos alguma ligação sentimental.

— Acho que não tinha. Meu pai falou alguma coisa sobre os herdeiros. — Ele passou a mão na cabeça como se estivesse tentando se lembrar dos detalhes. — Já fazia anos que ele não falava com o pai. Algum problema de família, eu acho.

Pensei no que o taxista havia falado sobre a casa.

— Rex, você acha que aconteceu alguma coisa aqui?

— Quem sabe? — respondeu, dando um sorrisinho. — Talvez a empregada tenha uma pilha de corpos escondidos no sótão.

— Shhh... — sussurrei. — E se ela ouvir você? — Comecei a desarrumar minha mala e a colocar minhas coisas nas gavetas da cômoda, do outro lado do quarto. — Além disso, tenho um pouco de pena dela. Imagina, ter que trabalhar como empregada doméstica com 80 anos de idade.

Rex deu de ombros.

— Papai ofereceu-lhe uma indenização generosa quando comprou a casa, mas ela insistiu em ficar — disse ele.

Olhei pelo quarto, observando a mobília antiga e o lustre de cristal.

— Ela deve se sentir protetora deste lugar — disse.

Rex inclinou a cabeça para a direita.

— Isto, ou ela está escondendo alguma coisa. — Ele pegou o computador e começou a digitar. — Faz sentido. Por que mais alguém continuaria trabalhando, mesmo depois de todos da família terem morrido ou se mudado? Isso dá uma boa história.

— Agora, sim — disse.

Ele também estava curioso. Fui até a janela e fiquei olhando para os jardins. Senti uma pontada de saudade. Sentiria falta dos tremoços, dos ásteres e das papoulas raras que plantei alguns meses atrás em nosso pequeno jardim de Nova York. Seria uma sinfonia de beleza e cores para... os esquilos.

Eu me senti à penteadeira e comecei a pentear meu cabelo castanho-claro. Sofrera tanto para esconder meu passado, e agora, como um animal raivoso, enjaulado, ele rosnava e me ameaçava. Girei a aliança em meu dedo.

— Acho que vou tomar um banho — disse Rex, remexendo em sua mala. — Você trouxe minha lâmina de barbear?

— Desculpa — respondi. — Não trouxe.

— Ah, tudo bem. Vou de carro até a cidade comprar uma. Você precisa de alguma coisa?

— Não — respondi. — Estou bem. Espere aí, sim... chocolate. Preciso de chocolate.

Rex sorriu e apanhou o casaco na mesa.

— Volto logo — disse ele.

Depois que ele saiu, olhei para minha imagem no enorme espelho dourado no quarto de vestir, me perguntando quantas condessas tinham olhado para seus rostos naquele mesmo espelho eduardiano — sem dúvida usando espartilhos, rendas e cabelos cacheados. Olhei para meu cardigã cinza da Gap e para minhas calças *legging* pretas sentindo-me envergonhada. Ali estava, de novo, aquele medo profundo que me perseguia desde a infância, aquele que sussurrava em minha cabeça: “Você não é boa o suficiente”.

Espantei aqueles pensamentos pegando o controle remoto e ligando a televisão para ouvir as últimas notícias na CNN. Mais problemas em Israel. Um helicóptero caiu no Iraque. Desliguei a TV rapidamente e fui até a grande janela com vista para os jardins. Puxei as cortinas amarelas e brancas, que eram bem pregueadas. O decorador de Lydia, que recentemente havia decorado o apartamento de Nigella Lawson em Londres, a havia incentivado a manter o ambiente tradicional da antiga casa, e fiquei feliz em ver que minha sogra desistira de sua ideia inicial. Filha de um produtor, ela pretendia reformar a casa e usá-la nos fins de semana. Mas seu plano inicial de destruir a centenária mansão e dar a ela um ar mais aberto, minimalista, simplesmente não parecia correto. Seria o mesmo que colocar uma cerca branca em volta de Frank Lloyd Wright. Felizmente, haviam tirado da cabeça dela a ideia de uma reforma tão drástica. Mas haveria uma reforma. Rex disse que um arquiteto estava trabalhando no projeto. Eu torcia para que preservassem a integridade da casa — e os jardins.

Rex estava lá fora, na calçada, em frente a um carro antigo. Acho que era um Rolls-Royce. O pai dele colecionava-os, e Rex ficara encantado ao encontrar um na garagem da mansão. Uma mulher aproximou-se, e eu me inclinei para enxergar melhor. Ela tinha cabelos

loiros curtos e usava óculos de sol. Eu me inclinei ainda mais. Quem seria essa mulher? Ela falava com Rex. Ele sacudiu a cabeça, olhando de volta para a casa. Trocaram mais algumas palavras antes de ela entregar-lhe um grande envelope e sair em direção a um conversível azul estacionado na rua. Rex entrou no carro antigo. Os dois ligaram o carro simultaneamente. Toquei o vidro e observei enquanto os carros saíam pela rua. Provavelmente deveria ser só alguém que trabalhava na casa.

Esperei que Rex voltasse, mas depois de meia hora aventurei-me escadas abaixo. A Senhora Dilloway se oferecera para fazer um *tour* pela mansão, mas onde estaria ela agora? O tique-taque do relógio de parede antigo interrompia o silêncio que permeava o espaço decoroso. Passando por painéis intrincados, molduras ornamentadas e pinturas que descreviam a vida inglesa pastoral, caminhei pelo saguão e entrei em uma sala no lado leste. Um armário ao lado de uma janela chamou minha atenção. Suas portas de madeira haviam sido meticulosamente esculpidas em um desenho floral. Estiquei o braço para tocar uma das maçanetas de vidro e tentei abrir a porta, mas ela estava presa. Tentei de novo, puxando com um pouco mais de força, e a maçaneta soltou-se em minha mão. Alguém tossiu atrás de mim.

Minhas bochechas ficaram vermelhas quando meus olhos encontraram os olhos da Senhora Dilloway.

— Ah, olá — disse, me sentindo culpada. — Só estava admirando o armário. Receio que tenha quebrado a maçaneta. Sinto muito, tenho certeza de que poss...

— Dê-me isso aqui — disse a Senhora Dilloway com rispidez. Ela veio em minha direção, pegou a maçaneta e colocou-a no bolso de seu vestido. — Vou mandar consertar.

— Sinto muito — disse de novo.

— Sem problemas — replicou ela, embora sua expressão demonstrasse o contrário.

Ela não confiava em mim e não queria que eu ficasse andando pela mansão, abrindo portas de armários que, para todos os efeitos, deveriam ficar fechadas.

— Bem — disse ela, olhando para as escadas. — Você gostaria de conhecer o restante da casa?

— Sim — respondi. — Mas talvez devêssemos esperar por Rex. Sei que ele gostaria de nos acompanhar. — Eu me virei para a janela, sentindo-me um pouco intimidada. — Não sei por que ele está demorando tanto. Ele só foi comprar uma lâmina de barbear.

— Ah. Sim, seu marido ligou para avisar que ficará mais umas duas horas na cidade. Ele tinha algum negócio para resolver, foi o que ele disse.

— Negócio? — Sacudi a cabeça. Que tipo de negócio Rex teria na cidade? Havíamos acabado de chegar ali. — Eu não estou entendendo. Ele deu mais algum detalhe?

— Ele não disse mais nada — respondeu a Senhora Dilloway lentamente, olhando curiosa para mim, voltando a cruzar as mãos da maneira como fizera quando chegamos.

— Isso não faz sentido algum — sussurrei. — Por que ele não ligou para meu telefone? — Procurei o celular em meu bolso e percebi que a bateria havia acabado.

Segui a Senhora Dilloway até a porta; de repente, parei em frente a uma estante. Lembrei-me de que havia esquecido meu livro no avião.

— Acho que vou pegar alguma coisa para ler — disse. Olhei para a Senhora Dilloway. — Se a senhora não se importar.

— Claro que não — respondeu, embora sua expressão dissesse exatamente o contrário; parecia que ela se importava muito.

Peguei um livro de capa de couro azul e li as palavras na capa: *Os Anos*, de Virginia Woolf.

— Que estranho... — disse. — Minha assistente, Cara, me falou que eu deveria ler este livro enquanto estivesse aqui na Inglaterra. As personagens são o tipo de pessoas que teriam morado em uma casa como esta.

Segui a Senhora Dilloway de volta até o saguão, onde nos olhamos. Havia um pequeno sorriso em seu rosto, bem pequenino, e então ela cerrou os lábios.

— O que foi? — perguntei, esperando não tê-la ofendido.

— Nada — disse ela, parando. — Parece que eu havia me esquecido do som do sotaque americano. — Por um momento, ela parecia estar se divertindo. — Você me faz lembrar alguém que ficou hospedado aqui há muito tempo.

Flora

— Chegamos — disse o motorista enquanto parava em Clivebrook. — Qual é mesmo o endereço, madame?

A vila era menor do que eu esperava, com apenas um punhado de lojas ao longo da rua principal e uma fonte no centro da cidade. Um toldo verde chamou minha atenção. Na placa da porta lia-se: PADARIA DO HAROLD. Meu estômago roncou.

— Se o senhor não se importar — disse —, acho que vou entrar ali e comer alguma coisa.

— Claro — respondeu o motorista.

Paguei a corrida e fui até a padaria, examinando os bolos de aparência estranha na vitrine antes de me aventurar a entrar.

— Bom dia — disse uma senhora atrás do balcão.

— Olá — respondi.

— Visitando a cidade?

— Sim. Sou de Nova York.

— Que chique! — disse a mulher, virando-se para o cômodo dos fundos. — Harold! — gritou ela. — Venha aqui.

Um minuto depois, um homem grande e barrigudo apareceu. Ele sorriu para mim afetuosamente.

— Ela é de Nova York — disse a mulher. — Ah, se a Elsie estivesse aqui... Ela sonhava em ir para Nova York. — A mulher apontou para uma foto emoldurada pendurada acima da bacia de gelo. — Nossa filha. Desapareceu há quatro anos. A teoria da polícia é que ela fugiu para Londres com algum cara — disse ela, balançando a cabeça. — Mas ela não faria isso. Não a nossa Elsie.

— Sinto muito — disse. — Por sua perda.

O sorriso voltou ao rosto da mulher. Ela olhou com amor para o marido.

— E aqui estou eu falando sobre ela de novo, Harold. Eu disse que não ia mais fazer isso. Não faz sentido ficar remoendo o passado. Elsie não ia querer que eu fizesse isso. — Ela olhou de novo para a foto na parede. O cabelo loiro da jovem formava cachos em volta de seu rosto. Ela parecia um anjo.

— Mas diga, madame, o que a traz a Clivebrook?

Sorri nervosa.

— Só vim... conhecer.

— Bom — disse ela, entregando-me um bolinho de damasco. — Espero que você goste de sua estada por aqui.

Sorri e agradei a ela. Do lado de fora ventava muito, então abotoei rapidamente meu casaco,

pensando em mamãe e papai e sentindo uma falta imensa deles. Se algo acontecesse comigo, será que eles deixariam um retrato meu pendurado na parede da padaria?

Andei pela calçada até a estação de trem, onde um motorista usando um terno preto e chapéu estava encostado em um táxi estacionado ali. Ele balançava um relógio de bolso pendurado em uma corrente fazendo movimentos circulares.

— Para onde vamos? — perguntou ele enquanto eu me aproximava.

Olhei para o papel que o Senhor Price havia me dado, hesitante em continuar com o plano, mesmo depois de já ter chegado tão longe.

— Mansão Livingston — respondi finalmente.

As palavras soaram frias e estranhas ao saírem de minha boca.

O homem ergueu as sobrancelhas e olhou curioso para mim.

— Vai até o casarão, é?

— Sim — respondi.

— Americana? — perguntou, interessado.

— Eu sou.

— E o que faz uma garota linda como você ir até a Mansão Livingston?

— Um emprego — respondi com rigidez.

Eu não gostei de seu ar arrogante.

— Bom, espero que estejam te pagando bem — disse ele, fungando. — Precisariam me pagar muito bem para eu trabalhar lá, principalmente depois, bem, depois de tudo.

— Como assim?

— A dona da casa morreu no ano passado — disse ele, aproximando-se e baixando a voz até tornar-se um sussurro. — Alguma coisa não está muito certa por lá. — Ele balançou a cabeça. — Meu irmão faz bicos, tipo faz-tudo — continuou. — Bem, ele estava lá na mansão em fevereiro, arrumando uma janela no segundo andar, e disse ter ouvido o barulho de uma mulher chorando nos beirais da casa. Como uma...

— Bem... — disse. Um arrepio subiu pelo meu corpo. — Eu não acredito em fantasmas.

— Vai começar a acreditar quando vir este lugar — disse ele. — Mas fique à vontade.

Ele pegou minha mala e então olhou curioso para mim mais uma vez.

— O que você disse que vai fazer na mansão?

— Sou a nova babá — respondi.

O motorista sorriu.

— Qual é a graça?

— Só estou surpreso, só isso.

Cruzei os braços.

— Por quê?

— Por nada — disse ele, sorrindo.



O motorista estacionou com cuidado em frente à mansão, então o carro engasgou, como se o motor se recusasse a chegar mais perto da propriedade. A paisagem quase tirou meu fôlego. A fachada de pedra coberta de hera com cornijas ornamentais e detalhes requintados parecia uma página tirada de um livro de história. Três andares altos com cinco chaminés visíveis, a mansão era muito maior do que eu imaginara, e enquanto eu dava um passo em direção à entrada, meu coração batia acelerado.

— Devo esperar aqui? — perguntou o homem.

Sacudi a cabeça.

— Esperar? Por quê?

Ele olhou para mim como se eu fosse uma boba.

— Caso você mude de ideia.

— Não — respondi. — Não vou mudar de ideia.

O motorista tirou minha bagagem do porta-malas e deixou-a um pouco mais adiante, o tempo todo olhando com desconfiança para a mansão.

— Bem, aqui é o mais longe que chego — disse ele. — Boa sorte, senhorita.

Fiz um aceno de cabeça, colocando algumas notas na mão dele — o resto do dinheiro que eu tinha.

— Obrigada, mas eu sei me cuidar.

Mamãe teria dito isso.

Enquanto o carro se afastava, levantei minha mala e virei-me rapidamente ao ouvir o barulho do cascalho atrás de mim.

Um homem mais velho, talvez de uns 60 anos, com aparência sofisticada, aproximou-se. Alto, com uma barriguinha, usava um terno preto e olhava curioso para mim.

— Bom dia, senhorita — disse ele. — Quem é você?

— Flora — respondi. — Flora Lewis. — O que foi que o Senhor Price havia me mandado dizer?

— O pessoal da agência me mandou — disse rapidamente, como se quisesse provar que eu tinha um motivo para estar ali e que não estava invadindo uma propriedade particular. Arrumei um amassado de meu vestido enquanto ele me olhava de cima a baixo.

— Ah, sim — disse ele, sorrindo. — Claro. A nova babá. — Ele esticou a mão. — Eu sou o Senhor Beardsley, o mordomo. É um prazer conhecê-la.

— O prazer é meu, obrigada — disse um pouco nervosa.

— Peço desculpas — disse ele, pegando a mala de minha mão — pela condição dos jardins.

— Não estou entendendo.

— Veja bem — respondeu ele, olhando para minha mala. Torci para que ele não visse o retalho que mamãe havia costurado na lateral. — Estamos com poucos funcionários no momento, e receio que as coisas não irão melhorar tão logo.

— Hã?

Ele pigarreou.

— Tivemos um problema com nosso jardineiro — continuou ele. — Ele foi demitido e por isso os jardins estão assim. É uma grande decepção, para mim, eles estarem abandonados.

Fui condescendente.

— Se me permite dizer, não está tão ruim assim. — As azaleias haviam crescido demais, sim, e talvez a buchinha pudesse ser modelada, mas por todos os lugares o verde prevalecia. Uma parede de flores acompanhava a calçada, vermelho-sangue. Eu podia sentir o aroma leve, amadeirado, no sol da tarde.

— É muito gentil da sua parte, Senhorita Lewis — disse ele. — Mas não está nos padrões da nossa patroa. — Ele falou aquilo baixinho, como se as plantas tivessem ouvidos. — Ela cuidava de cada pétala. E elas cuidavam dela. — Ele suspirou. — Os jardins simplesmente não são mais os mesmos desde que ela faleceu no ano passado. — Ele apontou para a passarela em frente. — Bem, deixe-me levá-la para dentro. — Ele parou para pegar minha mala. — Devo confessar — continuou ele — que não esperava uma americana.

— Ah — disse, surpresa —, o pessoal da... é... da agência não avisou?

— Acho que eles se esqueceram de mencionar esse detalhe — disse ele.

— Espero que isso não seja um problema, senhor.

— Não, não — falou, suavizando o canto de seus olhos para revelar a gentileza pela qual eu tanto ansiava. — Deixe-me mostrar-lhe seus aposentos para que a senhorita possa tomar um banho antes de conhecer o patrão e as crianças.

Eu o segui passando por um jardim, onde as bucinhas haviam sido plantadas, formando um quadrado. Elas pareciam um pouco desgrenhadas, como se precisassem ser podadas. O Senhor Beardsley parou e ajoelhou-se para pegar uma grande flor rosa caída no caminho, ficando momentaneamente maravilhado com ela antes de enfiá-la no bolso.

Eu queria parar e olhar os jardins, para absorver a beleza ao meu redor, mas segui o Senhor Beardsley por uma porta lateral e descí um lance de escadas.

— Claro que, dada a natureza de sua função, você não passará muito tempo aqui embaixo, a não ser quando vier dormir, mas, por favor, saiba que será sempre bem-vinda à ala dos empregados.

Acenei a cabeça enquanto uma jovem gorducha, que mal tinha 18 anos, se aproximava. Seu cabelo ruivo cacheado saía de forma rebelde de sua touca branca e caía em suas bochechas rosadas e rechonchudas.

— Com licença, Senhor Beardsley — disse ela, segurando nervosa seu avental branco. Notei uma

mancha de fuligem perto do bolso. — Posso falar um pouquinho com o senhor?

— Sim, Sadie.

— É só que, bem, senhor...

— O que foi?

— É o Senhor Nicholas, senhor... — continuou ela. — Ele fugiu com o saco de farinha de novo.

O Senhor Beardsley franziu a testa.

— De novo?

— De novo, senhor — respondeu ela. — E ele jogou tudo na biblioteca. A estante parece estar coberta de neve. — Ela riu e então rapidamente cobriu a boca com a mão antes de voltar a falar. — A Senhora Dilloway diz que ele acabou com o livro de Shakespeare do Lorde Livingston. Receio que ela esteja bem atrapalhada. Ela disse que não sabe mais o que fazer com aquele garoto, que a próxima coisa que ele fará será colocar fogo na casa, e...

— Sorte nossa, então, que a nova babá das crianças chegou hoje — respondeu o Senhor Beardsley. — Sadie, deixe-me apresentá-la à Senhorita Lewis.

Sadie sorriu afetuosamente.

— É um prazer conhecê-la, senhorita — disse ela.

— O prazer é meu — repliquei. — Por favor, pode me chamar de Flora.

Ela balançou a cabeça.

— Bem, então eu já vou — disse ela, antes de pegar uma cesta de roupas sujas que estava a seus pés.

— Sadie — chamei-a, ignorando o Senhor Beardsley, que já havia começado a andar novamente. — As crianças são... tão difíceis assim?

Ela balançou a cabeça.

— Já tivemos três babás desde janeiro — sussurrou ela, observando meu rosto, antes de sorrir novamente. — Espero que você fique. Gostei de você.

— Obrigada — disse eu com um sorriso.

Alcancei o Senhor Beardsley, e continuamos a andar pelo corredor até chegarmos a uma cozinha.

— Esta é a Senhora Marden — disse ele. — A cozinheira. — Uma mulher grande e rude sentada à mesa perto do fogão descascava batatas atentamente. — Senhora Marden, esta é a Senhorita Lewis, a nova babá das crianças.

— Mais uma? — resmungou ela sem olhar para cima.

— Sim, a Senhorita Lewis foi enviada pela agência e estamos bastante felizes por tê-la aqui.

— Bem — disse ela, jogando uma batata descascada em um caldeirão com água fervendo, e então olhou para mim pela primeira vez. A água quente espirrou no ar, e eu pulei para trás para não me queimar. — É melhor não se sentir muito em casa. É só uma questão de tempo para este lugar acabar com você. — Ela me olhou por cima. — Sem ofensas, mas ficarei surpresa se você durar até o jantar.

O Senhor Beardsley pigarreou.

— O emprego tem seus desafios, mas tenho certeza de que a Senhora Marden concordará que também tem as recompensas. A senhorita não encontrará outro lugar tão bom para trabalhar. E a comida da Senhora Marden é, naturalmente, um privilégio.

A mulher sorriu enquanto cortava os vegetais. Ela levantou uma cenoura, cortada na ponta.

— Elas estão amargas — disse ela. — Não sei como consigo cozinhar com estes ingredientes. Desde que o Senhor Blythe foi embora, a horta tem sofrido. E todos culpam a cozinheira. Isso não é justo. Uma cozinheira deve ter sua horta. Isso não é correto.

— Obrigado por manifestar suas preocupações, Senhora Marden — disse o Senhor Beardsley. — Podemos continuar esta discussão num outro momento.

Ela se virou para os vegetais e resmungou alguma coisa.

Segui o Senhor Beardsley pelo corredor. Ele apontou para uma porta à direita.

— Este será seu quarto. Espero que seja satisfatório.

Dentro do quarto havia uma cama de solteiro simples, uma penteadeira, uma cômoda e um guarda-roupa. Olhei pela janela e vi um homem distinto sozinho na varanda, olhando para os jardins.

— Aquele homem — disse para o Senhor Beardsley. — Quem é ele?

— Ah — respondeu apertando, nervoso, a gravata. — Lorde Livingston, deve ter retornado mais cedo de Londres. Bom, então. Preciso ir. Por favor, arrume-se e fique pronta para conhecer as crianças daqui a uma hora. A Senhorita Dilloway, a arrumadeira, estará na sala de brinquedos às duas horas.

Assenti com a cabeça enquanto ele virava para a porta.

— Espere — disse, sem desviar o olhar da paisagem exuberante do lado de fora. — Aquelas árvores lá longe. Aquelas com flores. Elas são... — Meu coração acelerou um pouco. — Camélias?

Pensei nas palavras do Senhor Price. Encontre a Middlebury Pink, e então volte para casa. Entrar e sair.

O Senhor Beardsley suspirou, parecendo um pouco aflito, e depois falou:

— Sim. Eram a paixão de Lady Anna.

— São lindas — disse, virando-me de volta para a janela.

Havia tantas delas. *Será que eu conseguiria localizar a Middlebury Pink?*

— Verdade — concordou ele, permitindo que o sorriso voltasse ao seu rosto. — Bem, vou deixar você sozinha agora. Nos vemos às duas.

Depois de fechar a porta, virei-me para a janela e olhei para o jardim de camélias, suas filas de árvores elegantes com botões vistosos em tons de rosa, branco e vermelho. Um vento frio entrou pela janela, enchendo o quarto com um zumbido agudo assustador. Tremi, pensando nas camélias e em seus segredos.

Addison

A cozinheira, Senhorita Klein, parou-nos ao pé da escada. Suas bochechas estavam bem vermelhas, e ela fez um sinal para a Senhora Dilloway.

— Sinto muito incomodar vocês — desculpou-se ela. — Senhora Dilloway, tem uma ligação para a senhora.

— Acho que somos um pouco antiquados por aqui — disse a Senhora Dilloway, virando-se para mim. — Não temos telefones no andar de cima. Vou precisar atender na cozinha.

— Tudo bem — respondi, seguindo-a até o andar de baixo, e esperei por ela na sala, sentada em um sofá de veludo azul com pés de mogno esculpido, que me fazia lembrar de uma banheira antiga que tive no meu primeiro apartamento depois que terminei a faculdade; apartamento que aluguei antes de conhecer Rex na arrecadação de fundos para o Jardim Botânico de Nova York. A vida era menos complicada naquela época. Suspirei, olhando para o livro que tinha em mãos. *Os Anos*. Apoiei o cotovelo no braço do sofá e passei a mão no livro. Senti como se aquele livro não tivesse sido tocado durante décadas. Um cheiro de mofo bateu em meu nariz, mas vinha acompanhado de algo mais, algo floral e agradável. Passei pela página do título, frágil, manchada de água, e cheguei ao primeiro capítulo, intitulado simplesmente de “1880”. Li e reli a primeira linha.

“Era uma primavera incerta.”

Aquela linha ressonava comigo como se eu a tivesse lido milhares de vezes, mas eu não tinha. Deixei minha mente viajar por Nova York e pela sombra aterrorizante que me perseguia lá, quando percebi que havia algo escrito na parte de dentro da capa. Um pouco da tinta azul havia sumido, mas ainda era possível entender as palavras. As duas linhas me intrigaram. “A verdade é que sempre sabemos a coisa certa a fazer. A parte difícil é fazê-la.”

Quem era Flora? E Georgia? E o que ela quis dizer com aquelas palavras? Folhee o livro como se a resposta estivesse dentro do exemplar, e então algo que estava dentro dele caiu em meu colo. Peguei um pequeno quadrado e virei-o para olhar melhor o tesouro que eu segurava nas mãos — uma fotografia preto e branco de uma camélia variegada com uma única flor, tão deslumbrante que deixei escapar um suspiro. Antes de guardar a fotografia de volta dentro do livro, eu percebi que havia outra presa a ela. Com cuidado, separei as duas imagens e encontrei o retrato de um lindo e jovem soldado de uniforme. Ele estava ao pé de uma escada, sorrindo como se amasse a pessoa que estava atrás da máquina fotográfica; talvez a amasse muito. Reconheci o painel ao fundo. O vestíbulo da Mansão Livingston.

Ouvi passos atrás de mim e guardei rapidamente as fotografias dentro do livro.

— Ah, graças a Deus é você — disse, feliz em ver meu marido parado perto da porta.

Ele me beijou na cabeça.

— Perdi alguma coisa interessante?

— Sim. Veja o que eu encontrei.

Ele segurou o livro nas mãos e então deu de ombros.

— Olhe dentro dele — disse. — Veja a dedicatória.

— Flora?

— Sim — respondi. — Fiquei imaginando quem seria ela.

— Talvez seja a esposa do Lorde Livingston — sugeriu Rex.

— Talvez. Ou a filha dele. — Peguei a fotografia da camélia de novo e analisei-a com atenção. — Por que você acha que esta foto foi deixada aqui?

— Marcador de livro, talvez?

Sacudi a cabeça, lembrando-me da fotografia da rosa que estava pendurada acima da minha escrivaninha, em casa.

— Não. Acho que esta flor tinha algum significado para ela.

— Talvez — disse Rex, sentando-se no sofá.

Aquiesci. A luz que entrava pela janela da sala fazia os cabelos de Rex brilharem e iluminava sua pele clara e seus olhos castanhos. Ele era bonito. Às vezes, aquilo me preocupava. Era bonito demais.

— Você comprou a lâmina de barbear?

Ele pareceu um pouco confuso, mas fez um aceno de cabeça e disse:

— Ah, sim. — Ele esfregou o queixo. — Sim, comprei.

— Por que você demorou tanto? — perguntei, levantando-me. — A Senhora Dilloway disse que você estava resolvendo uns negócios na cidade?

— É, burocracia de uns negócios do meu pai — disse ele. — Ele não podia preencher os papéis lá da China, por isso precisei assinar os documentos em um cartório. — Ele apontou para a rua. — Uma pessoa os trouxe até aqui quando eu estava saindo.

— Ah — respondi, lembrando-me da mulher no conversível azul.

A Senhora Dilloway apareceu de repente na porta.

— Peço perdão pela minha intromissão — disse ela, com a voz cheia de formalidade, que não combinava com a década, ou talvez com o século. — Se quiserem me acompanhar, vou começar a visita pela casa agora.

Subimos a escada atrás dela e fiquei maravilhada com o enorme lustre de cristal pendurado no teto. Suas correntes pareciam perigosamente delicadas para o peso que suportavam. Os degraus rangiam embaixo de nossos pés enquanto subíamos para o segundo andar. No topo da escada havia a pintura de uma linda mulher. Seus cabelos loiros ondulados emolduravam seu rosto pálido como se fossem uma auréola. Na base de seu pescoço havia um medalhão. Cheguei mais perto para examinar seu desenho floral — um detalhe que podia ter me passado despercebido — e senti como se ela estivesse me observando, como se realmente estivesse olhando para mim. Aqueles olhos. Eu conhecia sua expressão. Solitária. Em apuros. Presa. Desviei meu olhar dali, mas ele voltou para a pintura. A mulher segurava uma flor na mão direita. Uma camélia rosa. Reconheci a estrutura familiar da pétala e o formato da folha. Cerrei os olhos na luz fraca. Aquilo na ponta de seus dedos poderia ser sangue? Esfreguei minhas próprias unhas. Provavelmente era só uma sombra.

— Você vem com a gente, Addison? — Rex me chamou no final do corredor.

— Estou indo — disse, endireitando-me, mas ainda sem conseguir tirar os olhos da pintura. — Espere, Senhora Dilloway, quem é a mulher naquela pintura?

Ela veio relutante até mim.

— Esta é a Lady Anna — respondeu ela, finalmente. — Era a esposa do Lorde Livingston. — A Senhora Dilloway fechou os olhos e então os abriu novamente. — Ela tinha apenas 18 anos de idade quando veio para a mansão pela primeira vez — continuou, analisando a pintura como se não tivesse se permitido olhar para ela durante um longo tempo. — As coisas não têm mais sido as mesmas desde que... — Ela virou-se rapidamente. — Vamos continuar.

Lady Anna. Eu havia sentido uma vibração no momento em que coloquei os pés naquela propriedade mais cedo, uma certa presença que pairava em cada porta que rangia, em cada vento que soprava do jardim e assobiava pelas janelas. Eu a imaginei em pé ao final do longo corredor, observando-nos, pessoas muito estranhas e modernas andando por sua casa, mexendo em seus pertences, olhando para seu retrato. O que será que ela pensava de nós, esta senhora com um medalhão em volta do pescoço e uma camélia na mão? E por que ela parecia tão triste?

— As crianças Livingston ficavam nesta ala — disse ela, apontando para um corredor escuro.

— Crianças? — perguntei. — Quantas?

— Cinco — respondeu antes de sacudir a cabeça. — Quero dizer, quatro.

Olhei confusa para Rex.

Ela parou em frente a um conjunto de portas duplas ao final do corredor. As dobradiças rangeram quando ela as abriu e olhou para Rex.

— Aquele decorador terrível da sua mãe ainda não chegou a este cômodo. — Seu rosto revelou um momento de aconchego. — Está exatamente como as crianças o deixaram. — A Senhora Dilloway parecia satisfeita. — Eles passaram muitos momentos felizes aqui.

Fui até a estante e examinei os livros que estavam lá. Quando eu era menina, eu sonhava em ter pilhas de livros a minha disposição — histórias para me perder, outros mundos para viver, pois o meu era muito desolador. Era por isso que eu ia para a biblioteca todos os dias depois da escola — por isso e porque normalmente não havia ninguém esperando por mim em casa.

Suspirei, passando minha mão pelos livros, mas senti a apreensão da Senhora Dilloway e por isso dei um passo para trás. Tive a sensação de estar passeando por um museu, do qual ela cuidava sozinha.

— Podemos continuar? — perguntei, ansiosa por entrar no cômodo.

— Veja isto! — exclamou Rex, chamando-me para ver um brinquedo na parede. Ele segurava um pequeno avião. Sua pintura vermelha já havia sido corroída fazia bastante tempo. — Este é um daqueles modelos antigos de corda — disse ele. — Um amigo meu tem uma coleção destes aviões. São raros. Devem valer uma fortuna.

A Senhora Dilloway olhou para o avião de maneira protetora até ele colocá-lo de volta na prateleira de brinquedos.

— Ele era do Lorde Abbott — explicou ela. — Um dos filhos do Lorde Livingston. — Ela se virou e andou até a porta, o que era

uma dica para que nós a seguíssemos.

— Falei alguma coisa errada? — sussurrou Rex para mim.

Encolhi os ombros e fomos rapidamente até o corredor, atrás da Senhora Dilloway.

— A ala dos hóspedes fica naquela direção — disse ela. — Era onde os visitantes ficavam quando os Livingston abriam as portas da mansão. — Agora — continuou ela —, preciso ir ver as cortinas do terceiro andar. Aquele decorador infernal instalou-as na semana passada e elas são tão finas que receio que a luz destrua as pinturas do Lorde Livingston.

Eu me virei para segui-la, segurando-me no corrimão, mas a Senhora Dilloway colocou sua mão gelada em cima da minha.

— Não tem nada de importante lá em cima. Vejo vocês dois à noite — disse ela em tom desdenhoso.

Depois que ela foi embora, Rex virou-se para mim.

— Isso foi estranho.

Concordei com a cabeça.

— Addie — sussurrou ele —, ela fala sobre o Lorde Livingston como se ele ainda estivesse vivo.

Flora

A Senhora Dilloway recebeu-me na sala principal.

— Olá, Senhorita Lewis — disse ela da porta. Será que ela era realmente a arrumadeira? Ela não parecia ser muito mais velha do que eu. Seu cabelo castanho-claro estava preso em um belo coque, sem um único fio de cabelo para fora. Seu semblante, com maçãs do rosto salientes e boca suntuosa, transmitia mais sabedoria do que ela poderia ter com sua idade. Havia algo de formal nela, e ainda assim alguma suavidade também. Fiquei imaginando que poderíamos ser amigas.

— Olá — disse.

Ela sorriu para mim curiosa.

— Você esperava outra pessoa?

— Não, não... — gaguejei. — É só que, bem...

— Eu sei o que você está pensando — disse ela com um leve sorriso. — Sou um pouco jovem para ser a chefe das arrumadeiras de uma casa tão grande. Mas posso garantir-lhe que faço muito bem o meu trabalho, Lady Anna, que Deus a tenha, não deixava ninguém mais cuidar das coisas.

— Claro — concordei. — Não tenho a menor dúvida disso.

A expressão da Senhora Dilloway se tranquilizou, uma tentativa de boa-fé para amenizar nosso começo estranho.

— Bom — disse ela. — Estou aliviada por você finalmente ter chegado. Tenho certeza de que não sobrevivo a mais um dia cuidando das crianças. — Ela sorriu novamente e virou-se para a escada. — Receio que não será um trabalho muito fácil.

A luminária em cima de nossas cabeças começou a balançar, e foi quando ouvimos o barulho de passos descendo as escadas. Coloquei a mão na mesa lateral para me apoiar.

— Parecem um bando de rinocerontes — falei, nervosa.

— Rinocerontes seriam mais fáceis — disse ela baixinho. — Crianças! — gritou ela enquanto as crianças desciam as escadas. — Vocês sabem que seu pai não permite que vocês corram pela casa! E, Senhor Abbott, desça já desse corrimão.

Um garoto loiro olhou de soslaio.

— Senhor Abbott — continuou a Senhora Dilloway —, por favor, venha conhecer a sua nova babá, a Senhorita Lewis.

— Nós não queremos outra babá! — berrou outro garoto, esse mais novo e de cabelo escuro, atrás do irmão.

— Senhor Nicholas — disse a Senhora Dilloway —, não fale assim sobre a Senhorita Lewis, que fez uma longa viagem para vir conhecer vocês. Por favor, seja educado e diga oi a ela.

Nicholas colocou a língua para fora e sentou-se em uma poltrona perto da janela.

— Não vou dizer oi a ela. E você também não pode me obrigar a fazer isso!

A Senhora Dilloway lançou-me um olhar complacente.

— Senhorita Katherine e Senhorita Janie? — Uma jovem de cabelos escuros e olhar sério apareceu, com uma criança de cabelos claros logo atrás, segurando uma boneca velha na mão. — Vocês podem cumprimentar a Senhorita Lewis?

Eu me ajoelhei em frente às garotas e sorri.

— Olá — cumprimentei a mais velha. — Quantos anos você tem?

— Tenho 10 anos — disse ela. — E a Janie tem 2. — Ela suspirou descontente. — E você não é a nossa mãe.

— Vou deixar vocês sozinhos — disse a Senhora Dilloway, sorrindo para si mesma enquanto saía pela porta.

Abbott continuou com os braços cruzados.

Eu me levantei e fui até o sofá.

— Eu vim até aqui para cuidar de vocês e espero que possamos ser amigos — disse, nervosa.

Eu detestava fingir para aquelas crianças, principalmente depois do que elas tinham passado e sabendo que eu não ficaria muito tempo ali. Mas eu precisava da ajuda delas para encontrar a camélia no jardim.

— Vocês acham que podemos ser amigos?

— Eu não gosto de ser amigo de garotas — disparou Nicholas.

— Nem eu — acrescentou Abbott.

Cruzei os braços e suspirei. O relógio do velho avô na parede fazia tique-taque.

— Tudo bem — respondi. — Entendo.

— Eu sou sua amiga — disse a pequena Janie com a voz doce, quebrando o gelo do silêncio. Ela veio até mim e sentou-se em meu colo, passando uma mão gorducha no meu rosto. Não consegui evitar um sorriso.

— Obrigada — disse para a garotinha.

Katherine deu de ombros, com um olhar irritado.

— Janie não sabe o que está falando — bufou ela. — Ela é só um bebê.

— Não — protestou a pequena. — Sou uma menina crescida.

— A Katherine está certa — acrescentou Nicholas. — A Janie nem se lembra da mamãe.

Janie olhou para mim e então para o seu colo, cabisbaixa.

— Tudo bem, querida — sussurrei antes de me virar para as crianças mais velhas. — Como vocês já devem saber, eu sou americana. Lá nós somos um pouco menos formais, por isso preciso perguntar a vocês: devo chamá-los de Lady e Lorde? Não quero desrespeitá-los, mas, bom, isso soa

tão rígido e formal... E, afinal, vocês são crianças.

— Bom, eu detesto esse título — disse Abbott, finalmente descruzando os braços.

— Eu também — disse Nicholas, parecendo aliviado e então pensativo por um momento. — Será que, em vez de usar o título, você pode me chamar de Nicholas, o Grande? Li sobre o personagem de uma história em quadrinhos que tem esse nome.

— Então vai ser Nicholas, o Grande — falei, sorrindo.

— Você pode me chamar de Lady Katherine — disse Katherine, incomodada. — E nós não precisamos de uma babá. Podemos cuidar de nós mesmos.

Abbott sorriu.

— Foi o Senhor Beardsley quem contratou você, não foi?

— Sim — respondi. — Foi ele.

— O Senhor Beardsley é um velho trouxa do mal! — exclamou Nicholas, cruzando os braços.

— Agora, Nicholas — disse, tentando com todas as minhas forças segurar uma risada. — Quero dizer, Nicholas, o Grande. — Seu sorriso revelou que ele estava banguela. — Acho que não é muito legal chamar o Senhor Beardsley de — coloquei a mão na boca, mas meu gesto não conseguiu conter a risada que escapou — trouxa.

Nicholas sorriu.

— Você também acha que ele é um trouxa, não é?

A sala ficou em silêncio na expectativa da minha resposta. Olhei para trás para ver se a Senhora Dilloway estava por perto; ela não estava. Sorri e olhei de volta para as crianças.

— Acho que podemos dizer que ele tem uma ou duas qualidades de um trouxa.

As crianças riram — todas, menos Katherine, que franziu a testa, ocupando-se com as fitas de seu cabelo.

Janie, sentada em meu colo, olhou para mim.

— Trouxa — disse ela, dando uma risada.

Sorri. Aquilo não seria fácil, mas até aquele momento, tudo bem.



— As crianças tomam o chá às três — disse a Senhora Dilloway na ala dos empregados naquela tarde. — Nicholas e Abbott têm aula de equitação logo depois disso, e Katherine e Janie têm aula de piano. As aulas são uma chatice para Katherine, que preferia fazer aula de equitação com os irmãos.

Balancei a cabeça enquanto ela caminhava para fora da ala dos empregados.

— Se você não se incomodar com minha pergunta, por que ela não pode fazer aula de equitação com os irmãos? — perguntei para Sadie, que estava sentada ao meu lado.

Ela suspirou.

— Lorde Livingston não deixa. Não permite desde que Lady Anna morreu.

Baixei meu tom de voz.

— Ela morreu em um acidente com cavalos?

— Não, não — respondeu Sadie. — Ah, se tivesse sido em um acidente com cavalos... — Ela segurou um rosário que tinha em volta do pescoço e suspirou. — Desde que ela morreu, Lorde Livingston não é mais o mesmo.

— Como assim?

Sadie olhou para a esquerda e depois para a direita, como se estivesse preocupada que as xícaras e os armários tivessem ouvidos.

— Ele está louco, agora — disse ela. — Fechado. Bom, acho que ele sempre foi, mas agora é diferente, é muito pior. Eu diria que, no dia em que ela morreu, as crianças perderam a mãe e o pai. Ele quase não lhes dá atenção. É uma pena.

Eu me aproximei de Sadie.

— Como foi que ela morreu?

Ela deu de ombros.

— Na verdade, ninguém sabe. Encontraram o corpo dela. — Ela parou, baixando a voz até virar um sussurro. — Lá no jardim.

Cobri minha boca.

— Isso é terrível. Acho que Lorde Livingston a amava demais.

Sadie parecia estar em conflito. Ela mordeu seu pão e não terminou de mastigar antes de falar.

— Acho que é até possível dizer isso, mas ela não era feliz aqui, a Lady Anna. Nunca foi. Ela nunca gostou do isolamento. Ela sentia saudade dos Estados Unidos. É claro que Lorde Livingston tentou fazê-la feliz. — Ela fez um gesto em direção à janela. — Ele trouxe cada planta, árvore e arbusto que se possa imaginar. Os raros também. Você devia ter visto os jardineiros desfilando por aqui com flores trazidas das profundezas da floresta amazônica. — Ela suspirou. — E aquele jardim. Ele a ajudou a encontrar todas as camélias. Nossa... ela amava as camélias. Eles não economizavam nem um centavo quando se tratava dos jardins de Lady Anna. Mas, sabe, eles nunca conseguiram deixá-lo como os jardins dela nos Estados Unidos. — Sadie balançou a cabeça. — Nunca vou me esquecer de seu rosto um dia quando ela recebeu uma carta dos Estados Unidos. Pensei que seu coração fosse se partir bem ali.

— Ela não ia para lá visitar as pessoas?

Ela sacudiu a cabeça.

— Lady Anna era de uma família rica. Pelo que sei, Lorde Livingston precisava de uma fortuna para salvar a mansão. E o pai de Lady Anna a queria o mais longe possível de Charleston.

— Por quê?

— De acordo com os boatos, ela se apaixonou por um garoto pobre que não condizia com a situação dela. Então eles a mandaram para a Inglaterra. Mas o que Lorde Livingston não percebia é

que não é possível manter uma esposa, um ser humano, embaixo de sete chaves. Nem mesmo na companhia das flores mais raras do mundo. Ela sentia falta de sua vida em Charleston, mas Lorde Livingston não dava ouvidos a ela. E, depois que as crianças nasceram, seu destino estava selado. Ela não poderia ir embora. Acho que isso acabou com ela.

— Não é de admirar o fato de as crianças serem tão problemáticas — falei, balançando a cabeça.
— Pelo que elas devem ter passado!

Sadie concordou.

— Você disse que eles a encontraram no jardim?

— Sim — continuou ela. — Ela e Lorde Livingston tiveram uma briga naquela manhã. Uma briga feia. Sei disso porque eu estava lavando o chão do lado de fora da sala de estar. Ela saiu correndo, e pude ver que estava chorando. Ela tomou seu chá no terraço com aquele jardineiro péssimo, o Senhor Blythe, e então saiu para andar pelos jardins. Eles a encontraram lá naquela noite.

— O que aconteceu? — Respirei fundo.

— Ninguém sabe — disse Sadie baixinho. — Mas nunca aceitei bem essa história. Lorde Livingston despediu o Senhor Blythe na hora. — Ela suspirou. — Só o nosso bom Senhor Jesus sabe o que aconteceu naquele jardim — continuou ela. — Pobre Lady Anna, ela...

— Já chega, Sadie — disse a Senhora Dilloway postada à porta.

Há quanto tempo ela estava ali em pé? Nenhuma de nós percebera sua presença.

— Sim, senhora — disse Sadie rapidamente, com as bochechas ficando rosadas. — Eu só estava contando à Senhorita Lewis sobre...

— Sim, eu sei o que você estava contando para a Senhorita Lewis. Coisas que não deveriam ser ditas — disse ela. — Agora é hora de começar a arrumar os quartos. A roupa suja já está pronta para ser recolhida. Cuide disso, por favor.

— Sim, senhora — respondeu Sadie, ficando em pé imediatamente.

A Senhora Dilloway me olhou com repreensão e então se virou de costas.



— Como é a América? — perguntou Sadie na ala dos empregados, mais tarde naquele dia.

Não era bem uma ala, mas era como eles a chamavam. A sala continha uma mesa longa com um banco em um lado e cadeiras no outro.

— Ah, é legal, eu acho — respondi.

— Nunca gostei muito dos americanos — disse a Senhora Marden, olhando para mim. — Mas gosto do sotaque. Lady Anna tinha uma maneira igual de falar. — A cozinheira franziu a testa como se estivesse se lembrando de algo desagradável. — Acho que não comem ensopado nos Estados Unidos.

— Não entendi sua observação — falei, confusa.

— Você mal tocou no seu almoço hoje — acrescentou ela com um sorriso.

— Desculpe-me. Tenho estado sem muito apetite desde que saí de casa.

A cozinheira era uma mulher grande, tanto em altura quanto em largura. Ela tinha cabelo grisalho curto e, quando sorria, o que não acontecia com muita frequência, revelava um dente da frente torto.

— Se você não gosta da minha comida, pode dizer. Não tem por que enrolar.

— Não tive essa intenção, senhora — disse, enrubescendo. Para compensar, aponte para a tábua de pão em cima da mesa. — Aquele pão ali está bem bonito.

A Senhora Marden ergueu as sobrancelhas.

— E como você sabe disso?

— Eu conheço pães — respondi. — Cresci em uma padaria.

— Ai, ai — disse ela, como se meu comentário tivesse atizado fogo à discussão. — A filha de um padeiro veio morar na Mansão Livingston.

A Senhora Dilloway pigarreou.

— Senhora Marden, talvez ela possa dar algumas dicas sobre seus bolos.

A cozinheira sorriu e virou-se para sua tigela.

Um homem grande com cabelo escuro e um pomo de adão proeminente apareceu na porta da sala dos empregados. Ele era tão alto que tinha de se abaixar para passar pela porta. Observei até ele parar na bacia perto da janela para lavar as mãos antes de juntar-se a nós na mesa. Ele olhou para cima ao pegar o sabão e nossos olhos se encontraram, mas ele se virou sem sorrir. Água bastante suja escorria de suas mãos.

— Senhorita Lewis, este é o Senhor Humphrey, o motorista do Lorde Livingston — disse a Senhora Dilloway quando o homem se sentou à mesa, servindo-se de um pedaço de pão. — Senhor Humphrey, a Senhorita Lewis é a nova babá.

Ele balançou a cabeça.

— O que você achou delas?

— Como? — perguntei.

— Das crianças — respondeu ele, passando manteiga em um pedaço grosso de pão, com a mão bem firme. Ainda havia sujeira embaixo de suas unhas.

— Ah, sim. Espero que eles me acolham bem, depois de tudo o que passaram.

Ele resmungou alguma coisa entre suas mordidas e depois tomou um gole de chá.

— Fique atenta com o mais velho — disse ele. — Aquele garoto é endiabrado, escute o que estou dizendo.

— Acho que eu não diria isso — repliquei.

— Bem — ele pigarreou. — Diga o que você quiser, mas aquele garoto é a encarnação do diabo.

— Senhorita Lewis — interrompeu a Senhora Dilloway —, o Senhor Humphrey só está chateado porque ele acha que Abbott furou o pneu do carro na semana passada.

— E por que ele pensa isso?

O Senhor Humphrey encostou-se em sua cadeira.

— Conheço uma cara de culpado ao me deparar com ela — disse ele. — Além disso, você deveria ter visto o sorriso dele quando precisei trocar o pneu.

— Talvez tenha sido só um mal-entendido — falei. — Talvez seu irmão e suas irmãs também estejam sendo mal interpretados. Afinal, acabaram de perder a mãe.

O silêncio tomou conta da sala, e senti minhas bochechas ficarem rosadas.

— Senhorita Lewis — a Senhora Dilloway começou a falar —, se está sem apetite, por que não vem comigo conhecer a casa?

Balancei a cabeça, concordando.

— Isso seria ótimo, obrigada.

Subimos as escadas até chegarmos à porta que leva ao vestíbulo. A Senhora Dilloway foi direto até um candeeiro de ouro pendurado na parede e limpou-o com sua manga.

— Ah, Sadie... — bufou ela. — Ela sempre se esquece destes acessórios. — Ela deu um passo para trás para examinar a peça e então franziu a testa. — Lorde Livingston não gosta de ver marcas de dedos.

Olhei pelo hall, aberto para três andares. As paredes eram revestidas de painéis de madeira e decoradas com pinturas de pessoas caçando raposas e andando a cavalo, além de outros cenários da vida no campo na Inglaterra nos séculos passados. Pensei em Desmond repentinamente, imaginando se ele vinha de um lugar como aquele.

— É impressionante, não é? — disse a Senhora Dilloway toda orgulhosa.

— Ah, sim — respondi.

— Eu me lembro do meu primeiro dia aqui. Eu nunca tinha visto nada tão bonito em minha vida.

— Posso entender o porquê — disse, maravilhada com o espaço. — É tão diferente do lugar de onde eu vim.

— Você vai acabar adorando este lugar, assim como eu — disse a Senhora Dilloway com confiança.

Olhei para uma pintura de um homem de aparência dura, com um cão sentado aos seus pés. Pensei em papai com seu sorriso fácil e bochechas rosadas.

— Como é o Senhor Livingston, quero dizer, hã, Lorde Livingston?

A Senhora Dilloway olhou para a pintura com carinho.

— Ele é um homem complicado — disse ela. — Ele...

A porta da frente abriu-se e um grande labrador amarelo entrou. Seu pelo claro estava todo coberto de lama. Ele abanou o rabo e soltou uma bola de borracha em meus pés. Um minuto depois, Abbott e Nicholas apareceram timidamente, com as calças sujas de lama.

— Senhor Abbott! Senhor Nicholas! — repreendeu a Senhora Dilloway. — Onde vocês estavam?

— Só fomos levar Ferris para passear no jardim de rosas, senhora — disse o garoto mais velho.

— Meninos, seu pai proibiu vocês — continuou ela. — Por que vocês têm que desobedecê-lo?

— Foi culpa do Ferris — disse Nicholas. — Ele fugiu. Precisávamos ir atrás dele.

A Senhora Dilloway tirou uma pétala rosa que estava presa na lama da camisa de Abbott. Era grande demais para ser uma pétala de rosa.

— Vejo que vocês não estão sendo sinceros comigo — disse ela, olhando para a pétala. — Vocês foram para o jardim, não foram?

O jardim.

Eles balançaram a cabeça, sentindo-se culpados.

— Senhor Abbott, o senhor tem 12 anos. O senhor sabe bem. Agora, suba e tome um banho. Você também, Senhor Nicholas. Só temos tempo para vocês tomarem banho e limparem este hall antes do jantar. Vocês têm muita sorte pelo fato de a Senhorita Lewis e eu termos coração bom e não contarmos nada para o seu pai. Agora, subam.

Os garotos desapareceram pelas escadas, e a Senhora Dilloway suspirou.

— Vou pedir para o Senhor Humphrey lavar o Ferris — disse ela. — Se ele insiste em ter um cachorro, ele deve cuidar dele. Eu disse a Lorde Livingston que ter um cachorro era uma má ideia, mas o Senhor Humphrey convenceu-o do contrário. — Ela suspirou. — Você pode olhar os garotos. Certificar-se de que eles lavam atrás das orelhas e de que suas roupas estejam prontas para o jantar. Vou apresentar você a Lorde Livingston às seis da tarde, na sala de jantar. Os empregados não comem com a família, com exceção da babá.

— Sim, senhora — disse, subindo as escadas.

No topo da escada havia um lençol branco cobrindo um objeto que tinha sido apoiado contra os balaústres. Levantei a ponta e me deparei com uma pintura de uma mulher segurando uma flor rosa. Seus olhos tristes penetraram os meus e fiquei maravilhada com a emoção que o artista havia capturado com o pincel. Ela parecia gritar “Por favor, ajude-me!”. Estremeci e coloquei rapidamente o lençol de volta sobre a tela antes que alguém me visse.

Addison

— Vai ter um show no parque da cidade hoje à noite — disse Rex naquela tarde. — Você quer ir?

— Você está me convidando para sair? — perguntei, sorrindo.

— Estou — respondeu ele com um grande sorriso.

Usamos o antigo Rolls-Royce, estacionamos o carro na rua e caminhamos até o parque. Havia mesas montadas em frente a um pequeno palco, onde casais, jovens e idosos estavam sentados com canecões de cerveja, sorrindo, conversando e sussurrando coisas um no ouvido do outro.

— Encontre uma mesa para nós — disse Rex, dando um beijinho em meu rosto. — Vou pegar as cervejas.

Escolhi uma mesa à direita e sentei-me. Enquanto eu esperava que Rex voltasse, percebi um casal mais velho sentado a uma mesa ali perto. Eles estavam de mãos dadas e olhavam nos olhos um do outro, parecendo falar uma língua que só eles entendiam.

— Para você — disse Rex, colocando uma caneca de Amber Ale a minha frente.

Um pouco do colarinho havia escorrido pela lateral. Lambi a caneca.

Rex tomou um gole e então sentou-se em sua cadeira.

— Então, eu estava pensando... — disse ele. — Em um romance, será que o vilão seria do tipo da governanta reservada?

— Tipo a Senhora Dilloway?

Ele balançou a cabeça.

— Ou alguém misterioso, tipo aquele cara sentado ali. — Ele apontou para um homem mais velho usando um terno preto que estava sentado do outro lado do parque. Havia um labrador chocolate sentado aos pés dele.

— Não, nunca o cara com o cachorro — falei. — Os cães revelam a bondade de uma pessoa.

— Não se o cão estiver lá para distrair a atenção do leitor — disse Rex. — Uma maneira de fazer o personagem parecer bom.

— Você pode ter um pouco de razão aí — disse, tomando mais um gole. — Então você está pensando em acrescentar mais um personagem ao seu romance?

— Talvez — respondeu ele um pouco enigmático. — Mas eu tenho uma ideia.

— Qual?

Ele se aproximou.

— E se eu começar de novo, escrevendo um mistério sobre o assassinato de uma família em uma antiga mansão, exatamente como a em que estamos hospedados? Um mistério que perdura por gerações.

— Acho uma ideia brilhante — respondi.

Rex apoiou o queixo nas mãos e sorriu. Eu adorava quando ele olhava para mim daquela maneira, como se a órbita da Terra dependesse da minha aprovação.

— Você me ajuda?

— Querido, você é quem entende as palavras — falei.

— Mas você é muito boa em montar a história — continuou ele. — Lembra como você me ajudou a pensar na reviravolta da narrativa, quando o personagem foi embora de Nova York...

— E percebeu que havia deixado para trás o amor de sua vida?

Rex balançou a cabeça, confirmando.

— A história não teria sido a mesma sem aquela cena.

Encolhi os ombros.

— Eu só sabia que eles tinham nascido um para o outro, só isso. Os leitores o detestariam se você os tivesse separado.

— É só isso — disse Rex. — Você percebeu isso. Eu, não.

— Bem... — concordei modestamente. — Bom, acho que todos aqueles anos lendo Nancy Drew tiveram resultado, isso ou minha paixão por séries românticas.

— Você tem um sexto sentido para essas coisas. E acho que, com sua ajuda, este pode ser “o” romance.

Apertei sua mão.

— Então, estou com você.

A banda subiu ao palco e observei enquanto o homem mexia na corda de seu violão.

— Quer mais uma cerveja? — perguntou Rex.

— Sim.

— Volto já — disse ele, pulando de sua cadeira.

Observei enquanto ele desaparecia na multidão a caminho da tenda da cerveja. O sol já havia se posto, e as velas nas mesas proporcionavam um brilho alaranjado e caloroso para o ambiente. Admirei a antiga tília ao longe. Acompanhei a curva de seus galhos com os olhos, e foi então que percebi uma pessoa esconder-se atrás do tronco da árvore. Meu estômago se estreitou. Não, não pode ser ele... Ou pode? Procurei em meio à multidão desesperadamente até que vi Rex voltando com uma cerveja em cada mão e com um sorriso que fez meus medos desaparecerem.



Na manhã seguinte, Rex foi para a sala de estar com uma pilha de livros que havia encontrado no quarto, incluindo um sobre a moda das senhoras na Inglaterra, antes da guerra.

— Você sabe que vai direto para a seção de lingerie — falei, sorrindo.

— Espere aí, tem uma seção de lingerie? — perguntou ele, brincando.

Peguei o livro dele e fui até o fim, para uma página que detalhava os vários tipos de anáguas da época.

— Para a sua diversão — disse, colocando o livro em seu colo.

Rex sorriu.

— Acho que eu tinha alguma coisa diferente em mente quando você disse “lingerie”.

Eu queria tirar uma foto de seu rosto naquele momento. O sorriso de menino. Aquele olhar que eu adorava, de alegria. Será que ele não conseguia enxergar? Não precisávamos de crianças para nos completar. Já éramos completos. Eu tinha minhas flores e plantas, e ele tinha sua escrita. Aquilo não era suficiente? Ele não amava o refluir de nossa vida juntos da maneira como era? A maneira como eu voltava correndo para casa, para o jantar, com uma cesta cheia de vegetais e uma porção de ervas de um jardim que estava planejando, louca para ler o que ele havia escrito naquele dia. Será que ele não adorava, assim como eu, as manhãs silenciosas que passávamos em nosso jardim, tomando um café expresso e discutindo nossa última aventura no mercado das pulgas no Queens ou em um antiquário em Connecticut? Uma vez, compramos uma cômoda enorme pintada para um Roadshow sobre antiguidades e acabamos descobrindo que a peça havia sido fabricada na China. Sorri ao me lembrar daquilo.

Rex colocou o livro de lado e olhou para mim.

— Então, digamos que eu crie um mistério bem aqui nesta mansão — disse ele. — Um livro totalmente novo. Quais seriam os personagens?

— Bem, o arrogante Lorde da casa, claro, e sua mulher, triste e misteriosa.

Rex digitou algumas notas em seu computador.

Olhei pela janela, para o jardim, e além.

— Talvez ela passasse as horas nos jardins por causa de sua tristeza? Talvez as flores lhe trouxessem uma sensação de paz.

— Estou gostando — disse Rex. — E a governanta... ela está planejando alguma coisa. Talvez ela tenha uma queda pelo Lorde?

— Talvez — falei. — Pode ter outros personagens também. Tipo as crianças na escola. Os outros empregados da casa. — Olhei para o exemplar de *Os Anos* que eu havia deixado na mesa lateral. — E então tem a Flora.

Rex pareceu momentaneamente confuso.

— Flora?

— Sim. Encontrei seu nome bem aqui neste livro.

— Quem é ela? — perguntou Rex.

— Eu não sei. Mas eu gostaria de descobrir.

— Eu também — disse ele, voltando a olhar para seu computador.

Ouvi um barulho do lado de fora.

— O vento está aumentando — disse ele.

Fui até a janela e olhei para fora, onde os grandes pingos de chuva caíam.

— Que chato... Estava querendo ir com você até os jardins hoje.

— Talvez o tempo melhore à tarde.

— Espero que sim — disse, pegando o exemplar de *Os Anos*. — Acho que vou subir um pouco e deixar você fazer sua pesquisa.

Da escada, olhei para o corredor que levava à ala oeste, onde ficavam as crianças. Eu quase podia ouvir as risadas delas do século passado. Será que elas tinham sido felizes ali? Como poderiam não ter sido felizes com aquela casa de boneca, todos aqueles brinquedos e a estante cheia de livros?

Eu me virei em direção à ala leste, onde havia uma porta dupla de mogno à direita. Eu não havia reparado naquele cômodo antes; a Senhora Dilloway não tinha nos apresentado a ala leste quando nos levou para conhecer a mansão. Eu me aproximei, olhando para os lados antes de colocar a mão na maçaneta. Virei-a devagar, sem saber se a porta estava trancada. Para minha surpresa, não estava.

A porta rangeu um pouco enquanto eu a abria e passava pela soleira. Do lado de dentro, o ar era frio, e tremi quando consegui enxergar o cômodo. Desejei que Rex estivesse ali ao meu lado. As cortinas estavam fechadas, mas eu podia ver, mesmo com a luz fraca, que aquele quarto pertencera a uma mulher — a uma mulher bastante importante. Não havia nenhum fio fora do lugar na colcha floral rendada em cima da cama, e um grande armário na parede oposta estava aberto, revelando uma variedade de vestidos pendurados dentro dele.

Fui até a penteadeira e examinei as escovas e o espelho com as letras AML cravadas nele. Será que este era o quarto particular de Lady Anna? Eu me olhei no velho espelho, que tinha uma rachadura pontiaguda no meio. Será que Lady Anna havia olhado sua imagem neste mesmo espelho no dia em que morrerá? Toquei a rachadura.

Ainda conseguia ouvir o barulho da chuva do lado de fora. Ela batia no vidro da janela. E, enquanto uma rajada de vento entrava pelas frestas da janela, um aroma floral distinto penetrou meu nariz — o inebriante aroma almiscarado de lilás, talvez — como se houvesse alguém em pé atrás de mim, uma mulher que havia acabado de passar perfume no pescoço. Meu coração batia acelerado no peito quando me virei, e foi então que notei um vaso de flores na cômoda. Peônias frescas e alguns ramos de lilás roxo estavam arrumados em um grande vaso de cristal. Será que a Senhora Dilloway os tinha deixado ali? Por quê? Para quem?

Fui até a cômoda para olhar mais de perto e vi um livro em cima de um pano de renda. Maior que um diário, parecia ser um caderno de recortes ou um tipo de álbum, com várias coisas dentro dele. Abri a primeira página e cerrei os olhos para ler o que estava escrito à mão: “As Camélias da Mansão Livingston; Compilado por Anna Livingston”.

Arregalei os olhos. Dentro do livro havia dezenas de botões. Desbotado e com a espessura de um papel, cada botão havia sido colado em uma página com anotações escritas à mão sobre sua data e origem, com detalhes sobre o plantio e informações sobre os cuidados a se tomar com as plantas. Ao lado do botão da “Petelo Camellia”, Lady Anna havia escrito: “Edward me surpreendeu com esta pequena árvore em meu aniversário. Ela veio do Vietnã, onde foi encontrada em uma floresta ao pé de uma montanha. Suas pétalas amarelo-brilhantes me alegraram imediatamente. Ela me lembrou de uma que vi em uma estufa em Charleston, muitos anos atrás”.

Então Lorde Livingston trazia camélias raras para animá-la. Por que ela precisava ser animada? Fiquei fascinada com a variedade de camélias no livro. Vermelhas, rosa, brancas. Híbridos variegados. Camélias do mundo todo.

Prestei atenção particular às notas nas beiradas de cada página. “Não recebeu luz do sol suficiente na parte norte do jardim. Foi movida para a parte oeste, onde o solo é melhor. Mais drenagem.” De repente surgiu um padrão peculiar. Em cada canto superior direito havia uma série de números. Voltei para a página da Petelo e analisei o código: 5:3:31:2:1. Abaixo estava escrito “L. sussex Hertzberg”. Provavelmente, código de taxonomia botânica. Mas essas palavras não se referiam a esta camélia, ou a qualquer camélia que eu conhecia.

Li o livro até chegar à última página, que havia sido rasgada. A única prova de sua existência era a parte remanescente. Quem teria pegado aquela página? Por quê? O livro de Anna havia sido criado meticulosamente. Ela certamente não havia rasgado a página.

Ouvi passos na escada do lado de fora e corri até o corredor, fechando a porta com cuidado. Enfiei o livro embaixo do braço enquanto andei até a escada, e foi nesse momento que quase trombei com a Senhora Dilloway.

— Senhora Sinclair — disse ela, ajeitando os caules das rosas que trazia nas mãos. — Posso... ajudá-la?

— Sim — gaguejei, tentando esconder o livro dela. — Quero dizer, não. Estou bem.

— Tudo bem — disse ela com um tom desconfiado em sua voz.

Voltei correndo para o quarto e fiquei feliz ao encontrar Rex sentado na cama.

— Aí está você — disse ele, tirando os olhos de seu livro.

— Eu estava na ala leste — falei, sentando-me ao lado dele. — Encontrei um quarto.

— É?

Ele ficou curioso.

— Entrei nele. Estava aberto. Rex, foi a coisa mais estranha. Deve ser o quarto de Lady Anna. A Senhora Dilloway o mantém como se ela ainda estivesse viva. Todas as roupas dela, todas as suas coisas. Até flores frescas no vaso.

— Nossa... isso é assustador — disse ele.

— Eu sei. — Coloquei o livro das camélias em cima da cama. — Veja o que eu encontrei.

— O que é isto? — perguntou ele, pegando o livro.

— Ela registrava tudo sobre todas as camélias da propriedade, com as anotações mais estranhas. E está vendo a última página? Foi rasgada.

Rex analisou o livro por um momento e então encolheu os ombros.

— Será que uma das camélias morreu e por isso ela não quis guardar a página?

Sacudi a cabeça.

— Não, algumas das outras camélias morreram em uma tempestade de neve em 1934 — disse. — Veja, olhe esta. Está escrito bem aqui nesta página. Esta é diferente.

Ele coçou a cabeça e então franziu a testa como se estivesse tendo uma ideia.

— E se isso for um tipo de código?

— Era isso o que eu estava pensando. Sabe, isso tudo pode virar um romance fantástico.

Rex sorriu para mim.

— Obrigado — agradeceu ele.

— Por quê?

— Por acreditar em mim. Você sabe que meus pais detestam essa história de eu escrever romances. Eles querem que eu volte para a empresa de investimento.

— Mas você ficava péssimo naquele emprego — disse.

Contudo, a felicidade de Rex não estava exatamente no topo da lista de prioridades de seus pais. Na visão deles, um executivo de sucesso combinava com o nome Sinclair; um escritor, não.

— Bem, vamos ver o que eles vão dizer quando você entrar para a lista de best-sellers do *The New York Times*.

Rex sorriu.

— Já quase acabamos com todas as nossas economias — disse ele. — Acho que vou ter de pensar em um plano B se essa história de livro não der certo. — Ele encolheu os ombros.

Sacudi a cabeça.

— Não. Espere mais um pouco. Meu negócio está começando a dar certo. E... — Parei de falar para escolher minhas palavras com cuidado. — Seus pais sempre poderão nos ajudar se precisarmos.

— Não vou aceitar o dinheiro deles — replicou Rex.

Aquela era uma questão complicada para ele. Depois que compraram a casa para nós em Nova York, passou a haver algumas implicâncias. Meu pai costumava me dizer “Trouxe você para este mundo e posso levá-la embora”. Mas para os pais de Rex era mais como “Eu dei a você uma vida de privilégios e posso tirá-la de você”. Eles tinham boas intenções, claro. Mas havia expectativas de que visitássemos a família no Natal e na Páscoa, e também no aniversário da avó dele. Isso era contornável, eu acho. No entanto, quando sua mãe sugeriu que ele se convertesse à Igreja Anglicana (ela até mandou um cartão de membro pelo correio, parcialmente preenchido com meu nome no topo), foi demais para ele.

— Não vou deixar que eles nos ajudem — disse ele orgulhoso. — Sei que posso parecer idealista, mas quando tivermos filhos... Quero dizer, se tivermos filhos, quero que eles saibam que seus pais trabalharam para conseguir o que têm.

Olhei para meus pés.

— Rex, eu achei que tínhamos decidido...

— Decidido o quê?

Suspirei.

— Que não íamos falar sobre isso por enquanto.

— Não consigo, Addie. Eu quero ter filhos com a mulher que eu amo. Não posso negar isso. E não quero agir como se isso não importasse para mim.

Eu me levantei e andei até a janela, meu coração batendo acelerado.

— Queria que você me contasse — disse ele.

Eu me virei.

— Contasse o quê?

Seus olhos pareciam cheios de preocupação.

— O que você está escondendo de mim. Às vezes, fico observando você enquanto dorme, e acho que, se eu ficar te olhando por bastante tempo, vou conseguir ler sua mente.

Já havíamos tido essa conversa várias vezes antes, claro. E eu havia conseguido acalmá-lo todas as vezes. Eu dizia a ele coisas que o faziam sentir-se melhor, dizia que o problema não era ele, mas eu. Que eu não conseguia me enxergar como mãe e achava que nem todas as mulheres nascem para ser mães. No entanto, quando eu olhava nos olhos dele, sabia que ele não estava convencido. Eu sei que ele acreditava que havia mais coisa ali. E havia.

Eu me virei. Eu não podia continuar olhando para ele com medo de que meus olhos revelassem a mágoa, a dor que existia por trás deles. Às vezes, eu achava que Rex podia ler minha mente, por causa dos pequenos momentos bobinhos, quando ele terminava minhas frases ou vinha para casa com rolinhos primavera e macarrão tailandês no exato momento em que eu estava discando para o restaurante para pedir a comida. E então tinha a habilidade fantástica de saber quando eu estava ficando com enxaqueca. Será que ele podia ler minha mente agora? Será que ele podia ver a angústia que eu escondera por metade da minha vida?

Ele levantou-se e esticou o braço para pegar sua mochila. Eu me virei e observei enquanto ele guardava seu computador e alguns livros lá dentro.

— Acho que vou até a cafeteria da cidade e escrever um pouco por lá — disse ele.

Balancei a cabeça. Eu detestava vê-lo magoado, mas eu não sabia mais o que dizer. Só consegui ficar olhando enquanto ele colocava a mochila nos ombros e saía pelo corredor, fechando a porta com delicadeza.

Deitei a cabeça no travesseiro, pensando em Rex por um longo tempo, até ouvir um sinal do meu computador na mesinha de cabeceira. Os pais de Rex instalaram internet na casa e eu quase havia me esquecido de que eu tinha conectado meu computador na noite anterior. Trouxe o computador para meu colo e abri meu e-mail. Havia uma mensagem de uma cliente e uma de minha assistente, Cara, avisando-me de que o jardim das borboletas havia sido instalado com sucesso. Ela havia anexado uma foto. Os astilbes foram plantados muito próximo, mas, apesar disso, tinha dado tudo certo.

Eu não queria pensar na minha própria vida, por isso deixei minha mente viajar pelos jardins da Mansão Livingston, particularmente pelas camélias e pelo livro de Lady Anna. Decidi mandar um e-mail a uma de minhas antigas professoras, Louise Clark, diretora do centro de estudos de produtos hortícolas da Universidade de Nova York. Na primavera anterior, trocamos e-mails sobre um lilás rosa raro que havia aparecido no jardim de um de meus clientes no Brooklyn. Talvez ela soubesse alguma coisa sobre as camélias.

Oi, Louise,

Como você está? Estou passando o verão na Inglaterra com meu marido, Rex, em uma mansão que os pais dele compraram. O lugar é maravilhoso e absolutamente de outro mundo. Você não acreditaria nos jardins, particularmente no antigo jardim de camélias no fundo da propriedade. É por isso que estou escrevendo para você. Encontrei um livro antigo aqui, com informações sobre as camélias plantadas na propriedade. Reconheço a maioria delas. Algumas são bem raras. Posso mandar algumas fotos se a chuva parar de cair um dia. Enquanto isso, eu tenho duas perguntas: 1) Você já ouviu falar de um tipo chamado AnnaMaria Bellweather? Não reconheci este nome, e a flor é linda — uma flor grande e rosa com rosa-escuro no meio. 2) Será que você sabe alguma coisa sobre algum tipo raro de camélia que possa ter aparecido na Inglaterra nos anos 1920 ou 1930? Alguma coisa em que eu deva prestar atenção? Eu não sei onde quero chegar com isso, só queria um palpite. Uma página do livro foi rasgada. Não consigo deixar de imaginar se nela havia um tipo importante de camélia. De qualquer maneira, espero que esta mensagem faça sentido. Estou atrapalhada com o fuso horário. Muito obrigada, Louise!

Com muito carinho da Inglaterra, Addison.

P.S. Ah, me esqueci de mencionar: em cada página há um código muito estranho ao lado do nome das flores. Por exemplo, na Petelo tem os números 5:3:31:2:1. E, embaixo dele, as palavras “L. sussex Hertzberg”. Você tem alguma ideia do que isso significa?

Enviei o e-mail e voltei a olhar para o livro das camélias, lendo de novo suas páginas, até que ouvi um barulho no meu computador um tempo depois. Abri ansiosa a resposta de Louise.

Olá, Addison! É muito bom ter notícias suas. Vou escrever uma resposta rápida, pois vou ter uma reunião com a diretoria daqui a pouco, mas não consegui resistir a responder seu e-mail. Na verdade, sua descoberta é bastante interessante. Primeiro, fiz uma pesquisa por AnnaMaria Bellweather no banco de dados e parece ser um tipo de camélia nomeada em homenagem a uma mulher de Charleston no início de 1900. Pelo que sei, todas as debutantes queriam que as camélias recebessem o seu nome. Era considerado uma grande honra para a sociedade. Mas havia muitas meninas. Essa Senhorita AnnaMaria Bellweather deve ter sido alguém muito especial. Quanto a sua outra pergunta, sobre as camélias raras, sim, tem uma em particular que você deve pesquisar no Google. A Middlebury Pink. Cerca de quinze anos atrás, voltaram a se interessar por ela. Estou me lembrando de um artigo no *Telegraph*, se não me engano. Você vai precisar pesquisar. De qualquer maneira, acredita-se que esteja extinta. Talvez esteja, talvez não. Mas que grande achado se você conseguir localizá-la! Um sonho para os amantes da planta! Quanto ao código botânico, você me pegou. Pensei que podia ser o código de Viena, que era usado com mais frequência na Inglaterra no início do século 20, mas não faz muito sentido. Deve ser uma maneira pessoal de se referir às plantas, usada pelo jardineiro. Quanto ao “L. sussex Hertzberg”, não encontrei nenhuma referência no banco de dados. Um mistério! Agora, vou terminar estes papéis.

Com amor, Louise.

P.S. Mantenha-me informada!

Imediatamente fui para o Google e digitei as palavras “Middlebury Pink”. Centenas de ocorrências apareceram. Dei uma olhada nos artigos, tentando aprender tudo o que eu podia sobre a espécie deslumbrante com pétalas brancas tingidas de rosa. Aparecia em livros de história de botânica, mas sua existência havia iludido os jardineiros por décadas, e muitos deles a consideravam apenas um mito. E então, em uma postagem em um blog feita por um botânico do Jardim Botânico de Londres, li que a última espécie daquela camélia havia sido vista na Mansão Livingston nos anos 1930.

Corri até a janela, olhando para o jardim, onde o ar enevoado pairava na encosta. Será que a Middlebury Pink havia sobrevivido depois de todos esses anos?



— Ei — disse Rex enquanto entrávamos na casa mais tarde naquele dia. Eu havia ido até lá fora para recebê-lo. — Você não vai acreditar na pesquisa que fiz hoje.

Eu sorri.

— É?

Eu estava feliz em vê-lo sorrindo depois da conversa difícil que tivemos mais cedo.

— Sim — respondeu ele. — Acho que consegui mapear completamente o cenário para o livro. — Ele tocou a testa com o dedo, como se estivesse se lembrando de algum detalhe. — E você não sabe. Aconteceu a coisa mais estranha hoje na cidade.

— O quê?

— Conheci um cara de Nova York — disse ele. — Do Bronx.

Estremeci. Tinha de ser uma coincidência.

— Queria lembrar o nome dele — continuou. — Era Tom, ou Shawn, ou alguma coisa assim. Ele disse que estava aqui visitando uma antiga namorada. Mundo pequeno, não é?

— Sim — falei, balançando a cabeça e sentindo o velho terror voltar à tona.

Em um instante, minha mente voltou para o verão de 1985, para a noite que mudou minha vida para sempre. Eu tinha acabado de fazer 15 anos. Estava insuportavelmente quente. As folhas no chão da Greenhouse nº 4 do Jardim Botânico de Nova York faziam barulho embaixo de meus pés. Sean me entregou uma pá e disse “Cave!”.

— Você está bem, querida? — perguntou Rex, colocando uma mão em meu braço.

Pestanejei com força, rapidamente me recompondo.

— Sim — respondi, colocando a mão na barriga. — Acho que não estou muito acostumada com essas refeições inglesas, só isso.

Rex balançou a cabeça.

— Você precisa de um pouco de ar. Ficou trancada na casa o dia todo. — Ele pegou o jornal em uma mesa perto da porta e colocou-o embaixo do braço. — Vamos até o terraço.

Eu o segui para fora, onde nos sentamos em duas cadeiras embaixo de um toldo. A chuva havia finalmente parado, e no chão parecia

haver uma névoa cinza. Rex abriu o jornal e tirou os olhos dele um pouco depois.

— Veja isso — disse ele. — Nossa pequena vila parece ser o centro de um mistério não resolvido. Uma garota de Clivebrook desapareceu em 1931. — Ele apontou para uma fotografia em preto e branco de uma jovem mulher com cabelo escuro e olhos gentis. — Parece que hoje é o aniversário de seu desaparecimento.

— Que triste... — disse, pegando o jornal. — E assustador.

Li a legenda. “Lila Hertzberg, raptada no dia 2 de janeiro de 1931, nunca foi encontrada.” Hertzberg. Onde é que eu ouvira aquele nome antes?

Rex tirou os olhos de seu livro.

— Eu sei. Parece que Clivebrook teve seu próprio Jack, o Estripador, naquela época. Eu estava conversando com o dono da cafeteria ontem, e ele disse que outras mulheres desapareceram nos anos 1930 — disse Rex. — Uma chamada Elsie. Eu tive uma babá com esse nome quando eu era criança. Ela costumava tomar o vinho da minha mãe depois que estávamos na cama. — Ele sorriu para aliviar a tensão. — Não sei o que acho mais incômodo, os sequestros não solucionados ou o vinho.

Forcei um sorriso quando um corvo desceu do céu e pousou em uma urna de pedra no terraço, grasnando com ousadia para nós como se fosse um fantasma do passado. Bati as mãos, e o pássaro afastou-se desafiador.

O celular de Rex começou a tocar, e ele pegou-o em seu bolso.

— É melhor eu atender — disse ele, andando pelo saguão para a parte da frente da casa. Ele acenou para mim enquanto colocava o telefone no ouvido, querendo dizer que voltaria rapidamente. Ouvi quando sua voz foi sumindo, ficando mais fraca a cada passo. — Você encontrou? — perguntou ele. — Ótimo. Estou indo aí agora. Quero ver isso... Sim, claro... Não, ela não...

Quando não conseguia mais enxergar Rex, decidi voltar para dentro da casa. A brisa havia aumentado e eu precisava pegar uma blusa. Passei por uma pilha de correspondências na entrada. Um envelope chamou minha atenção. No canto esquerdo superior, li o nome “Lorde Nicholas Livingston”. Ele não era uma das crianças que vivera ali? Estava endereçada para meu sogro. Com certeza, o pai de Rex não se importaria se eu abrisse a correspondência. Ela poderia conter informações importantes que ele precisaria saber. Peguei o envelope e fui até a sala de estar, olhando para a porta antes de rasgá-lo, tirando apressada a carta que estava lá dentro.

Para o Senhor Sinclair:

Sou Nicholas Livingston, um antigo morador da Mansão Livingston. Tem algo bastante importante que eu gostaria de conversar com o senhor. Se o senhor puder fazer o favor de telefonar para meu escritório em Londres, poderemos conversar sobre o assunto. Por favor, não fale com nenhum dos funcionários sobre a nossa correspondência, principalmente com a Senhora Dilloway.

Atenciosamente,
Nicholas Livingston

O que ele poderia ter a dizer para meus sogros? E por que ele não queria que falássemos sobre isso com a Senhora Dilloway? Ouvi passos atrás de mim e guardei a carta apressadamente no bolso da minha calça jeans antes de me virar e ver a Senhora Dilloway parada na porta.

— Ah, oi — disse, nervosa.

— A senhora e o Senhor Sinclair preferem que o jantar hoje seja servido às seis ou às seis e meia?

— Ah, não — disse. — Eu ia mesmo falar com você sobre isso. Vamos comer alguma coisa na cidade hoje à noite.

— Sim, claro — respondeu ela com rispidez, antes de me mostrar um envelope. — Chegou isto para você.

— Para mim? — perguntei, enquanto ela me entregava um envelope da FedEx. Olhei para o selo, com um carimbo na beirada. — Não estou entendendo — continuei. — Eu não disse a ninguém que estaria aqui.

A velha mulher olhou curiosa para mim antes de virar-se para a porta.

— Bom, vou deixar você sozinha — disse ela.

Eu me sentei no sofá e segurei o envelope nas mãos, esperando que o barulho de seus sapatos desaparecesse antes de abri-lo. Meu coração batia acelerado. Eu havia reconhecido a letra no envelope e senti aquele enjoo familiar no estômago. Como é que ele me encontrou aqui? Dentro havia um papel pautado, com as bordas desgastadas, rasgado cuidadosamente de um caderno espiral. “Olá, Amanda.”

Amassei o papel e encostei a cabeça no sofá, lembrando-me do que eu queria desesperadamente esquecer.



Quinze Anos Antes

— Diga sua idade para o registro — disse o policial, sem emoção. Ele estava sentado em frente a uma mesa de aço cinza, repleta de pastas. Um telefone tocava insistentemente, mas ele o ignorou. — Senhorita Barton — disse ele de novo. — Por favor, não me faça perder tempo. Você pode ver que estou bem ocupado aqui.

Olhei para meus pés.

— Vou perguntar de novo e, se você não colaborar, vou considerar detenção de menor — disse ele.

Reconheci aquele tom de voz, igualzinho ao do meu pai. A raiva que surgia de zero a cem em segundos, a transformação em um monstro. Quando eu era pequena, eu não sabia quem causava aquilo ou como acontecia. Ele estava normal em um momento e, no seguinte, estava tirando o cinto e correndo atrás de mim com aquele olhar selvagem. Mamãe dizia que ele era doente. Ainda assim, aquilo não lhe dava permissão para fazer o que ele fazia.

— Vocês, fugitivos, nunca aprendem — disse o policial. — Achem que a vida é mais interessante nas ruas, então enfiam os pés pelas mãos, e nós precisamos internar vocês. — Ele bateu a caneta na lateral da mesa de aço. — Caso não escute muito bem, vou dar a você mais uma chance de se explicar, antes de declarar a detenção de menor, desta vez por sessenta dias. Diga sua data de nascimento para os registros.

Apertei as unhas, que sangravam, de tanto que eu as havia roído. Será que ele não percebia que eu queria ser detida? Olhei direto nos olhos dele e não disse nem uma palavra.

Ele bateu sua prancheta na mesa e levantou-se.

— Stan! Faça a ficha dela!



— Ah, aí está você — disse Rex. — Desculpe ter demorado tanto.

— Não estou com pressa — disse um pouco defensiva. — Quem era ao telefone?

— Era o administrador de negócios do meu pai. Preciso assinar alguns papéis da arquitetura da casa.

— Ah.

— Ei, por que não vamos ver os jardins? O sol saiu, finalmente, e sei que o passeio vai animar você.

— Eu adoraria — disse, sorrindo de novo. — Deixe só eu pegar minha jaqueta.



Guardei meu celular e o livro das camélias em minha bolsa e segui Rex até o terraço que levava à calçada que ia para o jardim. As buchinhas que ladeavam a passagem foram bastante negligenciadas ao longo dos anos, mas tentei imaginar como eram no início — podadas de maneira perfeita, sem dúvida. Agora, porém, elas pareciam muito grandes e malcuidadas — cheias de folhas em alguns lugares, amareladas e sem cor em outros. Pobre delas... Pareciam velhas senhoras privadas de suas visitas semanais ao salão de cabeleireiro. Eu tinha vontade de pegar a tesoura de poda e dar uma boa aparada nelas.

Sim, a propriedade crescera, mas havia tanta promessa ali. Bons pilares, como falam das casas. Com um pouco de poda e replantio em alguns lugares, os jardins poderiam ficar bonitos de novo. Meus dedos praticamente coçavam para começar a trabalhar.

Rex e eu seguimos o caminho passando por um jardim de rosas doentes, mas parei para tirar um ramo de hera que ameaçava sufocar uma velha rosa chá. Em teoria, a hera é elegante, até mesmo charmosa. No entanto, já vi muitos jardins destruídos pela videira, que se tornou uma erva daninha invasiva em algumas partes do mundo. Ela cresce devagar e então, sorrateiramente, cobre os canteiros das flores com suas gavinhas que parecem uma serpente, até acabar com a vida existente embaixo deles. Eu me ajoelhei e mergulhei os dedos no solo abaixo dos ramos das rosas, que não eram podadas havia pelo menos uma década, até encontrar a base da raiz da hera. Teimosa e determinada, a planta segurava firme, mas eu lutei com mais força e puxei-a até ter toda a sua raiz em minha mão. Plantas invasivas eram uma praga; a única maneira de evitar que elas voltassem era encará-las, lutar contra elas e vencer a batalha. Qualquer outra medida era apenas temporária. Suspirei, pensando em minha própria vida. Eu estava deixando as pragas crescerem em volta de mim. Elas estavam ameaçando minha felicidade e, de certa forma, minha vida. Então por que eu não podia enfrentá-las?

— Você não resiste a uma praga, não é? — disse Rex com um sorriso.

Recuei para examinar meu trabalho.

— Assim está melhor — falei.

Quando o sol desapareceu atrás de uma nuvem, o horizonte ganhou um tom escuro. Senti uma gota de chuva no rosto e rapidamente puxei o capuz da minha jaqueta sobre a cabeça antes de nos arrastarmos por um declive suave, num vale mais abaixo da propriedade. Parei quando vi uma estátua de pedra completamente coberta pela hera. Coloquei minha mochila no chão e puxei as videiras.

— Vou te ajudar — disse Rex.

Juntos, descobrimos o rosto de um anjo de pedra. Rex desenrolou a hera grudada em suas asas, e eu tirei as videiras de seu corpo.

— Aí está você — disse para a bela estátua. — Assim você vai se sentir melhor.

Antes de me levantar, vi alguns ramos roxos brotando perto da base da estátua. Eu me abaixei para olhar melhor. Beladonna, ou melhor, *Atropa belladonna*.

— Rex! — chamei.

Ele se aproximou.

— O que foi?

— É chamada de *Atropa belladonna* — expliquei. — É uma planta altamente venenosa. — Eu me lembrei da história de um jardineiro que foi hospitalizado depois de ter esfregado o olho acidentalmente com um dedo contaminado com a seiva da planta. Até mesmo em pequenas doses, ela é nociva e potencialmente letal. — Lembre-me de dizer aos seus pais para tomar cuidado com isso. — A irmã mais nova de Rex tinha filhos pequenos.

O vento ganhou força. Eu o senti bater em meu casaco e tremi.

— Vamos voltar? — perguntou Rex.

— Não — respondi. — Vamos ver as camélias.

Passada a época de floração, as árvores já estavam sem muitas de suas flores, mas as que restavam estavam vibrantes e chamativas, como a parte final de um show de fogos de artifício. De perto, as árvores não decepcionavam. Olhei admirada para uma flor amarela, toquei de leve suas pétalas e senti seu aroma de limão. Peguei o livro de Anna e abri-o na página da camélia Petelo.

— Você acha que é esta? — perguntou Rex.

Assenti, analisando as anotações que Lady Anna havia feito, antes de comparar com a estrutura da pétala.

— Tem que ser esta — disse. — Mas e este código numérico? O que você acha que significa? 5:3:31:2:1. Talvez uma localização? — Contei as fileiras de árvores, cinco no total. — Sim, esta é a quinta fileira, se você contar a partir do leste.

Eu me virei para reavaliar minha direção.

— E a árvore é a terceira — disse Rex, olhando para mim. — Acho que descobrimos.

— Quase. Mas o que significam os últimos números?

Fui até a próxima árvore, parando para admirar suas folhas escuras, verde-esmeralda, muito brilhantes e suaves. Peguei uma flor rosa que havia caído recentemente no chão. A AnnaMaria Bellweather. Voltei a olhar o livro, havia apenas dois dígitos ao lado dela — 5:4 — e nenhum nome botânico enigmático.

— Isso não faz nenhum sentido — disse para Rex.

Andamos por cada fileira de árvores. Algumas haviam se saído melhor do que outras, e parei para tocar a carcaça de uma árvore que parecia ter se queimado em algum momento da história. Seus galhos desencapados e irregulares foram carbonizados de um lado. Provavelmente atingidos por um raio. Torci para que não fosse a Middlebury Pink.

— Droga — disse Rex quando a chuva começou a ganhar intensidade.

Ele apontou para um galpão velho ao longe e corremos até lá para nos protegermos embaixo de seus beirais. O teto cedia com musgo e o velho cata-vento rangia. Olhei pela janela escura, usando a manga de minha jaqueta para limpá-la, a fim de que eu conseguisse enxergar melhor, e foi então que pensei ter notado um movimento do lado de dentro.

— Olá? — falei, ouvindo meu coração bater forte dentro do peito.

— O que foi? — perguntou Rex.

— Querido, acho que tem alguém aí dentro.

Ele pareceu assustado, mas eu podia ver que ele estava tentando bancar o corajoso.

— Não — disse ele.

Recuei quando pensei ter ouvido as dobradiças da porta ranger. Assustada, eu me virei para a calçada, acelerei meu ritmo e tropecei na raiz de uma árvore. Soltei um grito de dor e aterrissei sobre os cotovelos.

— Addison! — gritou Rex atrás de mim. — Você está bem?

O sangue escorria pelo meu braço quando Rex me encontrou logo depois.

— Ah, querida, você se machucou.

— Desculpa — disse, apoiada na encosta. Eu podia ver o telhado do galpão lá embaixo. Seu teto coberto de musgo praticamente se misturava ao jardim. — Fiquei um pouco assustada.

— Vamos — disse ele, ajudando-me a levantar. — Vamos fazer um curativo.

Rex e eu deixamos nossos sapatos cheios de lama ao lado da porta e entramos no vestíbulo, onde penduramos nossos casacos.

— Vejo que foram até os jardins — disse a Senhora Dilloway de cima da escada.

— Sim, fomos — respondeu Rex. — Embora não seja o melhor dia para uma caminhada.

— Não — disse a Senhora Dilloway. — De maneira alguma.

Senti seus olhos perfurando-me enquanto íamos até a escada. E então caiu a ficha. *Hertzberg*.

Eu me virei.

— Rex, você deixou o jornal no terraço?

— Acho que sim — respondeu ele.

A Senhora Dilloway sacudiu a cabeça.

— Eu o trouxe para dentro quando começou a chover — disse ela, apontando para a mesa lateral. — Está ali.

Algumas gotas de chuva haviam molhado o papel, mas ainda dava para ler. Enfiei o jornal embaixo do braço e caminhei em direção à escada. Não parei até que Rex e eu chegamos ao segundo andar e fechamos a porta de nosso quarto. Coloquei o jornal em nossa cama e o livro da camélia ao lado dele. O artigo dizia que Lila Hertzberg havia sido sequestrada no dia 2 de janeiro de 1931. Abri a página da Petelo do livro da camélia. Os números que sobravam eram “31:2:1”. Respirei fundo. Deve ser a data. Procurei o artigo, lendo sobre Lila Hertzberg. Ela nasceu em Sussex. *Sussex*. Reli o nome botânico enigmático embaixo do código: *L. sussex Hertzberg*. Os olhos de Rex encontraram os meus.

— Meu Deus — falei, balançando gravemente a cabeça. — O que é que acabamos de descobrir?



Naquela noite, Rex me levou para o Milton's, um bar na cidade.

— O que você vai querer, sanduíche de carne apimentada ou peixe com batatas? — perguntou-me, colocando o cardápio na mesa.

— Bem, eu sei o que você vai querer — disse, sorrindo enquanto colocava o cardápio de lado e tomava um gole do vinho que o garçom havia aberto e colocado em nossas taças.

Rex nunca ficava sem comer peixe com batatas.

Nenhum de nós conseguia deixar de pensar na descoberta que havíamos feito no jardim naquela tarde.

— Rex, eu não sei o que fazer com o que descobrimos hoje no jardim.

— Nem eu — disse ele, esfregando a cabeça. — Mas você acha que o sequestrador realmente deixaria essa informação ali?

— Eu não sei — falei, tomando mais um gole de vinho. — Talvez seja o seu aviso. — Balancei a cabeça. — Ou talvez Lady Anna estivesse tentando juntar as peças.

— Voto pela última sugestão — disse Rex. — Talvez ela soubesse que algo sinistro estava acontecendo na mansão. Talvez ela estivesse procurando pistas, e encontrou-as no jardim.

Eu dobrei o guardanapo no colo.

— Você acha que a Senhora Dilloway sabe de alguma coisa?

— Ah, tenho certeza que sim. Ela mora há muito tempo na mansão, ela tem que saber de alguma coisa.

Suspirei.

— Mas o grande desafio é fazê-la falar. Nunca conheci uma pessoa tão sucinta.

— Ei — disse ele. — Vamos deixar nossos papéis de detetives de lado um pouco e vamos curtir a noite. — Ele segurou minha mão. — Que tal?

— Tudo bem — respondi, sorrindo.

Rex puxou meu braço para perto do dele e passou o dedo de leve em minha pele até que parou ao chegar ao meu relógio.

— Sabe uma coisa maluca? — disse ele, inclinando a cabeça para a direita. — Acho que nunca vi seu pulso sem nada.

Recolhi a mão instintivamente.

Ele pareceu momentaneamente surpreso.

— Acabei de perceber que conheço cada pedacinho seu — continuou, antes de passar o dedo entre meu pulso e meu relógio —, mas nunca vi esse seu pulso.

Eu me endireitei rapidamente na cadeira, colocando o braço atrás das costas.

— É claro que viu.

— Tanto faz — disse ele, puxando delicadamente meu braço de volta para si. Suas intenções eram românticas, brincalhonas, mas ainda assim ele estava tocando no lugar errado. — Vamos tirar o relógio. — Ele colocou o dedo no fecho do relógio, tirando-o de meu pulso o suficiente para revelar as cicatrizes que eu tentava desesperadamente esconder. — Meu Deus. O que aconteceu?

— Nada — disse, puxando a mão. — São... cicatrizes de catapora.

— Ah — disse ele ainda surpreso. — Eu não sabia que você teve catapora.

— Bem, eu tive — falei, agradecida ao ver o garçom vindo com a nossa comida. — E agora você sabe.

Flora

“Toc, toc.” A Senhora Dilloway olhou para dentro do meu quarto. Eu havia deixado a porta aberta para não parecer reclusa. As crianças estavam em suas aulas, por isso decidi aproveitar para escrever uma carta aos meus pais. Mamãe e papai deviam estar ansiosos para saber que eu havia chegado bem. Coloquei minha caneta e os papéis de carta ao lado e olhei para a porta.

— Ah, oi — disse, guardando a caneta e o papel dentro da gaveta da escrivaninha.

— Você precisa de alguma coisa?

— Não — respondi, criando coragem para perguntar sobre os jardins. — Só estava me perguntando se... bom... se eu posso colher algumas das camélias para fazer um arranjo — continuei. — Antes que elas parem de florir.

— Eu te aconselho a não fazer isso — disse ela rapidamente. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ela cruzou os braços. — Bem, já que nosso *tour* foi interrompido, será que podemos continuar agora?

— Obrigada. Podemos, sim.

No andar de cima, a Senhora Dilloway me levou até a sala de estar, mostrando-me o armário onde ela disse que Nicholas às vezes se escondia, e o elevador monta carga, por onde Janie desaparecia de tempos em tempos. Passamos pela sala de jantar, pelo salão, pela sala de estar e então subimos a escada até a sala das crianças. Era uma sala grande, com enormes janelas de vidro com vista para os jardins e para a encosta. Imaginei as janelas abertas no verão, com o perfume floral dos jardins entrando por elas. Passei por uma casa de bonecas do tamanho da Katherine e quase tropecei em um bloco de madeira.

— Cuidado por onde anda — alertou a Senhora Dilloway. — As crianças são terríveis quando se trata de guardar os brinquedos.

Vi uma grande estante à minha direita.

— Elas gostam de histórias?

— Costumavam gostar — disse ela.

Peguei um livro na prateleira.

— Ah, eu adoro Beatrix Potter. Você acha que gostariam que eu lesse para elas?

A Senhora Dilloway deu de ombros.

— Você pode tentar. Mas a última babá não teve muita sorte.

Eu me sentei no sofá ao lado da estante.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— Tem algo que eu precise saber sobre o que aconteceu com a mãe delas? A Sadie disse que...

— É melhor você não dar ouvidos às fofocas da arrumadeira, Senhorita Lewis — disse ela, franzindo a testa. — Retomar o passado não vai adiantar nada para as crianças. Elas já passaram por muita coisa no último ano, muito mais do que crianças deveriam passar.

Balancei a cabeça em sinal de assentimento.

Ela se virou para olhar para mim enquanto eu me levantava.

— Podemos continuar?

— Sim — disse, saindo atrás dela pela porta.

Passamos por um corredor escuro.

— Aqui ficam os quartos das crianças — disse ela. — O quarto das meninas é aqui, e o quarto dos meninos fica à direita.

Contei cinco portas.

— Este outro quarto... De quem é? — perguntei, passando pelo último quarto à direita e colocando a mão na maçaneta.

A Senhora Dilloway alcançou a maçaneta antes de mim.

— Só um quarto extra — respondeu rapidamente, virando-se para outro lance de escadas.

— Mas e aquele corredor ali? — Apontei para um corredor escuro à frente.

Ela pareceu pensativa.

— A ala leste pertencia a Lady Anna — disse ela, parecendo perdida em suas memórias. — Seu quarto de dormir, o quarto de se vestir e o quarto de estudos.

— Ah — disse, envergonhada por ter perguntado. — Eu, eu...

— Tudo bem. Você precisa saber, pelo bem das crianças. Eles adoravam ir cumprimentá-la ali todas as manhãs. Lorde Livingston ficava muito bravo por ela deixar as crianças pularem na cama. Ela nunca foi formal como ele.

Enquanto ela falava, seus olhos pareciam tristes, distantes. Desejei saber mais sobre Lady Anna. Olhei para o corredor, sentindo como se estivesse sendo puxada. Antes que eu pudesse seguir em frente, senti a mão fria da Senhora Dilloway em meu pulso.

— Por favor — disse ela, indicando a escada que levava ao terceiro andar. — Preciso te mostrar uma coisa.

Subi as escadas atrás dela, olhando para o teto abobadado, todo ornamentado e com pinturas de anjos, animais e flores. Imaginei como deveria ser para as crianças viver em um verdadeiro museu.

A Senhora Dilloway indicou uma porta à frente.

— Senhorita Lewis, posso confiar-lhe um segredo?

— Claro — respondi um pouco confusa.

Quando chegamos à porta, ela pegou uma chave de bronze no bolso de seu vestido e inseriu-a na

fechadura.

— É um pouco difícil. — A fechadura se abriu e ela virou a maçaneta. A porta rangeu alto ao ser aberta. — As dobradiças estão ficando um pouco enferrujadas com o passar dos anos. — Sua voz estava cheia de decepção. — É o maldito ar deste país. É um milagre ainda não termos, nós mesmos, enferrujado.

Olhei para a frente, para além da porta e da Senhora Dilloway.

— Entre, Senhorita Lewis — disse ela, percebendo a minha hesitação.

Um raio de luz iluminou o corredor escuro, e ela olhou para os dois lados com cautela.

— Rápido — ordenou. — Ninguém pode nos ver.

Assim que entrei no lugar, a Senhora Dilloway fechou a porta. A luz adentrava pelo teto de vidro acima de nós. Eu a segui pelo recinto, tirando uma videira rebelde da minha frente, que imediatamente voltou e bateu em meu rosto.

— Que lugar é este? — perguntei espantada.

— A estufa — disse ela, e então baixou o tom de voz. — A estufa de Lady Anna. — Ela deu mais alguns passos para a frente. — É linda, não é?

Eu estava admirada demais para falar. Videiras com flores rosa dançavam sobre um caramanchão de ferro. Eu as reconheci imediatamente como sendo da mesma espécie — *bougainvillea* — que existia na Greenhouse nº 4, no Jardim Botânico de Nova York. Logo à frente, duas árvores em vasos chamavam atenção — um limoeiro, com seus globos amarelos brilhando à luz do sol, e o que parecia ser uma laranjeira, cravejada com o fruto mais ínfimo que já vi.

— O que é isto? — perguntei fascinada.

— Um cunquate — disse ela. — Lady Anna costumava colhê-los para as crianças. — Ela esticou o braço para pegar uma minúscula laranja da árvore. — Pegue, experimente.

Segurei o fruto na mão, admirando sua suavidade e sua casca brilhante.

Mordi a casca. Ela se desintegrou em minha boca, soltando um sabor agri-doce que fez meus olhos se arregalarem e um sorriso formar-se em meu rosto.

— Ah, meu Deus. Nunca comi nada assim.

A Senhora Dilloway balançou a cabeça.

— Então você precisa experimentar as clementinas. Elas são do tipo persa.

Dei mais alguns passos para a frente, admirando as orquídeas plantadas em vasos — pelo menos uma centena de espécies, tão requintadas que pareciam damas do sul com suas saias rodadas. Na parede do fundo havia samambaias variegadas, corações-sangrentos e uma árvore de lilás da qual eu podia sentir o cheiro do outro lado da sala.

A Senhora Dilloway me observou em silêncio.

— Ela teria gostado de você. Lady Anna.

Olhei curiosa para ela.

— Ela não gostava da maioria das babás. Foi por isso que trouxe você aqui — continuou ela. — Preciso da sua ajuda.

— Com o quê?

— Sente-se — disse ela, indicando um banco de pedra a nossa esquerda. Eu lhe obedeci, e ela sentou-se ao meu lado. — Veja — continuou, olhando pela estufa enorme. — Depois da morte de Lady Anna, Lorde Livingston não tem conseguido vir aqui. Ele deu ordens rigorosas a todos os empregados para deixar este lugar e não mexer mais nele.

— Mas as plantas... — disse, cobrindo a boca — elas vão morrer.

Ela balançou a cabeça desolada.

— Eu não conseguiria viver bem sabendo que as flores tão estimadas de Lady Anna estavam morrendo bem acima de nossas cabeças. Além disso, fiz uma promessa a Lady Anna, e prometo cumpri-la.

— O que você prometeu?

Ela sorriu para si mesma, um sorriso triste.

— Cuidar dos jardins. — Ela suspirou. — Não tem sido fácil. — Ela colocou a mão no coração. — Você entende alguma coisa de flores, Senhorita Lewis?

— Sim — respondi rapidamente, antes de me preocupar em não parecer animada demais. — Quero dizer, um pouco.

— Ótimo — disse ela, suspirando.

Segui uma trepadeira com os olhos. Ela havia subido na parede até chegar à janela de vidro.

— Flor da paixão? — disse, apontando para cima.

A Senhora Dilloway balançou a cabeça, confirmando.

— Ela adorava vê-la florir.

— Não entendo por que Lorde Livingston iria querer livrar-se desta beleza — disse eu extasiada.

Ela entrelaçou as mãos.

— Às vezes, acho que quando Lady Anna morreu, Lorde Livingston sentiu como se toda a beleza do mundo tivesse morrido com ela. Ele não consegue nem olhar para as flores do jardim hoje em dia. Ele pediu para o Senhor Humphrey tirar as tulipas, e receio que as camélias sejam as próximas.

Respirei fundo.

— Ele não as destruiria, não é? — perguntei, pegando uma folha amarela no chão e amassando-a entre os dedos.

— Eu não sei — respondeu ela levantando-se. — Porém não tenho mais tempo de cuidar delas com todos os afazeres da casa. Preciso que você cuide delas. Coloque água nas plantas. Não deixe as pragas tomarem conta. Pode os galhos um dia ou outro, coisas desse tipo.

Arregalei os olhos. De certa forma, aquilo era um sonho tornando-se realidade. Uma estufa repleta de plantas exóticas a meu dispor? No entanto, a responsabilidade era grande demais. Eu me levantei,

maneando a cabeça para protestar educadamente.

— Senhora Dilloway, eu não sou capaz de fazer este trabalho. Só conheço as plantas de maneira amadora.

Ela passou a mão na folha de uma samambaia verde-clara, tão delicada que parecia uma faixa de renda francesa.

— Lady Anna também não tinha a menor noção de botânica. Mas adorava estas plantas como se fossem seus filhos. Ela as ouvia. Ela permitia que elas lhe ensinassem. Você só precisa fazer isso. — Ela se virou para mim. — Posso contar com você?

Respirei fundo.

— Bem, eu...

— Ótimo — disse ela. — A torneira fica bem ali. As tesouras de poda estão no armário. Cuidado para não fazer barulho. Lorde Livingston poderá ouvi-la. Seu quarto e o terraço ficam bem aqui embaixo.

Meu coração bateu acelerado ao pensar que ele poderia me encontrar mexendo no jardim proibido de sua falecida esposa.

— Talvez eu não devesse...

— Ah — continuou a Senhora Dilloway —, tem mais uma coisa. Um dos colares de Lady Anna, um medalhão, está desaparecido desde a morte dela. Sempre achei que o encontraria aqui, mas ele não apareceu. Se você o encontrar, traga-o para mim imediatamente.

— Sim — falei. — Sim, claro.

Ela se virou para a porta e eu a segui enquanto passávamos pelas árvores cítricas, que exalavam um aroma doce, inebriante à luz do sol. Ela parou para pegar alguns cunquates antes de passar pelo arco coberto de flores e continuar até a porta. Quando ela alcançou a maçaneta, dei um tapinha em seus ombros.

— O colar — sussurrei, percebendo que devia haver mais alguma coisa nessa história, talvez muito mais. — Por que ele é tão importante?

Ela olhou para mim por um longo tempo.

— Não é tanto pelo colar, mas pelo que está dentro dele.

Assenti com a cabeça, demonstrando minha compreensão.

— Tome — disse ela, guardando alguns cunquates no bolso de meu vestido. — Para mais tarde.

Sorri.

— Não diga nem uma palavra sobre isso — disse ela. — Para ninguém.

Eu a segui para descer as escadas e encontramos o Senhor Beardsley. Ele estava em pé, no vestíbulo.

— Senhora Dilloway — disse ele, limpando a sobrelanceira com um lenço. — Venha rápido. Aconteceu um problema.

Addison



Meus olhos se abriram às duas da manhã. Eu me sentei, quase perdendo o fôlego. No meu sonho vi Sean de novo. Olhei para Rex dormindo tranquilamente ao meu lado. É só um sonho. É só um sonho. Quando fechei os olhos, porém, tudo o que eu conseguia ver era o rosto dele.

Quinze anos antes

Minha tia Jean acendeu um cigarro no carro e assoprou uma nuvem de fumaça em minha direção.

— Você não é de falar muito, né?

Cruzei os braços, olhando através da fumaça pela janela, para as árvores ao longo da estrada.

— Bem — disse ela —, você vai gostar da cidade de Nova York. — Ela usava uma bandana azul em volta da cabeça. Brincos turquesa estavam pendurados em suas orelhas. Antes de morrer, mamãe havia chamado a irmã mais velha de *hippie*. Ela deu mais uma tragada no cigarro e sorriu. — O apartamento é pequeno — continuou —, mas você vai se acostumar com ele com o passar do tempo.

Ela tinha boa intenção, eu sabia disso. Não precisava ter ido me buscar quando a assistente social descobriu como estava a situação em casa. Depois que mamãe morreu, papai começou a beber.

— Eu sei o que ele fez com você — disse Jean com cuidado. — Querida... Você passou por tanta coisa...

— Ele não tinha a intenção — falei rapidamente, tocando a cicatriz em minha testa. — Foi a bebida.

— Bom — disse ela. — Ninguém mais vai machucar você.

Refleti sobre a cidade de Nova York. Nunca havia me aventurado a ir muito longe de nossa casa, nas Montanhas Adirondack. Mamãe tinha medo da cidade e das pessoas que moravam lá. Analisei a tatuagem no braço de Jean, uma borboleta. Elas eram tão diferentes quanto duas irmãs podem ser.

— Ouça — disse ela, apagando o cigarro no cinzeiro. Uma cinza rolou pelo tapete. Eu a apertei com a ponta do sapato. — Você sabe que pode conversar comigo, não é? Sobre qualquer coisa.

Mordi o lábio e balancei a cabeça em afirmativa.

Passamos por pastos, por uma igreja, por um ferro-velho com centenas de carros espalhados pela estrada.

— Sua mãe e eu não éramos próximas — disse ela. — É claro que você sabe disso. Meu Deus, só de pensar no que ela deve ter dito a você sobre mim. — Ela suspirou. — Bom, vamos deixar isso tudo para trás. Agora só espero que possamos ser amigas. — Ela tirou os olhos da estrada e olhou rapidamente para mim, sorrindo.

Voltei a olhar pela janela. Nossa viagem levou mais uma hora, talvez até mais. Eu devo ter cochilado porque, quando abri os olhos, vi prédios grandes do lado de fora da janela.

— Estamos quase em casa. Estou feliz por você ter dormido um pouco.

Ela parou o carro em frente a um prédio de tijolos. Um homem sem camisa estava sentado em um degrau, fumando um cigarro. Ele gritou alguma coisa para uma mulher que estava passando. Um cachorro latiu ao longe.

Peguei minha mochila no assoalho e me agarrei a ela com força enquanto eu descia do carro, seguindo Jean escada acima, onde encontramos uma lata de Coca no canto ao lado de um saco amassado do McDonald's. Uma abelha zuniu em volta de mim e eu espantei-a. Sentia cheiro de urina.

— Estamos no sexto andar — disse Jean. — O elevador não funciona há um ano. É uma escalada, mas você se acostumará com o tempo.

Sem fôlego, segui Jean pelas escadas até o sexto andar. Ela parou em uma porta no meio do corredor e colocou uma chave.

— Mamãe chegou — gritou ela dentro do apartamento.

Até aquele momento não havia passado pela minha cabeça que a Tia Jean tivesse filhos. Se ela tinha, minha mãe nunca havia falado sobre eles.

Um gato pulou de trás do sofá e Jean pegou a bola de pelos nos braços. Perto da porta, o conteúdo de uma sacola de plástico caía pelo chão — fraldas descartáveis e uma sacola de maçãs.

— Sean! — gritou ela. — Onde você está? — Ouvi um barulho de música vindo de um quarto nos fundos. — Esse garoto... — disse Jean baixinho. — Eu disse a ele para olhar o Miles. — Um garotinho estava sentado, usando apenas uma fralda encharcada, em frente à TV. Ela ajoelhou-se ao lado dele. — Você está bem, querido? — Ele não tirou os olhos da tela da TV.

Ela deitou o garoto no tapete e trocou sua fralda antes de limpar sua boca suja com lenços umedecidos.

— Eu cuido de algumas crianças adotivas de vez em quando — explicou ela. — Parece que recebo um chamado. Isso e os 130 dólares extras por mês que ajudam a pagar as contas. — Ela levantou o garoto do chão e colocou-o em seu colo. — Este é o Miles. Ele não fala muito. Veio de uma situação horrível em casa. Tem 3 anos, é pequeno para sua idade.

Balancei a cabeça, demonstrando compreensão.

Jean pegou um ursinho de pelúcia. A cabeça estava rasgada. Ela olhou para Miles antes de franzir a testa na direção do quarto dos fundos.

— O Sean fez isso?

O garoto confirmou com a cabeça e então olhou para o colo.

— Sean! — gritou Jean. — Vou te contar — disse ela para mim —, estou no meu limite com aquele garoto. Achei que conseguiria mudá-lo, mas, sabe, acho que algumas crianças nasceram para ser más.

Logo depois, um garoto um ou dois anos mais velho do que eu, de pelo menos 16 anos de idade, talvez 17, apareceu. Seu cabelo comprido, escuro e oleoso pendia em volta do rosto. Ele usava jeans escuros e uma camiseta do AC/DC.

— Outra? — sorriu.

— Esta é Amanda — disse Jean. — Minha sobrinha. Ela veio morar com a gente. E, Sean, você vai tratá-la com respeito, está me ouvindo?

Sean não disse nada. Ele só olhou para mim e sorriu, um sorriso que me deixou morrendo de medo.



Na manhã seguinte, durante o café da manhã, a Senhora Dilloway arrumou uma bandeja com ovos, bacon, frutas e bolos na sala de jantar.

— Espero que isso seja suficiente para vocês — disse ela com rigidez, virando-se para olhar para mim. — A Senhorita Klein não está acostumada a cozinhar para americanos.

— Perdão — disse Rex em tom de brincadeira. — Posso morar nos Estados Unidos, mas tenho sangue inglês também.

Pigarreei.

— Ele quer dizer que a comida está ótima, obrigada. — Admirei a variedade de frutas na tigela de cristal e peguei uma concha antes de apontar para o que parecia ser uma laranja minúscula. — Aquilo é um...

— Um cunquate — respondeu a Senhora Dilloway, olhando curiosa para mim.

Espetei a pequena fruta com meu garfo e dei uma mordida, enchendo a boca com seu suco azedo antes de voltar para meu livro.

— O que você está lendo? — perguntou Rex.

— *Os Anos*. O livro que encontrei na sala de estar.

— Ah, é — disse ele. — Senhora Dilloway?

Ela tirou os olhos da bandeja que estava prestes a levar de volta para a cozinha.

— Sim?

— Você sabe se havia uma mulher chamada Flora que morava aqui na mansão?

A jarra de suco de laranja balançou na bandeja e ela colocou-a de volta na mesa rapidamente antes que caísse no chão.

— Por que o senhor está perguntando isso, Senhor Sinclair?

Rex apontou o livro em minhas mãos.

— O nome dela está escrito aqui — disse ele.

A Senhora Dilloway olhou pela janela, como se estivesse vendo uma cena da mansão no passado.

— Ela era uma das crianças dos Livingston? — perguntou Rex.

Ela fez que não com a cabeça.

— Ela trabalhou como babá aqui há bastante tempo — respondeu ela finalmente. — Agora, se vocês me derem licença — continuou, limpando um pouco de suco de laranja da mesa com um pano que estava no bolso de seu vestido —, vou buscar o chá.

— Então Flora era a babá — sussurrou Rex depois que a Senhora Dilloway saiu. — Traz uma dimensão totalmente nova, você não acha?

Concordei com um aceno de cabeça.

— É estranho a Senhora Dilloway parecer tão afetada pela lembrança dela.

Depois do café, subimos para o quarto e folheei as páginas do livro de novo, e foi quando percebi que não tinha reparado no canto superior da capa interna. “F. Lewis”, escrito em tinta azul. Agora eu sabia o último nome de Flora. Peguei meu computador e comecei a procurar uma Flora Lewis de 1940. Uma agulha num palheiro, eu sabia, mas talvez tivesse alguma sorte.

Procurei na lista de resultados, não chegando a lugar nenhum, até que um título da Wikipédia, “Mistérios sem Solução”, chamou minha atenção.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou Rex, inclinando-se sobre o computador.

— Veja isto — disse, apontando para a tela.

Na parte inferior da página, uma manchete dizia: “BABÁ AMERICANA DESAPARECE NA INGLATERRA”. Cliquei e li uma cópia do artigo do *The New York Sun* com data de 13 de novembro de 1940.

Flora Lewis, moradora de Nova York, 24 anos, foi vista pela última vez na Mansão Livingston, em Cliverbook, na Inglaterra, onde foi contratada para cuidar das crianças de Lorde Livingston, um viúvo e empresário de Londres. Seus pais, que não foram encontrados para comentar o assunto, possuem uma padaria no Bronx. Uma cidadã local, Georgia Hillman, se lembra de Flora como uma jovem alegre e gentil. “Eu a conheci num navio que ia para a Inglaterra”, disse ela. “Nunca vou me esquecer dela.” Se alguém tiver alguma informação sobre o paradeiro de Lewis, por favor, contate a polícia de Nova York ou informe as autoridades inglesas imediatamente.

Então a Flora desapareceu? Eu me lembrei de Lila Hertzberg.

— Isso não é bom, Rex — falei. — Que diabos você acha que aconteceu com essas mulheres?

Ele se deitou nos travesseiros e ficou olhando para o notebook.

— Espere, qual era mesmo o nome da amiga dela? A que deu um depoimento no artigo?

Olhei de novo para a tela.

— Georgia Hillman.

Os olhos de Rex brilharam.

— É o mesmo nome que está no livro — disse ele, alcançando *Os Anos* e abrindo-o na primeira página. — Veja, foi ela quem escreveu a dedicatória.

— Hummm... — murmurei, voltando para o computador. — Talvez eu consiga encontrá-la.

Digitei o nome dela no Google e olhei os resultados até encontrar uma mulher com o mesmo nome em um artigo sobre a inauguração de uma casa de repouso em Manhattan. Procurei o número da casa de repouso e então liguei do meu celular, esperando o telefone tocar duas vezes, depois três, e então quatro.

— Casa de Repouso Roosevelt — disse a voz de uma mulher.

— Ah, oi, estou ligando para saber se uma senhora chamada Georgia Hillman mora aí.

— Não damos informações sobre nossos moradores — disse ela, parecendo um pouco incomodada.

— Ah, tudo bem. Então, será que você pode simplesmente anotar um recado?

— Claro.

— Eu gostaria que a Senhora Hillman me ligasse — continuei. — Preciso falar com ela sobre algo importante.

Dei o número do meu celular para ela e depois desliguei. Quais seriam as chances de ela me ligar? E de ela ao menos morar lá? O artigo do jornal já tinha sete anos.

— É querer demais... — disse. — Ela provavelmente já faleceu.

Voltei a olhar para meu computador quando ouvi o sinal de que havia recebido um e-mail. Não reconheci o nome de quem o enviara. Não a princípio. Então cliquei na mensagem para abri-la e meu coração disparou.

Encontrei seu marido na cafeteria da vila. Quase contei tudo a ele. Mas vou ser paciente, Amanda. Entendo que seus sogros estão

na Ásia. Leva algum tempo para levantar todo aquele dinheiro, por isso vou confiar mais um pouco em você. Mas não por muito tempo.

Rex estava deitado ao meu lado, passando os dedos em um livro de história enquanto meu coração batia acelerado. *Meu Deus. Ele está aqui. Ele está mesmo aqui.*

Flora

Fiquei tentando entender por que o Senhor Beardsley parecia tão ansioso, mas não havia tempo de investigar. As crianças estavam esperando na sala de brinquedos. Abbott estava sentado perto da janela, olhando para os jardins. Nicholas estava deitado com o rosto no chão, em protesto. Katherine, com sua testa permanentemente franzida, puxava seus cachos, em pé ao lado da casa de bonecas, onde Janie brincava alegremente.

— Nicholas — o repreendi. — Você vai acabar com suas roupas.

O garoto sentou-se relutante, a passo de lesma, depois levantou-se e arrastou-se até a janela, sentando-se com Abbott.

— Ei! — gritou Abbott, empurrando o irmão mais novo. — Eu cheguei primeiro.

— Vamos lá, meninos, tem lugar para os dois.

A Senhora Dilloway me explicara o horário das crianças. Lorde Livingston os havia tirado do internato, por isso seus dias eram repletos de tutores e aulas, com pouco tempo para brincar, com exceção dos fins de semana, e apenas por uma hora no período da tarde.

Eu ficava de olho no relógio; as crianças precisariam estar vestidas e prontas para o jantar às seis. Senti uma pontada no estômago, pois sabia que encontraria Lorde Livingston pela primeira vez e não queria ter nenhum problema.

Abbott suspirou, pressionando o rosto na janela. Do lado de fora, o jardim estava todo cinza. A chuva batia na janela.

— Por que tem sempre que chover aqui?

Janie correu para o meu lado.

— É só um trovão, querida — falei, ajeitando seu cabelo loiro sedoso com a mão.

— Eu não gosto de trovão — disse ela.

Seus olhos azuis estavam cheios de preocupação, e sua boquinha virou-se para baixo. Era uma criança linda. Fiquei imaginando se ela se parecia com a mãe.

— O que fazemos para não pensar nisso, então? — perguntei, olhando com cautela para Katherine, que estava sentada em um sofá com os braços cruzados. — Katherine, você tem alguma sugestão?

— É Lady Katherine — disse ela bruscamente.

Nicholas jogou uma bola de borracha para cima; a bola bateu no telhado da casa de bonecas.

— Você ainda não é uma lady — disse ele, brincando.

— Eu sou uma lady — retrucou ela. — Tenho dez anos, e papai disse que devo ser chamada de Lady Katherine pelos serviçais.

— A Senhorita Lewis não é uma serviçal — intrometeu-se Nicholas.

— É, sim — respondeu Abbott.

— Crianças — levantei a voz. — Por favor, parem de brigar. Vocês podem pensar em mim como quiserem. Mas eu sou a babá e estou aqui para cuidar de vocês. Podem gostar de mim ou não, mas, por favor, não gritem um com o outro.

Katherine suspirou e virou-se para olhar a estante de livros. Ela esticou o braço para pegar um livro na prateleira mais alta e a manga de seu vestido caiu até seu cotovelo, revelando vários machucados.

Corri assustada para o lado dela.

— Katherine, o que aconteceu com seu braço? Você se machucou?

Ela rapidamente cobriu o braço com a manga.

— Não é nada — respondeu ela.

— Deixe-me ver. Alguém machucou você? Por favor, eu...

— Estou bem — insistiu ela. — Eu só caí no jardim. Não é nada.

Coloquei minha mão em seu braço, delicadamente.

— Mas eu só quero ajudar...

— Por favor — disse ela, puxando o braço para longe de mim. — Já falei que não é nada.

Abbott pegou uma revista em quadrinhos e enfiou o nariz nela, e Nicholas ficou mal-humorado. Eu me virei para a pequena Janie, que segurava uma boneca com o cabelo todo bagunçado pedindo desesperadamente para ser arrumado. Eu precisaria me entender com Katherine, mas nesse momento seria inútil tentar.

— Vamos cuidar do cabelo dessa boneca — disse, pegando uma escova no chão perto do sofá.

Eu me virei para Katherine:

— Você gosta de bonecas?

— Não — respondeu ela sem olhar para mim.

— A Katherine não gosta de nada — disse Abbott com um sorriso.

— Você não sabe nada sobre mim — protestou ela.

— Ela gostava de ver as flores — acrescentou Nicholas. — Com a mamãe.

Katherine fez cara de nojo para o irmão.

— Não fale sobre a mamãe na frente dela!

— Por que não? — respondeu Nicholas.

Olhei para Katherine de novo.

— Então você gosta das flores do jardim, Katherine?

Ela não respondeu.

— Eu também gosto. Na verdade, quando a chuva parar, eu estava pensando que vocês poderiam

me levar para visitar os jardins. Talvez amanhã.

Eu detestava pensar que estava usando as crianças para me levarem até as camélias, mas eu precisava descobrir o caminho do jardim sem parecer muito suspeita.

— O papai não gosta que a gente vá até o jardim — disse Katherine, acabando com minha ideia.

— Por quê? — perguntei, lembrando-me de um aviso semelhante da Senhora Dilloway.

— Por que a mamãe...

Katherine cutucou Nicholas.

— Ai! — gritou ele.

— Ele não sabe o que está falando — acrescentou Katherine, revirando os olhos.

— Por favor. Vamos parar com essa briga e nos divertir. — Olhei para a estante. — Quem gosta de histórias?

As crianças mais velhas não responderam, mas a pequena Janie veio até meu lado e encostou-se em minha perna.

— Eu gosto — disse ela com um sorriso.

— Que bom — falei, escolhendo um livro na estante. — Então vamos ler.

Senti Katherine passar ao meu lado enquanto ultrapassava Nicholas para garantir seu lugar preferido no sofá.

— Com licença — disse ela rapidamente antes de acomodar-se ao lado de um travesseiro, voltando a cruzar os braços. Nicholas sentou-se, e Abbott deitou-se ao lado dele no tapete e soltou um bocejo.

— Agora — disse, virando a primeira página antes de olhar para o relógio. — Temos tempo o suficiente para ouvir uma boa história antes de nos vestirmos para o jantar.



— Crianças! — disse severamente a Senhora Dilloway. — Rápido, sentem-se antes que seu pai chegue.

Pensei em papai na padaria, em Nova York, com farinha embaixo das unhas e um grande sorriso jovial, e me senti triste por aquelas crianças. Ninguém devia temer o próprio pai, como acontecia com elas.

Nicholas e Abbott mexeram-se em suas cadeiras. Eles estavam bonitos em seus ternos, como pequenos homenzinhos. Katherine estava sentada do outro lado da mesa, ajeitando uma ruga imaginária na manga de seu vestido amarelo-claro antes de me lançar um sorriso travesso. De todas as crianças, ela era a que mais me preocupava.

A Senhora Dilloway indicou um lugar ao final da longa mesa, grande demais e solitária para as quatro crianças e o pai.

— Senhorita Lewis, você pode sentar-se aqui, perto de Janie. Ela precisa de ajuda para comer.

— Sim, senhora — disse, pegando Janie no colo e colocando-a na cadeira ao lado da minha

enquanto a Senhora Dilloway saía da sala.

Senti como se fôssemos todos parte de uma produção teatral elaborada, minutos antes de a cortina se abrir.

Abbott bateu sua faca no prato, como uma dica, e Nicholas pegou o garfo e começou a bater no copo de água.

— Fiquem quietos, vocês dois — bufou Katherine. — Precisam sempre agir como bárbaros?

Janie gritou de alegria e, na tentativa de juntar-se à percussão dos irmãos, pegou a colher que estava em seu lugar e derrubou um copo de cristal para o lado. A água caiu na toalha de mesa e o copo de vidro foi para o chão, desviando do tapete e caindo no chão duro de madeira, onde se despedaçou.

— Ah, querida... — disse rapidamente, ajoelhando-me para limpar a bagunça. Enquanto eu fazia isso, um silêncio tomou conta da sala de jantar. — Copos de estanho são mais apropriados para crianças da sua idade. Vou conversar com a Senhora Dilloway. — Escondi os cacos de cristal embaixo da mesa. — Pronto — falei, ficando em pé. — Seu pai nunca vai ficar sabendo. Este será nosso segredinho.

Meu rosto ficou vermelho quando Lorde Livingston entrou na sala de jantar. Alto e magro, com o cabelo um pouco grisalho, ele parecia ainda mais jovem de perto. Pude ver a quem Nicholas tinha puxado a boa aparência. Ele era a cópia do pai. Fiquei me perguntando se Abbott gostaria de ser parecido com ele.

Ele limpou a garganta.

— Bem-vindo, papai! — disse Katherine.

Ele acenou para ela de maneira formal, então virou-se para a Senhora Dilloway, que se aproximou da mesa carregando uma travessa abobadada.

— Quem é esta? — perguntou ele, apontando um dedo para mim.

— Esta é a Senhorita Lewis — respondeu ela nervosa. — A nova babá das crianças. Ela chegou ontem.

— É um prazer conhecê-lo, senhor, quero dizer, hã, Lorde... — disse.

A Senhora Dilloway parecia momentaneamente aflita.

— A Senhorita Lewis veio dos Estados Unidos, Lorde — disse ela, como se quisesse resolver rapidamente a questão, de maneira eficiente.

Ele entregou o paletó ao Senhor Beardsley e desviou o olhar de mim.

— Na verdade — disse ele ironicamente —, posso não saber como as crianças são criadas nos Estados Unidos, mas, na Mansão Livingston, ninguém toma nada em copos de estanho.

— Ah, sim... — gaguejei. — Sim, claro. Só achei que as crianças poderiam...

— As crianças — continuou ele — vão aprender a beber em copos de vidro como madames e cavalheiros.

— É só que, com todo o respeito, senhor, a pequena Janie tem só 2 anos, e...

— Sei muito bem a idade da minha filha, senhorita...

— Senhorita Lewis, senhor — completei. Meu rosto ardia e achei ter ouvido uma risada na direção onde Katherine estava sentada. — Sim, senhor, quero dizer, Lorde.

Lorde Livingston sentou-se e eu também me sentei.

— Papai, eu já consigo saltar com meu cavalo sobre o rio — disparou Nicholas.

— Não consegue, não — interrompeu Abbott. — Você errou aquele salto por uns bons cem metros.

Nicholas olhou para o colo e então de novo para o pai, ignorando Abbott.

— Você poderia vir cavalgar comigo amanhã de manhã para ver.

— Amanhã não, garoto — disse ele. — Tenho negócios a tratar amanhã de manhã.

Nicholas afundou-se na cadeira enquanto a Senhora Dilloway colocava uma sopa grossa cor de laranja nas tigelas a nossa frente.

— O senhor gostaria de me ouvir tocar piano depois do jantar, papai? — perguntou Katherine docemente. — Já consigo tocar *Minuet in G*.

— Muito bem, Katherine. Mas vou me recolher logo após o jantar. Num outro dia, querida.

— Sim, papai — disse ela, suspirando desapontada.

Dei uma colher de sopa para Janie e ela tomou-a alegremente, sem dar atenção ao desapontamento dos irmãos.

— E a senhora está gostando de suas acomodações aqui, Senhorita Lewis? — perguntou Lorde Livingston, levando o guardanapo até a boca.

— Sim, muito, obrigada — respondi. — O senhor tem uma casa muito bonita.

— Sim — disse ele com rigidez. — Esta casa está com a família há várias gerações.

— Os jardins são particularmente adoráveis — acrescentei.

Cerrei os punhos, querendo não ter dito aquilo. A Senhora Dilloway olhou para mim do canto da sala.

— Bem — respondeu Lorde Livingston —, você pode esperar algumas mudanças na propriedade nesta primavera. As camélias vão embora. — Ele colocou o garfo na mesa com força e achei que ele tivesse quebrado a louça. — Todas elas. O solo está úmido demais agora, mas na primavera, antes das chuvas, elas serão tiradas dali. — Ele cortou seu rosbife, olhando para ele com aprovação. — As camélias não servem para nada. Para nada mesmo. Não dão frutos, somente flores, e mesmo as flores não duram nada.

Estremeci ao pensar que o jardim seria destruído. Um massacre. Não consegui deixar de pensar que a Middlebury Pink estaria mais segura no jardim de um nazista do que ali, onde seria destruída.

— Senhora Dilloway — disse ele, limpando o canto da boca com um guardanapo —, tenho um monte de papéis para olhar. A senhora poderia, por favor, levar meu jantar até meu escritório? Vou terminar de comer lá.

— Sim, Lorde — disse ela, alcançando a bandeja na mesa lateral enquanto ele se levantava.

Abbott e Nicholas pareciam magoados, e Katherine olhava para o colo, mirando alguma coisa em suas mãos.

— Ah, papai, queria que você não fosse... — disse ela, lançando um olhar malicioso em minha direção. — Queria te mostrar uma coisa. Uma coisa que encontrei no quarto de brinquedos. Caiu do bolso da Senhorita Lewis.

— O que é, querida? — perguntou o pai, aproximando-se para observar sua mão.

Cerrei os olhos, tentando ver o que ela tinha nas mãos, e então percebi, em um momento de pânico, que ela segurava um cunquate. Da estufa.

— Deus do Céu! — exclamou Lorde Livingston. — Onde foi que a senhora encontrou isso, Senhorita Lewis?

Katherine esboçou um sorriso satisfeito.

— Eu...

A Senhora Dilloway interrompeu:

— A Senhora Marden trouxe uma cesta cheia deles hoje do mercado. Ela ofereceu alguns para você no almoço, não foi, Senhorita Lewis?

— Sim — respondi. — Guardei alguns no meu bolso para mais tarde e acho que devo ter me esquecido. Sinto muito mesmo.

Lorde Livingston pareceu aliviado, mas estava exausto.

— Muito bem — disse ele. — Vou lhes dizer boa-noite agora.

— Boa noite, pai — disse Abbott, seguido por Nicholas.

Katherine parecia mal-humorada, mas Janie sentou-se e disse “na noite, papa”. O pai já havia saído e não conseguiu ouvi-la.

— Senhorita Katherine — disse a Senhora Dilloway, franzindo a testa —, eu fico com o cunquate.

Katherine soltou a fruta exótica e cruzou os braços triunfante.

— Eu não me importo com o que você diga. Eu sei onde você pegou isso.

— Já chega — repreendeu a Senhora Dilloway. — Os meninos vão comer a sobremesa, e a Janie também. Mas você vai para seu quarto para pensar seriamente sobre como recebemos nossos convidados na Mansão Livingston.

Katherine levantou-se e andou com orgulho.

— Por favor — disse para a Senhora Dilloway. — Não a coloque de castigo por minha causa.

Katherine me lançou um olhar desafiador.

— Não me importo — retrucou ela, andando em direção à escada. — Eu não gosto mesmo do bolo de limão da Senhora Marden.



Depois que as crianças foram dormir, voltei para meu quarto, onde peguei uma caneta e um papel para terminar minha carta.

Queridos mamãe e papai,

Estou aqui na Inglaterra e está tudo bem. Mas preciso confessar uma coisa: eu não estou no Jardim Botânico de Londres. Fiz um desvio do caminho para interesse de nossa família e espero que não fiquem decepcionados comigo. Aceitei um emprego na Mansão Livingston para cuidar de quatro crianças. A mansão é linda e as crianças são tão encantadoras quanto difíceis. Elas perderam a mãe há pouco tempo, então é fácil desculpá-las por seu comportamento. O pai é frio e não demonstra sentimentos. Ele é tão diferente de você, papai... Meu coração fica partido em pensar que estes pequenos não podem nem subir no colo do pai da maneira como eu fazia quando era criança. Ah, papai, mamãe, sinto tanta falta de vocês.

Mas preciso ficar aqui, pelo menos por um tempo. Tem uma coisa muito importante que preciso fazer e, quando terminar, significará o fim de seus problemas financeiros, fico muito feliz em poder dizer isso.

Não se preocupem comigo. Ficarei bem. Tenho um quatinho adorável que dá para os jardins e um é composto inteiramente de árvores de camélias. Há tanta beleza aqui, e ainda assim mal é percebida. Rezo para conseguir fazê-los enxergar isso.

Com amor de sua filha,
Flora

Dobrei o papel de carta e coloquei-o dentro de um envelope antes de subir na cama. Fiquei deitada olhando para as estrelas do lado de fora da janela, pensando nas crianças, em Lorde Livingston e na misteriosa Lady Anna. Se ao menos eu soubesse o que havia acontecido com ela... Eu me virei e me revirei na cama por uma hora antes de decidir colocar meu robe e sair para uma caminhada. Uma caminhada iria me ajudar. E, além disso, eu poderia ver como estava Janie.

Andei na ponta dos pés pelo corredor e subi as escadas, arrastando-me silenciosamente pela casa principal. Ela parecia tão diferente à luz da lua; as sombras deixavam as pinturas fantasmagóricas e a mobília macabra.

Tremi enquanto subia as escadas e andava pelo corredor até chegar ao quarto das garotas. Abri a porta devagar e olhei lá dentro. Janie dormia um sono pesado em sua pequena cama, e Katherine roncava na dela na porta ao lado. Pobres criaturas. Elas não mereciam perder a mãe.

Eu disse a mim mesma que deveria me virar, voltar para meu quarto, mas a estufa no andar de cima me chamava. Eu me lembrei de onde a Senhora Dalloway havia deixado a chave, sob a aba do tapete, perto do rodapé, no corredor. *Por que não ir até lá?* Ela havia me pedido para cuidar do lugar, e eu tinha reparado em algumas pragas brotando nos vasos de orquídea. Eu podia cuidar delas. Talvez. Sim, só por um tempinho. Eu daria um pouco de água para as árvores e depois voltaria para a cama. Encontrei a chave e coloquei-a na fechadura, entrando apressadamente na estufa e fechando a porta. Olhei para a lua e para as estrelas através do teto de vidro e suspirei com a vista deslumbrante, como se fosse um mural pintado por um grande artista. Não era de admirar o fato de Lady Anna adorar aquele lugar.

Fui até as orquídeas e tirei as pragas de um pequeno vaso de terracota que continha uma rosa de flor branca.

— Pronto, lindeza — suspirei, tirando um trevo com raiz próximo do caule da orquídea. — Assim está melhor? — No silêncio da noite, eu quase conseguia ouvir a flor suspirar.

Fui até a torneira e enchi um regador verde até a borda e em seguida coloquei água nas flores. Fiquei maravilhada ao ver as gotas brilharem com a luz da lua.

Katherine sabe sobre os cunquates. Será que a mãe a trouxe aqui? Fui até a janela que dava para a

frente da casa e abri-a para deixar um pouco de ar entrar. Inclinei-me e notei uma figura na varanda abaixo, olhando para os jardins. Lorde Livingston. Ele estava ali com os cotovelos apoiados no corrimão, segurando a cabeça com as mãos.

Eu me atrapalhei com a trava da janela, tentando fechá-la rapidamente antes que ele percebesse que eu estava ali em cima, e quando fiz isso um seixo do peitoril da janela caiu na varanda de baixo. Fechei a janela e me encolhi atrás da parede antes de voltar para a porta. Tranquei-a e então coloquei a chave embaixo do tapete de novo.

Meu coração batia acelerado enquanto eu andava na ponta dos pés pelo corredor e descia as escadas, ciente de todo o rangido que provocava. Soltei um suspiro de alívio ao chegar ao segundo andar, mas, quando virei o corredor, trombei com alguém. Um homem, a julgar pelo tamanho.

— Me desculpe — disse, rapidamente. — Eu só estava... hã... olhando as crianças.

A luz estava fraca demais para ver seu rosto, mas, quando ele falou, meus braços se arrepiaram.

— Flora?

— Desmond?

Addison

No dia seguinte, meu telefone tocou enquanto Rex estava no banho. Não reconheci o número, por isso decidi não atender, com medo de que fosse Sean. Quando ouvi a mensagem de voz, porém, fiquei aliviada de saber que era apenas uma ligação sobre trabalho. Uma mulher de Chelsea querendo um jardim novo para uma casa que ela acabara de comprar.

— Você teve alguma notícia da Georgia? — perguntou Rex da porta do banheiro, com a toalha amarrada em volta da cintura e com o peito cheio de gotas de água.

— Não — respondi. — Duvido que isso vai dar em alguma coisa.

— Bem, então vamos encontrar outro caminho — disse ele. — Talvez ela conheça alguém na cidade. Pensei em ir até a cafeteria hoje para pesquisar um pouco mais, talvez perguntar para as pessoas.

— Sim. Boa ideia.

— Quer vir comigo? — perguntou Rex.

— Não. Acho que vou ficar por aqui.

— Você vai limpar as pragas, não vai?

— Como você sabe?

— Você está com aquele olhar.

Dei um sorriso.

— Você não fica enlouquecido por saber que há dentes-de-leão e trevos nos pés das hortênsias?

— Não — disse ele, sorrindo. — Mas você fica. Eu entendo. — Ele me puxou em sua direção. — Você sabe que meus pais podem contratar alguém para cuidar dessas pragas, não sabe?

Balancei a cabeça.

— Mas eu *gosto* de limpar as pragas.

— Você é adorável.



Mais tarde, naquele dia, meu telefone tocou e atendi com cautela.

— Alô?

— Olá, aqui é Georgia Hillman. — A voz dela parecia cansada e falhava um pouco. — Recebi uma mensagem para ligar para este número.

— Sim — respondi animada. — Meu nome é Addison Sinclair. Estou na Inglaterra, em um lugar chamado Mansão Livingston, e eu...

— O que você disse?

— Eu disse que estou na Mansão Livingston.

Houve um silêncio do outro lado da linha.

— Senhora Hillman — chamei-a —, a senhora ainda está aí?

— Sim — respondeu ela finalmente. — Estou aqui.

— Sinto muito incomodá-la — continuei —, mas descobri algumas informações sobre uma mulher que trabalhava aqui, uma mulher chamada Flora Lewis. A senhora por acaso a conhece?

A mulher não disse nada.

— Senhora Hillman?

— Sim — disse ela. — Sinto muito. Já faz bastante tempo que não ouço esse nome.

— Então a senhora a conhece?

— Conheci. Sim.

— Encontrei seu nome em um artigo de jornal — expliquei. — Parece que ela desapareceu na Inglaterra...

— Desapareceu. E sinto muito em dizer que nunca foi encontrada.

— A senhora faz alguma ideia do que aconteceu com ela?

— Não. Gostaria de saber. Eu a conheci pouco tempo antes de ela desaparecer.

— No navio que veio para a Inglaterra, certo?

— Sim — respondeu ela. — Ela estava trabalhando com um vigarista.

— Vigarista?

— Sim, e tenho vergonha de dizer que eu também trabalhei, uma vez, para ele — afirmou ela. — Ouça, não tenho orgulho desse capítulo de minha vida, então deixei isso para trás. E eu não queria que Flora se metesse nisso. Ela era boa demais para se envolver com aquele homem.

— Não estou entendendo.

— O Senhor Price sabia como conseguir o que queria — continuou ela. — Ele sabia como fazer as pessoas se comportarem como se fossem marionetes. A família de Flora precisava desesperadamente de dinheiro, e ele sabia, então ele se aproveitou disso para tirar vantagem.

— Então Flora fazia parte do plano de um vigarista na Inglaterra?

— Sim. Eu a ouvi conversando com o Senhor Price, e pelo que consigo me lembrar, ela deveria encontrar uma flor ou uma árvore rara na mansão.

— Você não está falando de uma camélia, está?

— Talvez — respondeu ela. — Na verdade, sim, acho que é isso.

— O que o Senhor Price queria com a camélia?

— Dinheiro. Ela provavelmente valia muito para alguém, e ele foi contratado para consegui-la. Ele era um ladrão de flores. Não havia nenhuma planta ou árvore na qual ele não conseguisse colocar as mãos. — Ela suspirou. — Bem, ele morreu nos anos 1970, em uma cela na prisão de Tampa, se é que isso te diz alguma coisa sobre o tipo de homem que ele era.

— A senhora acha que Flora concluiu o trabalho? Acha que ela encontrou a camélia?

— Eu não sei — respondeu. — Um lado meu acha que ela fugiu, que ela foi para um lugar distante para que ele não fosse atrás dela. E ele iria, se pensasse por um segundo que ela estava viva. Eu gosto de pensar nela lá levando a vida que sempre sonhou. Mas não tenho tanta certeza. Ela adorava os pais, e, até onde eu sei, eles nunca mais tiveram notícias dela.

— Como a senhora sabe?

— Fui visitá-los cinco anos depois de Flora ter desaparecido — respondeu ela. — Eu tinha um pouco de dinheiro, pouco, graças ao meu último trabalho para o Senhor Price. O dinheiro que eu não devolvi para a família na Suécia, de quem havíamos roubado. Eu tinha a intenção de dar esse dinheiro para os pais de Flora, para que eles pudessem pagar suas dívidas. Eu me lembrava de ela ter me contado que eles estavam passando por uma situação difícil. Mas, quando cheguei lá, eles não aceitaram minha ajuda, disseram que um parente havia deixado para eles uma grande quantidade de dinheiro. Fiquei feliz em saber que alguém estava cuidando deles. O dinheiro não podia substituir a filha. Eles nunca souberam o que ela fez, e fiquei feliz por isso.

— Senhora Hillman — falei —, muito obrigada por compartilhar esta história comigo. Se a senhora se lembrar de mais alguma coisa, qualquer coisa, a senhora pode, por favor, me ligar?

— Sim, claro. Já faz tanto tempo que não falo sobre essa época da minha vida com ninguém que quase tinha me esquecido dela. Meu marido, que ele descanse em paz, nunca soube disso. É engraçado como nosso passado volta para nos assombrar.

Balancei a cabeça.

— É, é mesmo... — disse baixinho.



Depois que desliguei o telefone, decidi explorar mais a casa. Quarta-feira era o dia da semana em que a Senhora Dilloway ia para a cidade. A Senhorita Klein dizia que ela ia arrumar o cabelo, mas, se você perguntasse para a Senhora Dilloway, ela nunca admitiria isso. De qualquer maneira, eu sabia que a ausência dela era a única maneira de eu conseguir andar pela casa sem ser percebida. Desde o primeiro dia, quando a vi entrar em um quarto no andar de cima, fiquei com vontade de dar uma olhada lá dentro.

Depois que o carro saiu pela rua, fui até o terceiro andar, certificando-me de que ninguém estava me seguindo. A única outra pessoa

que eu sabia que estava na mansão naquele dia era John, um garoto da cidade que a Senhora Dilloway contratou para podar as cercas vivas da frente da casa. O barulho do cortador elétrico podia ser ouvido a distância.

No topo da escada, olhei para os lados. A Senhora Dilloway estava certa, não havia nada importante neste andar, a não ser, talvez, a visão mais apurada do mural no teto abobadado. Cerrei os olhos para identificar os querubins pairando sobre o cenário do jardim pintado acima. De perto, pude ver as teias de aranha que se formaram nas beiradas. Fui até a porta que havia mais à frente e virei a maçaneta. Trancada. Empurrei a porta, na esperança de que a fechadura fosse velha e que se abrisse quando eu mexesse nela, mas nada aconteceu. Suspirei, sentando no tapete, colocando os joelhos contra o peito.

Analisei o desenho sobre a trama do tapete, desgastado e esfarrapado depois de anos de uso. Com certeza, minha sogra iria removê-lo logo. “Chocante”, diria ela. Fiquei imaginando se havia piso de madeira embaixo dele. Olhei embaixo do tapete e encontrei um piso de madeira brilhante, e foi então que percebi o brilho de um metal. Eu me aproximei e peguei a pequena chave de bronze. Não, não podia ser. Eu me levantei e coloquei-a rapidamente na velha fechadura. Ela estava emperrada, mas girei a chave com cuidado e em um instante a maçaneta virou. Respirei fundo, abrindo a porta.

Entreí cautelosamente na sala, maravilhada com a visão que tive. Ali havia uma grande estufa, ou o que um dia fora uma estufa. A luz do sol adentrava pelo enorme teto de vidro. Percebi que sua posição no centro da casa impedia sua visibilidade da parte de baixo. Incrédula, com o coração batendo forte, fiquei embaixo de um pergolado coberto por buganvílias rosa-brilhante, com um tronco tão grosso que era mais largo do que minha cintura. A maior parte da árvore havia morrido, mas uma única videira sobrava e explodira com flores magenta. Eu podia sentir o cheiro cítrico aquecendo-se com a luz do sol, e imediatamente percebi de onde vinha: de um antigo limoeiro no outro canto da sala. Provavelmente devia ter sido cultivado por Lady Anna.

Andei por um caminho coberto de folhas até chegar a uma mesa que um dia serviu de vitrine para dezenas de orquídeas. Agora era um cemitério dessas flores. Restavam apenas seus caules marrons e murchos, mas eu podia imaginar como elas eram no início. Sorri ao pegar uma etiqueta em um dos vasos. *Lady Fiona Bixby. Ela deve ter dado nomes às plantas.* Talvez não houvesse nada de sinistro acontecendo no jardim, de fato. Lady Anna tinha claramente um espírito criativo, e talvez aquilo aparecesse nos jardins e nos nomes que ela dava para as flores e as árvores.

Eu me sentei em um banco perto da janela e pensei em Flora, a babá. Será que ela teria estado ali também? Será que ela gostava daquele lugar tanto quanto Lady Anna? Peguei uma velha pazinha de jardineiro, enferrujada na beirada. Ela desencadeou uma lembrança que eu gostaria de esquecer. Fechei os olhos com força, tentando, sem sucesso, afastá-la.



Quinze anos antes

Jean olhou para o relógio na parede.

— Já são seis horas? Estou atrasada para minha reunião. — Ela virou-se para mim. — Querida, tem uma lata de espaguete no armário. Você esquentar para o Miles e para você?

— Você não está se esquecendo de alguém? — disse Sean, incomodado. — Da última vez que verifiquei, vi que o governo te dá um cheque bem gordo todo mês para você cuidar de mim.

Jean fez uma careta.

— E a maior parte do dinheiro foi usada para arrumar a parede que você destruiu na semana passada. — Ela olhou para mim. — Fique de olho no Miles. Volta às oito.

Fiquei olhando para a frente paralisada, enquanto ela saía pela porta.

— AA — disse Sean. — Ela nunca perde uma reunião. Já está sóbria há um ano, pelo menos é nisso que ela quer que todos acreditem.

Ele foi até a cozinha e esticou o braço em direção à parte de cima do armário, pegando uma garrafa de bebida. Ele abriu a garrafa e tomou um gole antes de oferecer para mim.

Balancei a cabeça assustada.

— Vamos lá, tome um pouco — disse ele. — Vai te relaxar.

— Não — respondi rapidamente.

Sean virou-se para o garotinho em frente à TV.

— Vamos dar uma incrementada na mamadeira dele?

Ofeguei chocada por ele ter sugerido uma coisa daquela.

— Fiz isso uma vez em outra casa — disse ele, rindo. — Foi hilário.

— Isso é horrível.

— Tudo bem, dona certinha. — Ele tomou mais um gole da garrafa e depois fechou-a e colocou-a de volta em cima do armário.

Fui até a sala de estar e sentei-me ao lado do pequeno Miles. Ele virou-se para olhar para mim com cautela.

— Eu sou a Amanda — disse para ele.

Ele sorriu tímido e me entregou seu ursinho sem cabeça.

— Aposto que conseguimos consertar isto. Você sabe onde a... cabeça está?

A criança apontou para a escada de incêndio perto da cozinha. Assenti e fui até lá, olhando pela janela aberta. Ali, perto de uma roseira plantada em um vaso, estava a cabeça do ursinho presa no metal, virada para baixo. Peguei-a e parei rapidamente para admirar a única flor que havia no vaso, laranja-escura, a cor do pôr do sol. Toquei a rosa delicadamente, olhando para a cidade a minha volta. Ouvi barulhos de buzina e reparei nos sinais luminosos que piscavam. Segurei no corrimão e fiquei paralisada quando senti um movimento atrás de mim. Vi uma pazinha de jardineiro enferrujada e apanhei-a instintivamente.

— Ei, não fique com medo — disse Sean. Senti sua mão quente em minhas costas. — O que foi, você achou que eu ia te empurrar? —

Ele esticou a mão para pegar a rosa laranja. — Você gosta de flores? — perguntou ele. Eu me encolhi. — Ai! — gritou ele. — Essa merda me machucou. — Levantou a mão, mostrando algumas gotas de sangue, depois deixou a rosa cair e pisou com a bota em suas pétalas delicadas.



Sacudi a cabeça para me desfazer daquela memória, tentando com toda a minha força me concentrar na beleza a minha frente e deixar que ela espantasse a feiura do passado. Fui até a árvore plantada em um vaso perto do pergolado e apanhei uma pequena fruta laranja de seu galho. Sorri. Cunquates, claro. Dei uma mordida, deixando seu suco azedo renovar meus sentidos, e foi então que ouvi a porta se abrindo atrás de mim. E passos. Segurei a velha pazinha de jardineiro e me preparei.

Flora

Meu coração batia forte no peito enquanto eu olhava para o rosto familiar na luz fraca.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei nervosa.

Eu não esperava vê-lo de novo, e lá estava ele, lindo em um terno cinza enquanto eu me mantinha em pé na escada de camisola.

— Eu moro aqui — disse Desmond, sorrindo para mim.

— Como assim, você mora aqui?

— Esta é a minha casa — disse ele. — Bem, a casa da minha família. — Ele sacudiu a cabeça confuso. — Mas você me disse...

— Sinto muitíssimo — disse, apertando o robe em volta da cintura. — Não fui sincera com você. — Eu me sentia afobada e com calor enquanto as palavras saíam de minha boca. — Não existe nenhum emprego no Jardim Botânico de Londres. A questão é bastante simples: estou aqui como babá. — Mordi o lábio. — Entendo, caso você queira se afastar de uma vez por todas de mim. — Meu estômago se apertou. *Como é que eu podia me justificar, explicar minha mentira, sem confessar o verdadeiro motivo de eu estar na mansão?*

— Por favor — disse ele, segurando minha mão. — Do que você está falando? Afastar-me de você? Não estou ouvindo isso. Você não queria que eu soubesse que você estaria trabalhando. Eu entendo. Todo mundo tem um segredo; não fiquei chateado.

— Um segredo? — disse, puxando a mão.

— Sim — respondeu ele. — Ninguém é perfeito.

— Bem, se você está achando que eu...

— Eu não estou achando nada.

Ele deu um passo para a frente. Eu dei um passo para trás.

— É engraçado — continuou ele. — Eu estava preocupado achando que nunca mais ia vê-la, e então você aparece aqui, na minha casa, de camisola. — Ele sorriu, estendendo a mão de novo. — Olha, podemos começar de novo? Olá, eu sou Desmond Livingston.

Sorri de volta para ele, apreensiva.

— Oi, eu sou a Flora. Flora Lewis.



15 de abril de 1940

— Alguém está com sono? — brincou o Senhor Humphrey no café da manhã no dia seguinte.

— Desculpe — disse, tentando com todas as forças segurar outro bocejo. — Ainda estou tendo dificuldade para me adaptar ao horário europeu.

Eu não disse, claro, que eu tinha ficado acordada até depois da meia-noite conversando com o Desmond na sala de estar.

O Senhor Humphrey levantou-se e pegou o guardanapo do colo.

— Bom, preciso ir. Vou levar Lorde Livingston para a cidade hoje.

— É? — disse a Senhora Dalloway. — O que ele vai fazer na cidade?

O motorista olhou para mim e então olhou de novo para a Senhora Dalloway.

— Eu não sei a programação dele, senhora — respondeu, enigmático. — Ele só me paga para dirigir, não para fazer perguntas.

— Ah, Senhor Humphrey — falei, pegando a carta que havia escrito para meus pais dentro do bolso do vestido. — Se por acaso passar pelo correio, o senhor se incomodaria de postar isto? — Dei a ele algumas moedas para a postagem. — Tome, isso deve ser suficiente.

— Claro — disse ele, guardando as moedas no bolso da camisa.

— Obrigada.

— Como você está se sentindo aqui, Senhorita Lewis? — perguntou o Senhor Beardsley da ponta da mesa, onde ele tomava café e olhava para um caderno de anotações aberto a sua frente.

— Estou bem, senhor — respondi. — É uma casa e tanto.

— É mesmo — concordou ele, fazendo uma anotação em seu caderno, sem olhar para cima.

— Senhor, eu estava pensando... Será que eu poderia levar as crianças até os jardins hoje? Depois de suas aulas, claro.

O Senhor Beardsley olhou para a Senhora Dalloway, e então para mim.

— Até os jardins?

— Sim. Eu adoraria ir até lá, e as crianças parecem tão presas dentro de casa. Gostaria de levá-las para passear. Até o jardim das camélias, se possível.

— Eu não recomendo — disse rapidamente o Senhor Beardsley.

— Mas, senhor — implorei. — Prometo não ficar muito tempo lá fora com elas. Será que o Lorde Livingston se importaria com um passeio supervisionado?

— Bem — disse ele, fechando o caderno e virando-se para olhar para mim de novo —, não vá muito longe. O jardim é bem grande, e quando a neblina chega lá... bem, não é o lugar ideal para as crianças.

— Tomaremos cuidado. Prometo.

— E volte para casa até as duas, quando o Senhor Humphrey trará o Lorde de volta — acrescentou o Senhor Beardsley.

— Sim, senhor.

Enquanto as crianças tomavam café da manhã, observei Katherine cortar seus ovos mexidos com precisão calculada e coração pesado. Eu sabia que levaria bastante tempo e paciência para entender seus segredos, sua tristeza.

— Crianças — disse, quebrando o silêncio —, depois das aulas da manhã, o que vocês acham de ir comigo até os jardins, para explorar?

Desmond havia saído naquela manhã para um compromisso na cidade, e, por qualquer que seja a razão, ele não queria que ninguém soubesse que ele estava na casa. E eu prometi manter segredo.

Abbott endireitou-se em sua cadeira.

— Sério? Podemos ir?

Nicholas fez um gesto como se segurasse uma espada na mão.

— Eu nos protegerei dos espíritos do mal.

Abbott deu-lhe uma cotovelada.

— Seu bobo.

— Eu também? — perguntou Janie, tentando subir na mesa.

Eu a segurei pelos braços e dei um beijo em seu rosto.

— Você também, Senhorita Janie.

Katherine olhou para mim e sorriu.

— Você sabe que o papai vai demiti-la se descobrir que você sugeriu tal...

— O quê? — retruquei. — Que eu sugeri que vocês, crianças, tomem um pouco de ar puro? Que tolice! Crianças precisam estar ao ar livre! Não vejo nenhum problema em dar um passeio até o jardim. Além disso, a Senhora Dilloway e o Senhor Beardsley deram permissão.

— Deram? — perguntou Katherine.

— Sim — respondi, ajeitando as costas de Janie em seu assento e virando-me para Katherine. — E então, você vem conosco? — Sorri quando ela olhou para mim. — Isto é, se você não estiver ocupada demais.

Ela deu de ombros.

— Tudo bem, então, está combinado — disse, levantando-me. — Janie e eu passaremos o restante da manhã na sala de brinquedos. Encontraremos vocês lá às onze, e saímos juntos pelo terraço.

Os olhos de Janie ficaram pesados depois das nove e meia, e enquanto ela dormia em sua cama decidi arrumar a sala de brinquedos. Primeiro, realinhei os trilhos do trem, consertando a ponte que Nicholas tinha desmontado no dia anterior. Ele ia ficar feliz em ver o trem funcionando. Dobrei as roupas das bonecas em uma pilha e coloquei-as na pequena escrivaninha perto da casa de bonecas. Os gibis de Abbott também foram separados. Eu os organizei, e então coloquei-os na estante. Subi na escada para olhar a prateleira de cima. De baixo, parecia vazia, mas depois que olhei de perto vi uma pequena caixa de cedro na ponta da prateleira. Estiquei o braço para pegá-la e fiquei impressionada com a grossa camada de pó que a Senhora Dilloway teria vergonha de saber que deixou passar. Desci da escada e ajoelhei-me no chão para examinar o conteúdo da caixa. Abri e vi que dentro dela havia

um envelope endereçado a Desmond, escrito com letra de mulher. Olhei o endereço do remetente: Vivien Wainwright. *Quem é ela?* Embora eu quisesse muito abrir o envelope e examinar seu conteúdo, juntei toda a minha força, coloquei-o de lado e peguei uma pilha de fotografias antigas presas com uma fita branca amassada. Soltei a fita e olhei as imagens, percebendo uma fotografia de Lorde Livingston com uma mulher atraente ao seu lado. Ela não olhava para a câmera. *Será que esta é Lady Anna?*

Quando ouvi o barulho de passos no corredor, coloquei rapidamente a caixa de volta na prateleira, no exato momento em que as crianças entraram correndo pela porta.

— Olá — cumprimentei-os, um pouco afobada.

Katherine aproximou-se, seguida por Nicholas e Abbott.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Eu estava arrumando a sala de brinquedos — respondi. — Está vendo? — disse rapidamente. — Encontrei esta caixa na prateleira. — Olhei o rosto das crianças. — Então — disse, juntando minhas mãos —, vocês ainda querem dar uma volta lá fora comigo?

— Sim! — gritou Nicholas.

A luz do final da manhã que entrava pela janela iluminava os cílios escuros que emolduravam seus olhos.

— Tudo bem, coloquem seus casacos e vamos acordar a irmãzinha de vocês.



— Dia perfeito para exploração — comentei, maravilhada com a luz do sol. Os pássaros cantavam nas árvores que nos rodeavam. — Imagino que vocês conhecem a propriedade de cor e salteado.

— Conhecíamos — disse Nicholas, pisando em uma poça de lama e maravilhado com o barulho que seus pés faziam —, antes de a mamãe morrer. Agora o papai não deixa a gente sair muito, só para as aulas de equitação.

Katherine revirou os olhos.

— Não se faça de vítima — disse ela. — Pelo menos você tem as aulas de equitação. Você é jovem demais para gostar disso.

— Crianças, por favor, não vamos estragar este dia lindo.

Os meninos correram na frente, e Katherine e eu caminhamos em silêncio até eu quebrar o gelo.

— Eu só queria dizer que, bem, se algum dia você quiser conversar, sobre qualquer coisa, estou aqui. Você deve sentir muita falta de sua mãe, muita, e, bem...

— Você não sabe nada sobre mim ou sobre minha mãe — disse ela com desdém e continuou andando.

Suspirei, olhando para as nuvens escuras que se formavam. A Senhora Dalloway não ficaria feliz se fôssemos pegos pela chuva. Coloquei o capuz de Janie sobre seus cachos loiros e conferi para ver se seu casaco estava abotoado. Felizmente eu tinha feito todas as crianças colocarem seus casacos,

apesar dos protestos de Abbott. Olhei para cima quando um corvo passou e pousou em uma árvore perto dali. O pássaro bicou a casca do galho e então gralhou para mim como se estivesse dizendo “Não dê mais nem um passo adiante”. Ou algo assim. Estremeci. Mamãe sempre disse que os corvos eram mais espertos e astutos do que pensávamos. Por exemplo, eles sabiam o momento exato em que papai esvaziava a lata de lixo no beco atrás da padaria. Eles soltavam um grasnido de desaprovação quando não tinha um pão de centeio adormecido no meio, o preferido deles.

Talvez devêssemos voltar.

— Meninos — gritei —, não vão muito para a frente!

Com a Janie no colo, eu não conseguia alcançar o ritmo das outras crianças.

— Estamos bem aqui — gritou Abbott, voltando correndo até mim.

— Buu! — disse Nicholas, colocando a cabeça para fora de uma árvore.

Senti um pingo de chuva em meu pulso.

— Parece que as nuvens de chuva estão se movendo — disse. — Acho que devemos continuar nossa aventura amanhã.

— Ah — reclamou Abbott —, mas acabamos de sair da casa. Ele apontou para o céu. — Não temos medo de um pouquinho de chuva. Além disso, tem uma coisa que queremos mostrar a você.

Olhei para as nuvens de maneira cética, mas o jardim das camélias estava bem ali, me chamando. *Qual seria o problema em andar só um pouquinho mais, principalmente quando a Middlebury Pink podia estar por perto?* O Senhor Price queria que eu a encontrasse e lhe desse um retorno antes do final do verão. Coloquei meu casaco em volta de Janie, puxando-a para mais perto do meu peito para mantê-la aquecida.

— Tudo bem — concordei. — Mas precisamos voltar logo.

— Legal — gritou Nicholas.

O vento ganhou força quando descemos o morro gramado cheio de flores roxas e rosa-claras.

— Tem um pouco de mato por aqui — explicou Abbott. — O papai podia muito bem deixar tudo isso virar praga.

— Não são pragas — interrompeu Katherine. — Você não está vendo as *phlox* que a mamãe plantou? Olhem, elas estão aqui na grama.

— Bom, elas parecem pragas para mim — disse Abbott. — Tenho 12 anos, e sei muito mais do que você.

— Chega, Abbott — disse, tentando manter a paz —, encontre o que você quer nos mostrar e então voltaremos antes de ficarmos completamente encharcados.

O garoto balançou a cabeça.

— Tudo bem, não está muito longe.

Logo adiante, vi um anjo de pedra, quase todo coberto de grama alta e cardos. Apenas o rosto e a ponta de uma asa estavam visíveis.

— A estátua da mamãe! — gritou Nicholas, correndo até o anjo de pedra, que era quase do

tamanho dele.

— Tenha cuidado, Nicholas — repreendeu Katherine. — Pode ter alguma planta venenosa na grama.

Abbott pareceu desinteressado e passamos pelo anjo para observar um canteiro de silvas. Fiquei me perguntando se a estátua do anjo o fazia lembrar-se da mãe. Nossos olhos se encontraram e ele virou o rosto rapidamente.

— Como assim, Katherine? — perguntei.

Ela apontou para um pequeno arbusto de folhas verdes e pontudas. Flores roxas que pareciam frutos brotavam dele. Elas me lembravam da aquilegia formosa que plantei nos vasos do lado de fora da padaria.

— Está vendo aquilo? — disse ela. — É uma flor venenosa. Pode matá-la se você tocá-la. A mamãe me disse isso.

Eu me ajoelhei para olhar mais de perto.

— É difícil acreditar que algo tão bonito pode ser tão venenoso — falei.

— Mas é — continuou Katherine. — A mamãe não mentiria.

— Claro que não.

Nicholas colocou a mão no bolso e olhou para o anjo.

— A mamãe adorava esta estátua — disse ele com emoção. — O papai a mandou de uma de suas viagens. Chegou na frente da nossa porta toda embrulhada em um papel marrom. Ela mandou o Senhor Blythe colocá-la aqui no jardim, perto das camélias.

Olhei para meu relógio, aquele que o papai me dera no meu 19º aniversário.

— Meu Deus, ainda não vimos as camélias.

Com Abbott como guia, descemos a colina e chegamos a um pequeno vale. A neblina havia ficado tão grossa que estávamos praticamente embrulhados em uma nuvem. Abbott nos guiou por uma fileira de grandes árvores de camélias. Olhei para as flores. Algumas eram vistosas, do tamanho da minha mão; outras eram pequenas e frágeis, como pétalas de seda. Todas tinham folhas verde-esmeralda brilhantes. Andamos pela segunda fileira e pela terceira, mas, até então, nada da Middlebury Pink.

Estiquei o braço para tocar uma flor e tropecei em uma raiz. Segurando Janie com força, perdi o equilíbrio e cambaleei para a esquerda. Levantei o braço esquerdo para amortecer a queda, encolhendo-me quando senti uma forte dor no pulso.

Ao mesmo tempo, Katherine gritou:

— Cuidado, Senhorita Lewis!

Era tarde demais. Eu tinha caído em um ancinho enferrujado, com suas pontas viradas para cima. Coloquei Janie em segurança no chão para depois olhar o estrago. Fez um arranhão profundo, e o sangue escorria pelo meu braço.

Katherine ajoelhou-se ao meu lado.

— Você está bem? Está doendo?

— Sim. Vou precisar de um curativo.

— Tome — disse Abbott orgulhoso, desabotoando o casaco e rasgando um pedaço do tecido de sua camisa. — Use isto.

Sorri com seu gesto.

— Obrigada — agradei, amarrando o tecido de sua camisa branca em volta do meu pulso.

O sangue ensopou a primeira camada do tecido, por isso pedi que Abbott me ajudasse a amarrar com mais força.

— Se você quiser voltar — disse ele —, eu vou entender.

Meu pulso latejava, mas fiquei em pé, limpando a sujeira do vestido, e peguei Janie nos braços, com cuidado para não pressionar demais meu machucado. Eu podia ouvir o Senhor Price sussurrando em meu ouvido. *Esta é a sua chance. Esta é a sua oportunidade. Pegue-a.*

— Vamos em frente.

— Se você tem certeza disso... — disse Abbott.

Balancei a cabeça, confirmando.

— Só mais um pouco.

Passamos pelas fileiras de árvores — nenhuma me lembrava a Middlebury Pink — e, fiel a sua palavra, um minuto depois, Abbott parou.

— Chegamos — disse ele com um grande sorriso no rosto.

Olhei para a direita e então para a esquerda, e sacudi a cabeça.

— Onde? Não estou vendo nada.

— Chegue mais perto — disse ele, apontando para a frente, onde a neblina estava tão baixa que era difícil enxergar a paisagem. — E então você vai ver.

Passamos por um pergolado coberto de rosas cor-de-rosa. Segurei Janie mais perto de mim para que seus braços não fossem espetados por um espinho. Então, a cada passo, comecei a enxergar melhor. Havia um telhado, coberto de musgo, com um velho cata-vento oxidado chamando atenção. Uma casa?

— Que lugar é este? — perguntei para Abbott, sentindo meu braço se arrepiar.

— A casa das carruagens — disse ele, admirado, virando-se para mim. — Senhorita Lewis?

— Sim, Abbott.

— Você já teve a sensação de que um lugar pode ser... — ele parou de falar e coçou a cabeça — bem, de que um lugar pode ser... do mal?

Katherine suspirou e cruzou os braços. Alguns momentos depois, porém, ela pulou quando uma rajada de vento repentina passou pelo vale, fazendo a janela ranger.

— Está vendo? — continuou Abbott, com as bochechas rosadas. Ele viu uma foice encostada no

tronco de uma árvore ali perto e pegou-a. — Para nos proteger — explicou ele.

— Abbott! — gritei. — Por favor, não assuste suas irmãs.

Nicholas foi até o lado de Abbott.

— Você acha que os espíritos do mal estão aqui?

— Talvez — disse Abbott, olhando para a direita e então para a esquerda.

Nicholas balançou a cabeça.

— Não se preocupe — disse ele. — As camélias nos protegerão. A mamãe disse que elas são especiais. — Ele olhou para o jardim. — Por isso ela tinha tantas.

Katherine andou para a frente, fingindo observar uma flor vermelha em uma árvore.

Abbott olhou para o irmão e então passou a foice em uma camélia rosa.

— Bom, as árvores não salvaram a mamãe quando ela mais precisava — disse ele.

— Abbott! — gritei. — Já chega. — Olhei meu pulso de novo. — Você já viu o que queria ver?

— Ainda não — disse ele, olhando para a porta da casa das carruagens como se estivesse hipnotizado por elas. — Um mês antes de mamãe morrer, eu a segui até aqui. O papai estava sempre brigando com ela naquela época, por isso ela gostava de ficar sozinha aqui no jardim. Eu queria falar com ela. Achei que eu poderia animá-la. Mas, quando cheguei aqui, ela tinha sumido. Saí correndo depressa entre as fileiras de árvores atrás dela. Então eu me virei e vi mamãe saindo correndo da casa das carruagens. Ela estava chorando.

— Ah, Abbott... — falei, colocando minha mão em seu ombro.

— Provavelmente tinha uma lasca de madeira na mão dela — interrompeu Nicholas. — Eu sempre choro quando isso acontece comigo.

— Isso é porque você é um maricas — zombou Katherine.

Lancei um sorriso encorajador para ele.

— Você não é um maricas.

— Bem — continuou Abbott —, ela não tinha uma lasca de madeira na mão, nem qualquer outro machucado que eu pudesse ver. Foi aquele Senhor Blythe, maldito.

— Por que você está dizendo isso? — perguntei.

— Ele estava aqui. Eu o vi sair correndo atrás dela. Ele a fez chorar. Eu sei disso.

— Talvez você tenha tido a impressão errada — disse, sem saber o que Abbott tinha visto.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu sei o que vi.

Ele olhou para a construção antiga, com o telhado coberto de musgo verde. A parte exterior tinha ficado cinza-clara por causa da ação do tempo.

Abbott aproximou-se e colocou a mão na maçaneta, antes de virar-se para olhar para nós.

— Trancada.

— Bem, aqui termina nossa grande aventura. Agora vamos. Chega dessa história assustadora. Vamos voltar para casa.

Abbott suspirou.

— Estou falando para você — disse ele, olhando para a casa das carruagens com uma expressão incomodada —, tem alguma coisa estranha neste lugar.

Começamos a caminhar de volta para a entrada do jardim. Coloquei minha mão no ombro de Abbott, mas me virei rapidamente. Um barulho. O barulho distinto de uma porta se abrindo e então se fechando com um estrondo.

— Corram! — gritou Abbott, virando-se para o caminho.

Katherine gritou e Nicholas largou o pau que estava segurando. Os dois saíram em disparada, correndo mais rápido do que eu conseguia com Janie nos braços.

— Crianças! — gritei. — Por favor, vão mais devagar. Vocês vão se machucar.

Mas não adiantou nada, eles não pararam. Trouxe Janie para mais perto da minha cintura e acelerei meu ritmo, correndo pelo caminho ao longo das árvores de camélias, sem olhar para trás, até que cheguei à ponta da colina. Lá de baixo parecia uma montanha bem íngreme, mas continuei seguindo em frente. Um trovão soou ao longe e a chuva começou a cair de novo, desta vez com mais força.

— Abbott, Katherine, Nicholas! — gritei. No meio da neblina e da chuva eu só conseguia enxergar três borrões à minha frente. — Por favor, esperem!

Continuei a subir durante o que pareceu ser uma eternidade, sentindo-me uma boba por ter levado as crianças àquele lugar, até que finalmente consegui enxergar a casa. Meu coração ficou despedaçado quando enxerguei a cena à minha frente. Três crianças repletas de lama, ensopadas, embaixo de uma sombrinha e o rosto severo de Lorde Livingston, com a Senhora Dilloway ao seu lado.

— Sinto muito pelo que aconteceu — disse, correndo até eles sem fôlego. — Fomos dar uma volta e acabamos sendo pegos pela chuva.

— Já chega, Senhorita Lewis — bravejou Lorde Livingston.

— Mas, pai — gritou Abbott —, a Senhorita Lewis se machucou!

Os olhos de Lorde Livingston pareceram momentaneamente preocupados.

— O que aconteceu?

— Ah, não foi nada. Só um arranhão.

— Crianças, corram para o banho — continuou a Senhora Dilloway. — Estaremos lá em um minuto. Entreguem suas roupas molhadas para Sadie. Andem logo, vocês vão pegar um resfriado!

Katherine e os meninos entraram correndo na casa com o semblante abatido, e a Senhora Dilloway estendeu o braço para pegar Janie.

— Venha aqui, meu amor — disse ela. — Pobre criatura. Ensopada até os ossos. — Ela olhou para Lorde Livingston. — Eu mesma vou dar um banho nela.

Só consegui imaginar como devia estar a minha aparência, ensopada com o blush manchando meu rosto. O pequeno estojo de maquiagem havia sido um presente de despedida da minha amiga Pearl. Por algum motivo bobo, eu decidira usá-lo naquela manhã.

— Por favor, senhor — disse. — Eu sinto muito, muito mesmo. Eu...

— Guarde as suas desculpas — disse ele severamente. — Você nunca mais vai levar as crianças até o jardim. Fui claro?

— Sim, sim, claro — respondi, olhando para meus sapatos encharcados. *O que é que eu estou fazendo aqui? E como foi que eu pensei que encontrar a camélia seria tão fácil?* Meus olhos começaram a doer, mas eu segurei as lágrimas.

— Entre e troque de roupa — ordenou ele. — E então me encontre na sala de estar.

Acenei com a cabeça e corri pela porta dos fundos, tirando meus sapatos molhados o mais rápido que pude, e então subi a escada dos empregados na ponta dos pés, deixando um rastro de pegadas molhadas atrás de mim.

No andar de baixo, andei apressada pelo longo corredor até chegar ao meu quarto e quase trombei com o Senhor Humphrey, o motorista.

— Desculpe. Estou um pouco atrapalhada.

— Está mesmo — disse ele. — Eu quase pisei no seu pé. Onde estão seus sapatos?

— Eu os deixei na porta. Tem uma lama terrível nos jardins. — Olhei para minhas meias encharcadas e foi então que percebi a lama nas botas dele. — Vejo que você também pisou na lama.

— Ah, isso aqui? Só pisei numa poça na calçada.

— Bem, é melhor eu me trocar.

Peguei uma toalha na lavanderia e corri para meu quarto. Fechei a porta antes de me despir e então me sequei. *Será que tinha mesmo alguém lá fora hoje? Alguém na casa das carruagens? E o que foi que o Abbott disse sobre ouvir a mãe chorando?* Peguei um novo par de meias e um vestido, passei uma escova no cabelo e prendi-o para trás. Olhei minha imagem no pequeno espelho acima da cômoda. Eu não podia deixá-lo me despedir. Ainda não. Eu precisava de mais tempo. A Middlebury Pink deveria florescer logo. Eu ia encontrá-la. Eu precisava.



Arrumei meu vestido antes de entrar na sala de estar. Graças ao Senhor Beardsley, meu pulso havia sido lavado e tinha um curativo. Lorde Livingston estava sentado em uma poltrona de veludo verde, olhando para a lareira. As chamas, rugindo e crepitando, refletiam em seus olhos.

— Entre — disse ele, sem olhar para cima.

Fui até ele, sentindo o calor do fogo em meu rosto. Puxei meu cabelo, ainda molhado por causa da trapalhada do dia.

— Por favor, permita-me me desculpar, senhor, quero dizer, Lorde.

Eu quase não reconheci minha voz.

Ele continuou a olhar para o fogo por um longo tempo antes de virar-se para mim.

— A Senhora Dilloway não disse para você que proibi as crianças de ir aos jardins?

Olhei para minhas mãos em meu colo.

— Ah, sim, senhor, quero dizer...

— Então por que você as levou até lá contra minha vontade?

— Meu senhor — comecei —, eu senti pena delas. As crianças adoram estar ao ar livre. Achei que seria divertido.

— Divertido?

— Sim. E bom para a saúde delas.

Ele ficou em pé, passando a mão em seu cabelo escuro.

— Eu sei o que é melhor para meus filhos — disse ele. — Eles vão à cidade todos os sábados, e os meninos têm aula de equitação durante a semana. Eles não ficam presos aqui dentro, Senhorita Lewis.

Eu sorri sem jeito.

— Não foi isso que eu quis dizer, senhor. É só que, bem... eu só estava tentando animá-los.

Ele juntou as mãos.

— Vou perdoar o incidente de hoje no jardim se você me prometer que nunca mais vai levar as crianças até lá. Deixe que eles brinquem no terraço, se achar necessário, mas eles nunca terão permissão para passear no jardim. Não é seguro. Tem um acampamento de andarilhos perto dali. Nunca se sabe quem está ali à espreita. — A voz dele se suavizou. — Como está seu pulso?

Olhei para o curativo, sentindo as lágrimas se formarem em meus olhos. Eu sentia saudade da minha mãe e do meu pai. Saudade de casa.

— Está tudo bem, obrigada — consegui dizer. — Mas acho que vou ficar com uma bela cicatriz.

Ele esticou o braço na direção do meu pulso, com uma expressão de carinho, mas depois puxou a mão de volta e olhou para o relógio.

— As crianças já devem ter saído do banho agora — disse ele, recuando. — A Senhora Dilloway está esperando por você para ajudá-la na sala de brinquedos.

— Claro. Estou indo.



Na sala de brinquedos, Abbott estava mal-humorado no sofá. Nicholas brincava em silêncio com um trem e Katherine lia um livro sentada perto da janela, enquanto a Senhora Dilloway fechava os botões do vestido de Janie.

— O papai brigou com você? — perguntou Nicholas com uma preocupação genuína nos olhos.

Katherine olhou para cima com expectativa.

— Claro que não — respondi.

— Ele demitiu você? — perguntou Katherine.

— Katherine... — repreendeu a Senhora Dalloway.

— Ele não me demitiu. Mas ele me deu ordens estritas para nunca mais levar vocês ao jardim.

— Droga! — resmungou Abbott. — Se pudéssemos voltar, poderíamos...

— Abbott, você ouviu a Senhorita Lewis — disse energicamente a Senhora Dalloway, dando um laço no cabelo molhado de Janie antes de virar-se para mim. — Senhorita Lewis, posso falar com a senhora ali fora?

Segui atrás dela até o corredor, fechando a porta da sala de brinquedos.

— O que foi?

— Você precisa saber que o filho alienado de Lorde Livingston voltou para casa — disse ela com ar de desaprovação.

— Eu sei.

— Você sabe?

— Sim — respondi. — Nós, bem... nós nos encontramos.

A Senhora Dalloway arregalou os olhos.

— Ah.

— Por que você disse “alienado”?

— Receio que as queixas que um tem do outro sejam tão grandes que eu nem sei por onde começar — continuou ela. — Mas ele foi passar o dia na cidade hoje, saiu pela manhã, antes que Lorde Livingston o visse. Espero que ele volte logo para pegar suas coisas. Ele não deve ficar aqui por muito tempo. — Ela olhou decidida para mim. — Além disso, ele vai se mudar para o sul com a noiva depois do casamento.

Lembrei-me imediatamente da carta, com a escrita feminina. *Vivien*. Torci para que a Senhora Dalloway não visse a cor das minhas bochechas.

— A noiva dele?

— Sim. Ele vai se casar com uma condessa. Se você quiser saber minha opinião, é a melhor coisa que já aconteceu a ele.

Addison

Minha respiração ficou acelerada enquanto eu segurava a pazinha de jardineiro com a mão direita.

— Olá? — gritei, sem conseguir enxergar além da buganvília. — Quem está aí?

Uma figura apareceu no pergolado.

— Achei que ia encontrar você aqui — disse a Senhora Dilloway.

— O que você está... mas eu achei que você...

— Tivesse ido ao cabeleireiro?

Acenei com a cabeça, confirmando.

— Eu voltei porque esqueci meu livro e percebi que o lustre estava balançando. Sabe, ele balança só quando tem alguém se mexendo na estufa. — Ela se aproximou, e um frio tomou conta de mim. — Quando alguém mora muito tempo numa casa, como eu, a pessoa passa a conhecer os hábitos dela. Pequenas peculiaridades que passam despercebidas. — Ela parou em frente ao limoeiro. — Ouviu isso? — perguntou ela.

Balancei a cabeça.

— O chão range bem aqui. — Apontou para uma tábua de madeira deformada embaixo de seu pé direito. — Sempre precisei tomar cuidado. — Ela pegou uma folha seca de orquídea na mesa ao lado dela. — Suponho que você queira saber tudo sobre este lugar. Por que ele ainda está aqui depois de todos esses anos.

Permaneci em silêncio.

— Prometi à Lady Anna — continuou ela. — Pareceu ser a coisa certa a fazer depois do que... aconteceu com ela.

— Senhora Dilloway, o que aconteceu com ela?

Ela olhou para as janelas, e um raio de sol revelou o brilho de uma lágrima. Ela abriu a boca como se quisesse dizer alguma coisa, deixar as palavras fluírem. Mas rapidamente fechou os lábios.

— Venha — disse ela com rigidez, movendo-se em direção à porta. — Vou me atrasar para meu compromisso.

Flora

19 de abril de 1940

No café da manhã, Sadie parecia mais cansada do que o normal. Ela bocejou sobre sua tigela de mingau.

— Só vou encontrar as crianças na sala de brinquedos às dez da manhã — sussurrei. — Elas estão na aula de música. Por que você não me deixa ajudá-la com as camas?

Os olhos de Sadie iluminaram-se.

— Sério?

— Claro. Ficarei feliz em ajudar.

Eu não tinha conseguido tirar o noivado de Desmond da cabeça e não queria encontrá-lo enquanto esperava as crianças. Eu me sentia boba por me importar e, ainda, me perguntava: *por que ele não tinha sido sincero comigo?* Pensei na maneira como dançamos no navio, na maneira como ele olhou para mim naquela noite na escada.

De repente, a sala ficou em silêncio.

Olhei para cima e vi Desmond em pé na porta da área dos empregados.

— Bom dia para vocês — disse ele, sorrindo nervoso.

— Desmond — disse o Senhor Beardsley, ficando em pé. — Posso ajudá-lo?

— Não. Quero dizer, sim. Bem, eu... Eu queria trocar uma palavra com a Senhorita Lewis, se possível.

A Senhora Dilloway e o Senhor Beardsley trocaram olhares antes de eu balançar a cabeça, concordando. Juntos, Desmond e eu demos alguns passos até chegarmos a uma distância em que não pudessem nos ouvir na ala dos empregados.

— Você não veio me ver na noite passada — disse ele, parecendo magoado. — Fiquei esperando.

— Como eu poderia ir, Desmond? — perguntei, olhando para seus grandes olhos verdes. — A Senhora Dilloway me contou sobre seu noivado.

— Ah — disse ele, segurando minhas mãos. — É verdade. Eu estava noivo, mas garanto a você que não estou mais.

Analisei sua expressão.

— O que você está dizendo?

— Terminei. Fui vê-la ontem. — Ele sacudiu a cabeça. — Estava tudo errado. Eu devia saber disso, depois... — A voz dele falhou. — De qualquer maneira, o casamento tem que ser por amor, não por negócio.

— Negócio?

— O casamento com Vivien poderia garantir segurança financeira para a mansão, para a família

— explicou ele. — Para meu pai, eu seria um herói. Mas eu não conseguiria viver com isso. Eu não a amava e nunca conseguiria amá-la.

Observei seu rosto, sentindo meu coração se ampliar de uma maneira que eu não esperava.

— Então — continuou ele. — Quando posso ver você de novo?

— Hoje à noite — respondi.

Ele beijou minha testa e então virou-se para a escada.



— O Desmond está mesmo tomando gosto por você — disse Sadie com um sorriso no rosto depois do café da manhã.

Devolvi o sorriso, seguindo-a pela escada até chegarmos ao segundo andar. Caminhamos juntas pelo corredor até a ala leste.

— Espere. — Parei, reparando na porta fechada à direita. — De quem é este quarto?

— A ala leste pertencia a Lady Anna — respondeu Sadie com os olhos arregalados. — Ninguém vai até lá agora. Bom, com exceção da Senhora Dilloway.

— Por quê? — perguntei, olhando curiosa para a porta.

Sadie encolheu os ombros.

— Culpa, provavelmente.

— Culpa?

Sadie pareceu aflita.

— Ouça — disse ela —, é melhor começarmos a arrumar os quartos.



— Obrigada pela ajuda — disse Sadie, afofando o último travesseiro.

— Imagina — respondi, seguindo-a para fora do quarto.

Ela apanhou um cesto de roupas para lavar e desapareceu pela escada dos empregados.

Sozinha no segundo andar, não consegui parar de pensar na ala leste, na Lady Anna. Por que a Senhora Dilloway entrava em seus aposentos, e o que Sadie quis dizer sobre ela se sentir culpada?

Voltei pelo corredor, olhando para trás duas vezes. Quando cheguei à porta, coloquei a mão na maçaneta, esperando que estivesse trancada, mas ela se virou e a porta se abriu.

Do lado de dentro, respirei e senti o ar espesso e abafado. Pude sentir o cheiro almiscarado de baunilha e lavanda. As cortinas estavam fechadas, mas, assim que meus olhos se ajustaram à luz

fraca, enxerguei uma grande cama com quatro colunas entalhadas. Eu me aproximei, passando a mão pela colcha. Meu coração acelerou quando uma renda branca tocou minha mão. Este era o quarto dela. A cama dela. Os lençóis dela.

Abri o guarda-roupa e olhei para as dezenas de vestidos lá dentro. Uma camisola de seda branca chamou minha atenção e segurei seu cabide, encostando o tecido em meu corpo, girando como se eu fosse uma garotinha em uma loja elegante de roupas. A saia fez barulho quando a coloquei de volta no armário. Fui até a penteadeira e minhas bochechas ficaram rosadas quando me olhei no espelho. O que Lady Anna pensaria se me visse aqui, em seu quarto? Uma estranha mexendo em seus pertences mais íntimos? Apesar disso, não consegui resistir a passar meus dedos no bulbo do vaporizador do vidro de perfume. Apertei-o rapidamente, e o cabo amarelo ligado ao vidro majestoso inundou o ar com uma fragrância doce, floral. Respirei o aroma inebriante e então ouvi passos no corredor. *Quem estava vindo? Como eu iria me explicar?* Eu tinha ficado tão seduzida pela própria curiosidade que acabei ficando tempo demais por ali. Preciso me esconder. Olhei mais à frente, onde havia um corredor escuro anexo a uma porta que estava entreaberta. Entrei no que deveria ser o escritório pessoal de Lady Anna. Esboços botânicos emoldurados estavam espalhados sobre uma mesa e uma estante.

Respirei fundo e olhei pela porta entreaberta, sem saber quem eu iria encontrar. Uma sombra caminhou até a janela e abriu as cortinas. Cobri a boca quando vi o rosto de Lorde Livingston. Ele parecia profundamente triste, angustiado, ao se ajoelhar ao lado da cama de Lady Anna. Observei enquanto ele baixava a cabeça, segurando as lágrimas.

— Sinto muito, meu amor... — murmurou ele. — Sinto muito mesmo.

Fiquei paralisada. E então ouvi a porta abrindo-se novamente. Lorde Livingston virou-se e franziu a testa quando a Senhora Dilloway se aproximou.

— Desculpe interrompê-lo — disse ela, atenciosa. Ela segurava um vaso de flores rosa. Peônias. — Vou deixá-las aqui.

Levando um lenço até o olho, ele olhou para ela.

— Cometemos um erro, você sabe — disse Lorde Livingston —, um erro terrível.

Ela olhou para as mãos, solenemente.

— Sim. Sim, cometemos um erro.

Meu coração se acelerou. Do que eles estavam falando? O que eles queriam dizer com aquilo?

Lorde Livingston olhou em minha direção.

— Eu ia só... — Ele sacudiu a cabeça como se não tivesse condição emocional para continuar.

A Senhora Dilloway deu um passo para a frente, e ele a puxou para perto, escondendo o rosto em sua nuca.

— Por favor, Edward — disse ela, olhando para cima. — Você não precisa carregar esse peso sozinho. Deixe-me...

Ele ergueu a mão, em um gesto rápido de desprezo. Em um instante, qualquer traço de intimidade entre eles desapareceu.

— Não — disse ele em seu tom habitual, seco e profissional. — Não devemos continuar assim.

Pude ver a mudança de olhar da Senhora Dilloway também, enquanto ela seguia o exemplo dele. Qualquer que tivesse sido o momento que eles compartilharam, qualquer significado que tivera a troca de olhares entre eles, aquilo havia desaparecido.

Depois que Lorde Livingston deixou o quarto, a Senhora Dilloway colocou o vaso de peônias na mesa ao lado da cama. Ela parou para arrumar a colcha e então limpou a testa com o braço. Olhei para o outro lado. Parecia errado observar sua tristeza.

Depois que ouvi a porta se fechar, respirei fundo e então vi um livro que parecia ter caído da estante. Parecia estar fora do lugar, no chão do escritório. Eu me ajoelhei para pegá-lo e olhei a capa com interesse. “As Camélias da Mansão Livingston; Compilado por Anna Livingston.” Coloquei o livro embaixo do braço e saí correndo pela porta, passando pelo quarto até chegar ao corredor.



— O que você tem nas mãos? — perguntou Katherine desconfiada quando entrei na sala de brinquedos. *Quanto tempo havia se passado?* Olhei para o relógio na parede: 10h15.

— Me desculpem pelo atraso, crianças. Estava ajudando Sadie com as camas.

Janie correu para meu lado e puxou o livro como se já o tivesse visto antes.

— O livro das flores — disse ela, apontando para a capa.

— Onde você encontrou o livro da mamãe? — perguntou Katherine, vindo para perto de mim.

Com cuidado, mostrei o livro enquanto eu me sentava no sofá.

— Vocês querem olhar o livro comigo? — disse, evitando responder à pergunta.

Katherine balançou a cabeça e os meninos se aproximaram enquanto eu abria o livro e virava as páginas das lindas camélias, coladas e pressionadas em cada página, com anotações escritas à mão ao lado de cada uma. Na página da camélia reticulata, uma flor grande, salmão, ela havia escrito: “Edward trouxe esta da China. Ela é frágil. Dei a ela a melhor sombra do jardim”. Na página seguinte, próximo à camélia sasanqua, ela escreveu: “Um presente de Natal do Edward e das crianças. Esta vai precisar de uma dose extra de amor. Ela mal sobreviveu à passagem pelo Japão. Vou passar a primavera cuidando dela para recuperá-la”.

Em cada página havia anotações meticulosas sobre o cuidado com as camélias, onde ela as havia plantado e com que frequência recebiam água, fertilizantes e poda. No canto direito de algumas páginas, observei uma série de números estranhos.

— O que isso significa? — perguntei às crianças.

Nicholas deu de ombros.

— Esta era a preferida da mamãe — disse ele, indo para a última página do livro.

Fiquei maravilhada ao ver a flor branca com a ponta rosa, e meu coração começou a bater mais rápido. A Middlebury Pink.

Eu me aproximei um pouco mais para ler o que Anna escrevera.

— Aqui diz que é a última desta espécie que ainda existe no mundo. — Eu me virei para Katherine.
— Ela está junto às outras no jardim?

— Provavelmente — respondeu ela, levantando-se. — A não ser que o Senhor Blythe a tenha tirado de lá. Ele estava sempre pelo jardim. Ele e o Senhor Humphrey.

Sacudi a cabeça.

— O Senhor Humphrey?

— Às vezes ele ajuda no jardim — acrescentou Abbott, revirando os olhos. — Mamãe nunca gostou que ele mexesse lá. Ela disse que ele fez uma bagunça no jardim de rosas dela uma vez.

— Bem, tenho certeza de que ele só estava tentando ajudar.

Eu voltei a olhar para o livro e, nas últimas páginas antes da Middlebury Pink, Lady Anna havia colado uma informação de uma antiga enciclopédia, detalhando a história de como as camélias surgiram no mundo. Li por algum tempo, antes de me virar para as crianças.

— Suas sementes foram trazidas de navio lá da Ásia e são consideradas bastante valiosas. De acordo com este livro, as camélias podem viver por centenas de anos, o que as faz as melhores guardiãs de segredos entre todas as plantas e árvores.

— Isso parece uma bobagem para mim — disse Katherine, fingindo desinteresse, mas eu podia ver que ela estava interessada. — As árvores não guardam segredos.

— Bem — continuei —, diz aqui que, na época vitoriana, as pessoas costumavam acreditar que, se você fizesse um pedido embaixo de uma árvore de camélia, ele se realizava.

Nicholas sorriu.

— Meio como jogar uma moeda em uma fonte para fazer um pedido?

— Sim — respondi. — A mãe de vocês deve ter sido uma pessoa especial para amar as camélias da maneira como amava.

— Então por que as árvores não a protegeram? — perguntou Nicholas. — No dia em que ela morreu?

Abbott saiu pisando duro em direção à poltrona perto da janela. De todas as crianças, ele parecia o mais perturbado pela morte da mãe.

Fechei o livro, percebendo que as lembranças da mãe talvez fossem demais para eles aguentarem.

— Vamos ler alguma outra coisa. — Coloquei o livro na mesa de cabeceira.

Eu daria mais uma olhada nele depois. Talvez houvesse alguma pista sobre a localização da Middlebury Pink.

— Que cheiro é este? — perguntou Abbott, parando para inspirar o ar.

— Eu não sei — respondi um pouco afobada.

— É o cheiro da mamãe — disse Nicholas.

O perfume da mãe deles.

Katherine bufou.

— Não é o perfume da mamãe, seu bobo — disse ela, virando o nariz para o ar. — Está vindo da cozinha. A cozinheira provavelmente queimou a comida de novo.

Nicholas olhou para o livro das camélias da mãe e depois olhou para mim de novo.

— Senhorita Lewis, posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

Ele suspirou.

— A nossa última babá, a Senhorita Fairfield, disse uma coisa feia sobre a mamãe no dia em que foi despedida.

— Ah, querido, o que foi que ela disse?

Nicholas juntou as mãos.

— Ela disse, ela disse... que nossa mãe não era uma dama de verdade.



Mesmo que eu vivesse durante uma década na mansão, eu ainda não me acostumaria a fazer as refeições com o Senhor Beardsley andando pelo cômodo. Ele servia as refeições, ajudado pela Senhora Dilloway. Ele colocava os pães em nossos pratos como se fôssemos incapazes de nos servirmos. Tudo isso me dava saudade de casa e das refeições tranquilas e despretensiosas na mesa da cozinha do apartamento em cima da padaria, onde mamãe, papai e eu ríamos e conversávamos e enfiávamos nosso pão na sopa de batata que mamãe fazia. E se eu quisesse mais um pedaço, ou, Deus me livre, mais manteiga, eu mesma os alcançava. Nova York parecia ser um mundo à parte.

O Senhor Beardsley segurava uma sopeira e colocou peixe ensopado em nossas tigelas. Achei que ele tinha me olhado com frieza ao passar pelo meu lugar, mas, de novo, eu não tinha me acostumado com a formalidade da casa.

— Eca — reclamou Nicholas. — Peixe ensopado de novo!

Olhei para ele antes de seu pai repreendê-lo.

— O que Nicholas quis dizer foi “Obrigado, Senhor Beardsley”.

Lorde Livingston acenou com a cabeça para mim e colocou a colher na tigela enquanto o Senhor Beardsley chegava ao meu lado.

— Se me permite, Lorde — disse ele nervoso, limpando a sobrancelha com um lenço. — Posso falar um minuto com o senhor?

Lorde Livingston aquiesceu, tirou o guardanapo do pescoço e virou-se para nós.

— Com licença.

Um minuto depois ele voltou. Sentou-se à mesa, levantou a mão, mostrando uma moeda de prata e pigarreou de maneira autoritária.

— Chegou ao meu conhecimento que uma das moedas romanas da minha coleção apareceu nos...
— Ele parou, olhando diretamente para mim. — Aposentos da Senhorita Lewis.

Fiquei boquiaberta e sacudi a cabeça sem acreditar.

— Eu não estou entendendo — disse, rapidamente. — Não pode ser.

— Eu não tenho nenhuma outra escolha a não ser pedir que a senhorita vá embora, Senhorita Lewis, de uma vez por todas.

— Mas, senhor, mas, por favor, eu...

Lorde Livingston levantou a mão.

— Por favor, não torne as coisas ainda mais difíceis.

Minhas bochechas ficaram vermelhas quando eu me levantei, colocando meu guardanapo sobre a mesa. A Senhora Dilloway olhou para mim com desprezo. Janie começou a chorar. As crianças mais velhas não olharam para mim.

Parei na porta da sala de jantar quando ouvi o barulho de uma cadeira arrastando-se no chão de madeira.

— Espere — disse Abbott. — Não vá, Senhorita Lewis.

— Abbott — disse Lorde Livingston —, já tomei minha decisão. Não me contradiga, rapaz.

— Mas, pai, a Senhorita Lewis não pegou a moeda. — Ele coçou a cabeça nervoso. — Eu peguei.

O Senhor Beardsley trocou um olhar chocado com a Senhora Dilloway.

Lorde Livingston pareceu momentaneamente atônito.

— Você fez o quê?

Em seguida, Nicholas levantou-se da cadeira para ficar ao lado do irmão.

— Eu também sou culpado, pai — disse o irmão mais novo. — Nós colocamos a moeda no quarto da Senhorita Lewis.

Katherine levantou-se em seguida.

— Eu também sabia — disse ela. — Eu não deveria ter permitido que eles fizessem isso.

— Crianças — disse Lorde Livingston —, por que vocês fizeram uma maldade dessas?

Abbott olhou para Nicholas.

— Sabe... — começou ele, nervoso — nós não gostávamos da Senhorita Lewis. Não a princípio. Achamos que ela seria como as outras babás. Por isso tentamos fazer com que ela fosse despedida. — Ele parou e sorriu para mim, desculpando-se. — Mas percebemos que ela é diferente, pai. Ela não é como as outras. Mas aí já era tarde demais. Tentamos pegar a moeda de volta, mas, quando fomos ao quarto dela, a moeda não estava mais lá.

— Sentimos muito, Senhorita Lewis — disse Nicholas.

Lorde Livingston bateu a mão na mesa.

— Abbott, Nicholas e você também, Katherine. Nunca me senti tão decepcionado com meus filhos. — Ele se virou para mim. — Senhorita Lewis, por favor, aceite minhas sinceras desculpas por este... mal-entendido.

— Claro, senhor — disse rapidamente. Katherine começou a chorar. — Por favor, Lorde, não os castigue. Eles já passaram por muita coisa, é natural que eles...

— Que diabos é isto? — disse de repente Lorde Livingston, depois que Ferris entrou correndo e colocou alguma coisa em seu colo. O cachorro balançou o rabo na expectativa, alheio ao humor da sala. — Beardsley, o que é isso que Ferris trouxe aqui? — Ele segurou um pedaço de tecido escuro. — Bem, estou surpreso. Acredito que isso seja minha meia.

Um silêncio profundo tomou conta da sala de jantar. Eu não sabia se Lorde Livingston ia sair bravo em direção ao escritório ou se ia mandar os meninos para o quarto. Com certeza, faria uma das duas coisas. Mas então ele pegou o guardanapo e cobriu a boca. Percebi uma risada atrás do guardanapo. O Senhor Beardsley seguiu-o, começando a rir. As crianças os acompanharam, até mesmo Katherine.

— Tenho dois filhos bastante espertos — disse Lorde Livingston com um sorriso irônico. — Mas o mais fantástico, Senhora Dilloway — continuou ele —, é que eles estavam me contando mais cedo que queriam muito ajudar Sadie a lavar as louças do jantar hoje. Eu acho que ela poderia ter um pouco de ajuda depois do jantar, você não acha?

A Senhora Dilloway olhou para mim e então para o Senhor Beardsley com a sobrancelha levantada.

— Se o senhor está dizendo... — disse ela. — Senhorita Lewis, traga-os para baixo depois do jantar.

Abbott e Nicholas passaram o restante do jantar sorrindo. Eu sabia que eles não se importavam de lavar as louças, não após terem visto seu pai sorrir pela primeira vez depois de, provavelmente, muito tempo. Sorri também, pois agora eu sabia que as crianças gostavam de mim.



— Espero que eles não tenham causado muito problema com as louças — disse para Sadie na lavanderia, mais tarde naquela noite.

— Não — respondeu ela, trançando seu longo cabelo. — Eles se empenharam. Nicholas quebrou um pires, mas esta casa tem pires o suficiente para que o país inteiro venha tomar chá. — Ela parou. — Ouvi dizer que o Lorde Livingston riu durante o jantar.

Confirmei com um aceno de cabeça, sorrindo ao me lembrar da cena.

— Esta casa precisa de mais risada — disse ela. — Sabe, ele carrega um fardo muito grande.

— O que você quer dizer com isso?

Ela prendeu a ponta da trança sem olhar para cima.

— Em minha opinião, Lady Anna era uma santa — disse ela. — Todas aquelas mulheres.

Sacudi a cabeça.

— Você não está me dizendo que...

— Que ele era infiel à esposa? — Sadie encolheu os ombros. — Isso é entre ele e seu Criador. —

Ela guardou a trança em sua toca, dando um suspiro. — Mas, sim, havia muitas, incluindo... — Ela sacudiu a cabeça como se não quisesse pensar naquilo. — Não devo fazer fofoca. Bom, boa noite, Senhorita Lewis. É melhor eu me deitar.



Antes de apagar meu abajur, ouvi uma batida na porta.

— Sim.

A Senhora Dilloway estava em pé na porta, de camisola.

— Entre — disse.

— Como você pode me perdoar? — perguntou-me ela.

— Perdoar você por quê?

— Eu não sei o que eu pensei que estava fazendo quando mexi nas suas coisas — explicou ela, sentando-se na cadeira ao lado da minha escrivaninha. — Eu estava preocupada por você ser perfeita demais e achei que, se eu encontrasse alguma coisa em seu quarto, eu poderia ter uma razão para desconfiar de você. Mesmo quando encontrei a moeda, não acreditei que você havia pegado, mas eu...

— Não estou chateada — disse quando me dei conta do que ela estava falando. — Entendo perfeitamente. Você fez o que tinha de fazer.

Ela sacudiu a cabeça, enxugando os olhos com um lenço.

— Não. Eu estava fora de mim. — Ela olhou nos meus olhos. — Imploro que você me perdoe, Senhorita Lewis.

— Você não precisa implorar. Eu te perdoo.

— Obrigada — disse ela, levantando-se.

— Senhora Dilloway — disse quando ela alcançou a maçaneta. — Há quanto tempo você é apaixonada por Lorde Livingston?

Ela não pareceu nem um pouco espantada com minha pergunta. Talvez o incidente daquela noite tenha aumentado nossa intimidade. Havíamos passado da hierarquia da casa para duas mulheres — duas mulheres enfrentando as próprias batalhas, os próprios amores, as próprias dores no coração.

— Ah — disse ela com melancolia —, acho que desde o dia em que cheguei à mansão.

Assenti, demonstrando que a compreendia.

— Nunca quis magoar ninguém — continuou ela. — Principalmente Lady Anna.

— Eu sei — respondi. — Por favor, não se sinta na obrigação de explicar.

Ela respirou fundo.

— Senhorita Lewis — disse ela, olhando para mim com um olhar vulnerável. Era o rosto de uma amiga. — Veja só, acabei descobrindo que podemos lutar contra muitas coisas na vida, mas você não escolhe quem amar. Você não pode mudar as escolhas de seu coração. Receio que esse fato seja a grande tragédia da minha vida.



Eu não acendi o abajur na mesinha de cabeceira. A luz da lua entrava pela janela com a intensidade de uma lâmpada. Peguei um papel de carta e um envelope na gaveta da escrivaninha e sentei-me para escrever uma carta para casa.

Queridos mamãe e papai,

Sinto muito a falta de vocês, mas ainda assim me preocupo em deixar as crianças. Acabei me apaixonando por elas, mesmo em tão pouco tempo. Sinto por elas, por terem acabado de perder a mãe, e com um pai que mal toma conhecimento delas. Bem, talvez eu esteja sendo dura demais com ele. Quem sabe ele tenha um coração no final das contas? De qualquer maneira, receio que sem minha presença aqui eles sofram ainda mais, principalmente a menorzinha, Janie. Ela tem só 2 anos de idade, sem um pai para dar-lhe o amor de que ela precisa tão desesperadamente. A garota de 10 anos, Katherine, é a mais difícil, porém. Ela sente muito a falta da mãe. E Abbott, o mais velho, é muito problemático. Ainda não descobri por quê. De qualquer maneira, tem mais alguma coisa. Sinto que existe algum segredo terrível por trás da morte da senhora dona da casa. Não fiquem assustados por minha causa. Sei que não estou em perigo aqui, mas existem questões sobre sua morte que ninguém responde. Estou fazendo disso meu próprio mistério a resolver, que tal? Bom, por favor, me escrevam quando puderem. Eu me sinto muito sozinha aqui às vezes e adoraria receber uma carta de vocês. Eu pediria a vocês que me mandassem pão, mas acho que chegaria duro e rançoso. Em vez disso, vou imaginar o pão de trigo com mel do papai e sonhar com nosso lar.

Com amor de sua filha,
Flora

Dobrei a carta e guardei-a num envelope, pus o selo e enderecei-a antes de colocá-la na escrivaninha. Eu a levaria ao Senhor Humphrey para que ele a enviasse de manhã. Então subi na cama e pensei na Senhora Dilloway, e depois em Lady Anna e em seu livro das camélias. Se eu fosse com cuidado, silenciosamente na ponta dos pés até à sala de brinquedos, poderia trazê-lo de volta ao meu quarto para lê-lo.

Quando cheguei à sala de brinquedos, peguei o livro na mesa onde eu o havia deixado mais cedo naquele dia. Eu o levei para baixo, para a privacidade do meu quarto, e folheei imediatamente suas páginas finais. Mas onde estava a Middlebury Pink? Olhei com mais cuidado e pude ver que uma página havia sido rasgada. Tudo o que sobrou foi sua beirada.

Addison

Tarde da noite, ainda sem dormir, fui arrastada para a ala leste. Entrei no quarto escuro. Uma colcha branca rendada tinha sido puxada sobre o dossel, e um vaso de lírios alaranjados estava sobre a mesinha lateral. Enquanto meus olhos se ajustavam à penumbra, percebi uma gota d'água na mesa. Alguém estivera ali. Talvez pouco tempo antes.

Uma porta rangeu atrás de mim.

— O que você está achando do quarto de Lady Anna? — perguntou a Senhora Dilloway da porta. Uma sombra cobria seu rosto, por isso não consegui ver sua expressão. — Está exatamente como ela o deixou.

— Sinto muito por ficar xeretando desta maneira — disse, colocando de volta um espelho de mão que eu encontrara na penteadeira. — Não consegui dormir, por isso saí para andar um pouco. — Minhas palavras saíram incertas e defensivas. — Passei por esta porta. Estava aberta. Acho que minha curiosidade tomou conta de mim.

A Senhora Dilloway foi até a penteadeira, olhando para ela com amor.

— Nunca houve ninguém como Lady Anna, nem antes nem depois. — disse ela.

No espelho, seus olhos brilhavam animados, enquanto seu rosto parecia agoniado — uma estranha combinação de alegria e dor.

Eu me senti desconfortável ficando ali tão perto dela. Queria sair correndo pela porta e voltar para meu quarto, para Rex, mas minhas pernas estavam paralisadas. E então senti a mão gelada da Senhora Dilloway em meu pulso.

— Eu gostaria de lhe mostrar uma coisa. Venha comigo, por favor.

A Senhora Dilloway levantou uma corrente de ouro do pescoço. Havia duas chaves penduradas nela. Ela colocou uma chave na fechadura da porta ao fundo do quarto. Olhei pela porta, deixando meus olhos penetrarem no cenário enquanto a Senhora Dilloway acendia um abajur. Uma poltrona Luís XVI folheada a ouro ficava ao lado da janela, em uma escrivaninha com um livro em cima dela. A luz do sol havia desbotado suas páginas. Havia papéis espalhados, fotografias, um caderno e uma caneta ao lado do livro, como se Lady Anna tivesse acabado de assinar seu nome em alguma correspondência, talvez uma resposta a um convite para jantar em Londres ou para um evento formal na residência de um duque. Eu a imaginei desenhando a letra A com um traço alongado, enrolado no final. Talvez ela o assinasse com uma pequena flor no canto, como eu fazia. Aproximei-me um pouco mais, admirando a estante próxima à janela. Em vez de conter livros de histórias, porém, sua coleção era toda sobre botânica. Puxei um livro da estante. *Cuidado e Nutrição de Rosas*. Outro livro maior, um manual sobre plantas perenes, tinha o esboço de uma hortênsia na capa.

— Ela era autodidata — disse a Senhora Dilloway. — Ela sabia mais sobre plantas e flores do que qualquer outra pessoa.

Balancei a cabeça, observando a velha senhora olhar pelo quarto. Ela aproximou-se de mim, fazendo um gesto em direção ao banco estofado perto da janela. Eu a segui e sentei-me. Imaginei as crianças correndo para encontrar a mãe ali dentro. A garotinha deitada no banco olhando para o jardim enquanto a mãe trabalhava, os garotos absortos em gibis. Tanta felicidade. O que a havia destruído?

A Senhora Dilloway parecia frágil, mais do que eu já havia reparado. A luz do abajur iluminava as rugas em sua pele, o cansaço em seus olhos.

— A minha velhice não é segredo — disse ela. — Não tenho mais muito tempo. — Ela arrumou seu cabelo branco fino. — Senhora Sinclair, meus compromissos de quarta-feira não são visitas ao salão de beleza. Tenho ido ao médico. Estou com câncer. Logo vou começar um tratamento e não conseguirei mais realizar minhas funções nesta casa.

— Ah, sinto muito, eu não sabia...

— Não quero sua piedade — respondeu ela. — Mas preciso da sua ajuda. — Ela abriu gaveta da escrivaninha e pegou uma pilha de recortes de jornais. — Antes de morrer, Lady Anna me confiou um assunto bastante importante, algo que não tenho conseguido resolver durante todos esses anos.

Olhei para o primeiro recorte de jornal.

— Isto é sobre a garota desaparecida. Lila Hertzberg.

— Sim — respondeu a Senhora Dilloway. — E existem outras também.

Olhei o próximo recorte.

— Jane Ianella — disse, antes de ler os outros. — Ellen Hanover, Doris Wheeler, Beatrice Crane, Lisbeth O'Neely. — Sacudi a cabeça. — Todas desapareceram.

A Senhora Dilloway assentiu, alcançando uma caixa de joias feita de estanho na última prateleira da estante.

— Lady Anna encontrou isto — disse ela.

Peguei a caixa nas mãos e abri a tampa. Ali encontrei um bracelete de ouro sobre o forro de veludo azul. Apanhei-o e olhei para a Senhora Dilloway.

— Não estou entendendo. O que é isto?

— Leia o que está gravado aí — disse ela.

Virei o bracelete e vi uma gravação na parte de trás. “Para Lila, com amor.”

— Você acha que é da...

A Senhora Dilloway apontou para a pilha de recortes de jornal.

Agarrei meu relógio de pulso.

— Mas Lila era um nome comum naquela época, não era? Como ela poderia ter tanta certeza de que pertencia à Lila?

A Senhora Dilloway pegou o bracelete e virou-o, apontando para um “H” existente em seu fecho.

— O pai dela era joalheiro. Joalheiros Hertzberg.

Respirei fundo.

— Onde foi que Lady Anna encontrou este bracelete?

A Senhora Dilloway parou antes de responder.

— No quarto de Lorde Livingston.



— Você viu a Senhora Dilloway hoje de manhã? — perguntou Rex depois do café, no terraço.

— Apenas rapidamente — respondi. Eu ainda precisava contar para ele sobre nosso encontro noturno. — Por quê?

— Ela não parece bem.

— Ela precisa descansar — disse, preocupada. — Já chegou a hora de insistirmos para que ela tire algum tempo de folga.

Embora a Senhora Dilloway não tenha concordado em tirar um dia de folga, ela veio sentar-se conosco e com a Senhorita Klein no terraço naquela tarde.

Jogamos Vinte e um, e a Senhora Dilloway, relutante no começo, provou ser uma bela competidora, ganhando quatro jogadas consecutivas.

Mais tarde, enquanto Rex cochilava em uma espreguiçadeira, a Senhorita Klein olhou para o jardim.

— Quando você vê um lugar todos os dias por tanto tempo — observou ela —, você para de perceber o quanto ele é bonito.

— É encantador — falei, concordando com a cabeça.

— Às vezes, eu sinto pena dela — continuou ela.

— De quem?

— De Lady Anna — disse a Senhorita Klein.

A Senhora Dilloway endireitou-se em sua cadeira, mas olhou para longe como se não tivesse o menor interesse em acompanhar nossa conversa.

— Por quê? — perguntei.

— Bem, claro, eu nunca a conheci — continuou a Senhorita Klein —, mas posso imaginar sua situação. Um jardineiro talentoso que nunca sentiu a alegria que sua criação trouxe para tantas pessoas é o mesmo que um cozinheiro que nunca viu os sorrisos de apreço por suas sobremesas.

— Entendo exatamente o que você está falando. A rosa chá rara em meu jardim em Nova York não teria o mesmo valor se Rex não estivesse lá para apreciá-la comigo.

A Senhorita Klein balançou a cabeça, indicando que compreendia.

— Será que ela vê tudo isso lá de cima? — perguntei depois de um momento de silêncio.

— Provavelmente ela está ocupada plantando flores para os anjos no céu — disse ela baixinho.

A Senhora Dilloway levantou a cabeça por um breve momento antes de virar-se para a fileira de hortênsias embaixo do terraço. Elas

havia florido recentemente e pareciam uma deslumbrante parede azul. Hortênsias azuis só crescem em solo ácido, então me perguntei se Lady Anna havia regado suas raízes com borra de café durante os anos. Era a única maneira de fazer com que as hortênsias de uma cliente tivessem o tom perfeito que ela tanto queria.

— Bom — disse. — Acho que vou tirar um cochilo.

Peguei uma xícara de chá e fui até meu quarto, no segundo andar, pensando em Lady Anna enquanto subia. Será que ela tentou avisar alguém sobre sua descoberta antes de morrer? Será que ela tinha confrontado Lorde Livingston? Eu mal conseguia esperar para conversar sobre tudo aquilo com o Rex.

Fechei a porta do quarto e imediatamente ouvi o celular de Rex tocando em sua bolsa. Abri a pasta para pegá-lo, mas, antes de alcançá-lo, vi uma pasta de arquivo com o nome “Amanda”.

Flora

Nos dias em que Desmond ficou na mansão, ele conseguiu evitar o pai com sucesso, graças à ajuda do Senhor Beardsley e da Senhora Dalloway, claro. Ele queria desesperadamente ver as crianças, mas concordamos que seria melhor ele não fazer aquilo por enquanto. Uma palavra de Katherine ou Janie, e Lorde Livingston ficaria furioso. Eu me perguntava o motivo do desentendimento deles, mas não pressionei Desmond para que ele me contasse os detalhes, e ele não parecia muito interessado em falar sobre isso.

Numa manhã depois do café, encontrei-o na sala de estar. Ele fechou a porta e me pegou nos braços.

— Acabei de receber um telegrama do meu comandante. Receio que terei que me apresentar em Londres — explicou ele.

— Ah, Desmond... — respondi. — Por favor, diga-me que está tudo bem. Diga-me que você não correrá perigo.

— Sim, está tudo bem — disse ele, tirando um cacho de cabelo do meu rosto. — Pelo menos, eu acho que sim.

— Quanto tempo você vai ficar fora?

— Eu não sei.

— Mas e as crianças? Você nem as viu ainda. O que direi a elas?

— Não diga nada a elas — disse ele rapidamente. — Não quero preocupá-las. Além disso, volto antes de você sentir minha falta. — Ele passou o dedo pelo meu rosto. — Promete que você não vai a lugar nenhum?

— Prometo.

Ele beijou meu rosto e então foi embora.



Um mês se passou, e depois outro. Nessa época, eu já havia parado de pular sempre que ouvia um carro entrando na mansão.

— Não se preocupe tanto... — disse a Senhora Dalloway para mim numa tarde. — Ele vai voltar para casa de novo. — Era como se ela pudesse ler meus pensamentos.

Enquanto eu esperava, estabeleci uma rotina confortável com as crianças. Eu havia perdido o foco da Middlebury Pink, do jardim, até que uma noite, logo depois de o sol se pôr, quando uma fresta de luz ainda permanecia no céu, olhei para as camélias pela janela do meu quarto. Uma figura sombria andava entre as árvores. Havia alguém lá.



— Com licença, senhor — disse, batendo na porta da despensa, para onde o Senhor Beardsley sempre ia depois do café da manhã.

Não era bem uma despensa, parecia mais um escritório, com um armário onde ficavam as louças. O cômodo ficava junto à adega, que estava sempre trancada.

— Sim, Senhorita Lewis — disse o Senhor Beardsley, olhando para mim de sua mesa.

Sua atitude impunha respeito.

— Desculpe-me por interromper, senhor. — As crianças ainda estavam tomando café, e eu tinha mais quinze minutos até encontrá-las na sala de brinquedos. — Eu queria comentar uma coisa com o senhor. Algo que vi.

— Hã? O que você viu, Senhorita Lewis?

— Na noite passada — disse —, antes de me deitar, vi pela minha janela um homem... no jardim, senhor.

— Um homem?

— Sim — respondi. — Foi estranho. Quem estaria lá tão tarde?

— Estranho mesmo — disse ele. — Vou pedir para o Senhor Humphrey dar uma olhada lá hoje à tarde.

Mais tarde, ainda naquela manhã, encontrei a Senhora Dilloway e Sadie do lado de fora da sala de brinquedos.

— Está tudo bem, Senhorita Lewis? — perguntou Sadie. — Você parece cansada.

— Sim — respondi. — Estou bem.

— Você tem trabalhado muito desde que chegou — continuou ela. — Por que você não... — Sadie olhou para a Senhora Dilloway e então de volta para mim.

— O que foi, Sadie?

— Bem — continuou ela. — Eu não quero ultrapassar meus limites, mas é que, bem... Senhora Dilloway, a Senhorita Lewis não tirou nem um dia de folga desde que chegou aqui.

A expressão severa da Senhora Dilloway suavizou-se momentaneamente.

— Sim. Você tem razão, Sadie. Senhorita Lewis, se quiser tirar um dia de folga, fique à vontade.

Sadie sorriu vitoriosa enquanto eu caminhava em direção à sala de brinquedos para encontrar as crianças. Nicholas, que estava escutando nossa conversa, fez uma cara azeda pelas costas da Senhora Dilloway.

— Eu posso cuidar das crianças enquanto você não estiver aqui — disse Sadie, apontando para a porta. — Por que você não vai até a cidade, dar um passeio? Você não fez nada mais além de correr atrás das crianças e consertar roupas desde que chegou aqui. — Ela se virou para a Senhora Dilloway. — E ela poderia pegar uma carona com Lorde Livingston e voltar no final da tarde.

A Senhora Dilloway hesitou:

— Mas eu não...

— Ele não se importaria — acrescentou Sadie. — A Senhorita Fairfield costumava tirar os sábados de folga, e ele permitia que ela fosse com ele para a cidade.

A Senhora Dilloway balançou a cabeça, consentindo.

— Tudo bem — concordou ela, um pouco relutante. Ela olhou para o relógio e sorriu. — Você tem tempo o suficiente para correr até lá embaixo e arrumar suas coisas.

— Bem, desde que vocês não achem que Lorde Livingston vai se incomodar.

— Ah, antes que eu me esqueça... — disse a Senhora Dilloway, colocando a mão no bolso e tirando uma carta de lá. — Isto chegou para você.

— Para mim? — Examinei o envelope, esperando algo de mamãe e papai, mas não reconheci a escrita ou o endereço do remetente, em Londres. — Obrigada — agradei, virando-me em direção às escadas.

Dentro do meu quarto, fechei a porta, rasguei o envelope e segurei a carta nas mãos.

Não se acomode aí, Senhorita Lewis. Você tem um trabalho a fazer. Complete sua missão ou farei uma visita ao seu pai, e não será uma visita cordial.

Philip

Fechei os olhos com força, amassando o papel.



O Senhor Humphrey estava com a cabeça dentro do porta-malas do carro quando me aproximei.

— Ah, olá, Senhorita Lewis — disse ele, sorrindo assustado para mim. Ele jogou duas luvas sujas dentro do porta-malas, então o fechou e abriu a porta do carro para eu entrar. Sentei no banco de trás e coloquei minha bolsa preta no chão, perto de meus pés, onde imediatamente notei algo brilhando por causa da luz do sol. Eu me abaixei para olhar melhor.

— Senhor Humphrey, acho que encontrei alguma coisa...

— Ah, sim... — disse ele, abaixando-se para recolher o que parecia ser um colar de prata no chão do carro. — Aí está ele. Achei que tivesse perdido. É um presente para minha mãe. Comprei ontem na cidade. — Observei enquanto ele abria o porta-luvas e guardava o colar lá dentro, olhando para trás ao ouvir o barulho do cascalho ao longe.

Coloquei minhas luvas, nervosa. Eu devia ter colocado meu chapéu preto e não este azul que destoava da minha bolsa. Que importância tinha aquilo? Quem eu esperava encontrar na cidade? Eu me encostei no banco, mas me endireitei quando vi o Senhor Humphrey arrumar sua postura.

— A Senhorita Lewis está aqui, senhor — disse ele. — Ela vai conosco para a cidade hoje.

— Muito bem — disse Lorde Livingston, colocando a cabeça dentro do carro. — Olá, Senhorita Lewis.

— Olá — respondi.

Ele se sentou ao meu lado com seu terno cinza risca de giz recém-engomado, aquele que eu tinha visto a Senhora Dilloway passando tarde da noite. Eu a observei por um momento, reparando enquanto ela passava as pregas no peito do terno com muito cuidado, passando e repassando até conseguir o vinco perfeito.

Lorde Livingston não tinha um criado pessoal, por isso todas as responsabilidades extras caíam sobre a Senhora Dilloway, mas ela não se importava com isso. Cruzei as mãos de três maneiras diferentes e então olhei pela janela.

— Espero que as crianças a estejam tratando bem, Senhorita Lewis.

— Estão, sim, obrigada — disse, desviando minha atenção para a vista através do para-brisas.

— E o seu quarto, é satisfatório?

— É muito bom.

Ele parou por um longo tempo e então virou-se para mim.

— Senhorita Lewis — continuou ele. — O que eu quero dizer... o que quero dizer para você... — Ele olhou para meu rosto. — Estou bastante satisfeito com seu trabalho com as crianças. Quero que saiba que estou feliz por você estar aqui.

— Ah. Obrigada — agradei, um pouco surpresa com suas palavras.

— Se você não se importa de eu perguntar, Senhorita Lewis — continuou ele —, como foi que a senhora veio a ser uma babá? Acho que quero dizer que parece que a senhorita já deveria ser casada com algum homem respeitável nos Estados Unidos.

Senti meu rosto ardendo.

— Acho que é uma história bastante longa.

Ele balançou a cabeça como se me entendesse.

— Bom, fico feliz pelo fato de a senhorita ter vindo para a cidade hoje. Tem algum plano especial?

Sacudi minha cabeça.

— Não, nada especial — respondi. — Só pensei em dar uma olhada nas lojas, senhor... quero dizer, Lorde Livingston, senhor... Quero dizer...

Por que ele me deixava com a língua tão presa? Eu era perfeitamente capaz de conversar com qualquer um dos homens distintos que entravam na padaria nos Estados Unidos. Uma vez o governador passou por lá, e eu mesma o atendi.

Peguei uma carta que eu havia escrito para meus pais em meu bolso.

— E vou passar pelo correio para enviar esta carta para casa.

Ele pegou a carta de minha mão.

— Não precisa perder seu dia de folga tão precioso na fila do correio — disse ele. — Peça a Humphrey que a envie para você.

Ele se inclinou em seu assento.

— Humphrey, você pode providenciar para que a carta da Senhorita Lewis seja enviada, não pode?

O motorista olhou para o patrão pelo retrovisor.

— Claro, senhor — respondeu ele.

— Obrigada — agradei.

Ele apontou pela janela para as colinas tingidas de roxo.

— Já viajei o mundo, Senhorita Lewis, mas nada é tão bonito quanto essas terras.

Balancei a cabeça, concordando.

— Eu adoraria pintar esta paisagem — disse, apontando para o prado que balançava com o vento.

— Ah, a senhora se interessa por artes?

— Bem, sim — respondi. — Arte botânica.

— A senhora realmente pintaria esta paisagem, assim como está?

— Bom, acho que sim — respondi. — Eu precisaria dos acessórios apropriados. Um cavalete, uma tela, alguns pincéis. Trouxe só um caderno de desenhos para a Inglaterra.

— Ah, a modéstia... — disse ele. — Seus desenhos devem ser adoráveis.

Alguns minutos depois, o Senhor Humphrey estacionou o carro na cidade. Ele parou primeiro na estação de trem.

— Bom — disse Lorde Livingston —, vou passar alguns dias em Londres.

— Faça uma boa viagem.

Antes de ele sair do carro, uma linda mulher, mais ou menos da minha idade, acenou da calçada. Seu vestido bege estava colado em seu corpo, ressaltando sua imagem. Ela se aproximou do carro, sorrindo, como se Lorde Livingston e ela fossem velhos amigos. Ele baixou o vidro da janela, falando com ela de maneira um pouco fria.

— Olá, Theresa — disse ele.

O Senhor Humphrey observou o diálogo pelo retrovisor.

— O senhor vai vir hoje, Lorde Livingston? — perguntou ela, sorrindo, até perceber minha presença. — Ah, me desculpe — continuou ela. — Eu não sabia que o senhor estava acompanhado.

Lorde Livingston virou-se relutante para mim.

— Senhorita Lewis, esta é Theresa Mueller — disse ele. — Theresa trabalha no restaurante no final da rua.

— Bem, já estou indo — disse ela, virando-se para a calçada, onde parou e deu mais uma olhada para ele.

— Peço desculpas por isso — disse ele.

O Senhor Humphrey pigarreou.

— Lorde Livingston é como uma celebridade na cidade — acrescentou Humphrey.

— Bem, está ficando tarde — disse Lorde Livingston. — Vou perder meu trem. — Ele pegou sua mala e então parou para olhar de novo para mim. — Senhorita Lewis — disse ele antes de subir na calçada —, o que eu quero dizer... — Ele olhou nos meus olhos. — Veja bem — ele esfregou a testa —, sinto muito por ter sido tão duro com a senhorita no que se refere àquele assunto da moeda.

— Está tudo bem — respondi.

Sua expressão tranquilizou-se.

— Bom, espero que a senhorita possa me perdoar.

Aquiesci com um aceno de cabeça.

Ele saiu do carro e o Senhor Humphrey, que já tinha dado a volta para abrir a porta do carro, despediu-se dele.

— Faça uma boa viagem, Lorde.

— Obrigado, Humphrey — disse ele, dando uma olhada em direção à calçada onde antes estava a Senhorita Mueller. — Cuide da Senhorita Lewis hoje.

— Sim, senhor — disse Humphrey.



A Senhora Dilloway bateu na minha porta mais tarde naquela noite.

— Como foi seu dia? — perguntou ela.

— Bom, obrigada — disse, lembrando-me do dia que passei na vila.

Eu havia passeado pela praça, comprei um saco de amendoins e me sentei em um banco para ver as crianças brincarem na fonte. Então pedi uma xícara de chá na cafeteria, sentei-me em uma cadeira estofada e finalmente terminei de ler *Os Anos*.

— Eu ia falar boa-noite para as crianças, mas acho que elas já estão dormindo.

— Sim, estão — disse ela, entrando em meu quarto e fechando a porta. — Você se importa de eu conversar com você um pouquinho?

— Claro que não — respondi. — O que foi? — Cerrei os olhos. — Está tudo bem? A Janie ficou resfriada, não foi? Ela estava com o nariz escorrendo ontem e fiquei preocupada...

— A Janie está bem. Você é tão boa com eles... Boa demais, talvez. É sobre isso que quero falar com você.

— Eu não estou entendendo.

— Senhorita Lewis — disse ela —, as babás não duram para sempre. Você não pode ficar aqui para sempre. Você tem uma vida toda pela frente. Casamento. Até mesmo seus próprios filhos.

— Bom, um dia, mas...

— Mas você não vai ficar para sempre, não é?

— Não — respondi.

— Este é meu ponto. Só estou pensando nas crianças, só isso. Estou pensando em como elas vão receber a notícia se suas intenções forem... — Ela parou de falar como se estivesse procurando a palavra certa. — Diferentes do que foi planejado.

Os pelos de meu braço se arrepiaram. Será que ela estava insinuando alguma coisa?

— Desculpe, acho que não estou entendendo.

— Só estou querendo dizer que, se você decidir ir embora, por qualquer que seja a razão, dê a eles um tempo para se acostumarem com a ideia — pediu ela. — A mãe deles foi embora de repente, e então uma penca de babás veio e foi embora desta casa. Não vou suportar vê-los perder você de repente depois de tudo o que eles passaram.

Assenti em sinal de compreensão.

— A senhora os ama, não ama, Senhora Dilloway?

— Suponho que sim — disse ela, olhando para o relógio na parede. — Bem, está ficando tarde, já são quase nove e meia. Prometi à Senhora Marden que colocaria a carne para marinar antes de me deitar. Ela gosta de deixar a carne preparada pelo menos doze horas antes do almoço. — Ela sorriu rapidamente antes de virar-se para o corredor. — Boa noite, Senhorita Lewis.

— Boa noite — respondi.

Depois que a Senhora Dilloway saiu, pensei na vida solitária que ela havia escolhido. Encostei a cabeça no travesseiro e suspirei. Mas ela estava certa. Alguém precisava cuidar daquelas pobres crianças. Abbott estava prestes a entrar na vida adulta, e era tão frágil e sensível... Queria que seu pai lhe desse mais atenção. E o Nicholas, doce Nicholas, com seu rosto lindo, com aquele cabelo escuro e o sorriso atrevido — a única coisa que ele queria era chamar atenção. Os problemas de Katherine pareciam ser maiores do que eu conseguia entender, e eu queria muito saber como ajudá-la. Janie era pequena demais para se lembrar da mãe, e esse fato deve tê-la privado de sofrer como as crianças mais velhas — carga tão pesada que era possível ver a tristeza em seus olhos e em suas expressões distantes. E Desmond. Desmond. Será que ele voltaria? Quando?

O pai deles era um homem tão complicado. Ele parecia ser muito severo e calculista quando eu cheguei, mas naquele dia ele havia me acolhido de maneira que eu não esperava. O que eu poderia fazer para que ele mostrasse aquele lado para seus filhos? Como eu poderia fazê-lo enxergar o quanto eles precisavam dele? Bocejei, alcançando o cobertor extra que estava ao pé da cama. As noites eram frias naquela casa imensa.

A Senhora Dilloway estava certa. Eu não ficaria ali para sempre, mas eu faria o meu melhor enquanto isso. Pensei na carta do Senhor Price. Não havia mais muito tempo. Eu precisava encontrar a camélia, senão...



Durante o mês que Lorde Livingston ficou em Londres, a casa toda pareceu mais leve. Até mesmo o relógio no vestíbulo parecia menos solene em seu movimento, como se estivesse de férias. Eu não me preocupava quando o jogo de amarelinha das crianças chegava até o jardim, ou quando Janie derrubava um prato de sopa no tapete. Todos nós podíamos respirar com mais tranquilidade.

Todas as noites antes de me deitar, eu ia até a estufa no terceiro andar. Era bom não me preocupar em tropeçar e incomodar Lorde Livingston no andar de baixo. Eu ainda precisava ser discreta, por isso usava uma lanterna.

Eu tinha aprendido a amar aquele lugar e entendia por que Lady Anna o amava também. As orquídeas eram gloriosas. Ela havia etiquetado cada flor com seu nome botânico, mas eu preferia os nomes que ela dera para cada flor. Por exemplo, uma orquídea catleia rosa deslumbrante recebeu o nome de “Lady Catalina”. E uma *Oncidium* amarela, que para mim parecia um bando de senhoras usando vestidos de festa, era chamada de “Lady Aralia de Bayou”.

Na noite anterior ao retorno de Lorde Livingston, fui até a estufa colocar água nas flores, sabendo que talvez levasse alguns dias para eu conseguir voltar ali. Depois de colocar as crianças na cama, subi as escadas na ponta dos pés como sempre fazia e entrei usando a chave que estava embaixo do tapete. Dei uma bela dose de água para as orquídeas, em seguida enchi o regador na torneira e fui até as plantas do lado leste. Um pouco de água molhou a ponta da minha camisola, e esvaziei o regador no tronco do limoeiro. Olhei para o céu, lembrando-me de quando vi Lorde Livingston no terraço em uma noite. Enrubesci com aquele pensamento. Ele estava olhando para o jardim de camélias. Será que ele estava pensando nas crianças? Em Lady Anna? Será que ele estava pensando em seus arrependimentos?

Coloquei as últimas gotas de água em uma palma plantada num vaso de terracota e peguei a lanterna quando algo do lado de fora chamou minha atenção. Olhei com cuidado para a noite e então vi o que parecia ser um brilho fraco no jardim. Uma lanterna? Ela se moveu alguns passos para a direita e então sumiu.

Corri até a porta, olhando para os dois lados antes de sair no corredor, e então tranquei-a. Ouvi o barulho de alguém fungando.

Olhei para baixo e vi uma pessoa encolhida em um canto. Reconheci a camisola rosa imediatamente.

— Katherine?

Ela estava sentada, encostada na parede, com os joelhos junto ao peito, e olhou para mim com o rosto cheio de lágrimas.

Eu me ajoelhei ao lado dela.

— Katherine, o que aconteceu, querida?

— Eu segui você. Eu queria saber por que você vinha aqui todas as noites.

— Ah — disse, colocando a lanterna no chão.

— A mamãe nunca me deixou entrar aí. — Katherine apontou para a porta. — Ela passava horas aí dentro. Tudo o que eu queria era ver suas flores. Eu só queria vê-las.

— Ah, Katherine... — Acariciei seu cabelo escuro.

— Deixa pra lá — disse ela, levantando-se e se recompondo. — É bobeira eu ficar assim.

— Não é, não. — Fiquei em pé ao lado dela. — Talvez nós nunca consigamos entender por que sua mãe não deixava você entrar com ela na estufa, e tenho certeza de que ela tinha os motivos dela. — Suspirei, lembrando-me dos avisos da Senhora Dalloway. Por que deixar este lugar todo trancado se

ele poderia trazer alegria para esta garotinha que sentia tanta falta da mãe? — Sabe, Katherine — continuei —, acho que está na hora de você entrar aí.

Ela arregalou os olhos.

— Você acha?

— Sim. Mas você não pode contar nada para seus irmãos, nem para a Janie.

Ela balançou a cabeça, animada.

— Não vou contar.

— Ótimo. Este será nosso segredo. — Coloquei a chave na porta de novo. — Venha.

Katherine me seguiu boquiaberta enquanto olhava lá dentro.

— É, é... tão lindo... — maravilhou-se ela enquanto passávamos pelas árvores cítricas. — Mamãe trazia os cunquates para nós. — Ela parou e então olhou para mim com um sorriso envergonhado. — Sinto muito, Senhorita Lewis. Fui horrível com a senhora.

— Está tudo bem — disse, ajoelhando-me para olhar em seus olhos. — Você não me conhecia. — Peguei um cunquate na árvore e coloquei-o em sua boca. — E agora você me conhece.

Toquei em seu braço com ternura.

— Querida, posso te perguntar sobre esses machucados? O que aconteceu?

Ela puxou o braço instintivamente, então respirou fundo, relaxando.

— Você promete não contar para ninguém?

Balancei a cabeça, concordando.

Ela puxou a manga da camisola devagar, virando seu pequeno braço para mostrar a pele repleta de feridas — algumas cicatrizadas, outras ainda vivas, outras com casquinhas. Estremeci.

— Ah, Katherine! — suspirei. — Por favor, me diga quem fez isso com você.

Ela olhou para os pés.

— Eu mesma.

Coloquei a mão na boca.

— Não estou entendendo.

— Eu devia ter feito mamãe mais feliz — disse ela, começando a chorar. — Se eu tivesse sido uma filha melhor, ela não teria sido tão infeliz.

— Não, não, Katherine... — falei, passando meus braços em volta dela. — Isso não é verdade. A infelicidade dela não tinha nada a ver com você. Eu te garanto isso.

Ela colocou o rosto em meu ombro.

— Você precisa parar de se machucar — disse a ela. — Por favor, diga que você vai parar.

— Tenho tanta vergonha...

— Você não precisa ter vergonha, querida. — Segurei suas mãos. — Sua mãe não ia querer que

você se sentisse assim. — Olhei nos olhos dela. — Aposto que ela está olhando para você agora, querendo ver seu sorriso de novo.

— Você acha mesmo?

Balancei a cabeça, assentindo.

— E você não acha que ela ficaria brava por eu estar aqui com você?

Seu cabelo escuro caiu sobre seu rosto, e eu coloquei uma mecha atrás de sua orelha.

Claro que eu não sabia o que responder. Não mesmo. Quanto mais eu ouvia sobre Lady Anna, mais misteriosa ela me parecia. Eu queria acreditar que ela havia amado suas crianças e queria o melhor para elas. Mas a verdade não importava, não mais. Tudo o que importava agora era no que Katherine precisava acreditar.

— É claro que ela não ficaria brava, querida — respondi. — Na verdade, acho que ela estava esperando até você fazer 10 anos para te mostrar este lugar. Dez é uma idade muito importante, sabe?

— É?

— É, sim.

Ela levantou um pouco mais a cabeça e passou pela janela para olhar a palma mais de perto.

— Esta é a do rei da Tailândia?

— Rei da Tailândia?

— Sim — disse ela. — Eu me lembro do papai falando sobre ela.

— Talvez — respondi.

A estufa estava repleta de tesouros. Mas eu queria que Katherine tivesse o seu próprio tesouro. Ela merecia aquilo. Enquanto ela admirava a árvore de cunquate, fui até as orquídeas e encontrei uma com uma etiqueta em branco. Suas flores roxas brilhantes pareciam quase azuis à luz da lua que entrava pelo teto de vidro. Peguei um lápis na mesa e escrevi “Lady Katherine de Moors” e coloquei a etiqueta no vaso da planta.

— Katherine. Você precisa ver isto.

Ela veio correndo para o meu lado.

— O que foi?

— É a orquídea da sua mãe. Seu nome botânico é *Dendrobium*, mas, veja, ela escreveu mais alguma coisa nela.

Ela se inclinou para ler a etiqueta e então olhou impressionada para mim.

— Ela deu a ela o nome de Katherine — disse ela. — O meu nome.

— Viu? — disse, sorrindo. — Ela deu o seu nome para a orquídea mais bonita. Aposto que ela não via a hora de mostrar isso a você.

Katherine colocou o braço em volta da minha cintura e me apertou.

— Obrigada, Senhorita Lewis. Muito obrigada por me deixar entrar aqui com você.

— De nada.

Olhei pela janela e vi a luz piscar no jardim de novo.

— Venha — sussurrei para Katherine. — Vamos voltar para a cama.

Addison

Rex apareceu no vestíbulo segurando a correspondência em uma mão e um vaso de flores na outra. Ele havia passado uma boa parte da manhã na cafeteria, trabalhando em sua pesquisa.

— Veja o que estava esperando por você na porta.

Ele colocou a correspondência na mesa da entrada e me entregou as rosas cor de laranja.

— Você deve ter um admirador secreto — disse ele, sorrindo.

Abri o pequeno envelope com as mãos trêmulas. No cartão estava escrita uma única palavra: “Lembra?”.

— Quem mandou? — perguntou ele.

— Ah... minha amiga Kelly — respondi, pensando rápido.

Rex coçou a cabeça.

— Kelly? Da faculdade?

— Sim. Ela, hã, ela queria nos desejar um feliz aniversário de casamento adiantado.

Rex balançou a cabeça.

— Uau, muito legal da parte dela se lembrar disso.

Ele olhou para o arranjo por um momento, curioso.

— Como vai sua pesquisa? — perguntei enquanto colocava as flores na mesa ao lado da correspondência.

— Bem — disse ele, esfregando a testa. — Não consigo deixar de pensar que está faltando um elemento crucial nessa história.

— Talvez eu tenha uma ideia para você. Não consegui dormir na noite passada, por isso saí andando pela casa. E, bom, a Senhora Dilloway me mostrou o escritório de Lady Anna. Rex, eu acho que alguma coisa muito obscura aconteceu aqui há muito tempo.

— Sério? Tipo o quê?

— Ainda não sei dizer — respondi. — Acho que vou até a cidade hoje à tarde para ver se descubro alguma coisa.

— Boa ideia. Queria ir com você, mas uma viagem até a cidade hoje já foi suficiente. Além disso, vou encontrar o empreiteiro ao meio-dia.

— Empreiteiro?

— Sim. O homem que meu pai contratou para a reforma.

Eu sabia que haveria reformas, mas eu detestava pensar neles fazendo uma grande transformação na mansão.

— Eles não vão fazer nenhuma mudança drástica, não é?

— Eu não sei — disse ele. — Mas a decisão não é minha. Meus pais já pensaram em tudo. Só preciso aprovar alguns detalhes finais.

Pensei na estufa. Será que ela seria destruída? Será que eles a transformariam em uma sala de TV? Será que as buganvílias dariam lugar a uma TV de tela plana?

Meu coração bateu forte.

— Rex?

— Addison? — disse ele, olhando para mim.

Olhei para seu rosto, tão adorável, tão honesto e forte. Ele era a minha rocha, a minha paz, a única família que eu conhecera. Então por que eu não conseguia dizer a ele o que estava em meu coração? A estufa, a Senhora Dilloway, o arranjo de rosas cor de laranja que simbolizava o terror do meu passado. Abri a boca, mas nenhuma palavra saiu.

— Você está bem, querida? — perguntou Rex, beijando meu pescoço.

Ele colocou sua pasta perto da escada e algumas fichas caíram, inclusive aquela que tinha o nome “Amanda”.

Ele se ajoelhou rapidamente para guardar as fichas de volta antes de olhar de novo para mim. Achei ter detectado uma distância em seus olhos, só um lampejo, um sinal de que, assim como ele não sabia tudo sobre mim, talvez eu não soubesse tudo sobre ele.

Forcei um sorriso.

— Claro que estou bem.

Rex olhou curioso para mim.

— Tenha cuidado ao dirigir até a cidade, tá?

Balancei a cabeça enquanto passava pelo vaso de flores cor de laranja, com suas pétalas da cor de uma chama, brilhante e quente.



Na estrada a caminho da cidade, virei para a esquerda, depois para a direita, e quase bati em um carro que estava vindo. O barulho da buzina ecoou atrás de mim quando o carro passou. Apesar das minhas visitas frequentes à Inglaterra com Rex, nunca me acostumava a dirigir do lado contrário da pista.

Estacionei o carro na cidade, repensando nos meus planos para o dia. O que eu achei que encontraria ali? Olhei as vitrines de algumas lojas ao longo da rua de paralelepípedos. O correio. Um sapateiro. Gretchen's Café. Milton's Pub. Observei um policial balançando sua batuta antes de entrar em um prédio de tijolos com porta vermelha. Acelerei meu passo e me aproximei.

— Posso ajudá-la, senhora? — perguntou uma mulher de meia-idade com óculos estilo John Lennon sentada atrás de uma mesa.

Ela usava um rabo de cavalo e uma franja sem corte formando uma linha reta perfeita em sua testa.

— Sim — respondi, sentindo um aperto no peito. — Estou fazendo uma pesquisa, gostaria de saber se você pode me ajudar com algumas informações.

— Ah, você é americana — disse ela calorosamente. — Bem-vinda a Clivebrook.

— Obrigada.

— O que a traz aqui?

— A família do meu marido comprou a Mansão Livingston há pouco tempo — expliquei. — Estamos passando o verão aqui.

— Ah. Então a senhora pertence à família Sinclair.

— Sim. Eu sou Addison Sinclair.

— É um prazer conhecê-la — disse ela, esticando a mão. — Eu sou Maeve. — Ela entregou uma pasta para um policial que apareceu em sua mesa e então voltou a olhar para mim. — Será bom ver as pessoas sorrindo na antiga casa de novo — continuou ela — depois de toda a tristeza que se abateu por lá. — Ela sacudiu a cabeça. — Algumas pessoas aqui da cidade acham que aquele lugar é amaldiçoado.

Assenti.

— É por isso que estou aqui. Soube que algumas jovens desapareceram na cidade nos anos 1930 e 1940.

— É verdade — disse ela, apontando para um cartaz na parede perto da porta. — Seus nomes estão todos ali.

— Então elas nunca foram encontradas?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Uma época bastante obscura da nossa história. Claro, sou jovem demais para me lembrar disso, mas minha mãe ainda fala como se Clivebrook tivesse seu próprio Jack, o Estripador, ainda vivo.

— Meu Deus. Você acha isso possível?

— Oh, céus, não, querida — disse ela. — Se ele ainda estivesse vivo, teria uns 90 anos. — Ela sacudiu a cabeça. — Não, os crimes pararam de acontecer em 1940. Meu palpite é que ele morreu nessa época. Mas talvez nunca saibamos.

Peguei meu caderno e anotei a data. Eu perguntaria isso para a Senhora Dilloway depois.

— Você sabe alguma coisa sobre Lorde Edward Livingston?

— Só sei que ele morreu nos anos 1960. Ele era muito fechado. Ninguém sabia muita coisa sobre ele, só boatos. Eu me lembro de ele ter vindo para a cidade uma vez quando eu era criança, e eu estava brincando na fonte quando um dos meninos gritou com ele. Ele o chamou de assassino. Senti muita pena dele. — A mulher suspirou. — Ele não parecia o tipo de pessoa que mataria a mulher. Afável demais para cometer um crime como esse, se você me entende.

Balancei a cabeça, demonstrando compreensão.

— Você se lembra de mais alguma coisa? Mais alguém que tenha trabalhado na mansão?

— Bem, tem uma empregada — ela sorriu. — Qual é o nome dela? Senhora...

— Dilloway?

— Sim. Aquela lá me dá arrepios. Morar naquela casa durante setenta anos... Ela deve estar escondendo alguma coisa.

— Ela gostava muito de Lady Anna Livingston. É por isso que ela ficou lá por tanto tempo, para cuidar dos jardins dela.

— Foi isso que ela te disse?

— Sim — respondi. — Tenho de acreditar que seja verdade.

— Então por que ela entrou com um pedido para que o laudo da autópsia de Lady Anna fosse selado?

— O quê? — Eu me amparei na beirada da mesa.

— Sente-se — disse ela. — Vou ver se consigo encontrar o arquivo.

Um pouco depois, Maeve voltou com um envelope.

— Você consegue acreditar — disse ela — que o juiz aceitou o pedido dela? Os documentos estão selados, mas você pode ver o pedido bem aqui. — Ela apontou uma página xerografada. — Veja. Tem uma assinatura no final.



Andei pela rua por mais uma hora, tentando encontrar sentido em tudo o que a Senhora Dilloway havia me dito. Se ela adorava tanto Lady Anna, se ela queria protegê-la, por que ia querer esconder a verdade sobre sua morte?

Caminhei pela calçada até ver um pequeno parque. Crianças brincavam perto de um jardim. Ouvi suas risadas enquanto observei duas garotinhas que voavam pelo ar em seus balanços. Felizes. Despreocupadas.



Quinze anos antes

— Mandaa! — gritou o garotinho.

Esfreguei os olhos e pulei do sofá. Fazia quanto tempo que eu estava dormindo? A tia Jean, bêbada, tinha me pedido para cuidar do Miles. Ela devia ter voltado ontem, mas não apareceu. Corri até o quarto, mas ele não estava deitado no berço ao lado da cama da Jean. O cobertor amassado do rei Garibaldi estava caído no chão.

— Mandaa! — gritou ele de novo.

Desta vez corri até a janela, olhando pela escada de incêndio para o beco abaixo, onde alguns moradores generosos do prédio haviam instalado balanços de alumínio anos atrás. Perdi o fôlego. Sean. Ele o estava balançando alto demais. As mãozinhas de Miles estavam agarradas nas correntes enferrujadas para salvar sua vida.

— Pare! — gritei pela janela aberta. — Sean, ele vai cair!

Enfiei os pés nos sapatos e peguei minha jaqueta, encolhendo-me quando a manga raspou na ferida em meu pulso onde Sean havia apertado o cigarro em minha pele na noite anterior. Miles gritou ao longe.

— Estou indo, Miles! — gritei e comecei a descer a escada de incêndio, culpando-me por ter caído no sono. Sean podia me torturar, mas eu não deixaria ele machucar aquele garotinho.

Quando cheguei à rua, virei na esquina do beco, onde o velho balanço voava como se fosse tombar e levar o pequeno Miles com ele.

— Mandaa! — gritou ele. — Me ajude!

— Pare com isso, Sean! — gritei.

— Me faça parar — disse ele, sorrindo sarcástico.

— Por favor! — gritei. — Ele vai cair.

Eu detestava a tia Jean por nos deixar sozinha com aquele monstro. Olhei para Miles, que mal tinha 3 anos, com suas perninhas se debatendo no ar. Mais um pouquinho, e ele ia cair. Ele não tinha força para segurar. Ele estava escorregando.

— Olha, ele vai molhar as calças de novo — disse Sean, rindo. — Vamos ver quanto tempo vai demorar.

— Pare! — disse, tentando puxá-lo.

— Isso vai ter um preço — disse ele, me empurrando. — Você sabe do que eu gosto.

— Você é nojento. — Estremeci e em seguida cerrei os dentes. — Não vou deixar você me tocar.

Os próximos minutos pareceram estar em câmera lenta. A mão de Sean tocando as costas de Miles. O último grito do menininho. O olhar de tristeza, medo, derrota, enquanto o pequeno garoto voava pelo ar, seu cabelo loiro batendo na brisa. E então sua cabeça atingiu o cimento. Ele ficou lá deitado, olhos abertos, sangue escorrendo do nariz. O rosto de uma criança que nunca conheceu o amor.

Corri até ele, embalando sua cabeça em meus braços.

— Miles — gritei. — Querido, não, não, por favor, não morra. Estou aqui. Estou aqui. Não vou deixar que ele te machuque de novo. Prometo.

Ele ficou ali deitado, sem vida. Descansei minha cabeça em seu corpo imóvel antes de me virar para Sean com ódio.

— Você o matou! — Lágrimas escorriam pelo meu rosto. — Como você pôde fazer isto?

Ele sorriu e cruzou os braços.

— Eu não fiz nada.

— Você o empurrou. Você sabia que ele era pequeno demais para se segurar! — O sangue cobria minhas mãos enquanto eu tocava em seu rosto. — Eu vou chamar a polícia.

Sean aproximou-se, descruzando os braços. Pela primeira vez ele parecia assustado.

— Não, não vai.

— Eu vou — respondi, rangendo os dentes. — Você não vai escapar desta.

Ele riu.

— Não, você entendeu errado. *Você* não vai escapar desta.

— Do que você está falando?

— De assassinato. Jean deixou você cuidando de Miles. Você era a babá dele. E agora você tem sangue em suas mãos. Literalmente.

Olhei para minhas mãos, cobertas pelo sangue do garoto.

— Não. Você está errado. Eles vão ouvir a verdade e vão...

— Mas em quem eles vão acreditar é que é a questão. — Ele sorriu, apontando para a janela no sexto andar que estava aberta. — Eu vou dizer a eles que ele estava te irritando e que você o empurrou.

— Eles não vão acreditar em você. Você é um mentiroso.

— Eles vão acreditar em mim. Eu te garanto isso.

Minhas mãos tremiam. Será que ele estava certo?

Sean colocou a mão em minha cintura.

— Ouça o que você vai fazer. Você vai subir e vai pegar um saco de lixo.

— Não — choraminguei.

— Sim — disse ele. — Como é o nome daquele maldito jardim onde você trabalha como voluntária no Bronx?

— Jardim Botânico — respondi baixinho.

Ele balançou a cabeça.

— Você tem a chave de lá?

— Sim, mas eu...

— Ótimo. Hoje à noite, depois que escurecer, vamos enterrá-lo lá. Ninguém vai saber. É um plano perfeito.

Olhei para a rua, chorando. O mundo parecia cinzento, nebuloso, solitário.

— Mas e a Jean? — solucei. — E a assistente social do Miles?

— Vamos dizer a elas que ele fugiu — disse Sean, rindo. Um bigode fino havia crescido acima de seu lábio superior. — Crianças adotivas sempre fogem. Ninguém vai ligar.

— Não. Não vou fazer isso.

Ele grudou em meu pulso, fazendo-me sentir dor no braço. Naquele momento tudo o que eu queria era fazê-lo parar, fazer tudo parar, acabar com a dor, com a tristeza.

— Por favor! — gritei. — Você está me machucando.

— Vá lá em cima, Amanda — disse ele metodicamente. — Vá pegar o saco de lixo.

Meu corpo tremeu enquanto eu me levantava. Eu tinha outra escolha?



— Corre — disse Sean atrás de mim. Ele havia embrulhado o corpo de Miles em três camadas de saco plástico e então guardou-o em uma mala que encontrou no armário da Jean. — Mais rápido! — gritou ele.

Andei entorpecida até a entrada do Jardim Botânico. Minhas mãos estavam desajeitadas e cansadas quando coloquei a chave na fechadura. Antes desse dia, os jardins sempre tinham sido meu santuário particular, o lugar onde Sean não podia me machucar. Eu trabalhava como voluntária duas vezes por semana, colocando água nas plantas e limpando as folhas. Quando meu horário terminava, eu detestava voltar para casa. Jean quase não ficava mais lá. Mas eu voltava por causa do Miles. Às vezes, eu o levava comigo para ver os jardins. Ele adorava. Eu me lembrei do dia em que ele subiu na árvore de carvalho. Eu me lembrei da maneira como ele sorriu. E agora ele seria enterrado ali. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Você tem certeza de que não tem ninguém aqui? — sussurrou Sean.

Balancei a cabeça em negativa enquanto entramos pelas portas. Os jardineiros da noite iam embora às nove. Enquanto andávamos, olhei para o alarme de incêndio na parede. Eu poderia esticar o braço e ativar o alarme. E então o que eu faria? Sean sairia correndo, e eu seria deixada ali com o corpo de um garotinho. Como eu iria me explicar? E se Sean estivesse certo? E se ninguém acreditasse em mim? Isso não importava agora. Nada traria Miles de volta.

Sean pegou uma pá em uma prateleira na parede e então apontou para os jardins ao longe.

— Nós vamos enterrá-lo lá — disse ele. — Venha.

Eu o segui e passamos pelas portas que davam no jardim de rosas. O solo no centro havia sido mexido recentemente. Ninguém suspeitaria de nada. Sean jogou a mala no chão sem nenhum cuidado, e eu observei enquanto ele enfiava a pá na terra. Suor escorria de sua testa, chegando até seu bigode fino. Olhei para o outro lado com nojo, deixando meus olhos serem capturados por um arbusto de rosas cor de laranja alguns metros dali. A vida de Miles tinha sido triste. Ele tinha visto tão pouca beleza no mundo... Pelo menos agora ele estava rodeado de coisas belas. Sean limpou o suor de sua testa e depois jogou a mala na sepultura improvisada. As rosas balançavam com a brisa da noite. Elas cuidariam do garotinho. Rosas eram maternais.

Quando Sean começou a jogar terra no buraco, eu o interrompi.

— Espere — disse, colocando a mão no bolso do meu casaco para pegar o ursinho que Miles adorava, aquele que eu tinha costurado meticulosamente.

Segurei o bicho de pelúcia contra meu peito antes de colocá-lo ao lado do garoto em sua última morada.



Esfreguei os braços para não sentir o frio. O vento havia aumentado. Quando é que as crianças saíram do parquinho? Eu me levantei, pegando minha bolsa, e foi então que percebi que ele estava ali, encostado na árvore. Ele deu um longo trago em seu cigarro antes de jogá-lo no chão, esmagando-o com sua bota.

— Olá, Amanda — disse ele, sorrindo.

Fiquei paralisada. Aquele terror que eu conhecia voltou. Ele estava com a mesma aparência. Do jeito que eu imaginara. Cabelo castanho comprido, oleoso. Sobrancelhas grossas. A barba por fazer.

— Você recebeu minhas flores? — perguntou ele.

— Me deixe em paz, Sean — disse, fechando os pulsos, olhando para os lados à procura de alguém, de qualquer pessoa. O parque estava vazio. — Eu disse para você, não tenho o dinheiro que você quer.

— Ah, Amanda, você sempre foi a esperta — disse ele, aproximando-se. — Tão esperta. O negócio é o seguinte — disse ele, agora a centímetros do meu rosto. Eu podia sentir o cheiro de seu cabelo sujo, o azedo de sua pele. — Tive bastante tempo para pensar em você enquanto estive preso. Passei dez anos na prisão.

— Não foi culpa minha. Você estuprou uma garota. — Sacudi a cabeça. — Eu li a notícia no jornal. Ela tinha só 13 anos, seu nojento. Ele sorriu para mim como se estivesse se divertindo comigo.

— Você se lembra do Miles? Você se lembra dele pedindo ajuda?

Sacudi a cabeça.

— Você é doente.

Sean riu para si mesmo.

— Você podia ter me impedido.

— Eu tentei.

— Não com força o suficiente — disse ele, ainda sorrindo. — E sabe de uma coisa? Você está certa. Não é o dinheiro que eu quero. Eu ainda tenho bastante dinheiro do meu último emprego. A polícia não conseguiu encontrar minha conta no exterior. — Ele balançou a cabeça. — Sabe, minha querida — ele passou o dedo em meu rosto —, o que eu realmente quero é você.

Cuspi em seu rosto, e ele levantou o braço para limpá-lo com a manga da camisa e depois segurou meu braço, puxando meu relógio mais para baixo.

— Ainda está aí — disse ele. Seu toque fez com que eu me sentisse nauseada. — O que você acha que aquele seu marido vai pensar quando descobrir que você matou um menino?

— Não toque em mim! — gritei.

Ao longe, duas pessoas se viraram em nossa direção, um homem e uma mulher.

— Socorro, por favor! — gritei.

— Cala a boca, Amanda — advertiu Sean.

O homem veio correndo em nossa direção.

— Solte a moça — disse ele.

Sua companheira ficou distante. Ela tinha cabelo curto e usava óculos de sol. Achei que ela tinha um semblante familiar, mas, na adrenalina do momento, não conseguia ter certeza.

Sorrindo, Sean encolheu-se e saiu correndo pelo caminho que levava até a rua principal.

— Isto não acabou, Amanda! — gritou ele.

— Vamos até a delegacia — disse o homem. — Você precisa prestar queixa.



— Já voltou? — perguntou Maeve, a mulher na delegacia de polícia. — Resolveu o caso do assassino de Clivebrook? — Sua expressão ficou séria quando ela viu as lágrimas em meus olhos. — Está tudo bem, senhora?

— Ela foi agredida — explicou o homem. — Nós a encontramos bem na hora.

— Venha — disse Maeve, ficando em pé.

Uma policial me direcionou a uma cadeira em uma sala nos fundos.

— Por favor, sente-se — disse ela. — Meu nome é Lucy.

Ela me entregou um copo com água. Coloquei-o na mesa e então mordi a ponta da minha unha, sentindo o gosto de sangue.

— Há quanto tempo você faz isso? — disse ela, indicando minha mão.

Instintivamente, dobrei os dedos, cobrindo minhas unhas.

— É um mau hábito que tenho tentado mudar há anos.

— As pessoas fazem isso quando se sentem ameaçadas, amedrontadas. Eu sei. Trabalho nisso há bastante tempo.

Abri as mãos e olhei para elas com novos olhos.

— Está tudo bem — disse ela.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto e, quando ela me perguntou sobre minha história, eu não me contive. Contei tudo para ela — sobre o abuso, Miles, as queimaduras em meu pulso, as cartas e os telefonemas ameaçadores, a promessa de divulgar minha verdadeira identidade ao meu marido, o passado que eu tentava tanto esquecer para conseguir seguir em frente. Depois de colocar tudo para fora, eu me senti, de certa forma, mais leve.

— Não se culpe, senhora. Você tinha 15 anos. Era só uma criança naquela época. Qualquer pessoa na sua posição teria feito o que você fez. O importante é que você tentou ajudar o garoto.

Balancei a cabeça em concordância.

— Se você esperar aqui, vou ligar para nossos colegas nos Estados Unidos e pedir para eles a ficha desse Sean — disse ela. — Vou ver o que eles me falam dele.

Aquiesci. Meia hora depois, ela voltou com a mão cheia de páginas que tinham acabado de sair de uma máquina de fax. Ela me entregou uma página com a foto dele.

— Este é ele, certo? — perguntou ela. — Procurado em três estados, por furto, estupro, abuso de menor e outros crimes. Se nós o encontrarmos, e com seu testemunho, nós o mandamos de volta para os Estados Unidos, de volta para trás das grades, onde ele deveria estar.

— Obrigada.

— Onde está seu carro? — perguntou ela.

— No final da rua.

Ela balançou a cabeça, condescendente.

— Está escuro. Vou pedir a um policial que acompanhe você até em casa. Por segurança.

— Obrigada — agradeceu novamente.

— Eu é que agradeço, Amanda — continuou ela. — Por sua coragem.

Sacudi a cabeça.

— É Addison. Não sou mais aquela garota.



Eu havia planejado contar a Rex sobre o incidente no parque quando eu chegasse à mansão, mas, quando entrei no quarto e vi seu rosto, não consegui. Se eu lhe contasse sobre aquilo, eu teria de contar tudo a ele. Eu ainda não estava pronta para acabar com a imagem que ele tinha de mim, aquela que eu havia criado com tanto cuidado com o passar dos anos.

Depois que Rex dormiu, fui para o andar de baixo na ponta dos pés para me certificar de que todas as portas estavam fechadas. Parei na sala de estar ao perceber alguns tubos de papel enrolado num canto perto das janelas. Será que eram os projetos? Fui até lá e os abri, esticando-os no chão. Fiquei feliz em ver que grande parte da casa permaneceria do mesmo jeito. Uma nova cozinha seria construída no primeiro andar. A entrada ganharia um novo ar, com novas colunas. Tudo bem. A sala de brinquedos, o escritório de Anna, o terceiro andar com a estufa, pelo menos de acordo com esses desenhos, parecia que não seriam modificados. Fui para a próxima página, que tinha um desenho detalhado da propriedade e dos jardins. Será que o jardim seria poupado? Parecia que sim, mas então virei para a última página da pilha e mal consegui acreditar no que vi. Seria mesmo possível? Será que Rex realmente ia esconder isso de mim? Eu me lembrei da maneira como ele agiu quando recebeu o telefonema no outro dia, a maneira como falou em segredo. Movi a cabeça e então olhei para a página, ilustrada com esboços do que parecia ser uma pista de golfe. Uma anotação feita à mão na margem dizia “o jardim será demolido neste verão”. No canto estavam as iniciais do meu marido, RLS.

Flora

1º de agosto de 1940

O clima na casa mudou na manhã em que Lorde Livingston devia voltar de Londres. Toalhas de mesa foram passadas com mais cuidado. A prataria recebeu um segundo polimento. Até as crianças pareciam ansiosas. Janie ficou agarrada a mim a manhã inteira, recusou-se a tirar seu cochilo, e o tutor disse que Nicholas estava bastante distraído durante as aulas de aritmética.

Sabíamos quando ele ia chegar porque o Senhor Humphrey foi buscá-lo na estação de trem. Eram quinze minutos para ir até a vila e depois para voltar, por isso deixei as crianças ficarem na calçada para esperar por ele às dez e meia. Janie gritou quando os meninos viram o carro a distância, andando pela rua sinuosa em direção à casa. Ela começou a andar em direção ao carro, mas segurei-a em meus braços.

Katherine passava a mão em sua trança presa em um coque, que eu havia feito em seu cabelo. Fiquei surpresa em ver como ela parecia crescida.

— Você acha que o papai vai perceber que estou usando meu cabelo para cima agora? — perguntou ela.

— Sim — respondi. — Tenho certeza que sim, querida. Ele vai achar que você está linda.

— Espero que ele tenha trazido presentes de Londres para a gente — disse Nicholas, sorrindo.

Abbott virou-se para nós.

— Vocês acham que ele trouxe o avião que pedi para ele? Aquele do catálogo da Harrods?

Torci, para o bem das crianças, que o pai delas estivesse tão animado em vê-las como elas estavam, mas, quando o carro parou, ele desceu sem dar muito mais do que um sorriso.

— Bem-vindo de volta, papai! — disse Nicholas.

Lorde Livingston subiu os degraus da casa e balançou a cabeça para nós.

— Olá, crianças — disse ele sem emoção, antes de entregar o chapéu e o casaco para o Senhor Beardsley. — Traga meu chá direto para meu escritório — ordenou. — Tem um assunto urgente que precisa da minha atenção.

Ele entrou correndo na casa e fechou a porta. Não estava frio quando saímos, mas o vento mudara. Janie tremia e Katherine esfregava os braços. Nicholas fez um bico.

— Venham, crianças — disse. — Veremos seu pai mais tarde.

Abbott chutou uma pedra, que voou pela calçada e bateu na calota perto do Senhor Humphrey.

— Abbott! — gritei. — Peça desculpas ao Senhor Humphrey!

— Não vou pedir! — gritou ele, correndo para o terraço.

O Senhor Humphrey ajoelhou-se e começou a limpar a calota com seu lenço. Ele murmurou alguma coisa baixinho.

— Sinto muito — disse para o motorista. — Vou conversar com ele sobre isso.

— Não vai adiantar nada — disse ele, carrancudo. — Já te falei que o garoto é uma peste.



Nós não vimos mais Lorde Livingston até a hora do almoço e, durante esse meio-tempo, as crianças passaram a manhã mal-humoradas. Quando chegaram à mesa, porém, um presente esperava por cada um deles em seus lugares. Os pacotes estavam embrulhados em papel azul e amarrados com fita. Katherine soltou um grito ao ver seu presente; ela rasgou o papel imediatamente e encontrou uma boneca de porcelana com um vestido de seda rosa. Janie ganhou uma coleção de livros infantis, e Nicholas, um trem. Meu coração acelerou-se um pouco quando Abbott abriu sua caixa. Contudo, pelo seu olhar, eu sabia que o presente não era um avião. Seu rosto ficou sério.

— Obrigado, pai — disse ele, levantando um par de botas de equitação. — Vou gostar de usá-las.

Lorde Livingston estava sentado na ponta da mesa e sorriu.

— Tem um presente para a senhora também, Senhorita Lewis — disse ele, apontando para uma caixa embrulhada em um papel rosa no canto da mesa.

— Ah... — disse, surpresa. — Quanta gentileza... mas, de verdade, o senhor não precisava me trazer nada.

Ele sorriu. Todos os traços de seu mau humor haviam desaparecido.

— Eu quis comprar. Vá em frente, abra.

Katherine balançou a cabeça com expectativa.

— Sim, abra, por favor!

Peguei a caixa e desfiz o laço com cuidado, então rasguei o papel e abri-a. Dentro havia três pequenas telas, um avental, um jogo de tintas acrílicas e cinco pincéis.

— Pedi ao Senhor Humphrey que levasse o cavalete para seu quarto — disse ele. Seus olhos brilharam. — Espero que a senhorita goste.

— Sim. — Tentei firmar a voz. — Não sei como agradecê-lo.

— Não precisa agradecer. Apenas divirta-se.

Balancei a cabeça em sinal de gratidão.

— Ah, com certeza. Prometo.

Nicholas olhou curioso para mim.

— Senhorita Lewis, não sabíamos que era uma artista.

— Bem, na verdade, eu não sou. Mas eu gosto de pintar flores e a natureza.

— A mamãe também gostava — disse Katherine, sorrindo orgulhosa para mim.

Lorde Livingston pigarreou desconfortável.

— Bem, pensei que talvez a senhorita pudesse pintar alguma coisa para nós, um cenário para acrescentarmos à coleção da casa, talvez?

— Ah, mal consigo pensar em alguma coisa que eu pudesse pintar que valesse a pena.

— Eu discordo — disse ele, acenando com a cabeça para o Senhor Beardsley, que havia lhe servido um prato de sopa.

As crianças almoçaram felizes e, depois, dei licença a elas para irem brincar com seus presentes na sala de brinquedos. Quando a Senhora Dilloway e o Senhor Beardsley se retiraram, eu também me levantei para sair. Entretanto, Lorde Livingston pigarreou e disse:

— A senhora pode esperar só um momento, Senhorita Lewis?

Parei na porta.

— Sim, claro.

— Obrigado — disse ele.

— Por que o senhor está me agradecendo?

— Por me fazer enxergar.

Sacudi a cabeça, confusa.

— Eu não estou entendendo.

Ele suspirou.

— Tenho estado tão perdido em minha tristeza que não vi que as crianças precisavam de mim. — Ele esfregou a testa nervoso. — Quando cheguei em casa hoje, a maneira como você os deixou lá fora esperando por mim, bem, isso me tocou. Mas eu não percebi aquilo logo quando cheguei. De qualquer maneira, sei que tenho sido um péssimo pai.

— O senhor não tem sido péssimo. Seus filhos amam muito o senhor.

— Bom — disse ele —, preciso consertar algumas coisas.

Balancei a cabeça, assentindo.

— O senhor deve começar com Abbott. Parece que ele colocou na cabeça que precisa de um avião.

— Hã?

— Sim. Seria melhor ainda se o pai brincasse com ele de fazer o avião voar.

Ele olhou para o chão como se tivesse acabado de perceber que tudo o que ele pensou saber sobre o filho fosse tão insignificante quanto a notícia do dia anterior no jornal.

— Eu vou... — Ele parou, olhando para mim um pouco incomodado. — Vou pensar um pouco nisso.

— Bom — acrescentei, indicando a caixa de acessórios de arte. — Obrigada mais uma vez pelos presentes. É melhor eu ir ver as crianças.



Depois de colocar as crianças na cama, arrumei a sala de brinquedos e bocejei enquanto descia as escadas. Tinha sido um longo dia e eu queria muito dormir, mas havia prometido a Janie que arrumaria o vestido de sua boneca. Ela deixara a boneca no sofá da sala de estar. Eu só precisava pegá-la e depois ir atrás da Senhora Dilloway para ver qual era o tom certo da linha cor-de-rosa que combinaria com o tecido.

Entrei apressada na sala de estar, procurando a boneca da Janie no sofá. Engraçado, ela tinha acabado de sair dali.

— Procurando isto?

Dei um pulo, virando-me rapidamente para ver Lorde Livingston segurando a bonequinha de cabelo amarelo.

— Ah, sim — disse, respirando fundo.

— Desculpe-me, não quis assustá-la — disse ele, andando na minha direção para me entregar a boneca.

— O senhor encontrou a Agnes. — Sorri.

— Agnes?

— Sim, bem, Aggie — continuei.

— Sim — respondeu ele, ligando o rádio na mesa lateral. — Agora, deixe-me ver se consigo pegar algum sinal nesta porcaria.

Eu sabia muito bem como eram aqueles rádios temperamentais. O que tínhamos na padaria estava sempre cheio de farinha, mas nunca deixava de dar sinal. Eu não conseguia amassar o pão sem ouvir o rádio.

— O senhor quer que eu dê uma olhada? — perguntei, caminhando em direção à mesa. — Tenho um dom especial com essas engenhocas.

— Obrigado. Se você não se incomodar.

Virei o botão com cuidado e ouvi com atenção enquanto ele atingia e perdia a frequência, emitindo sons distorcidos e ruídos agudos.

— É a antena — disse, colocando-a para trás.

Puxei o fio na direção da janela e, logo depois, uma voz masculina saiu pelos alto-falantes, de maneira tão clara que parecia que o locutor estava bem ali em pé a nossa frente.

— Muito bom — disse Lorde Livingston.

Olhei de novo para a porta.

— Bem, é melhor eu ir.

— Fique se quiser — disse ele, apontando para o sofá. — Quero dizer, se você quiser ouvir as últimas notícias sobre a guerra.

— Confesso que eu acho isso tudo muito deprimente.

Ele desviou o olhar meio sem jeito e então ficou sério.

— Certo, é... — disse ele.

Uma série de tambores soou nos alto-falantes do rádio. “Hitler e seu exército estão avançando. O que isso significa para a Inglaterra, para o mundo?”

Meus olhos continuaram fixos no rádio. Eu só conseguia pensar em Desmond.

— Bem — Sentei-me sem pensar —, talvez eu fique. Apenas por um minuto.

Como tinha acontecido no carro, era estranho estar sentada tão perto de Lorde Livingston, principalmente com aquela luz fraca. Mas a guerra estava no horizonte, e a gravidade da situação quebrava as barreiras emocionais. Cerrei os pulsos ao ouvir o barulho de tiros no alto-falante e ouvi atentamente. “Enquanto Hitler e seus homens avançam pela Europa Oriental, mais jovens são chamados para proteger nossa porta de entrada.” A emissora continuou, fornecendo relatórios detalhados sobre a situação da guerra. Ouvimos durante vinte minutos, até que o programa acabou dizendo “Podemos apenas torcer e rezar para que nossa casa seja poupada das atrocidades da guerra. Deus proteja a Inglaterra e Deus proteja a rainha!”

Lorde Livingston levantou-se e virou o botão até que o som distorcido deu lugar à música suave, do tipo da que se ouvia em um clube lá nos Estados Unidos. Ele se sentou de novo ao meu lado.

— O senhor acha que é verdade o que eles estão dizendo? — perguntei. — O senhor acha que a guerra vai chegar até a Inglaterra?

— Nenhum de nós quer acreditar nisso, claro. Mas precisamos estar preparados para ela.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Ainda temos tempo. Um dos meus sócios em Londres, do alto escalão da Força Aérea Real, garante que nada é iminente enquanto eles estão aumentando suas defesas.

Uma música suave e melódica começou a tocar. Eu a reconheci imediatamente. Louis Armstrong. *All of me, why not take all of me?* Olhei para baixo quando senti Lorde Livingston olhando para mim.

— Você sente saudade de casa?

— Sinto — respondi, olhando para minhas mãos no colo. Naquele momento, meu coração doeu por mamãe e papai, pela padaria, pelas ruas movimentadas de Nova York, tão longe das ameaças de Hitler, desta família estranha e de seus problemas. — Eu adoro estar aqui, de verdade; mas é que não achei que o mundo fosse mudar quando eu não estivesse lá. Limpei uma lágrima em meu rosto.

— Tome — disse ele, entregando-me um lenço que estava no bolso de seu paletó.

— Obrigada — agradei, enxugando os olhos.

Eu me virei quando ouvi passos atrás de nós. A Senhora Dilloway estava em pé na porta.

— Desculpe minha intromissão — disse ela com rigidez.

Seguindo o exemplo de Lorde Livingston, eu me levantei rapidamente.

— Katherine teve um pesadelo — disse ela. — Você precisa ir lá em cima dar uma olhada nela.

Embora ela estivesse falando comigo, ela olhou através de mim. Seus olhos — cansados, sofridos — estavam fixos à frente, diretamente em Lorde Livingston. Eu me senti estranha ali em pé, fora do lugar.

— Claro. — Minha voz cortou o silêncio como uma faca.

Saí apressada passando pela Senhora Dilloway e então a porta fechou-se, abafando o barulho das vozes deles.

Lá em cima, Katherine estava sentada na beirada de sua cama com os joelhos encostados no peito.

— Eu sonhei que mamãe tinha ido até a vila com o Senhor Humphrey, e, e... — Ela soluçava. — E que ele bateu o carro. — Ela continuou a soluçar. — O Senhor Beardsley tentou salvá-la, mas não conseguiu.

— Minha querida Katherine... — disse com amor, acariciando seu cabelo.

Ela franziu a testa.

— O papai já se esqueceu da mamãe, não é?

— Claro que não — respondi rapidamente.

— Já, sim! — gritou ela com os olhos enchendo-se de lágrimas de novo. — Ele já esqueceu, e eu detesto isso!



Antes de me retirar para a ala dos empregados, parei na estufa. Sem uma lanterna, o lugar ficava bastante escuro. A lua, parcialmente escondida atrás de uma nuvem, fornecia apenas um raio de luz, suficiente para que eu colocasse água nas plantas. Embora a Senhora Dilloway tivesse me alertado sobre os morcegos, pulei quando um deles gritou e voou sobre o telhado de vidro.

Fiquei ali olhando pela janela. A ponta do galho da palma encostou em meu rosto. O que Katherine tinha dito? Que tinha sido um presente do rei da Tailândia para Lady Anna? Eu não podia competir pelo amor das crianças com uma mulher que tinha tanto charme a ponto de acumular presentes de reis, e eu nem devia. Eu estava ali por uma razão, eu me lembrei. A Middlebury Pink.

Olhei pela janela para o terraço de Lorde Livingston, abaixo. A música tocava suavemente e parei para escutar a melodia romântica. Escondida no escuro, observei enquanto duas sombras eram vistas no terraço à luz da lua.



Na manhã seguinte, depois do café da manhã, o Senhor Humphrey anunciou que ia levar Lorde Livingston até a estação de trem.

— Ah, ele já vai tão rápido? — perguntou Sadie, olhando para a Senhora Dilloway, que parecia mais cansada do que o normal naquela manhã.

— Só sei que ele tem negócios urgentes na cidade — disse o motorista. — Ele me pediu para levá-lo lá até as dez, não mais do que isso.

A Senhora Dilloway olhou para mim antes de voltar a olhar para seu café da manhã.

A Senhora Marden encolheu os ombros.

— Por mim, tudo bem. Uma boca a menos para alimentar por aqui.

O Senhor Beardsley franziu a testa.

— Senhora Marden, não admito que a senhora fale de Lorde Livingston dessa maneira. Vocês todos sabem muito bem que o motivo para o lorde passar tanto tempo em Londres tem tudo a ver com nossas vidas na mansão.

— Como assim? — perguntou a Senhora Marden.

— Antes de falarem dele — continuou o Senhor Beardsley —, lembrem-se de que ele trabalha muito duro por esta casa, por todos nós.

— Senhor Beardsley, alguém ouviu alguma coisa sobre o Desmond? — perguntei.

— Receio que não — respondeu ele.

O Senhor Humphrey levantou-se abruptamente.

— Bem, é melhor eu ir. — Ele olhou para a Senhora Marden. — Vou pegar as compras quando estiver na cidade. E posso ir até o correio se alguém tiver alguma carta para ser enviada. — Entreguei um envelope endereçado à mamãe e ao papai, e então virei-me para o Senhor Beardsley. — O senhor ainda não recebeu nenhuma correspondência em meu nome, não é?

— Sinto muito, mas não recebi. Você está esperando alguma coisa?

— Ah, não. — Estava aliviada por não ter ouvido de novo nada sobre o Senhor Price e preocupada por não ter recebido nada de mamãe e papai.

— Acabei de me lembrar — disse Sadie, virando-se para a Senhora Dilloway —, que dia é hoje.

— Que dia? — perguntei curiosa.

— O dia do aniversário de Lady Anna — continuou Sadie com melancolia. — Lembra como o Lorde Livingston fazia surpresas para ela no café da manhã, a maneira como ele...

Ouvi o barulho de porcelana quebrando-se embaixo da mesa.

— Ah, olha o que eu fiz — disse a Senhora Dilloway.

Sadie chegou rapidamente ao lado dela, pegando os cacos da louça branca e colocando-os em uma pilha sobre a mesa.

— Não se preocupe — disse a Senhora Dilloway, segurando sua mão. — Eu posso cuidar disso. — Ela se virou para o Senhor Beardsley. — Por favor, providencie para que isso seja descontado do meu salário.

A Senhora Marden encolheu os ombros.

— Por que toda essa história por causa de uma xícara quebrada? Eu daria uma cozinha cheia de xícaras por uma maçã decente. — Ela olhou para a Senhora Dilloway. — A senhora viu as que chegaram hoje de manhã? — perguntou ela com desdém. — Estão todas machucadas e carcomidas. Não sei como vou conseguir fazer uma torta decente com aqueles ingredientes.

Sadie empurrou o jornal na direção dela.

— É melhor a gente se acostumar. Ouvi o Senhor Beardsley conversando com o Lorde no vestíbulo ontem e, bem, eu não queria ter ouvido, mas ele disse que está com um problema financeiro.

— Bom — bufou a Senhora Marden. — Eu não ficaria surpresa, do jeito que ele gasta dinheiro. Vocês viram a carga de charutos que chegou da América do Sul ontem?

— Não é um bom momento para ter problemas financeiros, se quiser saber minha opinião — respondeu Sadie. — Não quero ficar desempregada no meio de uma guerra. Dizem por aí que os alemães estão avançando. Antes de percebermos, eles estarão a nossa porta pedindo para que façamos bacon e ovos para eles.

— Quanta bobagem... — disse a Senhora Marden, ficando em pé e apertando o avental em volta de sua ampla cintura. — Só acredito vendo. Por enquanto, acho que não faz sentido ficar pensando nisso.

Meus pais tinham preocupações com a guerra na Europa quando saí, mas ninguém podia acreditar que as coisas podiam chegar a este nível e que nós podíamos realmente estar em perigo. Alcancei o jornal e olhei a primeira página. Com certeza a notícia estava errada. Tinha de estar errada.

Mais tarde, quando fui cumprimentar as crianças, a Senhora Dalloway entregou para Abbott uma caixa embrulhada com um papel marrom, amarrada com uma fita branca.

— Seu pai me pediu para lhe entregar isto — disse ela, olhando para mim.

— Para mim? — gritou Abbott.

A Senhora Dalloway balançou a cabeça, entregando a caixa a ele. Um minuto depois, ele havia aberto o embrulho e estava olhando para seu próprio avião.

— Obrigada — sussurrou a Senhora Dalloway para mim.

Addison

— Tem certeza de que você não quer vir comigo? — perguntou Rex, colocando uma mecha de cabelo atrás de minha orelha.

Pensei na ideia de acompanhá-lo até Londres, onde ele tinha combinado de encontrar um velho amigo. Depois do incidente na cidade, eu não queria ficar sozinha, mas eu estava próxima de resolver o mistério na mansão, por isso eu não queria sair dali. E eu não podia correr nenhum risco com Sean à espreita.

— Não. Acho que vou ficar aqui para olhar o livro das camélias de novo. Sinto como se houvesse alguma coisa que não percebemos no jardim. Alguma pista.

— Tudo bem — disse ele. — Volto amanhã e então podemos ver isso juntos. Quanto mais nós descobrimos, mais percebo que tem um romance se formando aqui.

Ele colocou sua mochila no ombro e me lembrei da pasta com o nome “Amanda” lá dentro. Eu não tinha lhe perguntado sobre ela.

— Vou sentir sua falta — disse ele, beijando meu rosto.

— Divirta-se com o Kevin.

Rex sorriu curioso para mim.

— Você não entende, não é?

— Não entendo o quê? — perguntei.

— Eu me divirto muito mais quando estou com você.

Eu sorri para ele, agradecida por este homem cujo amor por mim era tão sincero. Mas será que ele sentiria a mesma coisa se soubesse a verdade sobre meu passado?

— Meu táxi chegou — disse ele quando um carro parou do lado de fora.

— Tenha cuidado. — Dei-lhe um beijo de despedida.

— Lembre-se do lado da rodovia em que você deve dirigir caso saia com o carro.

Revirei os olhos, brincando.

— Eu te ligo do hotel — disse ele.

Observei enquanto o táxi saía pela rua, então tranquei a porta arrependendo-me instantaneamente da minha decisão de ficar para trás. Ouvi o antigo relógio bater furtivamente na parede. Cerrei os pulsos determinada a ignorar o medo que eu sentia. Não, eu não ia deixar Sean me enlouquecer. Eu ficaria bem. Mesmo que a polícia não o tivesse encontrado, eles estavam patrulhando a área regularmente, e eu tinha o número da delegacia na emergência do meu telefone.

No andar de cima, peguei a carta de Nicholas Livingston e liguei para o número dele.

— Alô... Oi... Eu sou Addison Sinclair. Meus sogros compraram a mansão recentemente. Eles estão na Ásia, e por isso, quando a carta chegou, tomei a liberdade de abri-la em nome deles.

— Sim, claro — respondeu ele. — Olá, Addison. — Ele pigarreou. — Tem um assunto que eu gostaria de discutir com você pessoalmente, se possível. Você estará disponível amanhã?

— Sim — respondi. — Estarei aqui.

— Ótimo. Eu posso pegar o trem das nove e chegar por volta da hora do almoço.

— Isso seria ótimo. Senhor Livingston, é só que, bem, eu pensei que, considerando as circunstâncias da venda, pensei que a família, é... que você não teria vontade de voltar de novo à mansão.

— É verdade — disse ele rapidamente. — Principalmente depois que... bem, podemos discutir isso tudo amanhã, Senhora Sinclair.



Naquela noite, ouvi uma batida na porta do meu quarto logo depois de deitar a cabeça no travesseiro.

— Senhora Sinclair, a senhora está acordada?

Coloquei meu roupão que estava pendurado na cadeira perto da cama e amarrei-o em volta de minha cintura. A Senhorita Klein estava ali, sem fôlego.

— Sinto muito incomodá-la, senhora, mas é a Senhora Dilloway. Ela desmaiou. Bateu a cabeça no balcão. Já chamei a ambulância.

Eu a segui até a cozinha, no andar de baixo. A Senhora Dilloway estava sentada no chão, encostada em um armário. Seus olhos pareciam sonolentos. Eu me ajoelhei ao lado dela.

— A senhora está bem?

Ela resmungou alguma coisa que não consegui entender. Apertei sua mão e virei-me para a Senhorita Klein.

— Quanto tempo até a ambulância chegar?

Ela olhou pela janela. Luzes piscavam na noite.

— Acho que eles estão chegando.

A Senhorita Klein correu até a porta e levou os paramédicos até a cozinha. A Senhora Dilloway virou-se para mim antes de ser levada em uma maca.

— Por favor... a carta...

Sacudi a cabeça, apertando sua mão.

— Poupe sua força.

— Parece que ela teve um AVC — disse um dos paramédicos. — A perda da fala é um sinal.

— Eu vou com vocês para o hospital — disse.

— Está tarde — disse a Senhorita Klein. — Fique. Descanse. Já faz vinte anos que trabalho para a Senhora Dilloway. Eu vou. É melhor ela ver um rosto familiar se estiver confusa.

Balancei a cabeça, concordando.

— Mas me ligue quando tiver notícias — disse, fechando a porta.

Fechei as cortinas do primeiro andar depois que eles saíram. Era estranho estar sozinha na casa. Apenas uma alma em uma casa que podia abrigar centenas de almas. Ou talvez houvesse centenas de almas ali comigo. Almas que já haviam passado por ali muito tempo antes. Almas que estavam observando e observando. Senti um arrepio enquanto subia as escadas em direção ao quarto. Lorde Livingston havia dormido ali. Com Anna. E com outras?

De repente, o ar ficou frio, então fui até o closet pegar outro cobertor, e foi nesse momento que vi uma caixa de madeira guardada num canto, na última prateleira. Apanhei a caixa, derrubando uma pilha de cobertores sobre minha cabeça. Levei a caixa para a cama, abrindo-a devagar. Dentro dela havia um pedaço de papel amassado, dobrado. Eu sabia o que era antes de abri-lo. A página do livro da camélia de Anna. A Middlebury Pink. A flor não estava mais lá, mas todas as anotações estavam. Lorde Livingston a pegara. Por quê? E por que ele tinha guardado o papel?

Fui até a janela, olhando para o jardim sob um véu de escuridão. A Middlebury Pink estava lá, eu sabia. E — arregalei os olhos — mais alguém também estava. A luz de uma lanterna brilhou no jardim, movendo-se por uma fileira e depois por outra. Eu me escondi atrás da cortina e corri até o criado-mudo para pegar meu celular.

— Alô, sim, aqui é Addison Sinclair, da Mansão Livingston — disse para o atendente. — Acho que tem alguém no jardim. Você pode enviar um policial para dar uma olhada?

Flora

18 de setembro de 1940

O verão foi embora com um pouco de alarde e nenhum sinal de Desmond. Lorde Livingston passou a maior parte do tempo em Londres, escondido em seu apartamento. Ele disse ao Senhor Beardsley que os negócios o prendiam por lá, mas eu receava que havia algo mais, alguma coisa séria. Em uma manhã de terça-feira chuvosa, ele ligou de Londres, e eu ouvi o Senhor Beardsley falando com ele na sala de estar.

— Lorde — disse o Senhor Beardsley ao telefone —, é tão bom ouvir notícias do senhor... Sim, sim, as crianças estão bem... Sim, a Senhorita Lewis também... Hã? Sinto muito por ouvir isso... Não há nada que possa ser feito?... Muito bem, sim, claro... Ah, é isso?... O Lorde Desmond, senhor? O senhor não está dizendo... Bem, eu não fazia a menor ideia, meu senhor. Nenhum de nós sabia. Sim, sim, claro.

— Com licença, senhor — disse da porta depois que o Senhor Beardsley desligou o telefone.

— Sim — respondeu o Senhor Beardsley, arrumando seu paletó. — Era Lorde Livingston. Ele telefonou de Londres para saber das crianças. Ele espera ficar na cidade por mais duas semanas antes de voltar para casa a fim de passar o fim do outono.

— Ótimo. As crianças sentem muito a falta dele.

Ele balançou a cabeça, concordando.

Hesitei antes de dizer:

— Será que eu poderia fazer uma pergunta?

— Sim, o que foi, Senhorita Lewis?

— Quando o senhor estava ao telefone, o senhor mencionou o nome de Desmond. Está tudo bem?

O Senhor Beardsley pegou um lenço no bolso de seu paletó e passou-o na testa, como se quisesse eliminar um suor imaginário.

— Nada com que a senhora precise se preocupar, Senhorita Lewis — respondeu ele, enfiando o lenço de volta no bolso.

— Claro. — Um silêncio estranho formou-se entre nós. — Eu entendo.

— Bom, se a senhorita me der licença.

— Sim, senhor. — Observei-o ir em direção às escadas.

Ah, Desmond. Por favor, volte para casa.



— Há uma tempestade chegando — avisou a Senhora Marden enquanto batia chantili com a mão na cozinha. O Senhor Beardsley havia sugerido comprar um misturador moderno, com um suporte adequado e um batedor mecânico, mas ela recusara. — Isso seria trapaça — disse ela. — Sou uma cozinheira. Pagam-me para cozinhar, e eu vou cozinhar.

— Mal posso esperar que esta tempestade vá embora com o verão — disse Sadie, olhando para o jardim, de forma melancólica, pela janela da cozinha.

A Senhora Marden colocou um dedo em uma tigela branca na frente dela e levantou-a, examinando o creme que tinha feito. Ela sacudiu a cabeça insatisfeita e continuou batendo.

— Que diferença faz se o tempo muda — disse ela — quando não se tem um namorado com quem fazer um piquenique?

Sadie derramou chá em uma xícara e colocou-a no pires a minha frente, ignorando a cozinheira rabugenta.

— Acho que você vai querer voltar para os Estados Unidos logo.

— Sim. Mas falei com o Senhor Beardsley sobre isso ontem. Eles fecharam todo o caminho pelo Atlântico, pelo menos por enquanto.

Suspirei, sentando-me na cadeira que a Senhora Marden usava para descascar os legumes.

Sadie acariciou minhas costas.

— Aposto que você sente muito a falta de sua família.

— Sinto. — Suspirei. — Eu só queria que eles me escrevessem. Não consigo entender por que não escrevem. Já faz cinco meses.

— Tem certeza de que você está usando o endereço certo e tudo o mais? — perguntou Sadie.

— Sim. Já conferi isso várias vezes.

Ela deu de ombros.

— Talvez eles só estejam ocupados.

— Não. Estou com medo de que tenha alguma coisa errada.

E se os homens do Senhor Price tiverem ido atrás deles? E se...

A Senhora Marden me entregou um saco de batatas e um descascador.

— Vamos fazer um combinado — disse ela, mostrando seu dente torto. — Se você me ajudar a descascar isso, eu te conto sobre a vez em que vi Lorde Livingston sem nenhuma peça de roupa.

Sadie caiu na gargalhada.

— Você não vai querer perder essa história — disse ela.

Sorri.

— Bem, as crianças estarão ocupadas com suas aulas por mais meia hora. Acho que posso descascar um pouco dessas batatas.



Uma semana se passou e depois outra. As folhas começaram a cair da velha árvore no pomar, dançando com o vento como se para nos lembrar da incerteza que nos cercava. A guerra pairava sobre a Inglaterra como uma nuvem escura de tempestade, e nós rezávamos para que passasse como uma tempestade suave, com trovoadas, do que chuva propriamente dita.

Em uma manhã no início de outubro, concordei em deixar as crianças ouvirem o rádio depois do café da manhã. Quando o noticiário acabou, eu me levantei.

— Tudo bem, crianças, o Senhor Beardsley chamou alguém para pintar a sala de estar nesta manhã, por isso precisamos ir para a sala de brinquedos.

Enquanto as crianças subiam as escadas, a porta da frente bateu e o Senhor Humphrey veio correndo até nós.

— Acabei de voltar da vila — disse ele, sem fôlego. Ele levantou um jornal molhado de chuva. — Vejam!

A manchete estampava: BOMBARDEIROS ALEMÃES ATINGEM LONDRES; VÍTIMAS.

— Meu Deus! — disse a Senhora Dalloway.

Ela abanou o rosto.

— E Lorde Livingston? — disse. — Alguém tem notícia dele?

— Ainda não — disse Humphrey. — Eu já fui falar com o Senhor Beardsley. Ele está ligando para Londres neste exato momento.

Corremos até o escritório do mordomo, onde o Senhor Beardsley estava sentado a sua mesa.

— Alguma notícia do Lorde Livingston? — perguntou a Senhora Dalloway.

Sua voz tremia de maneira que eu não imaginei que fosse possível.

— Infelizmente não — disse ele. — As linhas de telefone não estão funcionando. Vamos ter que esperar. — Ele colocou a mão embaixo da mesa e puxou um *decanter*. — E rezar.



O Senhor Beardsley ficou de plantão ao telefone, aguardando notícias de Londres. Como os pintores vieram naquela manhã, a Senhora Dalloway me pediu para ver como estava o trabalho deles. Fiquei imaginando como as cores vivas ficariam nas paredes. A última coisa em que pensei foi em verde-esmeralda, mas gostei.

— Com licença — disse para um homem na sala de estar.

Ele estava sentado na poltrona de Lorde Livingston, de costas para mim, com os pés apoiados em outra poltrona. Que irritante. O Senhor Beardsley estava certo. Os trabalhadores estavam ficando cada vez mais preguiçosos. Você os contrata para um trabalho e eles se esparramam em uma poltrona e fazem uma bagunça.

— Tire já os seus pés da mobília — ordenei.

O homem virou-se. Desmond.

— O melhor dos dias para você — disse ele, levantando os pés.

— Desmond! — gritei, correndo até ele.

Ele passou os braços em volta de mim e me segurou bem perto.

— Senti saudade — disse ele em meu ouvido.

Dei um passo para trás para olhar para ele.

— Por que você não escreveu? Por que você não telefonou?

— Não pude — respondeu ele. — Eu estava acampado. Nossa missão acabou demorando mais do que esperávamos. A comunicação era proibida.

— Bom, acho que posso te perdoar por isso.

— Venha aqui. — Ele puxou-me para mais perto de novo. — Não tenho palavras para dizer o quanto senti sua falta.

Addison

— Fizemos uma inspeção completa na propriedade e não encontramos ninguém — disse o policial. — A senhora tem certeza de que viu alguém?

Balancei a cabeça, confusa.

— Achei que tivesse visto... Desculpe-me por tomar seu tempo.

Eu não podia imaginar receber a mesma atenção especial da polícia de Nova York.

— Não foi perda de tempo. Se a senhora quiser, posso ficar por aqui mais um pouco, até o sol raiar, se a senhora se sentir melhor.

Respirei fundo.

— Sim, eu me sentiria melhor. Obrigada.

Fiquei mais tranquila em saber que o carro do policial estava parado do lado de fora da mansão, mas, mesmo assim, não dormi, pois sabia que Sean estava por perto. Eu podia sentir sua presença; a escuridão permanecia.



— A senhora vai ficar bem aqui, madame? — perguntou o policial na manhã seguinte. Ele bocejou. — Se a senhora quiser, posso pedir para alguém do turno de hoje vir dar uma olhada aqui mais tarde.

— É muita gentileza sua — disse, reparando nas sombras escuras em volta de seus olhos. — Mas não se preocupe. Meu marido volta hoje de Londres.

— Bom — disse ele —, mesmo assim, tranque as portas.

— Obrigada — agradei, trancando a porta.

Apanhei minha bolsa na mesa de entrada. Maeve, da delegacia de polícia, havia me entregado um envelope no dia em que Sean me atacara, mas eu estava muito transtornada para abri-lo. “Só uma coisa que encontrei”, dissera ela. “Para a sua outra investigação.”

Abri o envelope e puxei as folhas de dentro dele, fotocópias de um depoimento de 1942, dado por uma garçonete de um café da cidade sobre o desaparecimento de sua amiga e colega de trabalho, Theresa Mueller. No papelzinho colado no topo das páginas lia-se “*Mais uma jovem desaparecida nos anos 1940. Talvez exista uma conexão? Boa sorte para você!*”.

Abri o livro das camélias e olhei todas as páginas para ver se a data do desaparecimento, 25 de junho de 1940, combinava com algum dos números no livro. Não combinava. Eu me sentei nas escadas. Talvez meu palpite não tivesse nenhum fundamento. As garotas desaparecidas podiam não estar relacionadas umas com as outras, nem com Lady Anna.

Olhei o depoimento, quase desistindo, até que percebi o nome Lorde Livingston no final da segunda página:

POLICIAL RANKINS: Você disse que a Senhorita Mueller esperava o Lorde Livingston no dia do desaparecimento.

SUE GILMORE: Sim, senhor. Ele perdeu o trem naquele dia e veio até o café para almoçar. Eu me lembro disso porque a Theresa me pediu para ficar em seu lugar enquanto ela ia até os fundos retocar o batom.

POLICIAL RANKINS: Você teve a sensação de que os dois, a Senhorita Mueller e o Lorde Livingston, se conheciam fora do café?

SUE GILMORE: Eu sei que ela gostaria que sim, mas não sei se eles se encontravam fora dali, se o senhor me entende. Theresa disse que queria poder ir com ele para Londres. Ela era sempre um pouco atirada assim, dizendo coisas que não eram muito apropriadas.

POLICIAL RANKINS: Ela pediu para ir a Londres com ele?

SUE GILMORE: Não que eu saiba, senhor. Ela saiu mais cedo naquele dia. Reclamou de dor de cabeça. Pelo que sei, ela pode muito bem ter ido com ele. Ela não disse.

Ergui os olhos. Então *havia* uma conexão. Mas por que não fizeram uma anotação no livro? Por que a data de seu desaparecimento não fora marcada? Mordi meu lábio e então percebi. Lógico. O desaparecimento de Theresa Mueller aconteceu depois da morte de Lady Anna. Ela não estava mais lá para acrescentar esta data, para adicionar isso ao caso. Teria ela suspeitado do marido? De outra pessoa? Será que alguém quis silenciá-la quando percebeu que ela havia chegado perto demais da verdade?

Guardei as páginas no envelope e mudei minha operação para a mesa na sala de estar, onde Rex havia deixado os projetos da mansão.

Peguei um bloquinho de anotações na gaveta e escrevi os seis códigos numéricos listados no livro das camélias que pareciam conter datas e comparei-os com as datas em que as garotas haviam desaparecido. Meu coração acelerou enquanto eu pesquisava. No projeto que mostrava a planta do pomar, coloquei seis papeizinhos com códigos listados no livro.

Dei um passo para trás, perdendo o fôlego quando vi um padrão circular no mapa. *Meu Deus, e se essas pobres mulheres estiverem enterradas ali?*

Flora

6 de outubro de 1940

O Senhor Beardsley apareceu na porta da ala dos empregados logo depois do almoço, sem fôlego. Ele segurava um telegrama.

— Isto acabou de chegar. De Londres. Lorde Livingston está a salvo e bem. Ele volta amanhã.

Todos nós comemoramos, e pela primeira vez desde que a notícia dos bombardeiros tinha sido dada a cor voltou para o rosto da Senhora Dilloway. Era a melhor notícia que podíamos ter recebido, claro, mas muita coisa havia mudado desde que Lorde Livingston partiu. O eixo da Terra tinha mudado, e junto a ele a Mansão Livingston.

— E a Senhorita Lewis me avisou que Desmond voltou — acrescentou a Senhora Dilloway.

— O que Lorde Livingston irá dizer? — perguntou Sadie enquanto dobrava os panos de prato em uma pilha bem arrumada.

— Bem — continuou a Senhora Dilloway —, ele vai ter que aceitar o Lorde Desmond. Afinal, ele é seu filho.

O Senhor Beardsley pigarreou.

— Vou conversar com Lorde Livingston quando ele chegar. Por enquanto, acho melhor Desmond não se acomodar em seu antigo quarto. É melhor ele ficar no quarto de hóspedes... é menos provável que Lorde Livingston o encontre lá.

— Sim — disse a Senhora Dilloway, caminhando em direção ao corredor. — Senhorita Lewis, venha comigo. As crianças a estão esperando na sala de brinquedos.

Quando estávamos no meio das escadas, Sadie nos alcançou.

— Senhora Dilloway, tem uma ligação para a senhora.

— Não pode esperar?

— Não, senhora — disse Sadie. — É do mercado. Houve um problema com o pedido.

— E a Senhora Marden não pode cuidar disso? — perguntou a Senhora Dilloway.

Sadie sacudiu a cabeça.

— Ele se recusa a falar com ela depois do incidente com os ovos.

A Senhora Dilloway sorriu.

— Tudo bem, eu atendo o telefone. — Ela suspirou. — Será que existe alguma parte desta casa que consegue viver sem minha interferência? — Ela olhou para mim. — Senhorita Lewis, suba sem mim e acomode Desmond. Encontro vocês em um minuto.

Subi as escadas em direção ao segundo andar, passei pelo vestíbulo, mas parei de repente quando

vi um homem em pé perto da porta da frente carregando uma mala grande e vazia. Quando ele se virou, fiquei paralisada.

— Senhor Price! — disse. — O que o senhor está fazendo aqui? — Olhei para a mala em suas mãos. — Por que o senhor está com essa mala?

— Ah, isto aqui? — disse ele, sorrindo. — É engraçado você perguntar. — Ele apontou para um candeeiro de mesa banhado a ouro. — Nunca se sabe o que se pode encontrar nestas antigas mansões. Todos os tipos de tesouros.

— Deixe os Livingston em paz — implorei.

— Deixe-me lembrá-la, Senhorita Lewis. Este tipo de atitude não é bom para os seus pais. — Ele tirou o chapéu e ficou olhando para mim concentrado. — Não há motivo para dizer coisas tão desagradáveis, quando só vim visitar minha funcionária. — Ele veio em minha direção lentamente e de forma calculista. — Veja só, já fiz várias tentativas de falar com você por carta.

— Mas eu... eu... — gaguejei. — Eu só recebi uma. Eu juro. — Olhei para os dois lados, com medo de que alguém estivesse escutando.

— Não minta, mocinha — disse ele a alguns centímetros de mim. — Isso é muito inconveniente.

Ouvi passos na escada e entrei em pânico.

— Por favor, não vamos conversar aqui. Alguém pode nos ouvir.

— E descobrir que você não é quem diz que é? Meu Deus, você realmente está gostando deste emprego? Agora você gosta de ser babá?

Segurei seu braço e levei-o rapidamente até a sala de estar perto da porta da frente. Com a porta fechada, suspirei.

— Por favor, o senhor precisa ir embora.

— Não antes de saber onde está a camélia. Acho que você já deve tê-la encontrado.

— Esta é a questão — tentei explicar. — Não encontrei. Preciso de mais tempo.

— Mais tempo? Senhorita Lewis, você já está aqui há meses... Ou a camélia está aqui ou não está. Estou começando a achar que a senhorita já a encontrou. — Ele aproximou-se de mim. — Mas a senhorita não faria isso comigo, faria?

— Dê-me mais alguns meses — implorei. — Só preciso de mais tempo no jardim. É praticamente impossível identificar as árvores quando elas não estão florescendo.

Ele balançou a cabeça, concordando.

— Tudo bem. Mas se a senhora não encontrar a camélia até o fim de novembro, vou mandar meus homens baterem outro papinho com seu pai.

— Eu sabia que era culpa sua — disse, cerrando meu punho. — Por favor, deixe-o fora disso, eu imploro.

— Depende de você, Senhorita Lewis — disse ele, sorrindo. — Agora, minha querida... — Ele levantou a mão. — Meu cartão, caso você tenha perdido o último. — Virou-se para a porta. — Ligue para mim quando encontrar a camélia. E, da próxima vez, não serei tão paciente.

Esperei até ouvir o barulho da porta se fechando antes de voltar para o vestíbulo que estava, graças a Deus, vazio.

Levei um minuto para me recompor antes de ir para a sala de estar.

— Ah, aí está você — disse a Senhora Dalloway, aparecendo no primeiro andar.

— Desculpe — respondi. — Eu só estava mostrando a porta para um... vendedor.

Entramos na sala de estar juntas e Desmond pulou de uma poltrona.

— Senhora Dalloway! — gritou ele, girando-a.

Seus lábios cerrados derreteram-se em um sorriso. Ela tocou um distintivo em seu uniforme.

— O serviço militar combina com você.

Ele se endireitou e encenou uma saudação:

— Segundo-Tenente.

Os olhos dela se encheram de preocupação.

— Será que você vai para a guerra?

— Sim, senhora — disse ele com um sorriso orgulhoso. — Acabei de voltar da minha primeira missão, e meu batalhão vai zarpar de novo, desta vez para o sul, em mais ou menos um mês. — Ele olhou para mim e depois para longe. — Pensei em passar minhas últimas semanas aqui... Isto é, se vocês concordarem.

— Ah, sim — disse a Senhora Dalloway. — Estou feliz por você ter voltado para casa. Todos nós estamos.

— E o meu pai? — perguntou.

— Não sei dizer. Você foi embora em uma condição ruim. Só o tempo vai dizer. De qualquer maneira, ele está em Londres agora.

Desmond ficou boquiaberto.

— Ele está bem — garantiu-lhe a Senhora Dalloway. — Recebemos um telegrama esta tarde. A casa em Londres fica a apenas alguns quarteirões de onde a cidade foi mais atingida. Mas ele teve sorte.

— Ótimo — disse Desmond, aliviado. — Quando ele vai voltar para casa?

— Amanhã — respondeu ela.

— Eu gostaria de ver as crianças, se possível.

A Senhora Dalloway assentiu, concordando.

— A Senhorita Lewis pode levar você para vê-las agora.

— Vamos fazer uma surpresa para eles — disse Desmond para mim com um brilho nos olhos.

— Tudo bem — suspirei enquanto nos aproximávamos da sala de brinquedos.

Eu podia ouvir Abbott reclamando de alguma coisa e Nicholas fazendo barulhos de caminhão de bombeiro.

Desmond aproximou-se de mim e sussurrou:

— Vá na frente e diga a eles que seus tutores estão aqui.

— Eles vão ter um acesso de raiva. — Sorri. — Aulas num sábado!

— Então — continuou ele — vou esperar bem atrás da porta e farei uma surpresa.

Acenei a cabeça e entrei.

Na sala, Abbott estava deitado no chão com as pernas em cima de um brinquedo. Ele jogou o gubi que estava lendo no chão.

— Por que a vida tem de ser tão chata?

Katherine e Janie estavam sentadas ao lado da casa de bonecas enquanto Nicholas fingia empurrar um caminhão de bombeiros em direção a um pequeno prédio, fazendo as garotas reclamarem incomodadas.

— Crianças, sinto muito informá-las que vocês terão aulas hoje.

— Aulas? — gritou Abbott. — Mas hoje é sábado. Isto é... ilegal.

Sorri timidamente.

— Garanto a você que não é ilegal.

— Que disparate! — disse Janie com um sorriso.

— Senhorita Janie — respondi, sem conseguir conter minha risada. — Onde foi que você aprendeu a palavra “disparate”?

— Com o Nicholas — disse Katherine, sorrindo.

— Tudo bem, todos vocês... Eu até contratei um tutor especial para o sábado só para a ocasião. Na verdade, ele está bem aqui fora.

Katherine gemeu.

— Acho que vou morrer — disse ela.

— Tenho certeza de que você não vai morrer.

— Quem é o tutor? — perguntou Nicholas. — Não é aquele velho empalhado do bigode.

— O Senhor Worthington não é um velho empalhado — disse eu. — Ele é um homem muito bom.

— Coloquei Janie em pé e Katherine seguiu o exemplo. — Venham — continuei. — Vamos conhecê-lo.

Com semblantes tristes, as crianças se arrastaram formando uma fila em direção ao corredor, no momento em que Desmond pulou de trás da porta.

— Surpresa! — disse ele.

— Desmond? — gritou Nicholas, sorrindo de orelha a orelha.

— Desmond! — gritou Katherine.

Ela correu e abraçou o irmão mais velho.

Janie bateu palmas, embora eu não achasse que ela o reconheceria.

Desmond ajoelhou-se à frente dela.

— Na última vez em que eu te vi, você era só um bebê — disse ele. — Veja como você cresceu!

Ela sorriu. Então ele olhou para Abbott, que estava com a testa franzida e com os braços cruzados.

— Qual é o problema, Abbott? — perguntei.

Ele não tirou os olhos de Desmond.

— Isso não está certo! — gritou ele. — Você não pode simplesmente voltar aqui como se nada tivesse acontecido!

O rosto de Desmond ficou pálido.

— Isso não é justo! — gritou Abbott e então saiu correndo para o seu quarto.

— Fique com as crianças — pedi a Desmond. — Eu vou falar com ele.

Corri pelo corredor até chegar ao quarto de Abbott. A porta estava trancada.

— Abbott, por favor, abra a porta, querido. Por favor, converse comigo sobre o que você está sentindo.

— Deixe-me em paz! — gritou ele. — Por favor, deixe-me em paz!

— Tudo bem. Mas vou voltar para ver você.



Desmond e as crianças passaram a tarde na sala de estar, onde Janie e Katherine alternaram-se dançando valsa com ele. Cada uma delas gritava de alegria quando ele as girava pela sala. Nicholas batia palma e brincava junto.

Desmond mexia no gramofone.

— Comprei este em uma loja de discos na cidade — disse ele, atrapalhando-se com a agulha. — Glenn Miller. Ele é importante nos Estados Unidos. Você o conhece?

— Sim — respondi, lembrando-me das bandas do Cabana Club, no Bronx.

Eu queria ter coragem suficiente para dançar com os garotos que me convidavam, mas sempre encontrei um motivo para dizer não. Aquela noite, com Desmond no comando, foi a primeira vez que dancei com alguém.

— Tudo bem — disse ele. — Então você deve conhecer *Moonlight Serenade*. — Ele alcançou minha mão.

Katherine sorriu enquanto Desmond colocava sua mão direita em volta da minha cintura. Agarrei seu ombro quando demos nossas mãos.

— Linda música, não é?

— Sim — concordei, feliz por estar nos braços dele de novo.

Não sei quanto tempo a música durou, mas pareceu uma eternidade. Eu me perdi na música e em seu abraço, enquanto ele me girava suavemente pela sala.

— Com licença — disse a Senhora Dilloway da porta. — Sinto muito interromper. Senhorita Lewis, posso falar com a senhora?

Eu me afastei de Desmond e fui apressada até o corredor. A Senhora Dilloway fechou a porta da sala de estar.

— Desculpe-me. Acho que acabei me envolvendo.

— Eu não estou aqui para repreendê-la — respondeu a Senhora Dilloway. — Deus sabe que eu sou a pessoa menos indicada para falar sobre assuntos amorosos. — Ela soltou um suspiro cansado. — É o Abbott — continuou ela. — Fui ver como ele estava, e ele está com uma febre terrível. Vou ligar para um médico.

Abbott recusou o jantar naquela noite. Eu estava preocupada com ele. Com 12 anos de idade, ele estava entre ser um menino e um homem. Eu detestava vê-lo tão triste. Por que encontrar-se com Desmond o afetara tanto? O médico veio vê-lo naquela tarde e disse que Abbott havia contraído uma meningite viral rara. Era necessário descansar e esperar.

Apesar da seriedade da doença de Abbott, Katherine e Nicholas conversaram com Desmond durante o jantar.

— Você tem uma arma de verdade? — perguntou Nicholas.

— Sim — disse Desmond. — Eu tenho uma arma.

— Ela está aqui? — continuou ele. — Podemos vê-la?

— Bem, acho que a Senhorita Lewis não vai querer que eu fique falando sobre armas de fogo à mesa — disse ele, sorrindo para mim. — Não é apropriado.

Sadie colocou mais uma tora de madeira na sala de jantar e então fez uma reverência para Desmond.

— Sadie — disse ele. — Bom ver você de novo.

— É bom ver o senhor também — respondeu ela, afobada, maneira como ela sempre ficava quando um dos Livingston notava sua presença.

O Senhor Beardsley sacudiu a cabeça e então ofereceu um pão para Desmond. Mas, antes que o mordomo pudesse usar o pegador para colocá-lo em seu prato, Desmond pegou um pão na cesta, jogou-o no ar e aparou-o em suas costas. Nicholas observou-o com os olhos arregalados.

— Digam-me uma coisa — disse Desmond —, quem quer ir lá fora olhar as estrelas hoje à noite? Como nos velhos tempos.

Nicholas ficou em pé:

— Eu quero! Eu quero!

— Eu também! — acrescentou Katherine.

Sacudi a cabeça.

— Detesto ser a velha chata, mas as crianças precisam tomar banho e então ir direto para a cama.

— Ah — resmungou Nicholas, sentando-se em sua cadeira contrariado.

Katherine cruzou os braços.

— Vou passar o mês inteiro aqui, então teremos muitas coisas para fazer — disse Desmond com um sorriso no rosto.

Nicholas levantou-se.

— A senhora me dá licença, Senhorita Lewis?

— Sim. — Olhei para o prato dele. — Mas você mal tocou em seu prato.

Ele encolheu os ombros.

— Se o Abbott não consegue comer, eu também não vou comer. Estou fazendo isso em solidariedade a ele.

— Esta é uma maneira terrivelmente criativa de se livrar das suas ervilhas — disse, virando-me para Desmond. — Você pode ficar aqui com as crianças enquanto vou lá em cima olhar o Abbott?

— Claro.

A solidariedade de Nicholas ao irmão desapareceu assim que a Senhora Dalloway trouxe um bolo.

— Eu vou querer um pedaço extragrande — disse ele, antes de virar-se para Desmond e perguntar animado: — Você tem uma espada?



Coloquei a mão na testa de Abbott.

— Você está queimando. — Apanhei uma toalha e coloquei uma compressa fria em sua testa. Ele tremeu em sua cama, murmurando alguma coisa baixinho. — Pobrezinho... a febre está muito alta. — Acariciei seu cabelo. — Vai melhorar, querido. Vamos curar você.

Quando saí do quarto, encontrei o Senhor Beardsley no corredor.

— Como ele está? — perguntou ele.

— Receio que ele não esteja bem.

— Ele é um menino forte, o Abbott — encorajou-me ele. — Acho que, mais do que qualquer outra coisa, ele precisa de uma boa noite de sono. O Doutor Engstrom voltará para vê-lo logo cedo amanhã.

Antes de virar-se para as escadas, o Senhor Beardsley sorriu para mim.

— Obrigado — disse ele.

— Por quê?

— Por cuidar das crianças da maneira como a senhora cuida.

— Não estou fazendo nada de mais — respondi.

— Está, sim. E Lady Anna seria muito grata.



Depois que Abbott adormeceu, coloquei as outras crianças em suas respectivas camas e desci na ponta dos pés, carregando um cesto de roupas sujas comigo. Um par de calças do Nicholas caiu no chão e, quando eu me abaixei para pegá-las, Desmond mergulhou no chão.

— Eu pego — disse ele.

Ele me entregou a peça de roupa com um sorriso.

— Eles fazem você trabalhar bastante por aqui, não é?

— Eu não me incomodo — disse, sorrindo um pouco.

— Vamos roubar mais um pedaço do bolo da Senhora Marden lá na cozinha — sugeriu ele, dando um sorriso travesso.

Sacudi a cabeça.

— Você sabe o que a Senhora Marden faz com quem invade a cozinha dela.

Ele sorriu.

— Por que mais eu pediria para você ser minha cúmplice?

— Espertinho. — Sorri.



Desmond limpou uns farelos de bolo da boca e foi até o escritório do mordomo.

— Nada disso mudou desde o dia em que vim morar aqui. A mesa do Beardsley, o armário de roupas de cama... — Ele olhou para a lâmpada que estava pendurada em um fio — Nada.

Cerrei os olhos.

— Ah, sempre achei que você tivesse nascido aqui, que sua família sempre tivesse morado aqui.

— Bem, eu... é uma longa história — disse ele.

Andamos juntos até a porta do meu quarto.

— Veja — disse Desmond, olhando para a porta dos fundos —, a noite está linda. Vamos lá fora ver as estrelas.

Eu sorri, lembrando-me de como ele olhava as estrelas quando nos conhecemos.

— Como naquela noite no navio? — perguntei.

— Exatamente — respondeu ele. — Acho que elas ainda têm bastante coisa para nos dizer. — Ele segurou a porta dos fundos aberta para mim, e juntos saímos da casa. — Olha — disse ele, apontando para cima. — Não tem nem uma nuvem no céu.

— Acho que nunca saí aqui fora tão tarde assim — disse, maravilhada com a lua. — Sinceramente, este lugar é um pouco assustador no escuro.

— Não se preocupe. — Desmond sorriu. — Não vou deixar que você perca sua hora de ir para a cama. — Ele segurou minha mão. — Você está fria — disse ele, assoprando um vento quente em minha mão.

— Está um pouco mais frio do que pensei.

— Vou só dar uma corridinha até lá na frente e pegar meu casaco para você.

Sorri, lembrando-me da maneira como ele colocou o casaco em meus ombros em nosso primeiro encontro no navio. Parecia ter se passado tanto tempo.

Um minuto depois ele estava de volta ao meu lado, segurando seu casaco para que eu o vestisse. Era um casaco grosso e pesado, e fiquei feliz por estar aquecida enquanto caminhávamos pelo terraço.

— Eu adorava vir aqui fora à noite — disse ele, olhando para os jardins.

Andamos pelo que sobrou do jardim de rosas, passando por uma rosa cor-de-rosa que cresceu apesar de tudo, e olhamos para a colina gramada que levava ao pomar. Ele apontou para um banco de pedra à frente, e nos sentamos lá.

— Desmond, o que aconteceu entre seu pai e você?

— É uma história complicada — disse ele.

Na verdade, ele não se parecia muito com Lorde Livingston. Imaginei que ele devia se parecer com Lady Anna.

— Sabe o que eu costumava fazer quando eu era um menino?

— O quê?!

— Eu vinha aqui com minha mãe, e ficávamos deitados na grama procurando imagens nas nuvens. Uma vez, vi uma máquina a vapor, tão clara quanto o dia.

— Vocês eram próximos, sua mãe e você, não eram?

— Éramos.

Hesitei antes de falar de novo.

— Como foi que ela morreu?

Eu só sabia o que Sadie havia me contado.

Desmond suspirou.

— Se for muito difícil falar sobre isso, eu entendo. Eu só...

— Não. — Ele levantou os olhos para olhar para o jardim. Ele ficou em silêncio por alguns minutos e depois falou de novo. — O papai e ela tiveram uma briga terrível — começou ele. — Eles sempre brigavam muito. Ele queria que ela fosse alguém que ela não era, ele queria que ela ficasse em casa, como um pássaro que é exibido em uma gaiola dourada. Mas ela não conseguia ficar confinada daquela maneira. Ela queria ser livre. — Ele jogou uma pedra colina abaixo. — Um dia, encontrei-a chorando no terraço. Perguntei a ela qual era o problema, e ela disse que estava pensando em se afastar por um tempo. Ela me perguntou se eu a levaria até a estação de trem. Claro que tentei fazê-la mudar de ideia. Mas ela insistiu. Disse que queria ir para a casa de Charleston sozinha, e que

voltaria depois que estivesse com a cabeça mais tranquila.

— E então você a levou até lá? Até a estação de trem?

— Não — respondeu ele, olhando rapidamente para o colo. — O papai ouviu nossa conversa da sacada de cima. Ele ficou muito bravo e me culpou por me meter no que era assunto dele. Culpou-me por tudo, na verdade.

— Eu não estou entendendo. Por que ele te acusou?

— Nós nunca concordamos um com o outro, e acabei percebendo que talvez nunca consigamos entrar em acordo.

Ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— De qualquer maneira, o papai estava muito bravo. Eu nunca o tinha visto daquele jeito antes. Mamãe ficou desesperada. Eles gritaram um com o outro. Papai perdeu o controle. Depois disso, mamãe chamou o Senhor Blythe, que estava no jardim de rosas, e convidou-o para tomar um chá com ela no terraço. Ela fez isso para irritar o papai, pois sabia que ele poderia vê-los de seu escritório. O Senhor Blythe amava a mamãe. Todos sabiam disso. E isso irritava o Abbott. Ele detestava o Senhor Blythe.

— Sério?

Desmond balançou a cabeça, confirmando.

— Enfim, o Senhor Blythe tomou chá com a mamãe. Depois ela foi para o jardim, sozinha.

— O seu pai foi atrás dela mais tarde?

— Não. Acho que ele nem se preocupou com isso. Eles sempre brigavam, e a mamãe sempre queria ficar sozinha no jardim. — Ele cruzou e descruzou as mãos. — Mas a mamãe não voltou para o jantar, e eu comecei a me preocupar, por isso decidi ir falar com ela, convencê-la a voltar para casa. Estava ficando escuro, e ela nunca gostou de ficar no jardim à noite. Desci a colina e, passando o campo, bem na beirada do jardim, encontrei-a, deitada na grama.

— O que aconteceu com ela?

— Seu coração já tinha parado de bater quando eu a encontrei — disse ele, com a voz falhando um pouco. — Fico me perguntando se as coisas seriam diferentes hoje se eu tivesse ido mais cedo atrás dela. Se o papai não tivesse gritado com ela da maneira como gritou, se ele não a tivesse feito ir para lá...

— Ah, Desmond... Que terrível.

— Foi mesmo. Eu a carreguei até a casa. Felizmente, as crianças estavam dormindo, então não a viram naquele estado.

— Você sabe por que ela morreu?

— Ninguém sabe ao certo — disse ele. — E, acredite em mim, todos nós tentamos muito descobrir. Principalmente a Senhora Dilloway e Abbott. Ele sempre protegia muito a mamãe. No início, todos nós éramos suspeitos. Mas, no fim, o médico concluiu que ela morreu de causa natural. Ela nasceu com o coração fraco. Mas o papai me culpa pela morte dela. E acho que, de certa forma, eu o culpo.

— Mas é claro que nenhum de vocês é culpado.

Desmond sacudiu a cabeça.

— Você não quer dizer que ele...

— Não — disse ele. — Não, ele não a matou, se é isso o que você quer saber. Acho que ela morreu de tristeza.

Estremeci ao pensar naquilo.

— No entanto, acho que nunca vamos saber — continuou ele. — Estou pronto para tocar minha vida, agora, pronto para deixar tudo para trás. Se meu pai teve algum papel na morte dela ou não, não posso odiá-lo para sempre. O ódio é como um câncer, ele corrói o coração. Decidi perdoá-lo pelo passado. Por isso voltei para casa de novo, por isso quero vê-lo desta vez. A guerra me deu uma sensação estranha sobre partir sem consertar as coisas com ele.

— Tenho certeza de que seu pai vai gostar de ouvir o que você tem para dizer.

— Espero que sim — disse ele dando um suspiro. — Só queria que tivéssemos conseguido salvá-la. Já pensei nessa história centenas de vezes, e ainda não consigo encontrar um sentido nisso. Sinto tanto a falta dela. — Ele olhou para uma estrela grande que brilhava acima de nossas cabeças. — Sabe... eu já pensei muito sobre isso e acho que as pessoas são bastante parecidas com aquelas estrelas lá em cima. Algumas brilham fraquinhas por milhões de anos, mal podendo ser vistas por nós na Terra. Elas estão lá, mas você mal percebe. Elas se misturam, como um ponto em uma tela. Mas outras brilham com tanta intensidade que iluminam o céu. É impossível não notá-las, não se maravilhar com elas. Estas são as que duram pouco. Elas não conseguem durar muito. Usam toda a sua energia rapidamente. Mamãe era uma dessas.

— Isso é lindo — disse eu.

Desmond continuou a olhar para o céu.

— Você acha que vai voltar para casa depois da guerra? — perguntei.

Ele ficou pensativo por um momento.

— Eu não sei. Quando eu era pequeno, mamãe me trazia aqui e conversávamos sobre a vida e sobre onde eu ia estar quando me tornasse um homem. Ela me dizia para nunca parar de ir atrás, até que eu encontrasse meu verdadeiro norte.

— Seu verdadeiro norte?

— Ela não estava falando sobre uma direção, no sentido longitudinal, mas sim de encontrar meu caminho, meu lugar na vida, a intersecção da vida e do amor. A minha verdade. — Ele parou, virando-se para mim. — No dia em que desci do navio em Liverpool — disse ele —, fiz uma promessa para mim mesmo.

Olhei curiosa para ele, com um sorriso tímido, e esperei que ele terminasse.

— Prometi que, se eu visse você de novo, eu me certificaria de que nunca perderia você de vista novamente.

Suas palavras me surpreenderam, mas eram sinceras. Eu sabia, porque eu também me sentia daquela maneira. Observei seu rosto.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que, depois da guerra, depois que deixarmos tudo isso para trás, quero passar todos os dias da minha vida com você, Flora Lewis.

Fiquei boquiaberta.

— Você está falando sério?

— Do fundo do meu coração — disse ele, beijando-me com carinho.

Eu mal o conhecia, claro. Mas eu sabia que o amava, talvez desde o primeiro momento em que o vi.

— Faça-me o homem mais feliz — disse ele —, e prometa que vai me esperar. Prometa que vai estar aqui depois da guerra.

Minha cabeça rodava com imagens de mamãe e papai, do Senhor Price, das crianças, mas tudo ficava sem cor quando eu olhava nos olhos de Desmond.

— Prometo.

Olhei para a esquerda quando uma silhueta apareceu de repente ao longe, subindo a colina, vindo do jardim. Desmond levantou-se, entrando na minha frente para me proteger.

— Tem um acampamento de ciganos a alguns quilômetros daqui, para o leste — disse ele em voz baixa. — Às vezes, aparecem alguns andarilhos.

— Sim, seu pai me falou.

Era difícil ver quem era, mas a sombra parecia grande.

— Quem está aí? — gritou Desmond.

Um homem parou para olhar para nós, e então caminhou um pouco mais até que a luz da casa iluminou seu rosto.

Perdi o fôlego.

— Senhor Humphrey?

— Senhorita Lewis — disse ele, inclinando seu chapéu. Ele segurava uma pá em uma mão e um saco na outra. — Boa noite, Lorde Desmond.

— Olá, Humphrey — respondeu Desmond friamente. — O que você estava fazendo no jardim a esta hora?

O Senhor Humphrey ficou inquieto por um longo momento.

— Só estava olhando a cocheira, senhor — respondeu ele. — Achei ter visto uma luz lá embaixo outro dia e queria me certificar de que não havia ninguém se instalando lá.

— Muito bem — disse Desmond. — E está tudo em ordem por lá?

— Sim, meu senhor.

Desmond olhou para o saco que o Senhor Humphrey segurava.

— O que tem nesse saco, Humphrey?

— Ah, isso, meu senhor? Não é nada. Só, hã, achei que podia trazer algumas batatas para a Senhora Marden caso eu encontrasse algumas.

— Batatas?

— Sim, meu senhor. Crescem algumas batatas lá embaixo.

— Tudo bem, Humphrey, não perca seu tempo conosco então — disse Desmond.

— Boa noite, Senhorita Lewis — disse Humphrey antes de continuar a andar em direção à casa.

Desmond virou-se para mim.

— Eu não gosto dele — sussurrou ele. — Nunca gostei.

— Ele é uma boa pessoa.

— Mesmo assim, não confio nele.

Desmond levantou-se e olhou para a garagem.

— Um carro. Quem está aqui?

Observamos enquanto Lorde Livingston descia do carro na garagem.

— Ele deve ter pegado um trem mais cedo — disse eu. — O Senhor Beardsley achou que ele só fosse chegar amanhã. Espero que esteja tudo bem.

Eu me levantei e dei um passo em direção à casa, mas Desmond segurou minha mão.

— Não posso — disse ele. — Não posso me encontrar com ele. Ainda não. Não estou pronto.

— Então, o que você vai fazer? Não podemos esconder você desta vez, agora que as crianças já sabem que você está aqui.

— Era exatamente isso que eu ia pedir para você fazer — disse ele. — Só até amanhã. As crianças já estão na cama, e o papai sempre está mais bem-humorado depois de uma boa noite de sono. Prefiro encontrá-lo amanhã a surpreendê-lo hoje à noite, quando ele está cansado depois de ter passado sabe-se lá Deus pelo que em Londres.

— Você tem razão.

— Leve-me até o porão — pediu-me ele. — Não posso ficar no segundo andar. Não posso me arriscar a me encontrar com ele hoje à noite. Acredite em mim, você não vai querer ver meu pai de mau humor.

— Espere — disse. — Tenho uma ideia. Venha comigo.



Fomos para o porão na ponta dos pés, passando pela porta dos fundos, com cuidado para não acordar o Senhor Beardsley ao passar pelo seu quarto. Seu ronco fazia o gesso vibrar. Na rouparia, abri a porta devagar. Ela rangeu e eu me encolhi.

— Aqui — sussurrei, entregando a ele um cobertor e um travesseiro. — Vamos subir pela escada dos fundos.

A escada dos fundos era usada principalmente pela Sadie, que levava roupas de cama e roupas sujas ao porão. Abrimos a porta do terceiro andar, e olhei para os dois lados antes de entrar no corredor.

— Para onde você está me levando? — sussurrou Desmond.

— Você vai ver — respondi com um sorriso.

Eu me ajoelhei no chão e levantei a beirada do tapete, mostrando a chave. Coloquei a chave na fechadura. Desmond entrou no quarto atrás de mim.

— O que é isto?

— Você quer dizer que nunca estive aqui?

— Não — respondeu ele. — A porta sempre estava trancada. Achei que era um sótão. — Ele entrou e ficou maravilhado com as buganvílias cor-de-rosa que subiam pelo pergolado. Ele aspirou o aroma das árvores cítricas. — Isso era da mamãe, não era?

— Sim.

Ele andou até a mesa de orquídeas.

— Todo lugar por onde ela passava havia beleza. Estou surpreso por papai não ter destruído este lugar.

— A Senhora Dilloway o salvou. Ela o manteve exatamente como sua mãe o deixou. Eu venho aqui colocar água nas plantas e cuidar delas. Eu também trouxe Katherine até aqui. Ela gostou. — Peguei uma folha marrom de uma orquídea dendrobium e virei-me para Desmond. — Fique aqui esta noite. Tem alguns sacos de turfa ali perto da janela, eles darão um bom colchão. E o nascer do sol deve ser espetacular.

Desmond colocou o cobertor e o travesseiro em um saco de turfa.

— Sim — concordou ele, absorvendo a presença de sua mãe. — Será perfeito.

Ele foi até a beirada da estufa e abriu a janela. Ela rangeu.

— Shhhiu. Seu pai vai ouvir.

Desmond pressionou a orelha contra a janela.

— Ouça, você está ouvindo isso?

Uma música suave entrava pela janela aberta.

— *I'll See You in My Dreams* — disse ele

Sorri.

— Como?

— Esta música — explica ele. — Eu a conheço. Django Reinhardt. — Ele veio até mim e segurou minhas mãos. — Dance comigo.

A música só podia estar vindo do quarto de Lorde Livingston, no quarto embaixo de nós, mas não me importei. Meu corpo voou com Desmond sem precisar fazer nenhum esforço, naturalmente. Nós nos encaixávamos. Pressionei meu rosto contra o dele e, quando a música terminou, ele me puxou

para mais perto do que nunca e me beijou.



Na manhã seguinte, eu me levantei rapidamente, desorientada. Sonhei que tinha me encontrado com Lady Anna no jardim das camélias. Ela disse que precisava da minha ajuda para salvar a camélia que ela mais amava, a Middlebury Pink. Um homem sem cabeça apareceu ao longe, com uma tocha na mão e uma aranha preta em sua lapela, e nós corremos para salvar a árvore antes que ele a queimasse. Lady Anna era mais amável do que eu poderia ter imaginado, e eu me senti comum e simples em sua presença.

Eu me vesti rapidamente e subi as escadas para ver Abbott, pensando na mãe dele.

Eu me aproximei do quarto de Abbott e bati na porta.

— Aqui é a Senhorita Lewis. Como você está se sentindo?

— Entre — gritou ele.

Coloquei uma bandeja com chá e torrada na mesa perto de sua cama enquanto ele se sentava e se espreguiçava.

— Melhor — disse ele.

Coloquei minha mão em sua testa.

— Sua febre passou. Estou tão aliviada...

— Quanto tempo o Desmond vai ficar aqui com a gente?

— Bom, acho que o tempo que ele quiser. É a casa dele também, Abbott.

O garoto virou o rosto para a parede.

— Queria que você me contasse por que você está tão chateado com o Desmond.

— Eu não quero falar sobre isso! — gritou ele, deitando-se de novo e cobrindo a cabeça com o travesseiro.

— Tudo bem. Descanse hoje, mas vamos resolver isso. Afinal, vocês dois são irmãos.

No andar de baixo, Sadie acenou para mim da cozinha.

— O Senhor Beardsley estava procurando você — disse ela. — Ele precisa que você vá até a ala dos empregados.

— O que está acontecendo?

— Eu não sei — respondeu ela. — Mas acho que é alguma coisa importante.

Eu queria levar um bule de chá e alguma coisa para o Desmond comer na estufa, por isso esperava que o Senhor Beardsley desse suas notícias rapidamente. E que fosse indolor.

— O que você acha que ele vai dizer? — sussurrou Sadie.

— Não faço a menor ideia — respondi.

— Como está o Abbott?

— Melhor, felizmente.

— Vou cuidar dele hoje na parte da manhã enquanto você estiver com as crianças — disse ela.

— Obrigada — sussurrei.

O Senhor Beardsley e a Senhora Marden entraram juntos na sala, trocando olhares, antes de ela se sentar ao lado dele, perto da ponta da mesa.

O Senhor Beardsley olhou para a frente.

— Fui informado que algumas pratas e cristais estão faltando.

Sadie perdeu o fôlego.

— São heranças que pertencem a esta casa — continuou ele, olhando para cada um de nós com cuidado. — E nada vai me impedir de fazer com que sejam devolvidos. Fui claro?

Todos balançaram a cabeça concordando.

Depois do café da manhã, Sadie e eu seguimos a Senhora Marden até a cozinha.

— Que coisa estranha esses objetos sumirem — disse Sadie. — O que você acha que está acontecendo? Você não acha que tem um ladrão de verdade na casa, não é?

Rezei para não parecer culpada. Eu nunca sonhei em roubar nada dos Livingston, e, ainda assim, minhas intenções não eram as melhores.

— É uma pena — disse a Senhora Marden. — Só Deus sabe quem pode estar envolvido.

— Não olhe para mim! — disse Sadie, fazendo uma careta.

A Senhora Marden baixou a voz.

— Tem um leiteiro que vem aqui aos domingos e às quartas-feiras. Sempre tenta xeretar na cozinha e fala amigavelmente antes de voltar para a vila. Um dia, fui um minutinho até a despensa e quando voltei ele estava pegando pão e manteiga!

Sorri.

— Eu não sabia que os leiteiros eram tão matreiros.

— Da pior espécie — disse ela.

— Ah, por falar nisso, eu ia perguntar para a senhora. A senhora conhece bem as batatas?

— Se eu conheço bem as batatas? — repetiu ela. — É o mesmo que perguntar a um médico se ele conhece bem os remédios! Menina, eu sei fritar, cozinhar, esquentar e assar batatas. Eu sei descascá-las, amassá-las e fazer purê. Se eu conheço bem as batatas? Humpf!

Sorri.

— Não, não — disse. — Eu não quis dizer preparar batatas. Estava imaginando se você conhece a maneira como elas crescem. É necessário plantá-las com semente?

— Bem, elas não crescem num passe de mágica, garota — disse ela, dando uma risada.

— Então elas não crescem no meio do mato?

— Sem chance — respondeu ela. — Pelo menos não aqui nesta região, com um solo tão chato e teimoso. Fico surpresa por Lady Anna ter conseguido fazer alguma coisa crescer por aqui. Além disso, batatas não são fáceis. É necessário plantar as praguinhas e, mesmo assim, às vezes, elas crescem todas murchas. — Ela mexeu a panela se sopa. — Por que você está perguntando isso?

— Por nada. Só por curiosidade.

— Americanos! — murmurou ela para si mesma enquanto eu guardava um bolinho em meu bolso e me dirigia à escada dos fundos.



— Desmond? — sussurrei quando entrei na estufa.

Ele se sentou sonolento.

— O melhor dos dias para você — disse ele, bocejando.

Sorri para mim mesma. Esperava que chegasse um dia em que ele me dissesse aquelas palavras todas as manhãs.

Ele se espreguiçou e olhou para o teto de vidro da estufa, onde a luz do dia começava a aparecer.

— Uau, que horas são?

— Sete e meia — respondi. — Dormiu bem?

Ele esfregou os olhos.

— Bem. Sabe, se eu fosse um empreendedor, eu entraria no ramo dos colchões de sacos de turfa. Acho que foi a melhor noite de sono que tive nos últimos tempos.

— Fico feliz em ouvir isso. — Entreguei o bolinho a ele. — Roubei isso para você. Queria trazer chá, mas fiquei com medo. Eu não podia dizer que estava trazendo o chá para as crianças.

— Muita gentileza sua — disse ele, dando uma mordida. — Aqui estou eu, um clandestino em minha própria casa.

Eu me sentei ao lado dele, ficando um pouco vermelha ao pensar na noite anterior.

— E, por falar nas crianças, eu queria perguntar a você sobre o Abbott.

— Sim? — disse ele.

— O que aconteceu entre vocês? Por que ele tem tanta mágoa?

— Ah, eu não me preocuparia com ele. Ele vai melhorar. Tenho certeza de que ele está só fazendo birra. Todo mundo faz birra quando tem 12 anos de idade.

Sacudi a cabeça.

— Ele não é sempre assim. A sua visita o incomodou. Eu queria saber por quê.

Desmond levantou-se e limpou os farelos de seu uniforme, antes de devorar o restante do bolinho.

— Alguma chance de um soldado cansado conseguir um café da manhã quente?

— O Senhor Beardsley sempre serve o café da manhã às oito em ponto.

— O velho e bom Beardsley — disse ele com um sorriso. — Sempre o mesmo, dia após dia. Mas você não gostaria de vê-lo um pouco mais animado?

— Bem, eu...

— Horários e tradições, tradições e horários. — Ele sacudiu a cabeça. — Isso não é para mim.

Observei seu rosto.

— Você é uma pessoa diferente, não é? Você não é como eles.

— Eu não sou — disse ele.

Ouvimos um barulho embaixo da janela, que ficara aberta. Desmond e eu trocamos um olhar cauteloso.

— Provavelmente seu pai está no terraço. Às vezes ele lê o jornal lá antes de descer para o café da manhã. — Parei por um momento. — Você está pronto para vê-lo?

— Pronto como nunca.

Andamos até a porta, mas antes de abri-la eu me virei para Desmond.

— Sobre Abbott. Você poderia tentar conversar com ele?

— Com certeza vou tentar — respondeu ele. — Mas preciso cruzar uma ponte primeiro, e não sei se será uma tarefa fácil.

— Venha. Vou te acompanhar.

Addison

Será que Sean estava ali no vestíbulo? Subi ao primeiro andar e então fui na ponta dos pés até a porta, olhando pela janela lateral. Respirei aliviada ao perceber que não havia nenhum carro parado na garagem. Ninguém. Meus ouvidos estavam brincando comigo. Dei um passo para trás da janela, então parei quando ouvi um carro se aproximando. Um táxi.

Um homem mais velho, com uns 60 anos, desceu do carro, e foi então que me lembrei da visita de Nicholas Livingston.

— Olá — disse, saindo da casa, feliz com a presença dele.

— Addison. É um prazer conhecê-la. Eu sou Nicholas Livingston. — Ele olhou para a antiga mansão em silêncio, como se vê-la o tivesse deixado momentaneamente atordoado. — Está exatamente como me lembro dela.

Acho que a mansão nunca sofreria as ações do tempo. Anos podiam se passar. A argamassa podia desmoronar. As pedras podiam rachar. Mas a mansão iria, de certa forma, continuar a mesma.

Ele olhou para dois pombos bicando uma das cornijas da casa.

— Todos esses anos... — disse ele. — Não achei que esta casa antiga teria este efeito em mim. O canto dos pássaros ainda soa tão solitário quanto eu o sentia naquela época.

— Talvez o senhor tenha interesse em saber que o lugar mudará um pouco em breve — disse. — Meus sogros vão reformar a mansão. — Olhei para os jardins, ainda me perguntando como Rex podia assinar aquilo que parecia ser a demolição do jardim de camélias para fazer um campo de golfe em seu lugar. — Bem, pelo menos no que diz respeito à casa.

Atrás dele o motorista do táxi estava em pé olhando para os leões de pedra perto da entrada. Sua expressão corporal indicava que ele não daria nem mais um passo à frente. Fiquei imaginando se ele acreditava, assim como a mulher da cidade, que a casa era amaldiçoada.

— Obrigado — disse Nicholas, colocando uma nota em sua mão.

Ele foi embora rapidamente, aparentando estar feliz por sair dali.

— Era sobre isso que eu gostaria de conversar com a senhora — disse ele, olhando para os lados como se as árvores tivessem ouvidos. — Tem algum lugar onde possamos conversar... em particular?

Concordei e levei-o para dentro da casa.

— Na última vez que entrei na mansão, eu tinha 13 anos — disse ele, em pé no saguão. — Não voltei mais para cá depois que saí do internato. Fui direto para a faculdade.

— Eu não estou entendendo. Por que você ficou tanto tempo longe?

Seu cabelo havia ficado cinza com a idade. Os rostos de bebê nas fotografias agora não existiam mais. E, ainda assim, diferente das fotografias de Lorde Livingston que eu havia visto, seu rosto parecia ser mais gentil, mais suave. Juntos, andamos até o salão e nos sentamos em um sofá perto das janelas laterais que davam para o jardim.

— Havia lembranças tristes demais por aqui. E, depois que Katherine se casou e a saúde de Abbott piorou, acho que não tinha muita razão para eu continuar vindo aqui. Tudo mudou.

— O que você quer dizer com a saúde de Abbott?

Ele balançou a cabeça com seriedade.

— Abbott teve uma febre em 1940. Os médicos disseram que era meningite. Parecia que ele havia se recuperado, mas a febre enfraqueceu seu coração. Ele nunca mais foi o mesmo. E, à medida que ele ia envelhecendo, ia piorando. Quando fui para a universidade, ele estava acamado.

— Que terrível... E então seu pai cuidou dele?

— Não — respondeu ele. — Papai morreu em 1963. A Senhora Dilloway cuidou dele depois, até que ele morreu, no ano passado.

— Sinto muito — disse. — Eu não sabia.

— Tentei visitar Abbott várias vezes, mas a Senhora Dilloway dizia que a presença da família não seria boa para ele.

— Eu não entendo.

— Nem eu. Então um dia, no fim dos anos 1970, quando minha filha tinha 10 anos, minha esposa e eu fizemos uma visita. Achamos que havia chegado a hora de Abbott finalmente conhecer a sobrinha. A Senhora Dilloway não estava aqui quando chegamos, e

encontramos Abbott sentado no terraço em uma cadeira de rodas. Ele parecia péssimo, uma versão vazia de si mesmo. Nunca vou me esquecer de seu rosto. Ele parecia ter muito mais do que a idade que tinha. — Ele pegou um lenço no bolso da camisa. — Ele não me reconheceu, não a princípio. Mas então formou-se um sorriso em seu rosto e ele... — Nicholas parou de falar para limpar os olhos — Ele disse, nunca vou me esquecer, ele disse “Irmão?”.

— Andamos um pouco — continuou Nicholas. — Ele me disse uma coisa que não consigo tirar da cabeça. Claro, não sei quanto do que ele disse era devido à doença, mas...

— O que foi que ele disse?

Nicholas olhou para trás.

— Ele disse que mamãe foi assassinada.

— Mas ele era só um menino naquela época — disse. — Como ele poderia saber disso?

— Para ser sincero, achei que a doença dele tinha abrandado seus sentimentos. Mas ainda assim ele continuava dizendo que alguém era responsável pela morte de mamãe e tinha que pagar. Ele repetiu aquilo várias vezes.

— E quem era essa pessoa?

— Bem, eu não sei, ao certo, mas me senti na obrigação de investigar o assunto — disse ele. — Contratei um advogado. Tentei reabrir o caso, pedi que o relatório da autópsia do corpo de minha mãe fosse avaliado por um especialista, mas a governanta, Senhora Dilloway, havia selado o relatório.

— Eu sei. Eu mesma vi os registros. Mas você faz alguma ideia do porquê de ela ter feito isso?

— Na época, sua petição afirmava que ela estava protegendo a dignidade da minha mãe. Ela alegava que alguns homens da vila estavam atrás das fotos da autópsia para ver seu corpo nu. — Nicholas estremeceu. — Mas não acho que este era o caso. O único motivo óbvio é que ela queria esconder alguma coisa. Quando Katherine me contou sobre a maneira como ela amava o papai, comecei a me perguntar se havia algo mais nessa história além do que sabíamos.

Perdi o fôlego.

— Ela o amava?

Nicholas suspirou.

— Sim. Claro que não sabíamos disso naquela época, mas, de acordo com Katherine, a Senhora Dilloway o amava mesmo quando a mamãe ainda estava viva.

— Bem, pense o que quiser a respeito dela, mas ela está no hospital agora. Ela teve um derrame na noite passada.

— Ah — disse ele, um pouco atordoado. — Sinto muito por ouvir isso. — Ele se levantou e foi até a janela, passando a mão pelo peitoral. — Eu queria vir aqui mais uma vez para ver se eu havia deixado escapar alguma coisa. Por minha mãe. Sua família vai fazer mudanças aqui, como você mencionou, e antes que isso aconteça eu quero ter certeza.

— Meus sogros não vão se importar se você quiser dar uma olhada por aqui — disse.

— Obrigado — agradeceu ele. — Eu não sabia se eles veriam com bons olhos minha pequena investigação, por isso contratei dois detetives particulares.

— Detetives particulares?

— Espero que a senhora me perdoe — disse ele. — Eles não estavam espionando você. Eu só queria saber quais eram seus planos com relação à propriedade e dar uma olhada no jardim, para ver se eles conseguiam descobrir alguma coisa interessante na cocheira.

— Então eram eles que estavam lá naquele dia... — murmurei.

Eu o segui até as janelas, olhando para o jardim.

— Então é claro que não preciso falar sobre o campo de golfe, pois você já deve saber.

Ele pareceu momentaneamente confuso, mas então seus olhos enxergaram a paisagem da janela que levava até o terraço.

— O jardim! — gritou ele. — A mamãe ficaria tão feliz por ele estar exatamente como ela o deixou. Bem, um pouco descuidado agora, mas ainda bonito.

— Sim — disse. — Senhor Livingston, eu gostaria de lhe mostrar uma coisa. Na sala de estar.

Entreguei a ele a pasta com as marcações sobre as mulheres que haviam desaparecido, e então mostrei a ele o mapa dos jardins onde eu havia feito as anotações com papel.

— O que é isto? — perguntou ele.

Peguei o livro das camélias de sua mãe e abri na camélia Petelo.

— O senhor já viu isso antes?

Seus olhos ficaram nebulosos.

— Sim — respondeu ele. — Eu me lembro do dia em que Flora o encontrou.

— A sua babá?

— Sim — respondeu ele, abrindo a pasta com as novas anotações. — Quando ela desapareceu, tememos o pior. Parecia que ela tinha desaparecido da face da Terra. Nem se despediu de nós. — Ele analisou a página do livro, perdido em seus pensamentos. — A mamãe adorava suas camélias. Ainda consigo enxergá-la ali, caminhando pelo pomar, cantando baixinho para si mesma. Isso a fazia lembrar-se da Charleston que ela tanto amava.

— Senhor Livingston, acredito que talvez sua mãe estivesse tentando resolver um mistério antes de morrer. — Apontei para o código numérico no canto superior direito da página. — Comparei estes números com as datas em que as mulheres desapareceram. Acho que sua mãe tinha um pressentimento de que algo muito obscuro estava acontecendo bem aqui na mansão. O senhor consegue se lembrar de alguma coisa? Qualquer pequeno detalhe que possa ajudar a dar uma pista do que pode ter acontecido com essas mulheres?

— Bem — disse ele —, meus detetives encontraram, sim, alguma coisa no jardim.

Fomos para o lado de fora, onde um casal esperava ao lado de um carro azul, na entrada da garagem. A mulher, de cabelo loiro curto, tirou seus óculos de sol e sorriu.

— Vocês — disse. — Foram vocês que me salvaram aquele dia no parque.

— Sim — disse o homem. — Eu sou James e esta é Mira. Trabalhamos para o Senhor Livingston. Foi pura coincidência encontrarmos a senhora na cidade. Nós a reconhecemos, por causa do dia na cocheira. Sentimos muito por isso. Não tínhamos a intenção de assustá-la.

— Está tudo bem. Estou feliz em saber que eram vocês e não...

— Eu me lembrei de seu rosto — continuou ele. — Então, quando percebi que um homem estava seguindo você no parque, fomos atrás também.

— Estou tão feliz por vocês terem feito isso... — disse.

— Eles o pegaram?

— Não — respondi. — Mas vão pegar. Eu sei que vão.

Apontei para o conversível azul, lembrando-me da mulher misteriosa que havia parado em frente à mansão para falar com Rex no dia em que chegamos.

— Você esteve aqui — disse, olhando curiosa para ela. — Você falou com meu marido. Ele disse que você era uma mensageira.

— Ah, aquele dia... — disse ela. — Sim.

Nicholas Livingston apontou para o jardim, dizendo:

— Nós vamos explicar tudo para a senhora.

Balancei a cabeça, virando-me para as camélias ao longe, e disse:

— Tudo bem, vamos até lá antes que a chuva comece a cair.



— Sua mãe tinha um jardim e tanto — disse para Nicholas. — Eu sou paisagista e posso lhe dizer que nunca vi nada assim.

— Sim — concordou ele —, ela tinha muito orgulho de sua coleção. Existem algumas espécies bem raras aqui. Pelo menos, existiam.

Peguei a página rasgada do livro da camélia.

— Esta aqui — disse — é chamada Middlebury Pink. O senhor a conhece?

Nicholas pegou a página nas mãos.

— Eu me lembro dela — disse ele. — Ela deu flor uma única vez depois da morte de minha mãe. — Ele sacudiu a cabeça. — Ela nunca conseguiu ver suas flores.

— E onde ela está? — perguntei, apontando para o lugar no jardim onde, de acordo com o código numérico, ela deveria estar.

Tudo o que havia era um local afundado no solo.

Seus olhos iluminaram-se como se ele tivesse se lembrado de alguma coisa.

— Bem aqui — disse ele, apontando para a cocheira. — Se for a que estou me lembrando. Depois da morte de mamãe, meu pai tinha

motivos para acreditar que alguém estava tentando roubá-la. Ladrões de flores. Ele a trouxe para cá, para trás da cocheira.

Andamos atrás da antiga construção, mas onde as árvores deviam ter estado havia apenas um toco, um toco bem velho.

— Que pena... — disse, abaixando-me no solo encharcado, totalmente decepcionada.

James fez um sinal chamando Nicholas para a lateral da cocheira.

— O senhor gostaria de ver o que encontramos?

Eu os segui até a porta.

— Está trancada — disse, puxando a maçaneta enferrujada.

James sorriu.

— Minha especialidade. Esperem só um segundo.

Em um minuto, ele havia arrancado o cadeado da porta e a havia aberto.

Mira e eu entramos atrás dos homens.

— Parece um antigo abrigo de jardim — disse.

Mira e James trocaram olhares.

— Está vendo aquela portinha? — perguntou James.

Balancei a cabeça, confirmando.

James abriu-a para nos mostrar uma pequena sala. Algumas pás e uns ancinhos estavam encostados na parede, onde havia uma mensagem que parecia estar escrita à mão, com tinta escura. Eu me aproximei, olhando para a pequena sala, e li as palavras. “Pois as flores deverão ser ungidas com seu sangue para desabrocharem belas.”

— O que é isto?

Mira olhou de novo para James.

— Senhora Sinclair — disse ela, virando-se para olhar para mim —, acreditamos que tenha sido escrito com sangue.



— Estamos preenchendo um relatório policial — disse James na garagem depois de termos voltado para a casa. — Acho que há provas suficientes para reabrir a investigação sobre a morte de Lady Anna Livingston. — Ele segurou as pastas que eu dera a ele, com o mapa dos jardins. — E com sua ajuda, Addison, acho que vamos ter alguma coisa concreta.

— Manteremos contato — disse enquanto Mira e ele entravam no carro.

— Sim — disse ela enquanto saíam.

— Bem — disse Nicholas —, preciso pensar em voltar também. Minha esposa não gosta que eu fique aqui. Este lugar antigo lhe dá arrepios.

— Este lugar pode causar esta sensação mesmo — concordei, sorrindo.

Ele pegou o celular em seu paletó e providenciou para que um táxi viesse buscá-lo.

— E os seus outros irmãos? — perguntei. — A sua irmã? Ela também foi embora da mansão?

— Depois da morte do papai, Katherine e Janie nunca mais voltaram aqui — disse ele —, talvez pelos mesmos motivos que eu. Katherine casou-se com um banqueiro em Londres e começou sua própria família. E Janie mudou-se para a Suíça.

— Então vocês eram quatro?

Ele olhou para longe antes de voltar a olhar para mim.

— Tinha mais um — disse ele. — O Desmond.

— Desmond?

— Nosso irmão mais velho. Ele desapareceu na guerra. Uma tristeza, nunca mais conseguiram encontrá-lo.

— Sinto muito.

— Bem, Senhora Sinclair — disse ele enquanto um táxi parava em frente à mansão —, foi um prazer. Eu a manterei informada sobre o progresso da investigação. Provavelmente, os policiais virão até aqui para ouvir seu depoimento e dar uma olhada na propriedade.

— Tudo bem. Avisarei meus sogros.

Observei enquanto o táxi se afastava antes de parar ao longo da calçada para admirar as peônias crescendo no jardim. Suas flores eram tão lindas, tão pesadas que se inclinavam sobre o cascalho como se para beijar o chão. Eu me ajoelhei para levantá-las.

— Pobrezinhas... — disse. — Alguém precisa prender vocês. — Eu me levantei. — Vou ver se consigo encontrar algum fio na casa.

Olhei para os degraus e quase não o vi ali; ele estava disfarçado pelo tom cinza da pedra. Mas, quando o vi, meu coração parou de bater.

— Oi de novo, Amanda — disse ele.

Flora

Desmond esperou no saguão enquanto entrei na sala de jantar, sentando-me à mesa em meu lugar de costume, ao lado de Janie. Lorde Livingston levantou-se imediatamente e colocou seu guardanapo para baixo.

— Senhorita Lewis — disse ele, sorrindo alegremente. — É tão bom vê-la novamente.

— É bom ver o senhor também — respondi.

Ele ficara apenas dois meses fora, mas parecia que haviam se passado anos. Ele estava visivelmente mais magro, e mais cabelos grisalhos apareceram em sua cabeça.

— Estamos muito felizes pelo senhor ter voltado em segurança para casa — disse.

— Obrigado — respondeu ele.

O Senhor Beardsley colocou água no copo das crianças e lançou um olhar nervoso em direção ao saguão. A Senhora Dilloway balançou a cabeça para Desmond, sinalizando que chegara a hora.

— Perdoe-me por interromper, Lorde — disse o Senhor Beardsley com cautela —, mas tem alguém aqui que deseja vê-lo.

Lorde Livingston colocou o guardanapo sobre a mesa.

— Hã? Não ouvi ninguém entrando.

O Senhor Beardsley olhou para o saguão e fez um sinal com a cabeça para Desmond, que entrou devagar na sala de jantar.

— Olá, pai — disse ele, parando na ponta da mesa.

Katherine aplaudiu.

— O senhor acredita nisso, pai? O Desmond voltou para casa!

— Estou vendo — disse Lorde Livingston, olhando para o outro lado.

Um silêncio profundo tomou conta da sala de jantar. Felizmente, Janie bateu seu garfo no prato e gritou.

— O senhor não está feliz, pai? — perguntou Katherine nervosa.

Lorde Livingston levantou-se e olhou para Desmond.

— Posso conversar com você em particular?

Eles caminharam até o saguão e o Senhor Beardsley foi atrás, fechando a porta.

Tentei distrair as crianças para que elas não ouvissem os gritos que vinham de lá. Alguns minutos depois, Desmond saiu pela porta da frente, batendo-a. Lorde Livingston voltou para a sala de jantar arrumando o cabelo, que parecia despenteado. Ele respirou fundo antes de falar conosco.

— Pedi que ele arrumasse suas coisas e fosse embora de uma vez.

— Mas, pai... — disse Nicholas, claramente arrasado.

Katherine começou a chorar.

— Ele não pode ficar aqui — disse ele friamente, como se estivesse falando de um estranho, e não de uma pessoa de seu próprio sangue.

— Mas por quê, pai? — Katherine chorava. — Por que o senhor é tão cruel?

— Já tomei minha decisão — disse ele, virando-se para o Senhor Beardsley.

— Lorde — disse a Senhora Dalloway corajosamente —, peço que o senhor reconsidere. — Ela baixou sua voz para um sussurro. — Pela alma da sua esposa.

— Sim — acrescentou o Senhor Beardsley. — Ele é da família. Não se deve virar as costas para alguém da família.

Lorde Livingston jogou seu guardanapo na mesa e levantou-se.

— Ah, eu posso, meu velho camarada — disse ele —, posso, sim. — Ele olhou para todos nós. — Vocês estão me escondendo mais alguma coisa?

A Senhora Dalloway balançou a cabeça.

— Talvez o senhor queira saber que Abbott está doente — disse ela com cautela. — Ele teve febre alta. Os médicos disseram que ele está com meningite, mas está se recuperando bem.

— Posso ir vê-lo? — perguntou ele, com os olhos marejados.

— Ele está dormindo — disse a Senhora Dalloway. — Talvez seja melhor o senhor cuidar do seu outro filho primeiro.

— Pai! — chorou Katherine. — Por favor, o senhor não pode deixar o Desmond ficar? O senhor não pode abrir uma exceção? A Inglaterra está em guerra!

Ele bateu a mão na mesa, fazendo os copos de água balançarem.

— Eu sei muito bem sobre a guerra.

Katherine começou a soluçar. Janie também. O rosto de Nicholas ficou pálido.

Eu me levantei e peguei Janie no colo.

— Pronto, pronto... — acalmei-a, acariciando suas costas.

Eu não podia mais ficar em silêncio. Meu coração batia acelerado quando me virei para Lorde Livingston. Eu não me importava mais com a Middlebury Pink ou com os assuntos delicados da família. Eu me importava com as crianças.

— O senhor pode saber muito bem o que é melhor para a mansão — disse —, mas o senhor certamente não sabe o que é melhor para os seus filhos. — Eu me virei para eles e estiquei a minha mão. — Katherine, Nicholas, venham comigo.

Só depois de as crianças estarem com seus tutores é que parei para pensar no quanto minha atitude ao confrontar Lorde Livingston havia comprometido minha posição na casa. Olhei pelas janelas de vidro, mas não suportei ver minha imagem.



Do lado de fora da janela do meu quarto, observei como a luz do sol era filtrada pelas nuvens até chegar às árvores de camélia, fazendo suas folhas cor de esmeralda brilharem. Cheguei mais perto e peguei o cavalete que Lorde Livingston havia comprado para mim, então alcancei a caixa de artigos de artes embaixo da cama.

Coloquei os tubos de tinta na paleta e escolhi uma tela pequena. Preparei a paleta com uma série de cores, então fechei os olhos, lembrando-me da paisagem que vi quando fui até a cidade com Lorde Livingston. Ele estava tão diferente naquela viagem até a vila, antes de embarcar para Londres... Seria aquele o lado dele pelo qual Lady Anna havia se apaixonado? Molhei meu pincel na tinta preta e então misturei-a com um pouco de branco, até obter o tom certo de cinza, aí deixei o pincel tocar a tela. Eu adorava a sensação do pincel em minha mão. Ele havia sido gentil em comprar para mim aqueles acessórios, mas eu me lembrei da maneira como ele se comportara na sala de jantar e de outros momentos antes daquele. Como ele podia ser tão cruel, tão insensível?

Depois de ter pintado as nuvens, pinte as colinas, misturando um verde discreto à grama, e então pontilhei o primeiro plano com um pouco de lavanda para simular a urze. Dei um passo para trás e franzi a testa. Precisava de mais alguma coisa. Mas o quê? Olhei pela janela para o jardim.

A Middlebury Pink. Quem tinha tirado a página do livro de Lady Anna? Lorde Livingston? Mergulhei meu pincel na tinta marrom e criei a estrutura de uma árvore. Depois desenhei folhas em forma de coração em seus galhos e folhas grandes e brancas com pontas rosadas. Dei mais um passo para trás para olhar para meu trabalho.

— Você capturou a imagem lindamente.

Eu me virei assustada. Lorde Livingston estava na porta.

— Esta era a camélia preferida da minha esposa — disse ele. — A Middlebury Pink. Gastei bastante tempo e energia para localizá-la. Ela a havia visto em um livro antigo de botânica e a queria mais do que tudo no mundo. Sabe, a mesma espécie havia crescido no Palácio de Buckingham. — Ele parecia perdido em seus pensamentos. — Ela era assim, a Anna. Ela podia ficar totalmente envolvida com alguma coisa. Mas nada chamava mais sua atenção do que as camélias. Contratei um jardineiro para procurar a camélia por todo o país. Depois de um ano, já havíamos quase desistido. Sua existência parecia ser apenas uma fábula. Botânicos que dedicaram suas carreiras estudando flores raras vasculharam o país à procura da espécie. Mas ninguém conseguia encontrá-la. Eu não podia falhar com ela. Eu não iria falhar. Então, um homem na vila disse que acreditava que a Middlebury Pink estava aqui na propriedade do Solar Livingston. Claro que não acreditei nele, a princípio, mas então nós a encontramos, perto da cocheira. Um botânico identificou-a, o que não foi fácil, pois ela não estava florida. — Ele sacudiu a cabeça. — Ela passara o último século despercebida bem debaixo de nossos narizes. Mantive o segredo só para mim e então surpreendi-a em uma manhã de Natal. — Ele esfregou a testa. — Aquela árvore miserável nunca floriu para ela, porém. Anna sempre disse que a árvore iria florir quando ela sentisse que havia paz e honestidade no mundo. — Ele manteve os olhos na tela e sorriu. — Sim, a senhora capturou a imagem perfeitamente, Senhorita Lewis — disse ele, enxugando uma lágrima. — É uma maravilha a senhorita ter tanto interesse por botânica.

Ele se sentou na cama, olhando para o jardim.

— Eu me arrependo de muitas coisas na vida — disse ele. — Mas me arrependo muito mais em relação à Anna.

— Por favor — disse. — Todos nós cometemos erros. O senhor não deve se culpar.

Ele sacudiu a cabeça.

— Mas deveria — disse ele. — E agora devo pagar. — Ele se recompôs e ficou em pé ao meu lado. — Desculpe tê-la incomodado. — Ele virou-se para a porta.

— Por favor, espere. E quanto a Desmond? Com certeza, qualquer que seja o problema entre vocês, não vale a pena perder seu filho para sempre.

Lorde Livingston suspirou, sem se comprometer.

— Não posso prometer-lhe uma reconciliação — disse ele —, mas já pedi a ele que fique.

— E o que ele respondeu?

— Ele está pensando no assunto.

— Ótimo — disse. — Ele logo irá para a guerra, e sei que o senhor vai ficar feliz em ter passado o tempo que passará com ele.

Ele olhou para mim.

— Acho que todos nós ficaremos felizes.



Durante o café na manhã seguinte, na ala dos empregados, o Senhor Beardsley tirou os olhos de seu caderno de anotações e levantou-se abruptamente.

— Senhorita Lewis — disse ele —, posso falar um minuto com a senhora?

— Claro, senhor — respondi, seguindo-o até seu escritório.

— Sente-se — disse ele, fechando a porta.

— Estava olhando os relatórios — começou ele — e me deparei com algo que pode ser uma coincidência. Desculpe-me de perguntar, mas o cavalheiro que a visitou recentemente... Qual é a relação dele com a senhorita?

Minhas mãos ficaram úmidas. *O Senhor Price!*

— Eu não sabia que o senhor...

— A Senhora Dilloway comentou comigo sobre a visita — disse ele. — Nós anotamos os nomes de todas as pessoas que vêm até a mansão. É uma tradição.

— Ah. — Eu estava tremendo. *Ela deve tê-lo recebido.*

— Senhorita Lewis — continuou ele —, só percebi hoje de manhã que a prata e o cristal sumiram no dia em que ele veio até a mansão. Certamente, a senhora pode entender minha preocupação.

Balancei a cabeça em sinal de compreensão.

— Quem era ele, Senhorita Lewis? Por favor.

Esfreguei a testa.

— Senhorita Lewis — disse o Senhor Beardsley de novo. — A senhora está com algum tipo de problema? Porque, se estiver, deixe-nos ajudá-la.

Fiquei olhando para seu rosto, grande e gentil. Eu tinha enganado estas pessoas e eu tinha vergonha disso. Muita vergonha.

— Sim — disse. — Estou com problemas. Mas posso cuidar de mim mesma. Eu não sonharia em atormentar o senhor ou alguém da mansão. Peço desculpas pela invasão. Se o senhor descobrir que o homem realmente roubou essas coisas, serei responsável por isso.

— Mas, Senhorita Lewis — disse ele —, a senhora não teria como cobrir os custos. Elas lhe custariam quatro anos de salário, pelo menos.

— Que seja — disse. — Se minha presença trouxe um ladrão para a Mansão Livingston, então eu vou pagar o preço.

— Isso é muito honroso da sua parte — disse ele. — Mas vamos deixar uma coisa clara. Ninguém está chamando a senhora de ladra.



Sentada à mesa, coloquei uma colher de açúcar no meu mingau em vez de duas, pois a Senhora Marden havia nos alertado sobre a falta de comida por causa da guerra. Tínhamos sorte de ainda ter açúcar, dissera ela.

— O que foi que aconteceu? — sussurrou Sadie para mim. — Ele pegou o ladrão?

Sacudi minha cabeça negando.

— Acho que o velho Beardsley provavelmente colocou a prataria em lugar errado — disse ela. — No mês passado, ele virou a casa de cabeça para baixo para encontrar uma calçadeira que faltava, e tenho certeza de que estava em sua mesa.

— Duvido que seja coisa do Senhor Beardsley — disse eu. — Ele conhece cada detalhe da cozinha. Ela colocou um pouco mais de creme em seu mingau.

— Detesto pensar que existe um ladrão entre nós — comentou ela.

— Cuidado aí, senhorita — advertiu a Senhora Marden. — Precisamos fazer isso render. O Senhor Beardsley ainda não tomou seu café. E você sabe que ele gosta de creme.

Sadie colocou o jarro na mesa.

— Sim, senhora.

— Todos nós vamos precisar aprender a viver sem os pequenos luxos com os quais estamos acostumados, agora que a guerra está chegando por aqui — disse a Senhora Dilloway.

— É verdade — acrescentou a Senhora Marden. — Falei com outra cozinheira na cidade ontem, e ela disse que não conseguiu nem comprar farinha. Melaço então, está totalmente fora de questão.

Sorte a nossa o Lorde Livingston ter um fornecedor em Londres, mas ouvi dizer que não conseguiremos mais contar com aquela rota por um bom tempo. Tudo está sendo racionado, e não importa quem você seja ou quem você conheça. As colheitas estão escassas.

Sadie encostou-se em mim.

— Não é de admirar alguém estar roubando — sussurrou ela.

Eu me lembrei de ver o Senhor Humphrey tarde naquela noite. O incidente havia me parecido estranho, principalmente depois de ter conversado com a Senhora Marden sobre as batatas.

— Sadie — sussurrei —, o Senhor Humphrey está fazendo alguma coisa no jardim?

Ela passou a mão na cabeça.

— No jardim? Por que ele estaria no jardim? Ele é o motorista.

— Exatamente — concluí.

Addison

Sean deu um passo em minha direção, sorrindo de uma maneira que me fazia arrepiar.

— Achou que eu tinha me esquecido de você?

Eu preciso sair daqui.

Ele continuou a sorrir.

— O gato comeu sua língua?

Recuei.

— Na verdade — disse ele —, não fale nada. Eu falo. Veja bem, o tempo na prisão é tempo de reflexão. — Ele estava mais perto agora, perto demais. — Tempo de pensar no que eu diria para você quando eu a visse de novo. No que eu faria. — Ele segurou meu pulso. — Nossa... você é linda. Vi você se vestindo hoje de manhã. — Ele balançou a cabeça. — E, olha, que garota! Você é nota dez, Amanda. Onze. Mas você precisa pensar em colocar algumas cortinas lá naquele quarto. Nunca se sabe quem pode estar vendo você.

Desviei o olhar de seu rosto, daquele sorriso horroroso.

— Você já contou para ele? — perguntou, segurando meu braço com força. — Você já contou para ele o que nós fizemos?

De repente, eu tinha 15 anos de novo. Com medo. Presa. Eu detestava o fato de ele conseguir me reduzir a esse nível.

— Eu te fiz uma pergunta, Amanda — disse ele, cerrando os olhos; sua boca emitia um rosnado agressivo.

Ouvi um carro na rua. Rezei para que ele estivesse vindo para a mansão. *Por favor, meu Deus. Por favor, que seja o Rex.* Ele havia ligado naquela manhã e prometido estar de volta durante a tarde. O barulho do motor do carro ficou mais alto, mais próximo, até o carro passar. Meu coração desmoronou.

Então eu me lembrei das chaves em meu bolso, as chaves que Rex havia deixado comigo. Havia uma chave da porta da frente e outra do carro. Se eu conseguisse me soltar, se eu fosse rápida, eu conseguiria chegar até o velho Rolls-Royce na garagem. Ele estava estacionado em frente à fonte, na rotatória, não era longe. Mas será que eu ia conseguir chegar lá?

— Amanda! — disse ele de novo, desta vez com mais insistência.

Ele soltou meu pulso e colocou a mão em minha cintura; neste momento eu me soltei.

— Não me chame assim! — gritei, correndo em direção ao carro.

Só mais alguns passos. Ouvi o barulho de seus pés no cascalho, como se estivessem em câmera lenta. Abri a porta e pulei para dentro do carro. Ele alcançou a porta do lado do motorista no momento em que fechei a trava. Eu me inclinei para a outra porta para travá-la também. Minhas mãos tremiam enquanto eu me atrapalhava com a chave. Ela escorregou da minha mão no momento em que senti um impacto ao meu lado. Sean havia quebrado a janela com um vaso. O vidro estilhaçou-se, deixando um buraco do tamanho de uma bola de beisebol. Como um animal que sabe que sua presa está por perto, ele colocou a mão pelo buraco, tirando os cacos. O sangue escorria pela janela e ele me amaldiçoou, puxando a mão. Coloquei a chave na ignição e dei ré no carro, saindo pela rua com tanta rapidez que o cascalho voou.

Eu o vi pelo retrovisor, correndo atrás de mim, gritando. Acelerei o carro.

Queria ter meu celular comigo para ligar para Rex, para a polícia. Eram apenas dezesseis quilômetros até a cidade. Pestanejei com força, sentindo as lágrimas. Reconheci a música no rádio, tocando baixinho nos antigos alto-falantes do carro. *Good day, sunshine. Good day, sunshine.* A música parecia brincar comigo. Não tinha nada de bom no dia de hoje, nem poderia ter. As lágrimas embaçaram minha visão, e, quando levantei a mão para secá-las, comecei a perder o controle do carro. Eu tinha me esquecido das curvas fechadas nesta parte da estrada. Agarrei o volante quando o carro tombou para a esquerda. Ouvi o barulho de metal batendo em metal enquanto o carro passava por um *guard rail*, capotando pela encosta.

Não, não, por favor, Deus, não, não, não...

Grama alta e árvores, e o carro batia na colina violentamente e era engolido pela escuridão da floresta. Sangue quente escorria pelo meu nariz e deixava um gosto acre, metálico, em minha boca. Um pássaro cantou ao longe, sua música pura e doce — a antítese do medo que eu sentia. *Não, isto não está acontecendo.* Tentei erguer as pernas do assento, mas elas não se moviam. A dor forte invadia meus membros com a intensidade de um trem de carga. *Não, não posso morrer assim. Sozinha. Tão longe de casa.* Será que o Sean me encontraria ali? Ou Rex? Meus olhos piscavam como se fossem uma máquina fotográfica tirando fotos da minha vida, exceto das imagens incompatíveis e casuais: uma boneca velha com um vestido cor-de-rosa; luvas brancas de crochê para bebês, um pouco gastas;

uma fila de tulipas vermelhas brilhantes; o sorriso de Rex; um cata-vento enferrujado rodopiando no ar.

Minhas pálpebras lutavam para ficar abertas, mas, quando se fecharam, a imagem de boas-vindas que esperava por mim me pedia para ficar, prometendo me dar o conforto, a paz que eu tanto desejava.

As camélias.

Eu podia vê-las, parecendo fileiras intermináveis de grandes árvores verdes, com folhas espessas e flores exuberantes, do tamanho de um pires. Cor-de-rosa, vermelhas... florindo como se tivessem sido pintadas por uma mulher apaixonada.

Flora

4 de novembro de 1940

Novembro começou com uma tempestade de neve rara. As crianças, claro, ficaram encantadas, saindo correndo depois do jantar para fazer um boneco de neve bem na entrada da mansão. Felizmente, eu havia pegado seus casacos no depósito e eles tinham sido lavados.

Desmond tinha ido com o pai até a cidade para resolver alguns assuntos. Eles ainda não haviam voltado. Eu reparei que eles tinham partido numa sintonia agradável.

— É tão bom vê-los se dando bem — comentara a Senhora Dalloway enquanto limpava a mesa do café.

As crianças não se cansavam dos flocos de neve, por isso decidi deixá-las brincar um pouco mais antes de irem para a cama. Apenas desta vez. Vesti meu casaco e juntei-me a elas no terraço. Janie e Katherine estavam com a língua para fora, pegando os flocos de neve com a boca, enquanto Abbott e Nicholas se envolviam em uma séria guerra de bolas de neve. Quando o vento ganhou força, fiquei preocupada pensando se não estava frio demais para Abbott, que ainda não havia se recuperado completamente da sua doença.

— Só mais alguns minutos e vamos entrar para tomar um pouco de chá quente. Não quero que vocês fiquem congelados.

Nicholas parou de repente e apontou para o céu.

— O que é aquilo, Senhorita Lewis? — perguntou ele.

Olhei para cima, mas não vi nada em particular, apenas a escuridão.

— O que foi que você viu? — perguntei.

— Lá — disse ele, apontando para um avião que voava baixo, ao longe. Suas luzes brilhavam no escuro.

Meu coração começou a bater acelerado.

— Crianças! — gritei. — Para dentro, agora!

Eu os levei até o porão pela escada dos empregados.

— Meu Deus! — disse a Senhora Dalloway. — Você acha que é um...?

— Eu não sei — disse o Senhor Beardsley. — Mas precisamos diminuir as luzes, para o caso de ser. — Ele abaixou um interruptor na parede e a casa ficou às escuras.

Janie encostou-se em mim, e pude sentir seu corpo tremendo.

— Está tudo bem, querida — disse. — Vai ficar tudo bem.

— Nós vamos morrer? — perguntou Katherine.

— Claro que não, querida — tentei tranquilizá-la, embora eu tenha esperado que ela não percebesse o tremor da minha voz.

Ouvi um barulho de alguém fungando atrás de mim. Eu me virei, e no escuro só consegui ver Abbott limpando os olhos.

— Papai e Desmond estão lá — disse ele. — E se... e se eles...

— Não se preocupe, querido Abbott. Seu pai e Desmond chegarão logo em casa, tenho certeza disso.

Abbott enterrou a cabeça nas mãos e então olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas.

— O Desmond vai embora para a guerra logo, eu acho.

— Sim, eu acho — disse com melancolia.

Nas últimas semanas, Abbott havia se aproximado do irmão mais velho, e eu estava feliz com isso.

— Tenho vergonha da maneira como tratei Desmond quando ele voltou para casa.

— Por que você agiu daquela maneira, Abbott?

Ele respirou fundo antes de dizer:

— Ouvei papai falando com Beardsley no escritório depois que a mamãe morreu. Eles estavam discutindo assuntos da propriedade. Ele disse que Desmond não era seu filho verdadeiro, e que ele não o deixaria herdar a mansão um dia.

— Eu não estou entendendo — disse. — Como pode Desmond não ser filho dele? Ele é...

A Senhora Dilloway pigarreou.

— Talvez devêssemos falar sobre outra coisa, pode ser?

— Sim — respondi rapidamente.



Naquela noite, antes de me deitar, bati na porta do quarto da Senhora Dilloway.

— Perdão. Posso entrar?

Ela me convidou para sentar na cadeira azul esfarrapada e ficou sentada na cama.

— Aquilo que o Abbott falou sobre Desmond hoje é verdade? — perguntei.

Seus olhos não confirmaram nem negaram. Eles apenas pareceram perdidos em suas lembranças.

— Lorde Livingston conheceu Lady Anna em Londres em um baile da sociedade — começou ela. — Ela estava de passagem, tinha vindo dos Estados Unidos, e ele se apaixonou no momento em que colocou os olhos nela. Alguns dizem que ele amava a sua fortuna, mas nunca foi isso. Ele a amava. Louca e profundamente. Mas ele não conhecia o seu passado.

— O seu passado?

— Ela tinha um filho. Nos Estados Unidos.

— O Desmond.

— Sim — respondeu ela. — Lady Anna era uma garota de 15 anos de idade quando ele nasceu. Só um pouco mais velha do que a nossa Katherine. O pai da criança era um lavrador que trabalhava para a família dela em Charleston. Ela queria fugir com ele, mas seus pais a impediram. Eles o mandaram embora, e depois que o bebê nasceu eles a colocaram em um navio para estudar em uma escola só para garotas em Londres. Ela nunca perdoou os pais por terem tirado Desmond dela.

— E Lorde Livingston não sabia quando casou com ela?

— Não — respondeu a Senhora Dalloway. — Aquilo maculou a imagem que ele tinha dela quando ele descobriu. Ele não enxergava as coisas da mesma maneira depois disso, principalmente depois que Desmond veio viver na mansão. A presença dele deixava Lorde Livingston cheio de desconfianças. Ele ficou irreparavelmente magoado, e Lady Anna só conseguia afundar ainda mais em sua tristeza. Ela passava a maior parte do seu tempo nos jardins depois disso. E ele, bem... havia outras mulheres.

— E Desmond?

— Ele ficou nos Estados Unidos durante todo aquele tempo, e acho que não tinha mais do que 9 anos quando veio morar aqui. Pela maneira como Lady Anna falava, ela o amara à primeira vista. Mas Lorde Livingston nunca foi carinhoso com Desmond, mesmo depois de Lady Anna implorar a ele.

— E a senhora? — perguntei. — Como a senhora suportou morar aqui, considerando o que sentia por...

— Já quase pedi demissão centenas de vezes — disse ela. — Houve momentos em que foi difícil demais suportar. — Ela suspirou. — Mas decidi ficar para me dedicar à Lady Anna. Foi a minha penitência, a minha punição. Prometi a ela que cuidaria de seus jardins, sempre, e estou determinada a fazer isso.

— Ela sabia sobre você e...?

A Senhora Dalloway pareceu ofendida.

— Eu não sei — respondeu ela. — Mas, se sabia, rezo para que ela tenha me perdoado. — Ela sacudiu a cabeça, com o semblante profundamente angustiado. — Mulheres começaram a desaparecer na cidade — disse ela. — E acho que ela tinha suas suspeitas.

— O que ela achava exatamente que estava acontecendo?

— Algumas das garotas que Lorde Livingston tinha... — ela pigarreou — com quem ele tinha se divertido, bem, elas desapareceram.

— E Lady Anna achava que ele tinha alguma coisa a ver com isso?

— Ela não sabia o que pensar. Nem eu.

Eu me sentei, sentindo-me tonta.

— Por que a senhora não foi até a polícia?

Ela me olhou com uma cara estranha.

— Talvez a senhora não entenda, Senhorita Lewis... — disse ela. — Uma empregada nunca trai seu patrão, não importa o que aconteça.

Addison

A solidão me envolveu como um casaco duas vezes maior que o meu tamanho. Cerrei os olhos tentando enxergar a cena. *Onde estou?* Grilos trinavam a distância. As nuvens haviam desaparecido, mostrando um raio de luz da lua que penetrava através das árvores, luz o suficiente para iluminar o para-brisa quebrado que mais parecia uma teia de aranha e o ponto onde minha cabeça havia batido mais cedo. O acidente. Levei minha mão até meu rosto e senti o sangue. Estremeci. *Quanto tempo fazia que eu estava ali? Horas? Dias?* Tentei levantar minhas pernas, mas elas ainda não se mexiam, então tive a sensação de algo queimando em meus pés, seguido de uma dor profunda em meu estômago. *Meu Deus, eu estou presa!*

Engoli com dificuldade e estremeci ao sentir uma dor seca em minha garganta. Vi uma garrafa de água no chão perto de meus pés e estiquei os dedos para pegá-la. *Quase lá, só mais um pouquinho.* Pensei nas aulas de Pilates para as quais minha amiga Emma sempre me arrastava. *Estica, Addison.* Finalmente, as pontas de meus dedos chegaram até a garrafa. Segurei-a com os dedos trêmulos e trouxe-a para cima, tirei a tampa e levei-a até meus lábios. Algumas gotas de água caíram em minha boca antes de eu perder a força e derrubar a garrafa no chão, que rolou para baixo de meu assento, para fora do meu alcance.

A lua desapareceu de novo atrás de uma nuvem, e ouvi o barulho de um trovão.

— Querido Deus! — gritei. — Se o senhor puder me ouvir, por favor, por favor, não me deixe morrer desta maneira. Por favor, me leve de volta para o Rex. — Soltei um soluço. — Por favor, Deus, me dê um sinal de que tudo vai ficar bem.

Quando abri os olhos, um raio de luz da lua brilhou no galho da árvore que havia entrado pelo para-brisa — uma camélia, de uma espécie comum, rosa-claro, com um estame amarelo inconfundível. Eu já as havia visto dezenas de vezes. Contudo, naquela noite, a impressão era de que eu nunca tinha posto os olhos em algo tão belo. Um trovão, desta vez mais alto, invadiu o campo de novo, e observei uma única pétala rosa cair em meu colo. Ouvi as gotas de chuva começarem a cair no teto do carro. Primeiro era um barulho em cima de minha cabeça, e então o barulho aumentou, tornou-se mais rápido até virar uma chuva forte. Fechei os olhos com força, pensando em Anna, Flora, deixando aquele barulho me fazer dormir.

Flora

5 de novembro de 1940

— Como é lá nos Estados Unidos? — perguntou Nicholas para mim durante o jantar.

Senti uma pontada de saudade enquanto eu me lembrava de como era Nova York pela janela da padaria, pensava em papai em pé atrás do balcão e na mamãe mexendo nos pães da vitrine.

— É um lugar maravilhoso.

— Um dia a senhora nos leva lá? — perguntou ele.

Dei um apertão nele.

— Talvez um dia — disse. — Agora corra até lá em cima para ficar com suas irmãs. Vou encontrar vocês na sala de brinquedos.

Carreguei os pratos até a cozinha e quase trombei no Senhor Humphrey, que estava jogando um saco na lata de lixo.

Esbarrei na lateral de seu casaco.

— Perdão — disse quando um envelope caiu de seu bolso.

Ele abaixou-se para pegá-lo, mas, reconhecendo a caligrafia imediatamente, eu peguei primeiro: uma das minhas cartas para mamãe e papai. Tinha sido rasgada na beirada.

— Senhor Humphrey — eu disse assustada. — Eu não estou entendendo. Isto devia ter sido enviado semanas atrás. Por que o senhor...

— Sinto muito, senhorita — disse ele. — Eu não queria que a senhorita descobrisse, mas agora não tenho nenhuma outra escolha a não ser lhe contar. Lorde Livingston me pediu para ficar com elas.

Sacudi a cabeça, perplexa.

— Por quê?

Ele deu de ombros, desculpando-se.

— Ele me pediu para guardar todas elas. Ele leu esta no carro, na viagem de volta de Londres.

— Isso é desprezível — disse, carrancuda.

— A senhora tem todo o direito de ficar brava.

— Bem. — Tentei me recompor. — Fico satisfeita por saber quem ele realmente é.



— O telefone está bem aqui — disse o Senhor Beardsley, apontando para uma mesa em seu

escritório. Ele sorriu, desculpando-se, como se soubesse de tudo o que aconteceu. — Se Lorde Livingston não concordar com isto, pedirei para que ele desconte o custo do meu pagamento.

— O senhor é muito gentil — disse antes de ligar para a telefonista e solicitar que ela ligasse para uma lavanderia ao lado da padaria de meus pais. Eli poderia receber a mensagem por eles.

— Eli! — gritei. — É a Flora. Flora Lewis... Sim, ouça, Eli, estou ligando da Inglaterra... Sim, Inglaterra... Sim, estou bem... Preciso que você vá chamar minha mãe. Você pode fazer isso?

Coloquei a mão no telefone.

— Ele vai chamá-la! Não acredito que esperei tanto tempo.

Logo depois minha mãe atendeu o telefone.

— Flora?

Sua voz era como remédio para minha alma. Meus joelhos se enfraqueceram, e o Senhor Beardsley puxou uma cadeira para mim.

— Mamãe! — gritei. — É tão bom ouvir sua voz...

— Ah, Flora... — disse ela. A linha falhou, lembrando-me de que um oceano nos separava. — Estávamos tão preocupados...

— Ah, mamãe, tenho tanta coisa para te contar... Não sei nem por onde começar.

— Onde você está? — Pude ouvi-la fungando. — Você está em segurança?

— Sim, sim, estou em segurança. Estou trabalhando como babá, cuidando de três crianças no interior da Inglaterra.

— Por que você não escreveu?

— Eu escrevi. Mas as cartas... bem... — olhei para o Senhor Beardsley — as cartas nunca foram enviadas. Mas, por favor, saiba que penso em vocês todos os dias. Eu só achei que vocês estivessem ocupados demais na padaria para escrever.

— Ah, querida... — disse ela. — Quando você foi embora, fiquei tão assustada por você. Mas torci para que você estivesse se aventurando. Seu pai acreditou que você ia se divertir. Eu sou mais cabeça-dura.

— Como está o papai? — perguntei.

— Sinto muito... — disse ela. — Seu pai adoeceu.

— Mamãe, o que ele tem?

— São os pulmões dele. Eles estão fracos, provavelmente por terem inalado farinha durante tantos anos. O médico diz que com descanso talvez ele se recupere. — Ela começou a chorar. — Ah, Flora... Rezo para que ele se recupere.

— Ah, mamãe! — Chorei. — Eu vou para casa. Vou fazer tudo o que eu puder para voltar para casa.

— Mas como você vai fazer isso, querida? A guerra fechou todas as rotas dos navios.

— Vou encontrar uma maneira. Eu preciso.



Na manhã seguinte, a Senhora Dilloway cuidou das crianças na sala de brinquedos enquanto fui até o escritório de Lorde Livingston.

— Ah, Flora... — disse ele enquanto olhava para mim de sua mesa, um pouco surpreso. — É tão bom vê-la.

— Eu sei sobre as cartas — disse rapidamente, indo direto ao assunto.

Ele olhou para a mesa.

— Como você pôde fazer isso? — continuei. — E agora descobro que meu pai está doente. Talvez ele esteja morrendo, e eu nem sabia!

— Bem, então eu devo abrir o jogo — respondeu ele. — Como você pôde fazer isso?

Eu me sentei na cadeira em frente a sua mesa.

— Você sabe?

— Eu sei — afirmou ele.

— Desde quando?

— Já faz algum tempo — disse ele. — Claro que eu só comecei a suspeitar depois que você encontrou o livro de Anna. E então meu assistente em Londres relacionou você a um vigarista chamado Philip Price. — Ele se encostou em sua cadeira, sorrindo para mim como se isso o divertisse muito. — Eu queria ver se você ia conseguir chegar ao fim dessa história. Eu queria ver se você tinha essa coragem. — Ele puxou a gaveta da mesa e pegou um papel dobrado. Ele colocou o papel na mesa e desdobrou-o para que eu pudesse vê-lo. — Era isso que você estava procurando?

Era a página que faltava no livro da Lady Anna.

— Eu tinha decidido, há bastante tempo, que não conseguiria trair você ou as crianças — disse.

Meu queixo tremeu.

Lorde Livingston sorriu friamente.

— Mas você pensou nisso, não é? — Ele amassou o papel e jogou-o no cesto de lixo embaixo de sua mesa.

— Não. Isso não é verdade. Eu me apaixonei por eles, eu me apaixonei por todos vocês. E por Desmond.

— E o que ele vai pensar agora — disse ele, pegando alguma coisa na mesa de novo —, depois que ele descobrir a verdade sobre você?

Meu coração batia acelerado.

— E a verdade sobre você? — retruquei. — Todas aquelas mulheres, e as que desapareceram?

Quando vi o olhar em seu rosto, desejei retirar o que eu havia dito.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu não compreendi o que você quer dizer — disse ele, olhando para a gaveta da mesa, de onde tirou as cartas que eu havia escrito para mamãe e papai.

Meses de notícias amarrados por um fio. Minhas bochechas queimavam quando estiquei os braços para pegar a pilha de cartas, antes de sair correndo pela porta.

— Espere, Flora — gritou ele atrás de mim.

Corri até o saguão.



Passei pela garagem e desci a colina, sem saber meu destino. E então eu vi o jardim. Estava nevando de novo, mas eu não me importava. A cada passo que eu dava, eu me distanciava da tristeza da casa. Eu não podia mais aguentar. Será que Anna sentia tanta tristeza quando fugiu para seu amado jardim? Olhei para as camélias. Elas pareciam confeitos de açúcar.

Continuei pelo caminho, virando para a antiga cocheira. Corri até a porta, abrindo-a. Desta vez não estava trancada. Lá dentro, nos ganchos ao longo das paredes, estavam penduradas cordas, uma serra, tesouras de jardim e havia alguns outros acessórios. Um grande saco de serapilheira estava caído no chão perto de uma pequena porta na parede oposta. Abri a porta e olhei lá dentro, ficando sem fôlego ao ver uma mensagem enigmática pintada de vermelho forte na parede dos fundos: “Pois as flores deverão ser ungidas com seu sangue para desabrocharem belas.”

Ouvi o barulho de um galho do lado de fora. Minha respiração acelerou-se, formando nuvens de vapor no ar gelado. *Eu preciso sair daqui.* Abri a porta devagar, saí e vi uma segunda marca de passos na neve. Marcas frescas. Olhei para a direita, então para a esquerda, e decidi segui-las.

— Quem está aí? — gritei.

Minhas palavras evaporaram imediatamente no ar gelado.

Atrás da parte sul da cocheira, vi uma camélia que eu não havia notado antes. E, sob um galho baixo, uma ponta rosa chamou minha atenção. Eu me aproximei. E, ali, pendurada em um galho delicado, havia uma flor. Era apenas um pequeno botão, mas deslumbrante, branco com as pontas rosadas. Perdi o fôlego. A Middlebury Pink.

— Uma flor da neve. — A voz grave surgiu no ar atrás de mim.

Eu me virei e encontrei Desmond.

— É por isso que ela amava tanto as camélias — disse ele. — Elas dão flor quando nada mais dá.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, um pouco assustada.

Ele tirou o casaco e colocou-o em volta de mim, como sempre fez, e depois virou-me para que eu olhasse para ele. Olhei para seu rosto, tão forte e seguro, um rosto que eu podia olhar por toda a minha vida sem nunca me cansar, e, ainda assim, será que eu poderia confiar nele? Ele pegou minhas mãos.

— Seus dedos parecem gelo — disse ele, esfregando rapidamente minhas mãos, como ele fez na noite em que disse que me amava, só que agora tudo era diferente.

— Vou embora para casa — disse.

— Não estou entendendo — disse ele, claramente chateado. — Por quê?

— Meu pai está doente. Ele precisa de mim. Não sei se vou conseguir embarcar em um navio, por causa da guerra, mas certamente vou tentar.

Desmond afastou-se de mim.

— Você sabe que vai partir meu coração se for embora — disse ele. — Vai partir em mil pedaços.

— Eu não quero ir.

Ele se virou para me olhar.

— O que posso fazer para convencer você a ficar?

— Sinto muito, Desmond, preciso ir.

Por mais que eu gostasse dele, eu estava cansada, cansada demais. E assustada.

Ele colocou a mão no bolso.

— Eu quero te dar uma coisa.

Ele abriu minha mão e deixou uma corrente de prata fria cair sobre ela.

— O que é isto? — perguntei.

— Um colar muito especial. Era da minha mãe.

Eu o levantei, olhando de perto para o medalhão pendurado à corrente. Uma flor que parecia uma camélia estava gravada na frente. Não havia dúvidas de que aquele era o colar que a Senhora Dilloway havia descrito, aquele que ela acreditava ter algo especial dentro.

— Desmond — disse, sacudindo minha cabeça —, onde você encontrou isto? A Senhora Dilloway disse...

Desmond sorriu para si mesmo.

— A mamãe nunca o tirava. Era da mãe dela. É uma bela antiguidade. Prata pura. Não se faz mais uma peça assim.

Puxei o fecho do medalhão, mas ele estava emperrado.

— Deixe-me colocá-lo em você — disse ele. — Ela adoraria saber que você o está usando.

Tremi quando suas mãos frias tocaram meu pescoço. Meu coração batia mais enquanto ele prendia o fecho. Como ele tinha conseguido aquilo?

— Tire — disse Lorde Livingston, aparecendo atrás de nós. — Esse colar pertencia a minha mulher.

— Mas eu... eu... — gaguejei.

— Mamãe ia querer que Flora ficasse com ele, pai — disse Desmond.

Lorde Livingston cerrou os olhos.

— O que você sabe sobre o que sua mãe queria? Você era só um menino mimado. Você era só um

peso nas costas dela.

Eu me senti mal ouvindo palavras tão horríveis.

Desmond deu um passo em direção ao seu pai, a princípio com ousadia:

— Como você se atreve?

A raiva cresceu nos olhos de Lorde Livingston. Olhei para o outro lado.

— Você convenceu sua mãe de que ela não me amava — disse ele. — Você plantou a semente no coração dela.

— Eu não precisei plantar a semente — respondeu Desmond. — A semente já estava lá.

Lorde Livingston partiu para cima dele e os dois caíram no chão coberto de neve. Os olhos do Lorde encheram-se de uma tristeza profunda, até de loucura. Ele ficou em pé e foi cambaleando até a cocheira. Quando viu que a porta não abria, ele chutou-a, empurrando-a para entrar. Logo depois ele voltou segurando um machado.

— Não! — gritei. — O que você está fazendo?

Ele veio em nossa direção, mas seu olhar estava fixo em algo atrás de nós. A camélia. Perdi o fôlego. A Middlebury Pink.

— Eu devia ter destruído esta árvore há muito tempo — disse ele. Eu mal reconheci sua voz, rouca, cheia de desespero. — Ela tinha tempo demais para pensar sobre a vida por aqui. Tempo demais para ficar longe de mim. — Ele levantou o machado sobre sua cabeça. — Fiquem de lado! — gritou ele.

Desmond e eu saímos do caminho, mas implorei para que ele parasse.

— Você não sabe o que está fazendo! Esta camélia não. Ela é rara, você mesmo disse isso!

Ele me ignorou e enfiou o machado no tronco da árvore. Estremeci quando ele deu o primeiro golpe. Seus galhos balançaram bravamente, tentando se segurar, pedindo para serem poupados. Mas ele inclinou o machado para trás de novo, desta vez deixando que ele voasse em direção à árvore com mais força. Observei seu rosto angustiado. Ele não podia fazer ninguém pagar pela morte de Anna, ou por sua grande tristeza, mas ele podia descontar sua raiva nas camélias. Nesta camélia.

— Por favor! — gritei, tentando em vão fazê-lo parar.

O machado atingiu totalmente o tronco desta vez. O topo da árvore caiu no chão coberto de neve, seus galhos se debatiam. Ele caiu de joelhos, escondendo o rosto nas mãos. Em algum momento na briga com Desmond ele havia cortado o lábio, porque um pingo de sangue escorreu de seu rosto e manchou a neve do chão.

— Pai, você está machucado — disse Desmond, correndo para o lado dele para enxergar melhor o ferimento. — É um corte profundo — continuou ele. — Vou atrás do Beardsley. Precisamos de um médico! — Ele virou-se para mim. — Fique com ele. Volto logo. — E então saiu correndo pela colina em direção à casa.

Eu me aproximei com cuidado.

— É hora de você ir embora, Senhorita Lewis — disse ele.

Balancei a cabeça.

— Não torne as coisas ainda mais difíceis — continuou ele. — Você encontrou a árvore. E agora ela não existe mais. Ninguém pode tê-la mais.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto.

— Eu não vou falar nada para Desmond, para as crianças — disse ele. — Isso os deixaria de coração partido. — Ele esfregou os olhos. — Chegou a hora. Por favor, deixe-nos em paz.

Dei um passo para trás e virei-me rapidamente para o caminho. Corri pela neve, subi a colina em direção à casa. Entrei na ala dos empregados sem ser notada e juntei freneticamente meus pertences na velha mala de couro. Meu coração doeu quando pensei nas crianças. Corri até a garagem, onde o Senhor Humphrey limpava a neve do para-brisa do carro.

— O senhor pode me levar até a estação de trem? — perguntei, sem fôlego.

— Claro, Senhorita Lewis — disse ele, sorrindo curioso para mim. Notei um brilho estranho em seus olhos. — Está tudo bem?

— Preciso ir embora — disse, olhando para trás. — Imediatamente.

Subi no banco de trás enquanto o Senhor Humphrey se sentou atrás do volante. Vi Desmond pelo retrovisor. Enquanto o carro partia, ele começou a correr atrás dele.

— Flora, pare! — gritou ele. — Por favor, pare!

O Senhor Humphrey pisou no acelerador com uma intensidade surpreendente e os pneus derraparam no chão de carvalho, empurrando o carro para a frente. Ele dirigiu alguns minutos em silêncio. Ele olhou para mim pelo retrovisor algumas vezes e finalmente falou:

— Fica bonito em você — disse ele.

Sacudi a cabeça.

— Desculpe — disse, enxugando uma lágrima. — Não entendi o que você quer dizer.

— O colar dela — respondeu ele, ainda me observando no espelho.

Eu podia ver o canto de seus olhos enrugarem enquanto ele sorria.

Coloquei minha mão no pescoço.

— Como você...

— Eu fui um bobo — disse ele, rindo. — Deve ter caído do meu bolso lá dentro da casa. Desmond encontrou-o antes de mim. Claro, ele não desconfiou de nada. Não quando encontrou. Mas vai desconfiar.

— Senhor Humphrey — Senti o sangue subir para meu rosto —, eu não estou entendendo.

E então eu me lembrei de ter visto uma corrente prateada no carro dele uma vez. Será que ele estava com a corrente aquele tempo todo?

— Vamos lá, Senhorita Lewis. A senhora é esperta. Com certeza já descobriu tudo.

Ele puxou uma pistola de seu casaco e levantou-a para que eu a visse, e então colocou-a no banco.

Cobri minha boca.

— Todas as garotas eram tão fáceis... — disse ele. — Elas murchavam como petúnias. Mas não a Anna. Não, ela eu nunca conseguiria ter. Ela precisaria morrer antes que eu conseguisse tê-la. Aquele maldito Abbott. Claro que ele queria que o Senhor Blythe tomasse o chá. Mas misturaram as canecas. — Ele riu. — O menino matou a própria mãe.

Tentei falar, mas não consegui soltar uma palavra.

— Provavelmente Desmond já voltou para casa agora e juntou todas as peças — continuou o Senhor Humphrey. — Achei que tinha ido tudo por água abaixo quando você encontrou o colar no carro naquele dia. E então naquela noite em que você me viu voltando do pomar. — Ele molhou os lábios satisfeito. — Você se lembra da Theresa, da vila? Eu a levei para lá. Ela está enterrada embaixo da última camélia, na fileira mais afastada.

Minhas mãos tremiam. Por que eu não tinha enxergado isso? As botas sujas de lama. As luzes da lanterna no pomar. O saco de serapilheira. Meu Deus.

— Se Desmond tivesse pedido para ver o que tem dentro do saco — disse ele —, ele teria uma bela surpresa. — Ele sacudiu a cabeça. — Mas ele é igualzinho ao pai, nunca me confronta. Covardes.

Eu não conseguia falar. Eu mal conseguia respirar. O carro acelerava pela estrada, mas ainda assim o tempo parecia ter desacelerado, até mesmo parado.

— Eu não devia ter guardado o colar — disse ele. — Trabalho sujo da minha parte. Mas, depois que a encontrei no jardim, tirei o colar de seu pescoço. Acredite em mim, eu queria mais. — Seus olhos brilhavam no retrovisor. — Porém Desmond estava descendo. Eu precisava pegar só o que dava. — Ele riu para si mesmo. — Acho que consigo vendê-lo por umas dez libras. Vou cuidar disso depois que terminar o que tenho que fazer com você.

O terror tomou conta de cada pedacinho do meu corpo, mas eu não podia me deixar sucumbir a ele. Flocos de neve caíam na janela, que estava só um pouquinho aberta. Olhei para a maçaneta da porta. Será que eu conseguiria escapar? Será que eu conseguiria pular do carro?

— Vou fazer com você o que eu tinha planejado fazer com Lady Anna.

— Meu Deus! — chorei. — Por favor, Senhor Humphrey. O senhor não está bem. Leve-me até a vila. Vamos procurar ajuda para o senhor.

Ele sacudiu a cabeça.

— As árvores, elas precisam de sangue.

Eu fiz uma careta.

— Sangue?

— Pois as flores deverão ser ungidas com seu sangue para desabrocharem belas.

— As palavras na parede da cocheira — disse. — Foi você.

— Sim. Você não sabe disso? É a única maneira de elas florirem.

— Mas isto não é verdade. Elas dão flor. Você só precisa dar tempo a elas. Você não pode forçar uma planta a florir.

— Ah, Senhorita Lewis, pode sim — disse ele. — A senhora mesma viu. A Middlebury Pink não

floria há uma década. Sabe a flor que a senhora viu nela? — Ele levantou o braço, que estava com um curativo no pulso. — Precisei alimentá-la eu mesmo. Foi o suficiente para gerar uma única flor, mas com o sangue da senhora... — Ele parou. — Com o seu sangue, as árvores vão voltar a florir.

— Você é louco.

Ele riu para si mesmo.

— Lorde Livingston nunca soube — disse ele. — Ah, mas como ele ajudou ao trazer todas aquelas garotas para mim. Ele deitou com todas elas, então, quando seus corpos forem encontrados no jardim, ele será o suspeito natural. Bastante engenhoso, se eu puder me gabar.

Sacudi minha cabeça horrorizada.

— Eles acham que os serviçais não percebem — continuou ele. — Acham que eles não ouvem. Mas eu o observava. Eu sabia que ele as levava para seu quarto, ou onde ele as encontrava na vila. Ele se cansava delas depois de alguns meses. E então chegava minha vez. — Ele mexeu no botão do rádio. — Não falta muito agora. Eu certamente gostei de ver o seu olhar lá no jardim naquele primeiro dia.

— Era você na cocheira, não era?

— Eu e a Genevieve Preus — disse ele. — Ela era determinada. — Ele sorriu. — É, hoje vou ter você, e então aquela maldita camareira. Assim não vou mais precisar ouvi-la reclamar... — Ele sacudiu a cabeça. — Lady Katherine estará pronta logo. Eu a tenho observado de perto. — Ele esfregou a testa. — O que foi mesmo que Thomas Jefferson disse? — Ele olhou para mim pelo espelho retrovisor. — Você é americana, deve saber. — Ele pensou com cautela. — Ah, ele disse que “a árvore da liberdade deve ser regada de quando em quando com o sangue dos patriotas”.

Minha mão tremia quando a coloquei dentro do meu bolso e peguei o lenço que mamãe havia bordado para mim com as iniciais de meu nome, FAL. Limpei o canto dos olhos e de certa forma senti conforto, força, como se a mamãe e o papai estivessem ali dizendo “não tenha medo”. Eu me lembrei do que Georgia havia escrito na primeira página do livro *Os Anos*. “A verdade é que sempre sabemos a coisa certa a se fazer. A parte difícil é fazê-la.”

E, naquele momento, eu sabia o que fazer. Eu me inclinei para a frente e enfiei meus dedos nos olhos do Senhor Humphrey. Meu estômago revirou quando senti seu olho direito pular enquanto eu enfiava ainda mais o meu dedo. Ele gritou e tirou as mãos do volante para empurrar minhas mãos, e foi então que virou para a direita, e então para a esquerda. O carro passou por um *guard rail* na beira da estrada, voando pelo ar sobre a encosta. Eu puxei o colar do meu pescoço, sentindo a pressão do fecho. Eu não sabia se ele sobreviveria ou se eu sobreviveria. Mas, se ele sobrevivesse, ele não venderia o colar por dez libras. Ele não encostaria um dedo nele nem em outra garota. Eu o atirei para fora da janela e fechei os olhos.

Addison

Meus olhos tremeram e então abriram-se. O sol, baixo no horizonte, entrava pelo para-brisa, esquentando meu assento, onde eu estava presa. Agradei pelo calor, agradei pela manhã. O sol diminuía o calafrio que tomava conta do meu corpo. Eu sentia que estava tudo molhado e, quando olhei para minhas calças, consegui ver que elas estavam encharcadas. Quanto tempo fazia que eu estava ali? Dias? Será que Rex um dia me encontraria? Ou o Sean? Minha cabeça doía e minhas pernas latejavam — pelo menos as partes que eu conseguia sentir. Toquei o galho da camélia que entrou pelo para-brisa e examinei suas folhas intrincadas. Algumas de suas pétalas haviam murchado, encolhendo-se em sinal de derrota.

— Não — sussurrei. — Você não pode morrer. Ainda, não. Você é minha única esperança.

Ninguém realmente fala sobre o que acontece um pouco antes de você morrer. Será que um retrospecto de sua vida passa diante de seus olhos? Você tem um sonho bom, aconchegante, onde todas as nuvens são feitas de chantili, e há música suave tocando por todos os lados? Os anjos cantam? Será que Jesus estica a mão para você, dando-lhe as boas-vindas ao entrar pelos portões perolados? Existem mesmo pérolas nos portões? Enquanto eu estava ali sentada no carro destruído, em um momento de lucidez, imaginei que aqueles eram os últimos momentos de minha vida. Acima de minha cabeça, uma gota de orvalho caiu na flor da camélia. Abri a boca e esperei até a gota cair em minha língua seca.

Tremi quando uma rajada de vento sacudiu o carro. A camélia acima de minha cabeça balançou, e uma pétala caiu no banco. *Aguenta aí, florzinha. Aguenta.*



Uma hora deve ter se passado. Ou um dia, ou talvez três.

— Eu não sabia. Ela está dentro do carro! — gritou alguém ao longe.

Uma voz de homem. Forte. Urgente. Ouvi cachorros latindo e uma agitação.

— Agora calma — disse alguém. — Ela está presa. Vamos precisar usar as braçadeiras. Cuidado. Não vá rápido demais.

Abri meus olhos por um momento, mas estava tudo borrado.

— Ela está acordada!

Meus lábios abriram-se momentaneamente, quando senti uma pressão em minhas pernas.

— Não tente falar, senhora — disse um homem de algum lugar por ali. — Apenas fique sentada. Vamos tirar a senhora daí, eu prometo.

— Addison! — Aquela voz. Tão familiar. — Addison, querida!

Abri os olhos e esforcei-me para acertar o foco até que vi seu rosto. Rex.

Fechei os olhos, tudo ficou preto.



Uma máquina a minha esquerda produzia uma série de bipes rápidos. Não recuei quando uma mão fria segurou meu braço e uma agulha entrou em minha pele. Onde estou? O que está acontecendo? Tentei abrir meus olhos, mas o jardim das camélias me puxava de volta, junto ao seu caminho de tijolos — apenas alguns passos mais para a frente — embaixo do pergolado rosa, passando o anjo de pedra e lá, no meio da neblina, perto da cocheira com o cata-vento enferrujado girando com o vento, a árvore. A árvore dela. No olho da minha mente, dei um passo, sentindo o solo suave embaixo de meus pés. Terra fresca. Os gritos de muitas pessoas. Agora elas podiam descansar. Mas será que eu podia?

Abri os olhos.

— Quase perdemos você lá — disse uma jovem enfermeira, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Você está segura agora, querida. Você sofreu um acidente terrível e ficou presa no carro durante quatro dias. Você é uma bela sobrevivente, sabia?

Uma música familiar tocava em algum lugar perto dali. Ouvi sua letra: *Good day, sunshine...*

— Aquela música — murmurei.

— Ah, sinto muito... — disse a enfermeira, apontando para a TV. — É um documentário dos Beatles. Eu tenho uma queda pelo Paul McCartney. — Ela piscou para mim. — Deixe-me desligar. — Ela apertou um botão no controle remoto e então voltou-se para mim com um sorriso.

Uma mulher com um par de óculos grossos apertou um botão na cama do hospital para incliná-la um pouco.

— Olá, eu sou a doutora Hollis — disse ela, examinando um prontuário médico. — A senhora bateu bem a cabeça. E passou as últimas 48 horas em coma. Estamos felizes por vê-la acordada. — Ela virou-se para a imagem a sua esquerda. — Esta é você, querida?

— Addison.

Aquele sotaque britânico forte. Meus olhos ficaram pesados. Desejei que a enfermeira não tivesse me dado tanto remédio. Eles borravam a linha entre a realidade e algo mais. Um lugar diferente. O céu, talvez? Será que estive no céu? Meus olhos se fecharam sem minha permissão.

— Addison.

A voz dele estava mais alta agora, mais persistente. Senti uma mão quente em minha bochecha. Meus olhos tremeram de novo, e, com todo o resto de força que eu tinha, abri-os, procurando o quarto. E então eu o vi — seu paletó, aqueles olhos calorosos — e sorri, sentindo a vida voltar ao meu corpo.

— Rex — disse, quando um calor repentino tomou conta do meu corpo.

Em um instante eu me lembrei do acidente. Eu queria dizer uma centena de coisas para ele — sobre Sean, sobre meu passado, sobre a camélia, sobre as mulheres que tinham perdido suas vidas, sobre Lady Anna —, mas, quando abri minha boca, o ar dançou pelas minhas cordas vocais. Tentei respirar.

— Está tudo bem, querida — disse ele. — Estou aqui. Estou aqui e nunca vou deixar você.

— Mas e...

— Você não precisa mais se preocupar com ele — disse ele rapidamente. — Eles o pegaram. Ele está sendo extraditado de volta para os Estados Unidos neste exato momento. Ele não vai mais machucar você. — Ele enxugou uma lágrima de seus olhos antes que ela chegasse ao seu rosto. — Eu só queria que você tivesse me contado. Eu queria poder ter protegido você dele.

Uma lágrima rolou em meu rosto, e eu limpei-a.

— Então, você sabe... — disse, sacudindo a cabeça. — Claro, você sempre soube. Rex, eu vi a pasta na sua mochila.

Ele parecia confuso.

— Que pasta?

— Aquela com o nome “Amanda” — sussurrei envergonhada.

— Aquela pasta? É a pasta de uma personagem, querida. Achei que você soubesse que a heroína do meu romance se chama Amanda.

Olhei para minhas mãos. Um machucado roxo surgira em meu braço.

— Ela é forte e corajosa — disse ele. — Como você.

— Mas você não está bravo comigo por eu não ter sido honesta com você sobre meu passado? — Mordi o lábio, lutando para conter as lágrimas. — Pelo fato de eu ter mentido para você?

— Você teve seus motivos. E eu os respeito. Mas deixe-me esclarecer uma coisa, por favor. — Ele olhou para meus olhos. — Nada que tenha acontecido em seu passado pode mudar meu amor por você... nada.

Ele beijou meu pulso, acariciando o ponto que tanto tentei esconder durante os anos. A enfermeira deve ter tirado meu relógio, mas isso não importava agora. As cicatrizes não tinham mais o mesmo poder sobre mim.

— Rex... — chorei. — Quando eu tinha quinze anos, havia um menininho. Ele tinha só três anos de idade. Sean o matou, Rex. Ele o empurrou de um balanço — soluzei. — Eu queria salvá-lo. Eu queria tanto. — Rex subiu na cama e ficou comigo, embalando-me. — Mas não consegui. Não consegui chegar a tempo. O nome dele era Miles. Sean me obrigou a enterrá-lo. Nunca contei isso para ninguém, Rex. Nunca, depois de todos esses anos. Eu tinha medo. Ah, Rex, estou tão envergonhada.

Ele acariciou meu rosto.

— Não, não, você não precisa ter vergonha. Por favor, querida. Você era só uma criança.

Sacudi minha cabeça.

— Eu preciso contar isso para a polícia. Eu preciso contar a eles o que aconteceu.

Rex balançou a cabeça, condescendente.

— Eu vou apoiar você no que você precisar. Minha família tem um advogado que pode nos ajudar.

Solucei em seu ombro.

— Eu só não quero que isso me machuque mais.

— Não precisa sofrer com isso — disse ele. — Não mais.

Ele me beijou antes de pegar uma carta em seu bolso.

— Encontrei isso na penteadeira. É para você.

Rasguei a beirada do envelope, lembrando-me de que a Senhora Dilloway havia murmurado alguma coisa sobre uma carta antes de ela entrar na ambulância.

Querida Addison,

Estou mal de saúde e, caso eu não tenha mais muito tempo de vida, chegou a hora de eu te contar a verdade sobre Lady Anna. O que quer que tenha acontecido com as outras garotas, que descansem em paz; a Anna morreu de maneira bastante diferente. Sabe, tem uma planta venenosa que cresce perto do pomar. Lady Anna sempre disse que era bonita demais para ser destruída, mas aquela planta acabou matando-a. Abbott sabia disso, e ele havia pegado alguns frutos no pomar. Ele pediu para me ajudar a fazer o chá, e eu deveria saber o que ele tinha na cabeça. Ele detestava o Senhor Blythe. Ele detestava o fato de a mãe dar atenção a ele. Então, ele envenenou o chá. Ele preparou o chá para o Senhor Blythe e preparou um bule diferente para sua mãe, mas as coisas não saíram como ele planejou. Os bules foram trocados e a mãe bebeu o chá envenenado. Lady Anna amava seus filhos mais do que a própria vida. Ela não ia querer que o filho fosse punido ou que ele carregasse esse tipo de culpa. Então, depois de sua morte, quando ele me perguntou se eu havia servido o chá, sabendo muito bem do motivo de sua pergunta, eu disse a ele que não servi. Eu disse a ele que joguei o chá dos dois bules fora e fiz outro quando percebi que uma mosca caíra em um dos bules. E foi isso. Quando o investigador tentou reabrir o caso e examinar o relatório da autópsia, eu pedi para que o documento fosse selado. Pelo bem de Abbott. Um filho não deve viver com esse tipo de culpa.

Atenciosamente,
Senhora Dilloway

— Rex. — Coloquei a carta de lado. — Como está ela, a Senhora Dilloway?

Ele balançou a cabeça.

— Recebi uma ligação do hospital hoje de manhã. Ela teve um derrame bastante grave. Só o tempo vai dizer.

A enfermeira reapareceu na porta.

— Com licença, Senhora Sinclair. Detesto incomodá-la, mas tem um paramédico aqui que gostaria de vê-la. Ele fazia parte da equipe que resgatou a senhora. A senhora está bem o suficiente para recebê-lo? Se não estiver, posso pedir para ele voltar depois, não tem problema.

Balancei a cabeça, concordando.

— Sim, por favor, peça para ele entrar. Eu quero agradecê-lo.

Um homem alto de cabelo escuro entrou timidamente no quarto.

— É bom vê-la acordada — disse ele, sorrindo. Ele parou para abaixar o volume de um rádio portátil que estava preso em seu cinto.

— Em um momento, lá, não tínhamos certeza de que a senhora sobreviveria. — Ele esticou a mão. — Eu sou John Simmons.

— John — repeti, apertando sua mão. — Não sei como agradecê-lo por salvar minha vida.

— Só gostaria de ter encontrado a senhora mais rapidamente — disse ele. — A senhora é uma guerreira. Passou quatro dias lá.

— Sou americana — disse, sorrindo. — Está no nosso sangue.

Ele sorriu e pegou alguma coisa no bolso.

— Senhora Sinclair, o motivo de eu estar aqui... bem, encontramos algo perto do lugar onde o carro bateu e achei que talvez pertencesse à senhora. — O colar ficou pendurado em seus dedos; ele o deixou cair em minha mão. A corrente manchada tinha um medalhão oval de prata com uma camélia desenhada no centro. O colar da Lady Anna. Eu logo o reconheci pela pintura na mansão.

Perdi o fôlego.

— Eu não estou entendendo, eu...

— Você deve tê-lo perdido durante o acidente — disse ele, levantando-se. — Bem, não vou incomodá-la mais. É bom ver que a senhora está se recuperando. Meus colegas vão ficar muito felizes em saber disso.

— Mas... — murmurei olhando para o colar.

Ele saiu pela porta, mas virou-se para olhar para nós de novo.

— Ah, quase me esqueci de lhe dizer... Fizemos uma grande descoberta lá no meio do mato. A senhora acredita que meus colegas encontraram um Rolls-Royce enferrujado dos anos 1940 perto dali, com os restos mortais de alguém lá dentro?

Perdi o fôlego mais uma vez.

— Alguém?

— Sim — respondeu ele. — Parece de um homem, pelo tamanho. Não quero assustá-la, senhora. Só achei que a senhora gostaria de saber que escolheu um belo lugar para bater... Levou-nos a uma pobre alma que estava por lá havia décadas. — Ele sorriu. — Enfim, desejamos tudo de bom para a senhora, Senhora Sinclair. — Ele balançou a cabeça para Rex e piscou. — E talvez seja melhor deixar seu marido dirigir durante o restante do tempo que ficarem por aqui.

— Pode deixar — disse, olhando para Rex enquanto ele apertava o meu ombro.

— Não posso acreditar nisso tudo — falei depois que o paramédico saiu. Apontei para o medalhão. — Está vendo? É uma camélia.

— Você parece reconhecê-la — disse ele beijando o topo da minha cabeça.

Ele pegou o colar em sua mão para olhar mais de perto.

— Pois é — respondi, lembrando-me dele no pescoço de Lady Anna na pintura. Aqueles olhos tristes. Aquela expressão de saudade, de segredos.

Ele segurou o medalhão perto de meu ouvido.

— Ouça... — disse ele. — Acho que tem alguma coisa dentro. — Ele se atrapalhou com o fecho e então deu de ombros. — Está emperrado. Vamos precisar pedir para um joalheiro dar uma olhada.

— Deixe-me tentar — disse, pegando o colar novamente; meu coração batia acelerado.

O que Lady Anna guardava ali? Puxei a trava, mas estava presa, até que de repente se soltou e o medalhão se abriu. Alguma coisa pequena caiu no chão. Rex abaixou-se para pegar e então segurou-a na palma da mão para examinar.

— Que estranho... O que você acha que é?

Meus olhos encheram-se de lágrimas.

— Uma semente — disse. — Lógico. Uma semente de camélia.

Rex parecia admirado.

— Sério?

Balancei a cabeça confirmando, lembrando-me do toco que eu tinha encontrado atrás da cocheira no dia em que estive lá com Nicholas. Claro. Anna guardava uma semente em seu medalhão, caso alguma coisa acontecesse com sua rara camélia. Será que Flora a encontrou e guardou-a? Teria ela estado dentro daquele carro? Com quem?

— É uma Middlebury Pink. Eu sei que é.

— Mas como você pode saber se ela vai ao menos crescer, depois de ter ficado neste medalhão por décadas? — perguntou Rex.

Durante anos, eu havia lido vários artigos sobre germinação de sementes, incluindo uma história sobre uma semente de trigo que havia sido enterrada com uma múmia egípcia e que havia brotado com sucesso séculos depois.

— As camélias são pacientes — disse. — Ela vai crescer.

Segurei o medalhão contra a luz, procurando algo dentro dele com cuidado, e vi uma gravação. Estava escrito “Querido Edward, meu verdadeiro norte”.

— Você está chorando — disse Rex, apertando seu rosto contra o meu.

— Rex, sinto como se tivesse recebido a chance de começar tudo de novo.

— Eu também — disse ele. — Quase perdi você.

Eu agarrei o medalhão.

— Eu só não queria que os jardins fossem destruídos.

Ele parecia confuso.

— Não estou entendendo o que você quer dizer.

— Os projetos... — disse, lembrando-me de como eu havia me sentido ao ver os planos para a propriedade. — Eu os vi. Eu vi o campo de golfe que planejavam para o jardim. Rex, eu queria que você não tivesse assinado nada daquilo.

Ele beijou meu pescoço.

— Eu nunca assinaria uma coisa como essa — respondeu ele. — O que você viu, deve ter sido uma página de um projeto que meus pais estão desenvolvendo para investir ao norte de Cambridge.

— Não. Tenho certeza de que vi direito. Havia um jardim com árvores, e a mansão estava lá.

Rex coçou a cabeça.

— Bem, o “jardim” ao qual você se refere é um campo de maçãs infestado de pulgões, e a “mansão” é um antigo celeiro. — Ele sorriu. — Acho que você não olhou as plantas com muito cuidado.

Senti minhas bochechas corarem.

— Mas eu achei...

— Você achou que eu deixaria meus pais passarem um trator nos jardins pelos quais minha esposa havia se apaixonado? — Ele sacudiu a cabeça. — Além disso, aquelas camélias inspiraram meu novo romance.

Eu sorri.

— Sério?

— Sim — disse ele. — As flores, o mistério, a mansão... Eu não poderia ter inventado esta história se você não tivesse ido atrás das pistas.

Nós dois olhamos para cima quando ouvimos uma batida. Um homem mais velho estava em pé na porta. Seu rosto estava parcialmente encoberto por uma boina, mas quando ele olhou para mim tive a impressão distinta de que já o tinha visto antes, mas onde? Ele pigarreou.

— Perdão. Eu só estava procurando minha esposa. Eu tinha certeza de que ela estava no quarto 334. — Ele levantou um copo de café que segurava na mão.

— Você deve ter vindo pelo lado errado — respondeu Rex. — Este quarto fica no outro lado do corredor, virando a esquina.

— Sinto muitíssimo por interromper — disse ele, olhando para suas mãos. — Meleca, eu esqueci o creme da Flora de novo. Se eu voltar até a cafeteria, o café vai esfriar.

Meus olhos se arregalaram quando ouvi o nome familiar.

— Tome — disse Rex, pegando dois cremes para café na bandeja ao lado da minha cama. — Leve estes.

— Obrigado — respondeu o homem. — O senhor deve conhecer as mulheres americanas e seus cafés.

Rex sorriu.

— Sou casado com uma.

Ele levantou a boina para mim e sorriu.

— O melhor dos dias para vocês dois — disse ele, piscando antes de sair pela porta.

Pisquei para conter uma lágrima. Seria mesmo possível? Flora. A fotografia do homem em pé na frente da escada da Mansão Livingston. A imagem estava começando a clarear.

— O melhor dos dias para vocês — respondi, baixinho.

Rex apertou minha mão.

— Está tudo bem, amor? — perguntou ele.

Balancei a cabeça positivamente, sorrindo para ele enquanto apertava o medalhão com minha mão.

— Eu estava só pensando... — Parei quando minha voz falhou um pouco — que já sei onde eu gostaria de plantar esta semente.

— Na mansão?

— Não. Em Nova York, na Greenhouse nº 4, no Jardim Botânico.

Rex apertou minha mão em sinal de aprovação.

Enquanto eu estava deitada lá, fechei os olhos, imaginando a árvore de camélia que a semente ia virar e os lindos botões que iam brotar. A jornada dela, assim como a minha, tinha sido angustiante, cheia de incertezas. Dolorida. Mas agora ela iria criar raízes e prosperar. Ela viveria com dignidade, perdão e em paz.

E eu também.

Epílogo

A mansão estava deslumbrante sob o sol de julho. Dois anos haviam se passado e ainda assim parecia uma vida inteira desde que eu estivera lá pela última vez. No verão anterior, os pais de Rex insistiram para que fizéssemos esta viagem para ver a reforma que eles haviam feito, mas eu ainda não estava pronta. Ainda não. Então recebi uma carta de Katherine Livingston. Ela e a irmã mais nova, Janie, estavam planejando ver a placa que James e Lydia haviam encomendado em memória das mulheres que haviam perdido suas vidas nos anos 1930 e 1940. Era hora de voltar à mansão.

Desci do táxi com cuidado, olhando a fachada da antiga casa. Eu me lembrava da maneira como eu me sentira na primeira vez que cheguei ali, insegura, amedrontada pelos fantasmas do meu passado. Mas neste dia olhei para Rex, lembrando-me de quando ele ficou ao meu lado enquanto testemunhei no julgamento de Sean, testemunho que colocou-o atrás das grades, desta vez pelo resto de sua vida — e me senti tão segura.

— Addison, Rex! — gritou minha sogra, Lydia, dos degraus.

A propriedade agora era sua residência de verão, mas James e ela haviam passado a maior parte dos últimos dois anos ali. E eu sabia o porquê — o lugar tinha um charme, uma mística como nenhum outro.

— Chegaram bem na hora. Os Livingston devem chegar a qualquer minuto. Vamos até o jardim. Vocês devem estar morrendo de sede. Vou pedir para a Senhora Brighton levar algumas bebidas geladas para nós.

— A Senhora Brighton?

— A nova governanta — disse Lydia. — Ela começou a trabalhar aqui há seis meses. Está fazendo um bom trabalho. A Senhora Dilloway selecionou-a antes de falecer.

— Ah — disse baixinho. — Não sabia disso.

Senti um nó na garganta enquanto caminhávamos até o pomar. Eu segurava o pequeno saco em minha mão, o saquinho que eu havia trazido comigo no avião.

— O que vocês acham das novas mobílias? — perguntou Lydia, apontando para um jogo de *chaise longues* e várias mesas e cadeiras. — Vou arrumar a iluminação na próxima semana, e James quer uma churrasqueira e talvez uma lareira ao ar livre.

Sorri.

— Acho isso maravilhoso.

O pai de Rex nos encontrou.

— Olá para vocês dois — disse ele, segurando um livro na mão direita. Ele sorriu orgulhoso. — Vejam o que encontrei na livraria de Heathrow na semana passada. — Reconheci a flor na capa e sorri para Rex. — O que preciso fazer para ter meu exemplar autografado?

Rex pegou o livro, puxou uma caneta do bolso e assinou seu nome na capa interna, da maneira como havia feito em sua noite de autógrafos em Nova York. Eu nunca me cansava de olhar para a capa — *A Última Camélia, de Rex Sinclair* — ou para a dedicatória na primeira página. “Para minha esposa, Addison, com amor, sempre e para sempre.” Apertei sua mão.

— Vejam — disse Lydia, apontando para a colina, de onde três pessoas desciam em nossa direção. — Eles estão aqui.

Reconheci Nicholas imediatamente. Seu cabelo parecia mais branco do que antes e seu rosto, um pouco mais magro. Fiquei imaginando como os anos haviam mudado meu próprio rosto.

— Addison — disse ele, segurando minhas duas mãos entre as mãos dele calorosamente. — Que prazer enorme vê-la novamente. — Ele virou-se para as mulheres que estavam em pé ao lado dele. — Estas são minhas irmãs, Katherine e Janie.

— É uma maravilha conhecer vocês — disse eu para as duas mulheres. — Sinto como se já as conhecesse.

Janie sorriu.

— Se não fosse por você, talvez eu nunca mais voltasse aqui — disse ela.

Katherine balançou a cabeça e então segurou a mão do irmão.

— Só o fato de estar aqui novamente... Não tenho palavras para descrever o que estou sentindo neste momento.

Levantei a sacola que tinha em minha mão.

— Antes de vermos a placa, pensei em mostrar uma coisa para vocês... algo especial que eu trouxe de Nova York.

Todos ficaram atentos e olharam para a sacola enquanto eu levantava o pequeno vaso de terracota que carreguei nos braços durante o voo pelo oceano. A terra, ainda úmida pela água que eu tinha colocado no avião, envolvia um broto pequeno, mas próspero, de aproximadamente trinta centímetros, que fora propagado a partir da semente da Middlebury Pink que eu havia encontrado no medalhão.

— É a camélia preferida da mãe de vocês — disse, levantando a planta para que eles a vissem.

Katherine perdeu o fôlego.

— Como você...

— Ela guardou uma semente — disse.

Nicholas ofereceu seu lenço para Katherine e ela enxugou o olho.

— Consegui gerar uma nova semente no Jardim Botânico de Nova York e, quando ela floriu no inverno passado, conseguimos propagar este broto aqui. Será uma árvore de seu próprio direito depois de tanto tempo, e sei exatamente o local onde plantá-la.

Caminhamos mais para a frente da antiga cocheira, onde o toco da árvore antiga ainda estava lá.

— Aqui — disse eu, colocando minha mão na barriga enquanto eu me ajoelhava.

— Você está bem, querida? — sussurrou Rex.

Balancei a cabeça e sorri.

— Acho que acabei de sentir o bebê se mexer.

— Vai ser um atleta, o meu neto — disse James com um sorriso.

— Ou um paisagista, como a mãe — acrescentou Lydia.

— Não importa o que ele decida fazer na vida — disse Rex, colocando o braço em volta de mim —, ele será extraordinariamente amado.

Lydia me entregou uma pá de jardineiro e eu cavei um pequeno buraco, antes de libertar o broto de seu lar temporário e colocá-lo delicadamente na terra fria da Inglaterra. Observamos a pequena camélia balançar na brisa do verão.

— Certifique-se de que um jardineiro tome conta dela — disse. — Ela vai precisar ser escorada quando ficar maior, e não deixe que lhe deem muita água. A coitada pode se afogar.

Lydia balançou a cabeça, concordando.

— Pronto. — Bati de leve no chão antes de me virar para ver Nicholas, Katherine e Janie. Por um momento, vi quem eles foram um dia: três crianças em pé no jardim. — O que vocês acham que sua mãe diria se estivesse aqui?

Katherine deu um passo em minha direção.

— Acho que ela diria obrigada — respondeu ela. — Muito obrigada.

Janie colocou a mão no ombro da irmã.

— Queria que Abbott estivesse aqui para ver isto. Isso o teria feito muito feliz.

Fomos até o memorial em silêncio, onde calmamente apreciamos os nomes das mulheres na placa e depois voltamos para a casa. Pássaros cantavam por todos os cantos.

Duas imagens, um homem e uma mulher mais velhos, estavam em pé na colina perto da casa. Meu coração bateu acelerado quando Rex e eu trocamos um olhar.

O casal aproximou-se, e Katherine virou-se para Janie.

— Pode realmente ser eles?

— Eu não acredito no que estou vendo — disse Nicholas.

Rex e eu ficamos para trás com os pais dele enquanto observávamos o momento de união a nossa frente.

Eu sorri, segurando o medalhão em volta do pescoço. A semente da paz, da reconciliação, da cura, havia sempre estado ali, é claro. Só era necessário que alguém a plantasse.

Agradecimentos

Dediquei este livro a minha mãe, Karen Mitchell, não só porque ela sofreu comigo quando comecei a ter cólicas (parece que chorei por três meses inteiros) e serviu de modelo de amor e graça para mim, mas também porque, olhando para trás, para meus primeiros anos de vida, ela me apresentou tudo o que existe de bonito, importante e especial em minha vida, sejam as flores no jardim, a gemada no Natal, ou o significado da fé. Também deve ser mencionado aqui que ela fez torta para mim todos os anos em meu aniversário, porque eu não gostava de bolo.

Este livro não estaria aqui sem o apoio incrível da minha agente literária, Elisabeth Weed, que iniciou minha carreira na ficção com muita sensatez e tem estado lá para me ajudar a cada passo do caminho (e com minha agenda de publicação, esta não é uma tarefa fácil!). Sou extremamente honrada por ter Elisabeth como parceira em minha carreira e especialmente grata por poder contar com ela como minha amiga.

Um agradecimento muito especial para minha querida editora na Plume, Denise Roy, que olhou comigo os muitos e muitos rascunhos e que me ajudou a ver a luz — ou melhor, um lindo jardim — no fim do túnel. Você tem um dom muito especial. Também agradeço muito a Milena Brown, Elizabeth Keenan, Ashley Pattison, Kym Surridge, Phil Budnick, Kate Napolitano e todos da Plume. É um privilégio e um prazer trabalhar com todos vocês.

Meus sinceros agradecimentos à adorável Stephanie Sun, que leu todos os meus livros ainda nos rascunhos e proporcionou retornos brilhantes sobre este romance em especial.

Muito obrigada à incrível Jenny Meyer, que compartilhou minhas histórias com os leitores em dezessete países ao redor do mundo e que de certa forma consegue manter-se atualizado com todos os meus livros. Sou muito grata.

A Dana Borowitz, por acreditar em mim e por me lembrar de que as melhores coisas na vida não são alcançadas rapidamente, mas sim em um ritmo constante e por meio de muita paciência.

Aos meus queridos amigos: Sally Kassab, por me lembrar da importância da lealdade e por “aparecer”; Wendi Parriera, por me fazer sorrir e por ficar sempre ao meu lado; Camille Noe Pagan, pela força; e muitos, muitos outros que me aplaudiram de tantas maneiras. Obrigada.

E por último, mas não menos importante, a minha família: mãe, pai, Jessica, Josh, Josiah, amo vocês. E uma mensagem especial para meu marido, Jason: considere isto um “Vale uma costela *premium*” (e costela *premium* não é a “carne” vegana do *freezer* que você sempre come tão graciosamente porque fui eu quem fez). Eu amo vocês.

Nota

[\[1\]](#) Chalá é um pão trançado especial que é consumido no Shabat e nas festas judaicas, excluindo a festa de Pessach. (N.T.)

